



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Os Sistemas de Trocas Locais na Promoção da Economia Solidária e  
do Desenvolvimento Local  
O Exemplo da Granja do Ulmeiro

Maria João Andrade Gomes

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em  
Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais

Orientador:

Doutor Jordi Estivill Pascual

Professor Jubilado, Universidade de Barcelona

Junho, 2012



*“Ko Maru Kai atu*

*Ko Marua Kai mai*

*Ka ngohe ngohe”*

"Dá tanto quanto recibes e tudo estará bem"

**Provérbio Maori (Nova Zelândia)**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor Jordi Estivill, por todas as preciosas sugestões e encorajamento ao longo de toda a dissertação.

À Dra. Teresa Cunha, pela entrevista inicial e todas as informações prestadas, bem como pelo constante incentivo.

A Joana Pombo e Raquel Azevedo, pioneiras no estudo destas temáticas em Portugal, por todo o conhecimento partilhado e entrevistas concedidas.

A Mário Montez pela informação inicial disponibilizada.

E, por fim, agradeço a toda a população da Granja do Ulmeiro que me recebeu, pela sua hospitalidade e cooperação que manifestaram nos seus contributos para este estudo.

## **RESUMO**

A necessidade de implementação de sistemas alternativos de desenvolvimento com enfoque no local levou à criação de novas estruturas sociais que fossem capazes de enfrentar os novos desafios da economia global. A economia solidária e os seus princípios assentes na cooperação e na solidariedade impõem-se como uma importante ferramenta na sustentação dessas estruturas. Um exemplo disso, são os sistemas de trocas locais que vêm, assim, colmatar algumas das necessidades que as comunidades locais sentem através do fortalecimento de laços sociais entre os seus membros.

Deste modo, partindo dos conceitos de desenvolvimento local e economia solidária, procede-se à análise dos sistemas de trocas locais e solidárias, do ponto de vista teórico e empírico, discutindo-se a sua viabilidade enquanto promotores de desenvolvimento local e impulsionadores da solidariedade numa região.

O estudo empírico recaiu sobre o trabalho da associação AJP (Acção para a Justiça e Paz) que abriu caminho para a implementação de mercados solidários na Granja do Ulmeiro, localizada no concelho de Soure, distrito de Coimbra. Tendo em conta o contexto da região, analisa-se a evolução desses eventos e o seu impacto na comunidade, relacionando-os com os princípios do desenvolvimento local e da economia solidária, de acordo com a perspectiva dos participantes, dos agentes locais e de quem colaborou de perto com a associação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local; Economia Solidária; Sistemas de Trocas Locais; Granja do Ulmeiro

Classificação JEL: D71 - Social Choice, Clubs, Committees, Associations; D74 - Conflict, Conflict Resolution, Alliances

## **ABSTRACT**

The need of implementation of local-focused alternative development systems led to the creation of new social structures that could be able to face the new challenges of the global economy. Solidarity economics and its principles settled in cooperation and solidarity impose themselves as an important tool in the support of those structures. One example of this reality, are the local exchange systems that emerged to fulfill some of the needs that local communities feel through the strengthening of social bonds between its members.

Thus, an analysis of the local and mutual exchange systems is made, built on the concepts of local development and solidarity economics, from the theoretical and empirical point of view, arguing its viability as promoters of local development and impellers of solidarity in a certain region.

The empirical study fell upon the work of the association AJP (Acção para a Justiça e Paz) that opened the way for the implementation of solidarity markets in Granja do Ulmeiro, located in the region of Soure, Coimbra. Given the context of the region, it is analysed the evolution of those events and its impact in the community, relating them with the principles of local development and solidarity economics, according to the participants, local agents and the association workers perspective.

**Keywords:** Local Development; Solidarity Economics; Local Exchange Systems; Granja do Ulmeiro

**JEL Classification System:** D71 - Social Choice, Clubs, Committees, Associations; D74 - Conflict, Conflict Resolution, Alliances

## ÍNDICE

|   |          |
|---|----------|
| <b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>1</b> |
| 1.1 – RELEVÂNCIA E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA .....   | 1        |
| 1.2 – OBJECTIVOS, QUESTÃO DE PARTIDA E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO .....  | 2        |
| 1.3 – METODOLOGIA .....   | 4        |
| 1.3.1 – <i>Objecto de pesquisa</i> .....  | 4        |
| 1.3.2 – <i>Procedimentos Metodológicos</i> .....  | 4        |
| 1.4 – DIFICULDADES ENCONTRADAS .....  | 7        |
| 1.5 – ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO.....  | 8        |
| <b>CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>   | <b>9</b> |
| 2.1 - O DESENVOLVIMENTO LOCAL .....   | 9        |
| 2.1.1 - <i>Análise e Evolução Conceptual a Partir do Conceito de Desenvolvimento</i> .....                          | 9        |
| 2.1.2 – <i>Princípios Orientadores</i> .....  | 15       |
| 2.1.3 – <i>Limitações e Desafios do Desenvolvimento Local</i> .....   | 19       |
| 2.2 – O PAPEL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA .....   | 21       |
| 2.2.1 – <i>Evolução do Conceito e sua Relevância</i> .....  | 21       |
| 2.2.2 – <i>A Economia Solidária e o seu Contributo para o Desenvolvimento Local</i> .....                           | 27       |
| 2.3 – OS SISTEMAS DE TROCAS LOCAIS .....  | 30       |
| 2.3.1 – <i>As Trocas Locais: Origens e Definição</i> .....  | 31       |
| 2.3.2 – <i>Redes de Trocas: Modalidades e a sua Presença no Mundo</i> .....   | 33       |
| 2.3.3 – <i>A Moeda Social</i> .....   | 36       |
| 2.3.4 – <i>Os Mercados Solidários</i> .....   | 39       |
| 2.3.5 – <i>Fraquezas, Limitações e Constrangimentos</i> .....   | 42       |
| <b>CAPÍTULO 3 – ESTUDO EMPÍRICO: O EXEMPLO DA GRANJA DO ULMEIRO .45</b>   |          |
| 3.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO.....   | 45       |
| 3.1.1 – <i>Caracterização da Região da Granja do Ulmeiro</i> .....  | 45       |
| 3.1.2.1 – <i>Geografia e Perspectiva Histórica</i> .....  | 45       |
| 3.1.2.2 – <i>O Contexto Demográfico e Sociocultural</i> .....   | 46       |
| 3.1.2.3 – <i>Caracterização Socioeconómica</i> .....  | 50       |
| 3.1.2 – <i>A Associação “Acção para a Justiça e Paz” e as Trocas de Produtos e Serviços Endógenos</i> .....         | 52       |
| 3.1.2.1 – <i>Origens e Caracterização da Associação</i> .....   | 52       |
| 3.1.2.2 – <i>As Iniciativas de Trocas de Produtos e Serviços Endógenos e o Projecto “Mercearia Solidária”</i> ..... | 54       |
| 3.1.2.3 – <i>O Perfil dos Participantes</i> .....   | 58       |
| 3.2 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DA INFORMAÇÃO EMPÍRICA .....  | 63       |
| 3.2.1 – <i>O Contributo das Iniciativas para o Desenvolvimento Local</i> .....                                      | 63       |
| 3.2.2 – <i>As Trocas Locais como Fomento da Economia Solidária</i> .....  | 70       |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                      | <b>79</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>   | <b>89</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>  | <b>95</b> |
| ANEXO A - MATRIZ DE ANÁLISE .....   | 96        |
| ANEXO B - LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DA GRANJA DO ULMEIRO.....                        | 97        |
| ANEXO C - GUIÃO DAS ENTREVISTAS .....   | 98        |
| ANEXO D - GRELHAS DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS .....                                   | 103       |
| ANEXO E - ENTREVISTAS TRANSCRITAS .....   | 182       |
| ANEXO F – EXEMPLOS DE MOEDAS SOCIAIS .....  | 237       |
| ANEXO G – MOEDA SOCIAL UTILIZADA NO MERCADO SOLIDÁRIO DA GRANJA DO ULMEIRO<br>..... | 240       |
| ANEXO H – LISTA DE PRODUTOS E SERVIÇOS TROCADOS.....                                | 241       |

## **ÍNDICE DE QUADROS**

|  |    |
|--|----|
| QUADRO 1 - CARACTERIZAÇÃO POPULACIONAL DA GRANJA DO ULMEIRO .....              | 46 |
| QUADRO 2 - POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE E SEXO.....     | 48 |
| QUADRO 3 - DADOS SOCIOECONÓMICOS REFERENTES À FREGUESIA DA GRANJA DO ULMEIRO.  | 51 |
| QUADRO 4 - DISTRIBUIÇÃO DO N° DE PROSSUMIDORES POR NÍVEL DE HABILITAÇÕES ..... | 59 |
| QUADRO 5 - N° DE PROSSUMIDORES CONSOANTE A SUA CONTRIBUIÇÃO .....              | 62 |

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

|  |    |
|--|----|
| FIGURA 1 - A ECONOMIA SOLIDÁRIA E AS SUAS COMPONENTES PERIFÉRICAS.....                               | 30 |
| FIGURA 2 - DIVISÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO DA GRANJA DO ULMEIRO (%).....                                 | 47 |
| FIGURA 3 - EVOLUÇÃO DO N° DE HABITANTES NA FREGUESIA DA GRANJA DO ULMEIRO .....                      | 49 |
| FIGURA 4 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE NO<br>CONCELHO DE SOURE ..... | 51 |
| FIGURA 5 - DISTRIBUIÇÃO DO N° DE PROSSUMIDORES SEGUNDO O SEXO.....                                   | 59 |
| FIGURA 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS PROSSUMIDORES POR PROVENIÊNCIA.....                                      | 60 |
| FIGURA 7 - FREQUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PROSSUMIDORES (%).....                                     | 61 |
| FIGURA 8 - EVOLUÇÃO DO N° DE PROSSUMIDORES POR MERCADO .....   | 62 |

## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS**

AJP – Acção para a Justiça e Paz

ATL – Actividades de Tempos Livres

CES – Community Exchange Systems

INCUBES – Incubadora de Empreendimentos Solidários

INE - Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ISS - Instituto de Segurança Social

LETS – Local Exchange Trading Systems

ONGD - Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento

ONU – Organização das Nações Unidas

REL – Rete di Economia Locale

RERS – Réseaux d'Échanges Réciproques de Savoirs

RSI - Rendimento Social de Inserção

SEL – Systèmes d'Échanges Locaux

YAP - Youth Action for Peace

## **CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO**

A presente dissertação encontra-se inserida no âmbito do Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais, abordando a temática da implementação de sistemas de trocas locais e informais com o recurso à utilização de uma moeda social, bem como o seu contributo para o desenvolvimento de uma região. Partindo do relacionamento entre os conceitos de Desenvolvimento Local e Economia Solidária, é feita a contextualização destes sistemas através da análise de um sistema de trocas implementado na localidade da Granja do Ulmeiro, concelho de Soure.

Este estudo terá em consideração o contexto do local, isto é, nunca esquecendo a sua história, a sua economia, a sua cultura e as características dos seus habitantes, em particular aqueles envolvidos nas iniciativas de trocas locais.

### **1.1– Relevância e Justificação do Tema**

A temática da implementação de sistemas de trocas locais e informais revela-se bastante pertinente, especialmente em alturas de crise, quer sejam crises económicas, sociais ou de valores. É importante para a sociedade civil entender como poderão ser criados sistemas de sustentabilidade alternativos, principalmente em tempos difíceis, quando se põe em causa a subsistência das populações mais carenciadas.

Devido a esta problemática, e dando enfoque à pertinência socioeconómica desta dissertação, é de extrema importância proceder ao impulsionamento do desenvolvimento local, dado que, muitas vezes, certas regiões encontram-se dependentes de outras regiões vizinhas para se desenvolverem ou utilizam incorrectamente sistemas que dificultam a sua emancipação económica. Se as comunidades locais estiverem atentas à necessidade da implementação de processos de desenvolvimento regionais sustentáveis através de metodologias de intervenção adequadas, ao mesmo tempo que é assegurado o diálogo entre empresas, associações e cidadãos, a qualidade de vida nessas regiões será modificada para melhor. Por conseguinte, o desenvolvimento deste estudo poderá contribuir para a discussão sobre a adopção de boas práticas no contexto da intervenção comunitária que sirvam para

minorar a vulnerabilidade social e económica, e impulsionar mecanismos que tenham como base os princípios da economia solidária.

Do ponto de vista político, esta investigação poderá proporcionar aos agentes de poder local, a obtenção de estratégias e políticas locais que beneficiem e autonomizem as suas regiões, respeitando as suas características e especificidades, de maneira a promover a coesão social.

A nível científico, a pertinência do tema prende-se com a necessidade de reflectir sobre a experiência da implementação de sistemas de trocas locais em Portugal. Estas experiências têm tido algumas iniciativas em alguns países da Europa e, principalmente, em países da América Latina, onde estas iniciativas têm uma maior expressão. Contudo, em Portugal, apesar de já existirem duas regiões onde existem estas experiências (na Granja do Ulmeiro no concelho de Soure, distrito de Coimbra e em São Brás do Alportel no distrito de Faro), estas ainda são relativamente desconhecidas da comunidade científica e da sociedade portuguesa em geral. Deste modo, a produção de conhecimento neste campo de estudo terá o potencial de enriquecer a área científica e social em Portugal, fazendo com que esta temática se articule com as teorias de desenvolvimento local e da economia solidária.

Por fim, gostaria de referir que esta dissertação também acarreta uma certa pertinência pessoal, pois o meu interesse pela animação comunitária, tanto do ponto de vista pessoal como profissional, e pela implementação de modelos alternativos de desenvolvimento baseados na solidariedade, partindo das comunidades locais, constituiu a força motriz que levou à escolha deste tema e à sua posterior investigação.

## **1.2 – Objectivos, Questão de Partida e Hipóteses de Investigação**

Nesta dissertação, pretende-se desenvolver uma análise crítica da implementação de sistemas de trocas locais, tendo como objectivo geral: *contribuir para a reflexão e discussão da sustentabilidade de sistemas alternativos de desenvolvimento local, em particular, das redes de trocas locais e solidárias.*

Assim, considerando os principais factores que impulsionam o desenvolvimento local e a economia solidária, ir-se-á procurar verificar se as políticas de intervenção social levadas a

cabo pelos agentes locais são compatíveis com esses factores, como por exemplo, a participação, a cooperação solidária e o sentimento de pertença à comunidade.

Como objectivos específicos, esta investigação terá em vista:

- Compreender se um sistema de trocas local consegue satisfazer as necessidades fundamentais das pessoas de uma dada comunidade;
- Determinar se um sistema de trocas local consegue fomentar a participação e o exercício da cidadania num dado local;
- Saber se um sistema de trocas local valoriza os recursos e as capacidades endógenas de uma região;
- Avaliar se um sistema de trocas local promove a união, a integração social e as redes sociais num determinado local;
- Aferir se trocas locais e informais constituem um estímulo à reciprocidade e à solidariedade.

Tendo em consideração estes objectivos, pretende-se responder à seguinte questão na qual se baseará esta pesquisa: "Um circuito no qual se efectuam trocas informais com recurso a uma moeda local, contribui para o desenvolvimento local e fomento da economia solidária?"

Com base nesta questão, foram enunciadas as seguintes hipóteses:

1. Os sistemas de trocas locais são um meio que promove o desenvolvimento local de uma dada região;
2. Os sistemas de trocas locais, conjugados com os princípios que regem a economia solidária, potenciam a qualidade de vida e de bem-estar de uma dada região ou comunidade, ao mesmo tempo que valorizam os recursos e capacidades dessa mesma comunidade.

Deste modo, a partir desta sistematização, foram efectuadas diversas opções metodológicas que orientaram a discussão do tema em análise.

## **1.3– Metodologia**

### **1.3.1– Objecto de pesquisa**

A selecção do local que preconizará o estudo empírico recaiu na região da Granja do Ulmeiro no concelho de Soure, sendo que essa escolha prendeu-se com o dinamismo que a região tem vindo a demonstrar nos últimos anos, no âmbito de iniciativas locais em áreas que vão desde a economia até à cultura, passando pela preservação do ambiente, sempre tendo em conta princípios como a solidariedade e a sustentabilidade. Essas iniciativas têm sido impulsionadas por um forte espírito de associativismo na região que tem sido um meio importante para promover a solidariedade e minimizar a exclusão social.

Assim, foi seleccionada uma associação que se destaca como impulsionadora de inúmeras experiências de desenvolvimento local dentro do concelho, com particular destaque para as iniciativas de trocas locais. Esta é a associação AJP (Acção para a Justiça e Paz) sediada na Granja do Ulmeiro. Esta associação e as suas iniciativas de trocas locais e solidárias serão o objecto de estudo empírico desta investigação. De referir, que este estudo incidirá apenas na Granja do Ulmeiro, apesar de a AJP ter levado a cabo outras iniciativas no concelho de Soure. O facto de a associação estar sediada na Granja do Ulmeiro, e a maioria das iniciativas ter tido lugar aí, fez com que a análise se centrasse apenas nessa localidade.

Entre as várias iniciativas que a associação tem vindo a empreender, destacam-se iniciativas no âmbito da economia solidária, como é o caso dos mercados solidários que serão aqui abordados como as iniciativas que maior relevância tiveram na implementação das trocas locais de produtos e serviços na região.

### **1.3.2– Procedimentos Metodológicos**

Para levar a cabo uma investigação científica e sistematizar uma resposta à questão de partida, é necessário adoptar um conjunto de metodologias, sendo elas compostas por métodos e técnicas diversas, de maneira a ajudar a interpretação da realidade e da evidência empírica, para assim poder estruturar o conhecimento científico subjacente.

Os procedimentos metodológicos que irão reger esta investigação serão essencialmente constituídos por metodologias qualitativas de pesquisa, sendo que o método escolhido é o estudo de caso. Ou seja, irá optar-se por uma análise intensiva dos factos intrínsecos ao objecto de estudo, não havendo o propósito de esta análise ser representativa da realidade no seu geral, dado que é um estudo focalizado, podendo, no entanto, contribuir para uma dimensão mais vasta, que nos será apresentada através do relacionamento dos sistemas de trocas locais com os conceitos da economia solidária e do desenvolvimento local.

Para Yin (2011:4), um estudo de caso "é uma pesquisa empírica sobre um acontecimento contemporâneo inserido no seu contexto quotidiano, especialmente se as fronteiras entre o acontecimento e o seu contexto não são muito claras". Assim, faz todo o sentido analisar o contexto e outras situações que estejam relacionadas com o acontecimento em causa, o que é crucial para entender o que está a ser pesquisado.

Em termos metodológicos, a elaboração desta dissertação dividir-se-á em três fases distintas. Uma primeira fase constituída pela análise de conceitos teóricos; uma segunda fase que consistirá na recolha da informação, para a qual será seleccionada uma combinação de determinadas técnicas, que neste caso, são a recolha de dados preexistentes e a entrevista semi-directiva, uma vez que estas técnicas demonstram uma maior fiabilidade de dados, bem como com uma maior disponibilidade e diversidade de informação que facilitará a estrutura da análise (Guerra, 2006:16); e uma terceira fase dominada pela análise e tratamento da informação.

Com o objectivo de descrever mais pormenorizadamente as técnicas de recolha e de tratamento da informação que serão utilizadas neste estudo, apresenta-se de seguida uma caracterização das mesmas.

- *Análise conceptual e teórica* - Esta pesquisa será efectuada na primeira fase desta investigação, e tem como propósito elaborar uma revisão da literatura, recolhendo dados teóricos consistentes com os conceitos visados nesta investigação, sendo eles, o desenvolvimento local, a economia solidária e os sistemas de trocas locais. Esta análise conceptual prévia e a sistematização dos principais conceitos e paradigmas viabiliza o fornecimento de bases que sustentam o estudo de caso em questão, uma vez que possibilitará a categorização da informação recolhida numa fase posterior.
- *Recolha de dados preexistentes: dados secundários e documentais* - Geralmente, esta técnica tem a função de apoiar o investigador na consolidação da sua pesquisa, com

indicadores macrossociais, demográficos e socioeconómicos, que possibilitem analisar as mudanças sociais e os sistemas de valores e da cultura. Assim, o investigador poderá centrar-se mais facilmente no seu estudo de caso, valorizando o seu trabalho (Quivy e Campenhoudt, 1995:203). Esta técnica permitirá recolher informação que tornará possível caracterizar a região visada no estudo de caso, a freguesia da Granja do Ulmeiro. Para tal, vão ser analisados diversos documentos de origem quantitativa e estatística, elaborados por organismos nacionais.

- *Entrevista semi-directiva* - A técnica da entrevista apresentar-se-á como a técnica central de recolha de informação, dado que é um dos processos mais ricos de obtenção de informação. A entrevista é semi-directiva, uma vez que o investigador quando coloca as suas perguntas ao entrevistado, esforça-se por reencaminhar a entrevista para os objectivos pretendidos, de cada vez que o entrevistado derive para outro tema, colocando perguntas adicionais sempre que for necessário (Quivy e Campenhoudt, 1995:189). As entrevistas serão dirigidas a três grupos populacionais específicos: à população da Granja do Ulmeiro que participou nas iniciativas de trocas locais; à população da Granja do Ulmeiro que não participou nas iniciativas de trocas locais; e às colaboradoras da AJP. A escolha destes três grupos prendeu-se com o facto de proporcionarem uma recolha de informação mais vasta e diversificada que pudesse ser representativa da realidade intervencionada na Granja do Ulmeiro.
- *Análise de conteúdo* - Por fim, a terceira e última fase terá lugar após o processo de recolha de informação, a qual consistirá na análise de informação que irá sistematizar a reflexão sobre esta temática. Para esta fase será necessário recorrer a técnicas concretas que permitam evidenciar o conteúdo recolhido através dos dados preexistentes e das entrevistas. Para tal, ir-se-á utilizar a análise de conteúdo que consiste na aplicação de processos relativamente precisos, que possibilite ao investigador construir uma interpretação independente dos seus valores e representações. Este processo é útil, especialmente na análise de entrevistas semi-directivas, pois trata de forma metódica e precisa todas as informações e testemunhos que denotam um certo grau de complexidade (Quivy e Campenhoudt, 1995:226). Neste caso particular, serão utilizadas grelhas de análise que terão em vista a categorização da informação recolhida nas entrevistas. Não serão utilizadas grelhas de análise individuais para cada entrevistado e, posteriormente, uma grelha de síntese com as ideias principais com que

cada entrevistado contribuiu. A caracterização da informação nas grelhas de análise será elaborada tendo em conta a análise conceptual e teórica feita previamente, ou seja, considerando os dois principais conceitos teóricos subjacentes a esta investigação (desenvolvimento local e economia solidária), a informação recolhida junto dos entrevistados será categorizada segundo os princípios que regem esses mesmos conceitos. A selecção dos princípios corresponderá às dimensões de análise e será efectuada tendo em conta a sua relevância e o seu contributo para as temáticas analisadas (cf. anexos A e D).

Estas técnicas irão conduzir a conclusões e a uma resposta à pergunta de partida que permitirá aferir se se confirmam as hipóteses enunciadas previamente.

#### **1.4– Dificuldades encontradas**

Relativamente às dificuldades encontradas no decorrer desta investigação, estas manifestaram-se de início, com a elaboração do enquadramento teórico, uma vez que o tema das trocas locais e solidárias não possui muita bibliografia onde nos possamos basear, em contraste com a vasta literatura disponível sobre o conceito de desenvolvimento, que se revelou uma tarefa desafiante quando chegou a altura de o estudar.

Do ponto de vista do estudo empírico, surgiu logo à partida um obstáculo que se ficou a dever ao encerramento da sede da AJP, precedente a este estudo e, conseqüentemente, à cessação da maior parte das iniciativas levadas a cabo pela associação, incluindo os eventos de trocas locais. Este facto acabou por se revelar um factor limitador ao estudo em causa, dado que condicionou a recolha de informação que poderia ter sido mais rica se as iniciativas de trocas locais ainda estivessem a ser implementadas.

Essa recolha de informação, que na realidade se baseou apenas na técnica da entrevista semi-directiva, poderia ter passado também pela técnica de observação directa, na qual a investigadora poderia participar directamente nos eventos referidos que constituem o estudo empírico. Contudo, devido às razões apontadas, o contacto com a população foi mais limitado, e sempre com um olhar para o passado, com o risco de se perderem alguns pormenores importantes que poderiam ser úteis para aferir certos aspectos intrínsecos à investigação em causa.

Outro factor importante que se verificou foi a indisponibilidade de alguns dados estatísticos definitivos sobre a freguesia da Granja do Ulmeiro. Os dados populacionais referentes aos Censos 2011 eram ainda provisórios à data da elaboração desta investigação e, em relação a alguns dados socioeconómicos, especificamente a distribuição da população activa por sectores de actividade, embora existissem dados definitivos disponíveis relativos a 2010, estes referiam-se ao concelho de Soure, e não especificamente à freguesia da Granja do Ulmeiro.

### **1.5– Estrutura da Investigação**

A presente investigação divide-se em quatro capítulos. Um primeiro capítulo consiste na introdução à dissertação e tem como propósito apresentar as suas linhas gerais, nomeadamente a justificação do tema, os objectivos da investigação e respectiva questão de partida e a exploração da metodologia adoptada.

No segundo capítulo procede-se à exposição do tratamento da bibliografia relacionada com os conceitos teóricos de desenvolvimento local e economia solidária, assim como dos conceitos fulcrais desta dissertação que dizem respeito às trocas locais e solidárias.

O terceiro capítulo caracteriza-se pela contextualização do estudo de caso, quer da localidade escolhida para o estudo, quer da associação responsável pela implementação das trocas locais e informais. De seguida, é apresentada a análise e discussão da informação empírica, relacionando-a com os conceitos teóricos abordados inicialmente.

Por fim, no quarto capítulo são expostas as considerações finais desta investigação, as quais evidenciarão uma reflexão sobre o estudo realizado, apresentando desafios e sugestões para uma adopção de boas práticas no domínio do tema aqui estudado.

## **CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **2.1- O Desenvolvimento Local**

Este capítulo tem como propósito dar ênfase ao conceito de desenvolvimento numa perspectiva local, elaborando uma análise conceptual do mesmo, assim como da sua evolução ao longo dos tempos, tendo como principal preocupação clarificar os contornos dos conceitos de desenvolvimento e de desenvolvimento local, articulando-os com a noção de economia solidária e o seu contributo para o desenvolvimento local. Será a partir destas definições que os sistemas de trocas locais serão examinados.

#### **2.1.1 - Análise e Evolução Conceptual a Partir do Conceito de Desenvolvimento**

Para compreender as origens do conceito de desenvolvimento local, teremos de clarificar à partida o conceito de desenvolvimento.

Quando falamos de desenvolvimento, a primeira ideia que surge é a melhoria das condições de vida dos indivíduos. Esta noção quer do ponto de vista material, quer do ponto de vista ético, foi sendo aperfeiçoada desde há muitos anos, sendo que, apenas ficou sendo conhecido como conceito científico, após a Segunda Guerra Mundial (Amaro, 2004:37). De facto, o conceito de desenvolvimento tem sofrido inúmeras mutações e é dotado de uma enorme complexidade, muitas vezes fruto da sua interdisciplinaridade e, acima de tudo é um conceito polissémico, principalmente porque poderá dar origem a várias interpretações.

Assim, do ponto de vista material a noção de desenvolvimento começou a desenhar-se quando teve início a Revolução Industrial, a partir de finais do século XVIII, na maioria dos países europeus mais avançados. Nesta época, deram-se os primeiros passos no sentido de criar uma sociedade de abundância, onde imperasse o progresso, a riqueza e o bem-estar (Amaro, 2004:37). Aqui, o crescimento económico era fortemente encorajado, sendo muitas vezes relacionado com o conceito de desenvolvimento.

Esta concepção que dominava o pensamento de muitos autores, sendo um dos seus primeiros precursores, o economista Adam Smith, teve um enorme impacto nas sociedades

européias da altura, dado que a produtividade e a inovação tecnológica eram os principais motores que guiavam as sociedades modernas. De facto, quando Adam Smith publicou o seu livro “*Riqueza das Nações*” em 1776, este enfatizou a importância da criação de riqueza através da promoção do próprio interesse dos indivíduos, ou *self-interest*, que daria azo à iniciativa privada e ao progresso tecnológico. Esta noção perdurou durante praticamente 200 anos até à Segunda Guerra Mundial, época em que esta conceptualização mudou radicalmente.

Por sua vez, no que diz respeito ao ponto de vista mais ético do conceito de desenvolvimento, este construiu-se a partir da Revolução Francesa iniciada em 1789. A decorrente proclamação dos princípios universais “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, estabeleceu novos valores nas sociedades mais industrializadas da época que assim instituíram o direito à propriedade e a resistência à opressão, abolindo desta maneira o regime feudal (Amaro, 2004:44).

Estas duas revoluções influenciaram o pensamento de muitos economistas e sociólogos que teceram novas concepções de desenvolvimento ao longo dos anos. Em finais do século XIX e inícios do século XX, novas teorias começaram a evidenciar-se, como aquelas protagonizadas por John Stuart Mill, o qual tinha uma visão mais socialista da realidade e defendia uma progressão das sociedades mais qualitativa e igualitária; por Vilfredo Pareto, que conceptualizou importantes teorias de distribuição da riqueza; ou por Joseph Schumpeter que advogava que, para uma sociedade evoluir e expandir-se, teria de surgir alguma inovação que servisse de motor ao empreendedorismo.

Devido ao extraordinário progresso tecnológico que se verificou, o capitalismo liberal acentuou-se nos países mais desenvolvidos, exaltando desta maneira o individualismo e o consumismo. Estes fenómenos decorrentes de princípios como o Fordismo<sup>1</sup>, e do Estado-Providência, em que os Estados e as empresas co-financiavam sistemas de protecção social, fizeram com que houvesse um incentivo cada vez maior à acumulação incessante de riqueza (Benko, 2001:34).

---

<sup>1</sup> O princípio do Fordismo nasceu na primeira metade do século XX. A partir deste princípio, o consumo em massa era encorajado pela produção em série de peças standardizadas susceptíveis de serem vendidas a preços baixos, bem como por um nível elevado de salários (Benko, 2001:34).

No fundo, o processo de industrialização, muitas vezes considerado sinónimo de desenvolvimento, gerou desigualdades significativas entre os países mais industrializados e os do Terceiro Mundo, considerados subdesenvolvidos, como resultado dos processos de desenvolvimento adoptados pelos países mais ricos que se revelaram totalmente inadequados.

Esta inadequação está, de certa maneira, relacionada com o paradigma funcionalista de desenvolvimento, o qual associa sistematicamente o processo de desenvolvimento de uma região ou país, ao crescimento económico. Esta concepção deriva do pensamento económico neoclássico de finais do século XIX, onde impera a ideia do liberalismo económico, sendo que a sua primeira referência data de 1951, aquando da publicação do documento da ONU “*Measures for Economic Development of Underdeveloped Countries*”. Este paradigma foi responsável por incentivar a industrialização, concentrando cada vez mais o capital, apenas em algumas mãos de empresários e por estimular a liberalização das trocas comerciais a nível internacional (Henriques, 1990:38).

É neste contexto que devemos salientar a importância do fenómeno da globalização que assumiu um grande relevo depois da Segunda Guerra Mundial devido ao crescente dinamismo que o comércio internacional alcançou desde essa altura, e que influenciou diversos processos de integração económica, como foi o caso da integração europeia. As economias que antes assumiam uma dimensão nacional, subordinavam-se agora a uma cultura global (Murteira, 1995:63). Foi um processo que deu origem à perda de controlo do Estado-Nação que demonstrou ser incapaz de reagir aos fluxos transnacionais de bens, serviços ou pessoas, fazendo com que gradualmente fosse deixando de ter autonomia económica, social e política (Santos, 2001:32).

De certa forma, o fenómeno da globalização contribuiu para que o modelo Fordista anterior tivesse o seu fim, em meados da década de 60, dado que a acumulação intensiva de riqueza a nível nacional atingiu o seu nível de saturação, ao mesmo tempo que se verificou uma crescente procura por produtos mais diferenciados, fazendo com que este modelo se revelasse completamente desapropriado face aos novos interesses a nível mundial, assistindo-se a uma redução das taxas de lucro e a um aumento do desemprego. Para além disso, o Estado-Providência também acabou por entrar em decadência, tendo em conta que, dada esta conjuntura de instabilidade económica e social, foram encorajadas políticas de desregulação salarial e de controlo das despesas sociais (Leborgne e Lipietz, 1995:239).

Perante este cenário, ainda quando decorria o período do pós-guerra, a definição de desenvolvimento sofreu uma mutação considerável, devido a muitos autores como Gunnar Myrdal e Ragnar Nurske, considerarem que o desenvolvimento não é só uma melhoria dos níveis de vida do ponto de vista economicista ou material, como foi referido anteriormente, mas é essencialmente um crescimento sustentado do bem-estar dos indivíduos, que tenha em conta a distribuição justa da riqueza, a saúde, as relações sociais, a preservação dos recursos naturais e a tolerância religiosa e cultural.

De referir a significativa contribuição do economista francês François Perroux, que na sua obra de 1961, *“A Economia do Século XX”*, tece diversas críticas à concepção generalizada de desenvolvimento como um processo estritamente económico e cumulativo de bens e serviços, defendendo a introdução de factores tão importantes como o respeito pela cultura e recursos de uma sociedade, que designou como a *“economia do homem”*, proporcionando ao conceito de desenvolvimento uma vertente mais humana e social.

Desta maneira, começam a surgir novas conceptualizações de desenvolvimento mais centradas nas pessoas e nas comunidades com o objectivo de lhes atribuir o poder de resolver os seus próprios problemas através da cidadania activa e da participação.

Esta situação é resultante, por um lado, do paradigma da globalização e da consequente crise territorialista, fazendo com que houvesse uma emergência de identidades de a nível regional e local, e por outro lado, da crise do Fordismo e do Estado-Providência que originou um deslocamento do tecido empresarial para novos países e regiões, favorecendo as economias de pequena escala, como também um crescente activismo por parte das comunidades e de redes de solidariedade locais que desejavam que todas as suas dificuldades fossem ultrapassadas. Para além disso, os problemas ambientais vividos nesta época resultantes do modelo de desenvolvimento economicista e materialista, levou a que muitas populações locais ficassem mais conscientes das questões que precisavam de ser solucionadas localmente (Amaro, 1992:16).

As preocupações anteriores de acumulação de rendimento e de lucro e incentivos à produtividade iam sendo progressivamente substituídas pela dinamização de dimensões como a social, a cultural e a ambiental, procurando colmatar os danos causados pelo anterior modelo de desenvolvimento imposto. Surge então, o conceito de desenvolvimento local que começou por ser denominado por desenvolvimento comunitário, resultante de intervenções em países subdesenvolvidos por parte da ONU nos anos 60 (Amaro, 2004:57).

Antes desta mudança de paradigma, já existiam algumas concepções territoriais de desenvolvimento, mas eram sempre vistas numa óptica centralizada e numa lógica descendente, de cima para baixo (*top-down*), nunca descartando a visão economicista (Moreno, 2007, cit por Brito, 2010:11), que, no fundo, traduz a visão funcionalista de desenvolvimento que vigorou desde meados do século XX. O que começava a surgir era a noção de que é necessário haver uma relação de proximidade entre as populações locais e os seus problemas e carências sociais, privilegiando a promoção do seu bem-estar. O anterior carácter assistencialista do Estado-Providência era agora protagonizado por novos actores sociais que valorizavam as potencialidades e as capacidades endógenas dos territórios em questão, numa visão de envolvimento e integração (Brito, 2010:12).

Esta nova concepção é preconizada pelo paradigma territorialista, o qual ganhou uma importância acrescida nos anos 80 do século XX, opondo-se assim ao paradigma funcionalista, mencionado anteriormente. Neste caso, o paradigma territorialista, surgido da necessidade de apresentar propostas alternativas para o desenvolvimento das regiões, face à nova ordem global, e de preencher as lacunas das políticas regionais tradicionais, caracteriza-se por adoptar um modelo de desenvolvimento de baixo para cima (*bottom-up*) numa óptica mais descentralizada (Henriques, 1990:52).

No modelo *bottom-up*, encontra-se subjacente uma forma de desenvolvimento que é sustentada pela comunidade, onde são utilizados essencialmente os seus recursos endógenos, de maneira a garantir a construção de uma sólida consciência colectiva, bem como promover a igualdade, a justiça social e a capacitação dos mais desfavorecidos. Fundamentalmente, em modelos de desenvolvimento a partir de baixo, estará sempre presente uma motivação endógena, que se traduz no enfoque nos problemas das pequenas comunidades locais, onde nunca seja ignorada a sua identidade territorial (Stöhr, 1981, cit por Henriques, 1990:54).

A abordagem territorialista aqui patente, apresenta determinados pilares nos quais assenta o desenvolvimento de uma dada região, como por exemplo, assegurar a satisfação das necessidades básicas de todos os habitantes de uma região, orientar o desenvolvimento económico para a redistribuição e para a criação de emprego e, essencialmente, mobilizar os recursos inerentes a um território de modo a proporcionar a sua autodeterminação (Henriques, 1990:53).

Na verdade, o desenvolvimento local vem sanar muitos dos problemas criados pelo sistema “centro-periferia”, ou seja, por políticas centralizadas que não tinham em

consideração as capacidades das regiões locais, enfraquecendo a sua capacidade de enfrentar os desafios da nova ordem global. Com o surgimento desta visão de desenvolvimento mais localizada, as populações locais ganham mais consciência das potencialidades dos seus recursos intrínsecos e da necessidade de se mobilizar de maneira a enfrentar os seus próprios problemas (Stöhr, 1990:2). Esta visão traduz-se num processo que se apoia nas forças endógenas de uma região, de modo que esta afirme a sua identidade específica, para que, a partir daqui, essa região ganhe um maior dinamismo no funcionamento dos seus mecanismos internos, como também nas suas relações com o exterior (Mengin, 1989:23).

Com esta abordagem endógena, o processo de desenvolvimento torna-se de base comunitária, dado que as comunidades locais transformam-se no sujeito do desenvolvimento, ao invés de serem o objecto. Ou seja, este sistema torna as comunidades locais mais autónomas e mais motivadas no que diz respeito à sua inserção em processos de cidadania mais activa e participativa, fazendo com que o enfoque no local fortaleça a comunidade que dele faz parte (Eisenschitz e Gough, 1993, cit por Dawe e Bryden, 2000:192).

Contudo, Friedmann (1992:33) chama a atenção para a necessidade das comunidades locais não se fecharem sobre si próprias, dado que há o perigo de estas se isolarem. Segundo este autor, os ganhos das comunidades locais em poder social poderão ser transformados num poder político efectivo, de modo a que os seus interesses sejam defendidos não só a nível local, como também nacional e internacional, fazendo com que estas estejam em consonância com o desenvolvimento económico global.

Podemos assim dizer, que o desenvolvimento local manifesta a sua relevância através de diversos factores. Um dos factores essenciais é a existência de uma maior facilidade em identificar as necessidades do local, bem como de um melhor aproveitamento das suas capacidades e recursos. Este factor é crucial para responder mais apropriadamente a diversas questões problemáticas, nomeadamente àquelas relacionadas com a defesa de grupos sociais mais desfavorecidos. Por conseguinte, o desenvolvimento local evidencia a sua pertinência pelo facto de poder estabelecer redes sociais e solidárias que dinamizem as relações a nível social e institucional, promovendo assim, a criação de uma “sociedade-providência”, que de certa maneira é um sistema alternativo ao antigo Estado-Providência (Amaro, 1992:17-18).

Quando estamos perante processos de desenvolvimento local, podemos assistir a sistemas de desenvolvimento alternativos, que têm em conta as inúmeras especificidades e características de cada região, sempre numa perspectiva sistémica e integradora. O enfoque

centra-se no indivíduo e na resolução dos seus problemas, fazendo com que as comunidades locais se revitalizem, particularmente aquelas em situações de maior vulnerabilidade.

Acima de tudo, a concentração de esforços no local proporciona uma maior autodeterminação de uma região, eliminando assim, os vários obstáculos que se encontram no caminho de muitas comunidades locais, originando melhorias de vida significativas, quer a nível económico, social ou ambiental.

### **2.1.2 – Princípios Orientadores**

Para proceder à concretização de muitos dos propósitos das comunidades locais é necessário estar na presença de determinados critérios que sejam respeitados por parte dos diferentes agentes envolvidos.

Vários autores apontam para a importância de vários princípios implícitos em processos de desenvolvimento local. Um deles é Antoine Bailly (1999:29, cit por Silva e Cardoso, 2005:56), o qual descreve os seguintes cinco princípios, essenciais na construção do desenvolvimento local:

- o princípio da equidade territorial, o qual acarreta necessariamente um abandono do sistema dicotómico de centro-periferia;
- o princípio da equidade social, originando a rejeição da divisão espacial do trabalho e a diferenciação do mercado salarial;
- o princípio do desenvolvimento sustentável, tanto a nível económico, social ou ambiental;
- o princípio da responsabilidade territorial, fazendo com que as comunidades locais tenham uma palavra a dizer e um papel preponderante no processo de desenvolvimento;
- e o princípio de justiça ambiental, de modo a que todos tenham espaços de qualidade, que respeitem os preceitos da sustentabilidade ambiental.

Por outro lado, Korten (1992, cit por Brito, 2010:12) afirma que existem três pilares indispensáveis sobre os quais assenta o desenvolvimento local, sempre numa perspectiva endógena. Esses pilares são descritos como:

- o fomento de uma justiça equitativa, que garanta o acesso de todos os indivíduos a condições de vida suficientemente satisfatórias, de modo a assegurar o seu bem-estar;
- a promoção da sustentabilidade, que aqui é descrita como um factor decisivo para garantir o uso adequado dos recursos naturais locais de uma forma racional e sustentável, não pondo em causa a sua continuidade;
- e a inclusividade, que considera que todos os indivíduos têm um importante papel a desempenhar na construção de comunidades locais autónomas e dinamizadas, num contexto onde são os próprios indivíduos, os protagonistas das mudanças pretendidas.

Aqui, a ênfase centra-se na vertente endógena do desenvolvimento local, uma vez que os cidadãos são convidados a se envolverem gradualmente nas decisões da comunidade através de mecanismos de participação comunitária, exercendo assim o seu direito de cidadania, ao mesmo tempo que impulsionam a mudança nas suas regiões. Esta vertente nunca deverá ignorar os vários agentes envolvidos no desenvolvimento local, quer a nível interno, quer a nível externo, procedendo ao incentivo de um trabalho conjunto e em parceria, de maneira a fomentar o espírito de inclusão e de autoconfiança.

Tendo em conta esta perspectiva, podemos detalhar mais pormenorizadamente alguns princípios de base que orientam a construção da identidade de um local, ao mesmo tempo que promovem a solidariedade dentro de uma comunidade. Amaro (2009a:111) indica dez princípios fundamentais na edificação de comunidades locais mais sólidas e enriquecidas, os quais são descritos em seguida.

- **Instituição de um processo de mudança** – O desenvolvimento local tem de obedecer a um processo contínuo de transformação e de inovação, no qual todos os indivíduos devem sentir-se integrados, nunca descartando o espírito de solidariedade dentro da comunidade. Este espírito solidário terá de combater processos competitivos mais agressivos que poderão eventualmente surgir no decorrer de iniciativas locais de desenvolvimento.
- **Concentração de esforços em pequenas comunidades territoriais** – Este princípio evoca a necessidade de nos centrarmos em comunidades de pequena dimensão já que este é um factor que condiciona a mudança. Para que isso seja possível, a comunidade territorial terá de definir a sua identidade, de forma a gerar potencialidades de acção

local, de uma maneira colectiva e solidária. Para além disso, nunca deve menosprezar o fomento da sua autonomia, de modo a poder reivindicar os seus direitos.

- **Satisfação de necessidades fundamentais** – A mitigação das necessidades sentidas pelas comunidades locais é um dos objectivos que rege muitos dos processos de desenvolvimento local. Aqui importa que a comunidade reconheça quais são as suas necessidades básicas, e que as considere como fundamentais. Será preciso auscultar devidamente a comunidade para determinar quais os problemas essenciais a serem resolvidos, bem como as suas causas principais.
- **Mobilização das capacidades endógenas** – É de grande relevância mobilizar os recursos locais de uma região para que os projectos de desenvolvimento local sejam mais significativos e eficientes. Esses recursos poderão ser financeiros, humanos ou culturais, sendo que deverão ser reconhecidas as suas potencialidades e características. Cada região tem uma história e uma identidade específica que deverá ser valorizada, sendo que essa valorização deverá ser feita através do respeito pelos recursos humanos e naturais de um dado local de modo a que este se torne cada vez mais dinamizado.
- **Adopção de uma metodologia participativa** – Ao assistirmos a projectos de desenvolvimento local, importa garantir a participação da população nesses mesmos projectos para o que o seu sucesso esteja assegurado. Este princípio poderá traduzir-se através de um envolvimento efectivo dos indivíduos, dado que num processo participativo estes transformam-se em actores, ao invés de serem considerados como um recurso, como está exposto no princípio anterior. Para que este princípio se torne realizável é necessário que a população seja sensibilizada para a relevância que os processos democráticos e participativos acarretam, nomeadamente no que toca à defesa dos seus interesses e à promoção da sua autodeterminação.
- **Recurso ao apoio das capacidades exógenas** – No que diz respeito aos recursos considerados exógenos, estes não poderão substituir os que são endógenos. No entanto, poderão complementá-los e torná-los mais estimulantes, visto que são muitas vezes considerados como um catalisador do processo de desenvolvimento numa dada região. Um local nunca se poderá tornar isolado do exterior e fechar-se sobre si próprio. Terá de aproveitar os recursos externos, para que se torne mais enriquecido e reforce a sua identidade.

- **Adopção de uma perspectiva integrada** – Muitos dos problemas das populações locais precisam de ser abordados de uma forma integrada, que considere que todos esses problemas estão interligados, visto que dentro de uma comunidade tudo está relacionado entre si. Esta perspectiva integrada poderá ser útil para identificar algumas das questões problemáticas existentes dentro de uma comunidade, bem como apontar soluções viáveis para os resolver.
- **Trabalho em rede e em parceria** – Este princípio é de extrema importância para que as acções de desenvolvimento local sejam bem sucedidas. Muitas vezes, é necessário recorrer a equipas multidisciplinares para produzir um trabalho no qual as diversas vertentes de uma comunidade sejam respeitadas. Por outro lado, o trabalho em parceria facilita a resolução de conflitos que frequentemente surgem em processos de desenvolvimento, fazendo com que se fortaleçam redes de solidariedade na região em causa, contribuindo para a sua valorização intrínseca.
- **Impacto tendencial em toda a comunidade** – O desenvolvimento local terá de ter um efeito disseminador que afecte positivamente todos os envolvidos na comunidade. Todos terão de estar envolvidos no processo, de modo a impedir que se formem enclaves, onde parte da população se encontre isolada do que se faz no resto da comunidade.
- **Diversidade** – Este é um princípio crucial no que toca ao respeito pela diversidade que constitui uma região. O reconhecimento das suas características específicas é determinante para encontrar soluções que se adequem a cada caso concreto. Aqui prevalece a lógica da construção à medida de cada situação, sendo que para isso terá de existir uma variedade de metodologias e de acções, onde por vezes, se recorra à criatividade, de maneira a encontrar resultados coerentes e viáveis para a comunidade.

A ideia subjacente a estes princípios orientadores do desenvolvimento local, é que uma determinada comunidade precisa de ser respeitada, no que se refere às motivações e às expectativas dos indivíduos que dela fazem parte. Terá de haver uma aproximação à realidade concreta de cada região, reconhecendo as suas características intrínsecas e trabalhar sempre em conjunto para poder existir a capacidade de ultrapassar os obstáculos que se apresentam pelo caminho.

De destacar a importância da adopção de metodologias participativas, que constitui um factor crítico para que a população local se sinta incluída nos processos de decisão adoptados.

O facto dos indivíduos se transformarem em actores de desenvolvimento, proporciona uma alteração de paradigma que se traduz numa maior autonomia das comunidades locais, sendo elas os próprios agentes promotores de mudança, tanto a nível político, social, económico ou cultural (Friedmann, 1992:33). Este é o caminho que será preciso percorrer para atingirmos um fortalecimento das diversas dimensões do ser humano, bem como uma sociedade mais justa e equitativa.

### **2.1.3 – Limitações e Desafios do Desenvolvimento Local**

Muitas vantagens da adopção de técnicas de desenvolvimento de âmbito mais territorial, já foram abordadas inúmeras vezes por diversos autores. Contudo, convém explorar o que de negativo poderá surgir em experiências de desenvolvimento local.

Desde logo, o facto de estes processos incidirem sobre territórios de pequena dimensão, dá azo ao surgimento de tensões e conflitos, decorrentes da proximidade existente entre os habitantes de uma comunidade local. Para além disso, se os intervenientes se voltarem demasiado para dentro da comunidade, arriscam-se a ficar com uma visão demasiado centrada no local, e somente a nível micro, condicionando a sua análise e perspectiva da realidade, bem como o próprio aproveitamento de recursos (Amaro, 1992:19). Se os actores se limitarem apenas ao espaço do local em causa, acabam por menosprezar as outras dimensões meso e macro, as quais têm inevitavelmente de ser tidas em consideração, dado o paradigma de carácter globalizado que rege a sociedade actual.

Por outro lado, não podemos aplicar soluções para problemas sentidos numa comunidade que tenham sido aplicadas no passado, ou seja, é estritamente necessário ter em conta a sustentabilidade do desenvolvimento local. No mundo actual em constante mudança, as respostas que ontem foram eficazes para solucionar determinado problema, poderão já não ser hoje em dia, obrigando a que se efectue uma análise mais adequada e significativa da situação em cada momento do tempo (Fragoso, 2005:81).

Brito (2010:16) acrescenta que existe uma outra série de dificuldades que merecem ser destacadas. Assim, se tivermos em consideração algumas comunidades locais de pequena dimensão, poderão eventualmente surgir dificuldades financeiras que põem em causa a sustentabilidade dos projectos de desenvolvimento e os processos de mudança pretendidos.

Ao mesmo tempo, a falta de inovação tecnológica apropriada e a pouca formação em áreas técnicas é muitas vezes patente em diversas comunidades, condicionando o seu progresso.

Outra situação que muitas vezes ocorre, no que concerne às necessidades sentidas localmente, é a urgência que muitos indivíduos manifestam em obter benefícios no curto prazo, quando efectivamente, os efeitos só são perceptíveis a longo prazo. Se acrescentarmos a dificuldade em encontrar parcerias credíveis, nas quais os parceiros se disponibilizem a trabalhar conjuntamente, através de uma responsabilidade partilhada, podemos constatar que os obstáculos ainda existem em grande número, dificultando o trabalho de inúmeros agentes de desenvolvimento.

Contudo, este cenário impõe que sejam tomadas medidas para ultrapassar estas restrições, sobretudo no que toca a encontrar soluções credíveis para cada lugar e para cada momento específico do tempo. O recurso à criatividade por parte dos agentes de desenvolvimento é uma proposta que se apresenta inúmeras vezes em situações de animação comunitária (Fragoso, 2005:81). Este factor é decisivo para construir relações sólidas entre os agentes locais, como residentes, associações e instituições locais.

A coordenação eficaz entre os vários níveis territoriais, quer através de instituições governamentais, quer através de associações locais, será a garantia necessária para que o desenvolvimento a partir de baixo (*bottom-up*) funcione na sua plenitude. Mobilizando recursos e capacidades que se encontram inertes, os sectores anteriormente marginalizados pelo paradigma funcionalista irão ser privilegiados, edificando assim territórios mais sustentáveis e com uma autonomia própria.

É importante que este tipo de medidas sejam interiorizados por todos aqueles que compõem uma comunidade local, pois só assim, alguns pilares tão cruciais como o sentimento de pertença e a participação democrática, serão postos em prática.

Deste modo, o que importa salientar, é a urgência que se sente hoje em dia, em criar redes sociais de solidariedade, que enfrentem as ameaças globais e que constituam alianças locais, promovendo o fortalecimento da própria comunidade e facilitando o intercâmbio com o exterior. Assim, haverá espaço para um ambiente mais propício para a mudança, onde impere o espírito cívico e a autoconfiança, dando ensejo à instituição de um modelo de desenvolvimento mais humano, justo e democrático.

## **2.2 – O Papel da Economia Solidária**

Como foi referido, são muitos os desafios que se apresentam hoje em dia à implementação de práticas de desenvolvimento local. A adopção de uma perspectiva mais solidária apresenta-se como uma alternativa nas abordagens de desenvolvimento a nível comunitário, podendo contribuir para a criação de redes de solidariedade que potenciem o fortalecimento das comunidades locais.

Actualmente, a economia solidária é uma realidade em muitas sociedades, onde se construiu um novo paradigma socioeconómico, político e cultural baseado em valores como a solidariedade e a sustentabilidade económico-social. O aproveitamento desses valores poderá ser de extrema utilidade, particularmente em contextos de crise socioeconómica, em que será necessário apostar na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

### **2.2.1 – Evolução do Conceito e sua Relevância**

A evolução da economia solidária em termos conceptuais apresenta essencialmente dois percursos distintos no cenário internacional.

Um dos percursos centra-se na Europa, mais concretamente em França, onde as raízes da economia solidária nascem da área da economia social, área já existente desde os inícios do século XIX.

Nesta época, após o surgimento da Revolução Industrial, verificou-se uma insatisfação por parte dos operários e trabalhadores rurais, devido a inúmeras convulsões sociais que proliferavam um pouco por todo o lado. Questões como o desemprego e a exclusão social, agravavam-se gradualmente desde a instituição do capitalismo industrial, obrigando os trabalhadores a encontrar novas formas de subsistência (Gaiger, 2009:82).

Uma dessas formas que surgiram nessa época foi o associativismo, que permitiu àqueles que se encontravam descontentes com o regime economicista instalado, uma recuperação da sua autonomia económica e uma progressiva inclusão social. Muito desse associativismo traduziu-se pela criação de cooperativas de produção, que tinham como

objectivo responder às aspirações económicas e sociais dos seus membros, através da distribuição de benefícios entre eles. Aqui, o foco centrava-se nas pessoas e não no capital, tendo como pilares a igualdade e a democracia, expondo assim os princípios ideológicos do socialismo (Singer, 2004:71).

O fortalecimento do cooperativismo manifestou-se inicialmente na Grã-Bretanha, através da disseminação dos sindicatos e da reivindicação pelo sufrágio universal, e foi progressivamente alastrando-se pela Europa, dando origem a diversos movimentos sociais que reclamavam a igualdade de direitos para todos. Para além disso, pôde-se constatar que um dos principais contributos vindos do cooperativismo foi a conjugação de recursos, quer de natureza mercantil, quer de natureza não-mercantil, como por exemplo as subvenções públicas, quer ainda de natureza não-monetária, como as actividades de ajuda mútua, ajudando a alargar a percepção sobre a actividade económica (Defourny, 1998, cit por Gaiger, 2009:82).

Todavia, com a entrada no século XX, a economia social começa a perder a sua força inicial e a mostrar as suas debilidades. A luta inicial dos operários começou a enfraquecer sob a hegemonia do sistema capitalista. O poder do sistema dual Estado-mercado, começa a prevalecer sobre as várias instituições da economia social, quer as sociedades mútuas que passaram a ser um complemento dos sistemas de segurança social, quer as cooperativas que foram absorvidas pelo mercado, marcando uma posição cada vez mais caracterizada pela procura do lucro. A situação agravou-se particularmente com a grave crise petrolífera surgida nos anos 70, emergindo assim a urgência em adoptar novos princípios que guiassem a economia social na procura de um novo equilíbrio social. Foram acções, como a prestação de serviços sociais, as finanças solidárias e o comércio justo, que começaram a renovar o conceito de economia social (Gaiger, 2009:83).

Os princípios do capitalismo exacerbado dissipavam-se pouco a pouco, graças ao aumento dos índices de pobreza e exclusão social, surgindo a necessidade de procurar soluções alternativas para atenuar os efeitos da crise económica e social com que se deparava a sociedade ocidental. A exploração do proletariado, a ameaça da globalização e a acumulação de riqueza em apenas algumas mãos, despoletou o aparecimento de inúmeras práticas que trouxeram de volta alguns princípios do socialismo do século XIX. Outros factores como o envelhecimento da população e a sucessão de políticas neoliberais, tiveram um papel de relevo na formulação de um novo conceito, conceito esse que exigia um novo

modelo de regulação da economia, bem como uma divisão entre a esfera económica e social (Laville, 2004, cit por Gaiger, 2009:84).

É aqui que nasce a economia solidária, designação que se propagou um pouco por todo o mundo ocidental, principalmente nos anos 80, e mais acentuadamente na década de 90, apresentando uma inflexão na teorização que regia anteriormente a economia social. Essa inflexão foi resultante de algumas críticas que se dirigiam a muitos dos seguidores dos princípios da economia social. Entre essas críticas, destacavam-se o carácter demasiado institucionalizado da economia social, bem como a finalidade do lucro que desde os anos 70 tinha vindo a caracterizar as suas iniciativas (Laville, 2009a: 22). Por outro lado, a economia social não dava cobro à crescente preocupação da sociedade em colmatar as debilidades sociais que se verificavam cada vez mais, principalmente no que dizia respeito às áreas da cultura, do ambiente e da gestão do território (Amaro, 2009b:18).

Por conseguinte, a economia solidária vem assumir-se como fundamental no estabelecimento da democracia e da partilha de benefícios entre os membros de empreendimentos solidários, proporcionando-lhes o alcance de melhores condições de vida (Gaiger, 2009:85).

A sua dinâmica assenta especificamente na mobilização de capital social<sup>2</sup>, onde este se torna o principal factor organizador e produtivo, exibindo uma orientação de carácter cívico, visto que tem como propósito a procura de rendimentos colectivos e a promoção de laços sociais (Evers, 2001, cit por Laville, 2009b:42). Sendo o seu objectivo, a democratização da economia, bem como trazer utilidade social e interesse colectivo às suas iniciativas, o seu conceito distancia-se claramente da noção de economia social que anteriormente lhe tinha dado origem (Laville, 2009b:42).

Dentro deste ponto de vista mais europeizado, a economia solidária pode-se designar como o conjunto de actividades económicas que se realizam a nível local com a finalidade de fortalecer a democracia e a solidariedade entre os membros de uma comunidade (Demoustier, 2006:126). De facto, estas actividades têm como principal objectivo solidificar as relações interpessoais e os laços de proximidade existentes na sociedade, com o intuito de promover a cidadania, a ajuda mútua e a reciprocidade.

---

<sup>2</sup> Segundo o Banco Mundial (2002), designa-se por capital social, "as instituições, relações e normas que formam a quantidade e a qualidade das interacções sociais de uma sociedade".

O princípio da reciprocidade também é ressaltado por Jean-Louis Laville. Para este autor, a economia solidária resulta da conjugação de três princípios, sendo eles a redistribuição, o mercado e a reciprocidade. A importância deste último princípio é posta em destaque, uma vez que este poderá ser alcançado através da criação de emprego e do desenvolvimento local, para assim podermos encontrar um espaço onde a solidariedade se enraíze, conseguindo conciliar ao mesmo tempo os princípios do mercado e do Estado (Laville, 1998:3).

O segundo percurso distinto que o conceito de economia solidária atravessou, foca-se directamente na América Latina. Aqui, as suas origens remontam à época da libertação dos escravos e da subsequente constituição de sistemas colectivos, como forma de suporte entre os seus membros, como também a formas de associação levadas a cabo por indígenas pré-colombianos (Gaiger, 2009:86).

Esta diversidade de origens propiciou a disseminação de variadas conceptualizações por toda a América Latina, que hoje em dia convergem para o mesmo espírito de solidariedade, através de inúmeros movimentos sociais e políticos. Estas iniciativas demonstraram ter um maior impacto em sociedades de países como a Venezuela, o Equador e o Brasil, onde hoje em dia a economia solidária é uma sólida área nos seus meios socioeconómicos e académicos. O facto dos povos latino-americanos se caracterizarem por porem em prática sistemas de entreaajuda dentro das suas comunidades familiares e locais, facilitou a sua propagação em todos esses países. Por outro lado, sendo uma das principais características da economia solidária, a cooperação, em oposição à obtenção de lucro, poderá concluir-se que a sua extensa propagação se ficou a dever a uma severa crítica ao capitalismo (Prado, 2004:36).

Relativamente à corrente europeia, a vertente latino-americana demarca-se por não ter experienciado um associativismo tão forte, como se verificou em muitos países ocidentais. Esta caracteriza-se, sobretudo, por instaurar a cooperação nas actividades económicas, por estabelecer a partilha dos meios de produção e pela adopção da autogestão nos vários empreendimentos solidários (Gaiger, 2009:86). Aqui, a participação assume um importante papel no que toca à defesa dos direitos da comunidade, potenciando a sua autodeterminação.

Deste modo, convém lançar um olhar mais atento sobre os vários pilares nos quais assenta a economia solidária na sua versão latino-americana.

Por um lado, a autogestão é um princípio essencial que visa garantir que todos os direitos de propriedade devem ser repartidos de maneira igual entre todos os associados de uma organização de economia solidária. Assim, a igualdade de direitos entre os seus membros poderá ser garantida (Singer, 2006, cit por Amaro, 2009b:11).

Por outro lado, o princípio da solidariedade, não ignorando os efeitos nefastos do capitalismo na sociedade actual, como o desemprego e as falências de inúmeras empresas, promove desta maneira, a criação de cooperativas constituídas essencialmente por desempregados ou por pessoas no limiar da pobreza (Singer, 2006, cit por Amaro, 2009b:11).

Todavia, e segundo a INCUBES<sup>3</sup> (2005:3), existem outros princípios não menos importantes, que economias, como por exemplo a brasileira, adoptaram como sendo cruciais para que a sustentabilidade de iniciativas de economia solidária seja bem-sucedida. Eles são:

- A valorização social do trabalho humano que decorre do princípio da solidariedade. Este defende que o valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade, rejeitando a acumulação de capital sob quaisquer formas;
- assegurar a satisfação plena das necessidades básicas de todas as pessoas que se encontram em situação de pobreza, através da agregação de esforços, recursos e conhecimentos e assentando em relações de colaboração solidária, declarando este como um pilar fundamental da actividade económica;
- reconhecer que a mulher tem um papel fundamental no desenvolvimento da economia;
- promover o consumo sustentável através da criação de redes solidárias entre os cidadãos;
- o respeito pelo meio ambiente decorrente da preocupação com o estabelecimento da eficiência social através do aumento da qualidade de vida.

Através da incorporação destes princípios em práticas de economia solidária, pretende-se que esta se assuma como uma forte arma contra a exclusão social, ajudando a eliminar as desigualdades económicas e sociais, surgindo como uma alternativa à economia tradicional na promoção do desenvolvimento local e do empreendedorismo.

---

<sup>3</sup> Designa-se por INCUBES, a Incubadora de Empreendimentos Solidários, criada após um período de discussão entre professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no Brasil, a partir de um grupo de trabalho sobre relações de trabalho no ano de 2001.

Porém, existe ainda um terceiro percurso, ainda aqui não referido, centrado na região da Macaronésia, região essa actualmente composta pelos arquipélagos da Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Todos estes arquipélagos partilham as mesmas afinidades tanto em termos biológicos, como em termos humanos, patenteando inúmeras debilidades de carácter ambiental e social.

Segundo Amaro (2009b), a corrente de economia solidária patente na região da Macaronésia, teve o seu início em finais dos anos 80 do século XX, na Região Autónoma dos Açores. Este início coincidiu com a crescente tomada de consciência da existência de determinados problemas sociais, como a pobreza e a exclusão social, e da urgência em solucioná-los. Esta nova tomada de consciência, proporcionou o aparecimento de algumas iniciativas de associativismo que, conjugadas com novos métodos de intervenção social, deu azo ao fomento da emancipação social e económica entre os grupos sociais mais desfavorecidos da região. A criação de actividades económicas com preocupações sociais acrescidas, foi o derradeiro factor para determinar o surgimento do conceito de economia solidária nos Açores, que gradualmente se alastrou aos outros três arquipélagos.

Neste contexto, a economia solidária identifica-se como um conceito mais amplo, no qual encontram-se incluídas dimensões que vão desde a económica e a cultural, até à territorial e à ambiental. A sua conceptualização é aqui entendida como a promoção da solidariedade, numa forma sistémica com as várias extensões da vida, quer humana, quer referente a outros seres vivos, sendo este o principal ponto que marca a clivagem entre esta corrente e as versões europeia e latino-americana (Amaro, 2009b:15-17).

Desta forma, podemos constatar que a economia solidária manifesta-se como um conceito extremamente diversificado que vai desde a implementação da democracia e da solidariedade nas actividades económicas por oposição à procura do lucro (versão europeia), à adopção do cooperativismo, pondo em prática a autogestão e a defesa dos direitos dos cidadãos mais desfavorecidos (versão latino-americana), à conjugação das iniciativas económicas com as dimensões culturais, ambientais e científicas (versão da Macaronésia).

A sua importância hoje em dia é cada vez maior, especialmente em cenários de crise económica ou social. Quando nos encontramos num panorama em que a prioridade é a satisfação das necessidades mais básicas dos indivíduos mais desfavorecidos, é imperioso recorrer a actividades económicas que se regulem pela cooperação, igualdade e sustentabilidade.

Muitas dessas actividades instituíram-se actualmente através de variadas formas, como cooperativas, fundações ou associações de intervenção social, como também através de iniciativas mais específicas, como por exemplo, o trabalho voluntário, as redes de troca com recurso a moeda social e as hortas comunitárias. Para além disso, as finanças solidárias, o comércio justo e o consumo responsável são igualmente realidades abrangidas pela vasta conceptualização da economia solidária (Jané, 2010:26).

O facto de propiciar a criação de comunidades mais unidas e uma cidadania mais activa, faz com que os agentes envolvidos em iniciativas de economia solidária manifestem um maior sentimento de pertença à comunidade, ao mesmo tempo que vão gradualmente afirmando a sua identidade social e desenvolvendo novas competências sociais. Por outro lado, a sua riqueza conceptual atinge diversas realidades e inspira inúmeras comunidades na concepção de sistemas alternativos de desenvolvimento, conferindo-lhes ao mesmo tempo uma maior conscientização do valor da justiça e da humanização da sociedade (Laville e Gaiger, 2009:162).

Acima de tudo, a economia solidária poderá ser considerada como um instrumento para que percebamos que é possível estabelecer uma economia alternativa que se assuma como transformadora da sociedade, conjugando entre si os sectores público e privado, e onde prevaleçam os princípios do cooperativismo e da solidariedade.

### **2.2.2 – A Economia Solidária e o seu Contributo para o Desenvolvimento Local**

A economia solidária identifica-se como um factor de grande relevância quando estamos a lidar com questões ligadas ao desenvolvimento local. Se houver recurso a iniciativas de economia solidária, haverá um desenvolvimento local mais sólido, criador de riqueza, no qual a gestão territorial ficará favorecida.

Na sua concepção, a economia solidária é de carácter endógeno, pois congrega todos os agentes que desejam contribuir para o desenvolvimento de um território, no sentido de aproveitar todos os seus recursos intrínsecos e canalizar todas as suas energias para o mesmo objectivo comum. É, sem dúvida, uma das forças do desenvolvimento local, não se podendo ignorar o cunho que a economia solidária deixa na criação de uma identidade local, visto que gera sinergias significativas entre os membros constituintes dessa região.

A um nível local, a economia solidária intervém no que diz respeito ao combate contra a exclusão social, causada pelos mecanismos do mercado que se regulam pelos princípios do capitalismo liberal. As suas práticas solidárias respondem às necessidades criadas por essa exclusão, interpretando a teoria económica sob a perspectiva dos cidadãos e adquirindo uma componente mais social e democrática (Dacheux e Goujon, 2002:183).

Além disso, a economia solidária proporciona a autonomia e a autodeterminação de um lugar, criando espaços públicos locais que propiciem a construção de novos caminhos, ao mesmo tempo que permite uma mudança efectuada a partir de baixo e endogenamente. Para isso, será desejável que se efectue uma democratização da economia local, ao mesmo tempo que se convidam os cidadãos a participar activamente nas actividades políticas e económicas da região, criando deste modo, uma responsabilidade partilhada em todos os agentes de desenvolvimento (Dacheux e Goujon, 2002:185).

Com efeito, a economia solidária é uma economia localizada, onde se valoriza o território e onde se cultivam relações de entreajuda, caracterizadas pelo aproveitamento dos recursos do território e por dar prioridade aos interesses e aspirações das pessoas. Ou seja, esta centra-se nas pessoas e na satisfação das suas necessidades, tal como é o desígnio do desenvolvimento de carácter local.

Outra das características das práticas levadas a cabo pela economia solidária é o incentivo ao exercício da cidadania activa e ao fomento de um espírito de partilha comunitária. Na verdade, as suas iniciativas funcionam como espaços de aprendizagem e enriquecimento pessoal, inculcando valores fundamentais na vida das pessoas e das instituições como a igualdade, a responsabilidade e a solidariedade, e imprimindo um carácter socializador ao cooperativismo através duma ampliação dos vínculos sociais. Assim, poderá efectivar-se mais facilmente a intervenção assídua da população nos processos de decisão de uma comunidade (Jané, 2010:34).

No entanto, é preciso ter em atenção que, o poder de transformação das práticas de autogestão a nível local, depende da sua articulação com o poder do sector público. Aqui está patente um conteúdo político da economia solidária que não deverá ser ignorado quando esta se insere em projectos de foro local, devido à necessidade de legislação das normas redistributivas, contribuindo desta maneira para uma nova noção de interesse público. Se, para além deste facto, houver um incentivo à participação democrática de todos os cidadãos, poderemos experienciar o aparecimento de uma solidariedade democrática dentro de um

território local, considerada como crucial na sua autodeterminação e sustentabilidade (Laville e Gaiger, 2009:166).

Vários autores afirmam que a economia solidária é considerada como uma estratégia de desenvolvimento local, ou seja, um meio para atingir um fim. Podemos verificar este facto devido à própria concepção de desenvolvimento local, que se patenteia por integrar aspectos sociais, culturais e políticos, não se preocupando apenas com o crescimento económico, como também pela adopção de uma perspectiva integrada, que considera a realidade local como um todo, inter-relacionando entre si os diferentes actores e intervenientes nos projectos (Candeias, 2005:61).

Efectivamente, a economia solidária vem conferir ao desenvolvimento de um dado território, um efeito multiplicador, pois não se concentra só no progresso económico dessa região, mas principalmente, conferir-lhe uma dinâmica que mobilize vários agentes e parceiros no sentido de conceder um carácter sustentável a um dado projecto. Isso acontece, por exemplo, através da contribuição de empresas associativas, que aumentam a atractividade dos territórios, valorizando o património e a cultura de um dado local, e realizando actividades em parceria com o auxílio à mobilização de outros actores (Demoustier, 2006:182).

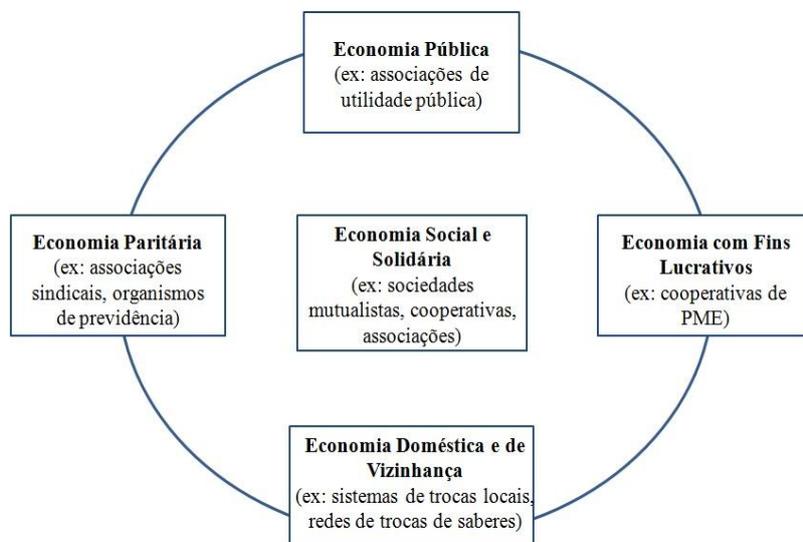
Decorrente desta perspectiva, a estratégia da economia solidária traduz-se por articular diversas formas de desenvolvimento participativo e descentralizado, através de redes ou empreendimentos, nos quais prevalecem relações de confiança entre os seus membros, dando origem a processos locais de *empowerment*, ou de reforço de competências, promovendo uma ampliação do poder da sociedade (Lisboa, 2004:229).

No fundo, assistimos à criação de um desenvolvimento solidário, onde se dá prioridade à inclusão social, à promoção da cidadania e à satisfação das necessidades mais básicas. Este facto é de extrema relevância, especialmente se queremos construir sistemas locais de desenvolvimento alternativo e sustentável, onde o fomento de um sentimento de pertença seja valorizado e onde existam redes sociais de apoio a faixas da população, social e economicamente mais vulneráveis, dando oportunidade a que os elementos dessa população se afirmem como cidadãos activos e sejam reconhecidos como tal.

## 2.3 – Os Sistemas de Trocas Locais

Como já foi referido, a economia solidária reveste-se de inúmeras formas e dinâmicas. Como se pode verificar pelo esquema seguinte, a economia solidária ostenta várias componentes periféricas situadas nas fronteiras da economia social e solidária. Uma delas é a área designada por economia doméstica e de vizinhança.

Figura 1 - A Economia Solidária e as suas Componentes Periféricas



Fonte: Demoustier (2006:94) (adaptado)

Esta é uma área da economia solidária, que visa combater o enfraquecimento dos vínculos sociais de proximidade e a desvalorização dos saberes e conhecimentos. Este tipo de economia valoriza as relações sociais, o auxílio mútuo, a manifestação de uma identidade e de necessidades colectivas, e lembra-nos que cada pessoa tem sempre alguma contribuição a dar aos outros (Demoustier, 2006:95). Esta vertente da economia solidária deu origem à implementação de empreendimentos solidários que adoptaram as trocas locais como meio de coesão social.

Em iniciativas como estas, o facto de haver o recurso a uma moeda social, ou dinheiro comunitário (cf. ponto 2.3.3), diferencia este sistema das trocas directas que se efectuavam desde os primórdios da civilização. Mas qual o propósito da implementação destes sistemas?

O que é que motiva os indivíduos de uma comunidade a levarem a cabo este tipo de iniciativas?

De um modo geral, no sistema económico tradicional impera o paradigma da escassez, onde a distribuição de recursos, ditos escassos, origina uma concentração da riqueza em poucas mãos, assim como uma exclusão da maioria das populações do próprio sistema. Com a introdução de redes de intercâmbio alternativas como as trocas locais, o paradigma da abundância é reclamado pelas comunidades participantes nestas práticas, fazendo com que se efectue uma distribuição mais equitativa da riqueza, como também uma promoção da inclusão social que é feita tanto ao nível da autogestão de recursos de produção, como ao nível do consumo ético e responsável (Primavera, 2007:3).

Este facto chama-nos a atenção para a importância da construção de sistemas auto-sustentáveis não só a nível social, como também económico e humano. Poder partilhar mais equitativamente oportunidades e responsabilidades, é uma mais-valia que se apresenta às populações em geral com a implementação destes sistemas, especialmente se estes tiverem o objectivo de reduzir a pobreza e melhorar a qualidade de vida das gerações vindouras (Stöhr, 2001:7).

Pode dizer-se que a criação de redes de apoio social e económico a nível local é relevante para a sustentabilidade de diversas áreas regionais que diariamente enfrentam desafios, tendo em conta que o desenvolvimento económico sustentável é mais eficaz se este for concebido inicialmente a nível local (Blakely e Leigh, 2009:3). Deste modo, sistemas de apoio como as trocas locais, poderão ser o motor de desenvolvimento local que muitas comunidades precisam para se emancipar e ultrapassar muitos dos seus problemas.

### **2.3.1 – As Trocas Locais: Origens e Definição**

Quando nos anos 80 do século XX, vários movimentos sociais se começaram a dissipar um pouco por todo o mundo, criou-se espaço para o aparecimento de novas redes sociais de intervenção socioeconómica. Estas redes, formadas por pessoas interessadas em implementar uma solução para as vulnerabilidades económicas e sociais das populações, tinham como propósito encontrar alternativas mais justas e solidárias que facilitassem a troca de bens e serviços entre os indivíduos.

Os primeiros registos de iniciativas como estas, ocorreram concretamente em 1982, em Vancouver no Canadá, onde os efeitos da crise económica profunda vivida desde o choque petrolífero de 1973 deixaram marcas profundas. Muitas foram as fábricas que se viram obrigadas a encerrar, muitas pessoas perderam os seus empregos, e uma grave crise social instalou-se em muitos países ocidentais. Deste modo, criou-se um cenário propício para que muitas práticas deste género começassem a espalhar-se rapidamente por países como o Reino Unido, os Estados Unidos ou a Austrália (Filho e Laville, 2004:125).

Foi neste contexto que surgiram as trocas locais. Estas caracterizam-se pela existência de transacções entre vários indivíduos que não recorrem ao uso de dinheiro oficial, utilizando apenas quando necessário uma moeda social (Primavera, 2007:4). As transacções efectuam-se dentro de grupos organizados formal ou informalmente, e são de carácter multilateral, envolvendo bens, serviços, tarefas, saberes e cultura. Tais transacções centram-se a uma escala local e articulam-se em redes, exprimindo assim a sua organização territorial, tendo como objectivo superar problemas como é o caso da exclusão social (Filho e Laville, 2004:124).

Todas as permutas envolvem tudo o que existe na economia formal, porém existe a preocupação em privilegiar os valores humanos e sociais em detrimento da especulação e dos valores materiais. Para Singer (1999, cit por Brusco, 2007:16), uma rede de trocas é uma associação livre de pessoas desempregadas ou em situação desfavorecida, que se encontram com o seu potencial produtivo desaproveitado por não haver procura suficiente, ou não vêm as suas necessidades satisfeitas por haver falta de recursos económicos. No fundo, com a criação destes espaços de intercâmbio, surgem as condições necessárias para o aparecimento de sistemas paralelos à economia tradicional, permitindo o acesso a produtos, bens ou serviços muitas vezes vedados a certos grupos populacionais.

Por outro lado, Mance (2003, cit por Ferrarini, s.a.:3) descreve as redes de trocas locais como “uma união voluntária de cidadãs e cidadãos que estabelecem um intercâmbio económico usando uma moeda local ou social, criada e gerida por eles próprios”. Muitas dessas uniões têm o seu início através de ligações familiares, de vizinhança ou outro vínculo qualquer, até que, com o passar do tempo, acabam por formar grupos maiores e mais sólidos.

Muitos autores defendem que as trocas locais são uma resposta à crise económica e social provocada pela globalização e o neoliberalismo, cujas consequências se traduziram por dar origem a uma sociedade onde predomina a exclusão e o individualismo. Se considerarmos

que a prática de trocas locais envolve a criação de redes sociais num dado território, poderemos afirmar que estes sistemas potenciam a inclusão social, numa lógica de *empowerment* e reforço da autoconfiança. Por conseguinte, muitas comunidades poderão construir no seu interior mecanismos de entreaajuda e redes de relações interpessoais que doutra maneira nunca existiriam.

### **2.3.2 – Redes de Trocas: Modalidades e a sua Presença no Mundo**

As redes de trocas locais encontram-se actualmente disseminadas um pouco por todo o mundo. O seu objectivo de combater os malefícios da globalização e do capitalismo, fez com que diversas comunidades locais adoptassem estes sistemas de permuta, pretendendo que estes pudessem combater a pobreza e o desemprego.

Um dos sítios onde estas práticas se registam em maior número é na América Latina, em particular no Brasil, onde actualmente se realizam inúmeras iniciativas de feiras nas quais se protagonizam estas transacções informais.

Foi precisamente na América Latina, que o termo “trocas solidárias” começou a ser utilizado massivamente. Por um lado, o termo “troca” designava o intercâmbio directo de produtos e serviços e a reciprocidade com que os indivíduos ofereciam algo sem envolver o dinheiro e, por outro lado, o termo “solidárias”, reflectia a influência do movimento da economia solidária, espalhado por muitos países, em especial pelos países latino-americanos (Primavera, 2007:4).

Com a proliferação do fenómeno das trocas locais e solidárias, tornou-se necessário criar grupos mais organizados dentro dos quais se protagonizasse o intercâmbio de bens e serviços. Foi assim que surgiu a modalidade mais dominante na América Latina denominada de clubes de troca. Estes caracterizam-se por ser uma união voluntária de pessoas, onde o interesse de alguém em oferecer se junta ao interesse de alguém em consumir, sem que a presença de dinheiro seja determinante (Primavera, 2002:1).

Geralmente, os clubes de troca são geridos pelos próprios participantes, sendo que a forma mais frequente que estes clubes assumem, é a realização de feiras regulares onde é promovida a economia de cooperação entre todos os participantes. Desta maneira, criam-se sistemas económicos locais complementares à economia tradicional onde se podem trocar

produtos ou serviços, que muitas vezes não se encontram no mercado formal, como por exemplo, fazer compras para outra pessoa ou ajudar a organizar uma festa (Arkel et al, 2002:65).

Estima-se que o primeiro clube de trocas tenha surgido na Argentina em 1995, verificando-se nos dez anos posteriores um crescimento exponencial em toda a América Latina, tendo como propósito potenciar uma distribuição de riqueza e de conhecimento mais equitativa relativamente aos sistemas económicos tradicionais.

Na Europa, a França é o país onde actualmente se regista um maior número de redes de trocas, onde a tradição da economia solidária se encontra fortemente enraizada. Neste país, a modalidade mais conhecida são os sistemas de trocas locais, denominados por SEL (Systèmes d'Échanges Locaux). Este tipo de sistemas teve o seu início em 1994 em Lyon, e depressa se difundiram por toda a França, em especial na segunda metade dos anos 90, representando actualmente cerca de 400 redes (Filho e Laville, 2004:125).

Esta rede de trocas consiste numa associação, por vezes com um largo número de associados, que procedem às trocas de bens, serviços ou conhecimentos através de uma moeda local. Cada permuta efectuada é contabilizada no Banco do SEL, através de uma moeda fictícia e onde cada associado tem uma conta. Neste banco, todas as dívidas são controladas através de um sistema de compensações multilaterais e não instantâneas. Este modelo de compensações pressupõe que as dívidas e créditos deverão perdurar no tempo, a fim de perpetuar os laços sociais de todos os associados dos SEL, incentivando o espírito de igualdade e reciprocidade (Filho e Laville, 2004:125).

Ainda em França, verificou-se o nascimento de um outro tipo de redes, sendo que estas não requerem a utilização de uma moeda local para efectuar as transacções. São as chamadas redes de trocas recíprocas de saberes designadas por RERS (Réseaux d'Échanges Réciproques de Savoirs) que se caracterizam por trocas directas de saberes e conhecimentos. Estas redes surgiram em meados dos anos 70 do século XX e contam actualmente com mais de 40.000 adeptos espalhados por toda a Europa (Filho e Laville, 2004:125).

No que diz respeito aos países anglo-saxónicos, foram criadas redes de trocas locais designadas por LETS (Local Exchange Trading Systems). O seu funcionamento é em tudo idêntico ao dos SEL, particularmente no que se refere ao seu modelo de compensações.

De certo modo, os LETS são considerados os pioneiros das redes de trocas. Foram estes os sistemas referidos no ponto anterior, os quais, após o seu aparecimento em inícios dos anos 80, inspiraram inúmeros seguidores por todo o mundo.

Estes tiveram como seu fundador, Michael Linton, um especialista em desenvolvimento comunitário, que concebeu a estrutura destas redes, como resposta à recessão e ao desemprego, sugerindo a criação de uma moeda comunitária. Com o seu surgimento, muitos indivíduos que se encontravam desempregados, passaram a sentir-se mais valorizados pelos seus recursos e pelos seus conhecimentos, revitalizando o seu espírito de cidadania e igualdade e impondo uma identidade muito própria em cada comunidade (Seyfang, 2002).

Outros países que seguiram estas iniciativas foram, por exemplo, a Alemanha com os Tauschring (círculo de trocas), a Holanda com os Noppes (que significa “nada”, numa referência à ausência de despesa numa permuta), a Itália com as redes REL (Rete di Economia Locale) ou a África do Sul com os sistemas CES (Community Exchange Systems).

Existe ainda outro tipo de sistemas de trocas. É o chamado banco de tempo. Esta prática, à semelhança das redes de trocas de saberes, não envolve o uso de moeda social, apenas utilizando o tempo como moeda de troca. Funcionam como qualquer outro banco, tendo também agências, horários, depósitos e cheques, caracterizando-se por angariar voluntários, considerados investidores, os quais se disponibilizam para abdicar uma hora do seu tempo na prestação de um conjunto de serviços, recebendo como gratificação uma hora para uso próprio, providenciada por outro voluntário.

Este tipo de sistema tem o objectivo de construir laços sociais dentro de uma comunidade, incentivando a constituição de redes sociais cada vez mais fortalecidas. As primeiras iniciativas de que há registo realizaram-se nos Estados Unidos no início dos anos 80, resultantes da idealização de Edgar Cahn, um activista de direitos civis, que advogava o crescimento do capital social dentro das comunidades mais empobrecidas.

A repercussão a nível mundial foi enorme, destacando-se alguns países como a Itália, onde no início dos anos 90, um grupo de pessoas da região de Bolonha tomou a iniciativa de instituir o primeiro banco de tempo italiano, como resposta à persistente reivindicação de melhores direitos sociais que se constatou durante os anos 80. Estes diferenciam-se dos demais por apresentarem um forte vínculo com as administrações locais, visto serem elas as

responsáveis pela sua criação e por provisionar alguns recursos necessários ao bom funcionamento dos bancos (Drevon, 2005).

Outro país que se demarcou nas experiências de bancos de tempo foi o Japão. Este país marcado por uma sociedade tradicional onde reinavam sistemas como o *yui* (rede de ajuda mútua direccionada para o trabalho rural) e o *ko* (sistema de financiamento mútuo baseado em depósitos de dinheiro e bens), depressa adoptou os bancos de tempo, com especial preocupação na prestação de serviços aos mais idosos, sendo mesmo incentivados por organismos públicos, servindo de complemento aos serviços prestados pelo Estado (Colin, 2005).

Desta maneira, podemos comprovar que as redes de trocas locais estão presentes em todos os continentes, nas mais variadas formas. A preocupação em construir comunidades assentes nos princípios da economia solidária é cada vez mais uma realidade em muitos países, dado que a promoção de sistemas autogestionários fomenta a construção de redes locais com capacidade de superar as adversidades da sociedade actual.

### **2.3.3 – A Moeda Social**

O facto das redes de troca rejeitarem o uso de dinheiro, obrigou os seus participantes a adoptarem um novo instrumento de transacção que se adequasse às permutas realizadas dentro desses sistemas. Assim, tomou-se a iniciativa de cada sistema de troca local criar a sua própria moeda, por oposição à moeda oficial que circula no sistema comercial convencional, que permitisse a implementação de um circuito fechado onde todos os seus elementos partilhassem o mesmo espírito de cooperação.

Muitos dos participantes em circuitos de troca local vivem em situações de pobreza, não tendo acesso à moeda oficial, sendo imperioso criar uma moeda que se baseie nas capacidades locais, relacionada com a lógica produtiva e não com a especulativa (Ferrarini, s.a.:3).

Para Laville (2009b:34), uma moeda local é uma unidade de cálculo existente entre os membros de uma associação, os quais lhe atribuem um nome específico, destacando-se desta maneira dos monopólios estatais. Esta tem o propósito de instaurar espaços de confiança onde se cultivem as relações interpessoais, realçando o valor das capacidades intrínsecas de uma

região, criando assim possibilidades para as comunidades se auto-organizarem e se gerirem a si próprias, a partir das suas capacidades locais.

As vantagens de efectuar uma transacção recorrendo a uma moeda local assentam na perpetuação dos laços sociais entre os participantes das trocas locais, mesmo após a realização das permutas, para além de combater a competitividade e a concentração de riqueza. É incentivado o cultivo de um espírito mais participativo dentro da associação através da atribuição à moeda local de nomes evocativos da solidariedade ou das características específicas da região onde se encontram, potenciando a continuidade dos eventos das trocas (Laville, 2009b:35).

Historicamente, os primeiros indícios de uma moeda local registaram-se na Áustria nos anos 30 do século XX, com o objectivo de combater os efeitos da depressão económica, mas depressa seria proibida pelo banco central<sup>4</sup>. Outros países que se seguiram foram a França e o Brasil nos anos 50, mas a sua difusão mais expressiva aconteceu após o aparecimento do primeiro LETS em 1982 (Laville, 2009b:34).

As razões do seu aparecimento ligado aos sistemas de trocas locais deveram-se a uma constante crítica ao sistema capitalista vigente na sociedade, o qual acarretava cada vez mais ondas de desemprego e de recessão económica, e no qual os circuitos financeiros a uma escala global agravavam os cenários de especulação e de incerteza (Búrigo, 2001: 15). Por outro lado, o facto do sistema bancário manter um controlo apertado do mecanismo de empréstimos, faz com que o consumo e a produção se retraiam, ao passo que, com a introdução de uma moeda alternativa, a procura efectiva dentro de uma economia torna-se muito mais dinâmica (Singer, 1999, cit por Búrigo, 2001: 15).

A moeda local é também designada por moeda social, uma vez que promove as trocas entre os membros da comunidade envolvida, bem como os seus pagamentos, sem que a esta esteja associada uma reserva de valor ou juros, uma vez que esta não pode ser depositada nos bancos nem acumular mais dinheiro, ou seja, a moeda social será sempre um meio e nunca um fim, favorecendo a produção e não a especulação (Redlases, 2005:1).

---

<sup>4</sup> Estes primeiros exemplos de moedas sociais foram inspirados pelo economista alemão Silvio Gesell, que defendia a tese da irracionalidade do sistema económico, promovendo a acumulação de capital, em vez de estimular a circulação de dinheiro. Daí, Gesell criou o conceito de dinheiro "oxidável", que perde o seu valor, quanto mais tempo passar desde a sua emissão, obrigando assim, a que toda a gente ponha o seu dinheiro em circulação (Sanchez-Costa, 2002:19).

De um modo geral, a aplicação da moeda social nas transacções de uma rede de trocas, é feita tendo em conta a não acumulação de valor, visto que a sua emissão e utilização é restringida a um determinado espaço (normalmente dentro de uma rede de trocas) e a um determinado período de tempo, uma vez que no final de um dado evento, a moeda tem de voltar ao ponto de origem, obrigando a que, todos aqueles que venderam determinado produto ou serviço, comprem algo de semelhante valor (Redlases, 2005:1). Desta maneira, a reserva de moeda social é desencorajada, de modo a que não haja nenhum obstáculo que impeça outros participantes de a usar, assegurando a circulação da moeda dentro do circuito das trocas, o qual poderá expandir-se gradualmente (Montez, 2010:118).

Em alguns casos, a moeda social é fornecida através de um banco comunitário, sendo este um serviço financeiro dedicado ao apoio e desenvolvimento de pequenos sistemas económicos inseridos em comunidades locais de baixo rendimento. A moeda social provida por este banco incentiva o consumo local, promovendo o desenvolvimento das regiões, visto que a riqueza gerada circula sempre dentro da própria comunidade. No entanto, estas iniciativas saem um pouco fora dos sistemas de trocas locais, pois a moeda social emitida pode ser utilizada em compras no comércio local, enquanto que, com a moeda social tradicional isso já não é possível (Banco Palmas, 2007).

Podemos acrescentar que uma das mais-valias da existência da moeda social dentro de um circuito de trocas, é a capacidade de ultrapassar as limitações de uma troca directa tradicional, como é o caso da diferença de interesses entre quem produz e quem consome, especialmente se nos estamos a referir a um grupo considerável de pessoas, como também é o caso da desigualdade de valor entre os produtos trocados (Soares, 2008:1). Para além disso, o paradigma da escassez referido anteriormente é progressivamente substituído pelo paradigma da abundância, favorecendo o processo de emancipação da comunidade participante e a construção da sua cidadania (Redlases, 2005:2).

Para além disso, a adopção de uma moeda social poderá funcionar como um instrumento educativo no domínio das interacções sociais e das transacções entre pessoas, com particular destaque para o fomento da convivência dentro de determinados grupos sociais. Deste modo, poderá criar-se o cenário ideal para que as comunidades se fortaleçam, estimulando-se o desenvolvimento de laços não só a nível económico, como também social e cultural, permitindo um favorecimento do sentimento de pertença, ao mesmo tempo que se

incentiva uma reflexão acerca do significado subjectivo do dinheiro e das suas implicações socioculturais nas sociedades actuais (Búrigo, 2001: 22).

A moeda social serve então para demonstrar que a promoção de sistemas financeiros alternativos, compensa a escassez do dinheiro oficial, a qual se encontra presente em inúmeros contextos. As camadas sociais mais desfavorecidas, normalmente estão inseridas em sistemas onde não existe liquidez monetária, ao passo que na presença de redes alternativas onde a moeda social é uma realidade, a distribuição de riqueza é feita de uma maneira mais justa, propiciando a construção de novos conceitos de reciprocidade e responsabilidade social entre os seus elementos.

### **2.3.4 – Os Mercados Solidários**

Um dos formatos mais usuais da execução de eventos ou feiras de trocas locais, é a realização de mercados solidários. Estes têm vindo a realizar-se desde os anos 80, altura em que as redes de trocas locais começaram a surgir.

Normalmente, nos mercados convencionais, o acto de consumir caracteriza-se apenas pela aquisição de produtos e serviços por parte dos consumidores, não havendo qualquer relação entre eles. No entanto, nos mercados solidários essas relações já existem, dado que todos são produtores e consumidores, dando azo a partilhas de experiências entre todos.

Podemos definir um mercado solidário como um instrumento de intervenção socioeconómica, caracterizando-se por ser um evento conduzido por um grupo de indivíduos que aceita trocar produtos e serviços entre si, utilizando para isso, uma moeda social expressamente criada para esse efeito, sempre numa lógica regional (Soares, 2011:143). Essa rede pode ser complementada por outras formas de organização, como por exemplo, cooperativas locais, bancos do tempo, mercearias sociais e até sistemas de educação informais.

Por outro lado, Montez (2010: 118) refere que os mercados solidários são considerados espaços e momentos de troca de produtos e serviços, recorrendo a uma moeda alternativa criada pela comunidade participante, sendo que, é a própria comunidade que define qual o valor de referência dessa moeda. Assim, os participantes podem aceder facilmente a produtos e serviços, aos quais não teriam acesso nos mercados convencionais.

Na prática, num circuito como este o produtor contribui sempre com o seu produto ou serviço, sendo-lhe atribuído o equivalente em moeda social, transformando-se assim num consumidor de produtos ou serviços existentes no mercado. Daí, o aparecimento do conceito de prosumidores, ou seja, só consome quem produz, sendo que este é um dos requisitos principais para a participação activa num mercado solidário. Com a instituição deste conceito, cada participante interioriza um princípio fundamental, ou seja, o direito de cada participante aceder ao consumo no mercado, fica estreitamente associado à obrigação de produzir. O participante só terá acesso à moeda social se contribuir para a riqueza que o mercado traz para a comunidade (Soares, 2007:144).

No fundo, este princípio vem contrariar a realidade económica tradicional, realidade essa, focada essencialmente no consumo, gerando inúmeros desequilíbrios a nível social. Assim, este novo conceito acaba por proporcionar aos participantes, novas experiências pedagógicas e de desenvolvimento pessoal, ao mesmo tempo que promove o convívio comunitário (Montez, 2010:119). Por outro lado, esta questão confronta-nos com um novo conceito de riqueza, que num mercado solidário corresponde às capacidades, talentos e recursos que cada prosumidor possui.

Desta maneira, se o número de prosumidores for composto por diversos estratos sociais, faixas etárias e proveniências, isso poderá dar azo a experiências mais ricas e enaltecidas, onde se poderão trocar saberes e conhecimentos, bem como fortalecer as relações interpessoais, do ponto de vista social, cultural ou espiritual. Para facilitar esse fortalecimento, é frequente recorrer a um conjunto de práticas, como danças, dramatizações ou pequenos espectáculos musicais, que propiciam uma maior aproximação e convergência social dos participantes (Soares, 2007:145).

Nos mercados solidários, todos os participantes estão equiparados, sejam eles ricos ou pobres, conferindo uma dimensão horizontal nas relações entre todos. Este facto é inovador no sentido em que a sociedade, em todas as suas dimensões, se rege normalmente por relações hierárquicas. Esta situação faz com que todos fiquem a ganhar, contrariamente ao sistema económico convencional, no qual, quando alguém ganha, o outro tem de perder. Num sistema de trocas como os mercados solidários, quando uma pessoa satisfaz as suas necessidades, há sempre alguém que beneficia. E a não escassez de moeda faz com que todos sejam retribuídos pela sua prestação, fazendo com que ninguém perca (Sanchez-Costa, 2002:14).

Cada rede de trocas específica tem o seu próprio mecanismo de funcionamento, porém, e em termos gerais, o valor de uma moeda social é fixado pela própria comunidade que a utiliza, ao contrário da moeda oficial que oscila consoante o valor da inflação. Para fixar esse valor, os participantes atribuem um valor de referência a um bem, que normalmente é um bem de primeira necessidade, como um quilo de farinha ou um litro de leite (Sanchez-Costa, 2002:82). Será esse valor de referência que determinará os preços inerentes a cada produto ou serviço a ser trocado. Para isso, é elaborada uma listagem de preços, assim que se identificam os produtos ou serviços disponíveis para troca, procedendo-se à posterior distribuição de moeda social pelos participantes no evento (Montez, 2010:118).

Esta listagem, por vezes rege-se por uma tabela baseada no mercado convencional. Contudo, o que sucede na maioria das vezes, é a atribuição a um produto ou serviço, de um valor social consideravelmente mais baixo, relativamente ao preço praticado no mercado convencional. Esta atribuição depende das necessidades manifestadas por cada participante no mercado solidário e das possibilidades que cada um tem em contribuir com os seus bens ou serviços. Deste modo, dá-se espaço à formulação de preços mais justos que deriva de uma nova visão de valor: o valor social do trabalho (Soares, 2008:4).

Relativamente à distribuição da moeda social pelos participantes, esta é efectuada no início do mercado, e sempre no mesmo montante para todas as pessoas. Esta circunstância poderá influenciar o estabelecimento de uma gama de preços mais reduzida, visto que, desta maneira, as pessoas tendem a atribuir um valor mais alto àqueles bens mais baratos e a tornar mais acessíveis os bens que são por norma mais caros (Soares, 2007:146).

Tal como foi referido no ponto anterior, o excedente de moeda que restar no final do evento, nunca é trocado por moeda oficial, mas sim por produtos existentes no final do mercado. Deste modo, contraria-se a lógica dos mercados convencionais regidos pelos princípios do capitalismo, como é o caso da acumulação de valor.

Estes sistemas acabam por ser uma ferramenta de literacia económica, através da qual as pessoas poderão interiorizar assuntos que vão desde o funcionamento da moeda enquanto facilitadora de trocas, até à formação de preços, passando pela lei da oferta e da procura. Além disso, são também um instrumento que cria novas possibilidades no que se refere às capacidades do ser humano, uma vez que, nestes espaços as pessoas acabam por descobrir habilidades que eram ignoradas e julgavam estar adormecidas, originando uma maior capacidade e engenho, permitindo que saiam de situações economicamente menos favoráveis

(Soares, 2007:151-152). No fundo, o que os mercados solidários possibilitam é uma democratização da economia e da sociedade, em que aqueles que sempre foram excluídos, são valorizados numa lógica de *empowerment*, revertendo o ciclo vicioso da pobreza (Lisboa, 2004:248).

O que convém aqui sublinhar é que o carácter informal destes sistemas permite construir espaços de encontro, comunicação e partilha que, para além dos ganhos económicos, proporcionam a satisfação de necessidades locais, através do fortalecimento das relações de vizinhança, bem como a humanização progressiva das comunidades, tendo como pilares, a solidariedade, a confiança, a auto-estima e o empreendedorismo.

### **2.3.5 – Fraquezas, Limitações e Constrangimentos**

Apesar das inúmeras e evidentes vantagens da implementação de um sistema de trocas locais, o seu crescimento exponencial a que assistimos nos últimos anos, levou-nos a constatar que nem sempre a sua actividade gera benefícios e proveitos.

Desde logo, a impossibilidade de trocar a moeda social pela moeda oficial, leva a que o prosumidor seja obrigado a possuir uma actividade extra ou a usufruir de um rendimento externo às redes de troca, para que assim possa adquirir a moeda social (Mance, 2002:121). Esta é uma restrição normalmente relacionada com o intercâmbio de bens agrícolas ou de outros produtos resultantes da actividade do prosumidor.

Por outro lado, esta regra de impossibilidade de troca, muitas vezes é quebrada, originando comportamentos inadequados, na medida em que, câmbios entre moedas sociais e oficiais são uma realidade dentro de alguns clubes de troca (Mance, 2002:122). Este facto, verifica-se muitas vezes devido à dificuldade em escoar os excedentes de produtos no final de um mercado ou feira, bem como em fazer face a uma procura excessiva em relação à oferta existente nesse mercado.

Outra limitação advém do facto de que, sistemas de trocas como estes, por si só, não poderão fazer face a problemas de exclusão social, nem a situações de injustiça nas relações de produção, havendo a necessidade de adaptar o actual sistema económico aos parâmetros da economia solidária (Mance, 2002:122).

Se olharmos para as várias etapas da cadeia produtiva, percebemos que a maior parte é excluída do circuito de trocas solidárias, pois muitas redes de troca não têm influência sobre essa cadeia. Ao passo que dentro do circuito de trocas a moeda utilizada para permuta é a social, fora dele, no que diz respeito à aquisição de produtos para posterior intercâmbio, recorre-se à moeda tradicional. Deste modo, constata-se que um sistema de trocas locais, por si só, não tem poder suficiente para fazer face à lógica do sistema económico oficial que, tradicionalmente não incorpora os valores de solidariedade e justiça social em que se baseiam as redes de trocas locais. A única via que se poderia seguir para fazer face a este problema, seria optar por uma rede de fornecedores que já tivesse integrado na sua actividade, os princípios de responsabilidade social e de cooperação económica (Mance, 2002:122).

Para além desta circunstância, podemos constatar que empreendimentos de economia solidária como as trocas locais, são encarados muitas vezes como sendo apenas direccionados para o entretenimento e o lazer. Este facto é visível em muitas comunidades, uma vez que estas constroem uma representação folclórica dos mercados solidários (Montez, 2010:125). Esta situação ocorre com muita frequência quando empreendimentos de economia solidária se encontram inseridos em sociedades que vivem pautadas pelas regras do capitalismo. Por norma, as pessoas que sempre viveram segundo as regras do individualismo e da competição, têm alguma dificuldade em compreender princípios como a solidariedade e cooperação. Seria necessário haver uma mudança de mentalidade, o que por si só, é um processo bastante complexo e moroso (Leão e Carvalho, 2008:35).

Um exemplo disso, é a tendência que muitas pessoas demonstram nos mercados solidários, em transformá-los em actos rentáveis, como é o caso da tentativa de acumulação de moeda social, bem como de subida de valor daqueles produtos que são mais escassos (Montez, 2010:126).

Em parte, esta situação fica a dever-se a um certo fascínio que muitas sociedades contemporâneas manifestam relativamente ao consumo de produtos, os quais são transformados em fetiche por parte dos consumidores (Baudrillard, 1995, cit por Lisboa, 2004: 247). Muitas pessoas acabam por adoptar esse fetichismo como uma forma de obter um certo poder no espaço do mercado, acabando por impedir a reciprocidade plena nas trocas que se efectuam (Lisboa, 2004:247).

Impõe-se assim, um novo estado de espírito que só será possível por intermédio de uma reeducação das pessoas que foram formadas no capitalismo. Esse processo terá de ser

colectivo, ou seja, direccionado para o conjunto de todas as pessoas que fazem a transição do estado competitivo para o cooperativo. Para além disso, essa aprendizagem terá de ser feita através de um conjunto de práticas de ajuda mútua e de processos de tomada de decisão colectiva, visto que os comportamentos que se baseiam na economia solidária, só existem quando são recíprocos. Só desta maneira, prevalecerá o espírito da economia solidária sobre as sociedades regidas pela competição (Singer, 2005:15).

Quando estes princípios são valorizados, as redes de economia solidária vão substituindo progressivamente a produção e consumo de tipo capitalista, ao mesmo tempo que apuram a sensibilidade do ser humano e propiciam um maior bem-estar social. Tendo em vista esse objectivo, há que combater o consumo compulsório e alienante que actualmente rege as sociedades, fomentando um consumo mais solidário, sendo que esta é uma condição fundamental para o sucesso da economia solidária (Mance, 2000:28).

Muitos são os constrangimentos com que se depara uma rede de trocas locais quando inicia a sua actividade. No entanto, se esta der prioridade à educação para a solidariedade e se esta procurar estar aberta a novas ideias e conhecimentos, especialmente se estes vierem de outras redes igualmente solidárias, esta irá transformar-se através dum processo de aprendizagem contínua fazendo com que este supere muitos dos seus obstáculos.

## **CAPÍTULO 3 – ESTUDO EMPÍRICO: O EXEMPLO DA GRANJA DO ULMEIRO**

### **3.1– Contextualização**

O propósito da contextualização que se segue, consiste em apresentar uma breve caracterização da região da Granja do Ulmeiro, dando destaque a aspectos de natureza histórica, demográfica, económica e sociocultural. Para além disso, a associação AJP (Acção para a Justiça e Paz) também será contemplada neste capítulo, havendo o cuidado de evidenciar as suas origens e objectivos, bem como descrever o funcionamento dos mercados solidários aí realizados.

#### **3.1.1– Caracterização da Região da Granja do Ulmeiro**

##### *3.1.2.1– Geografia e Perspectiva Histórica*

A Granja do Ulmeiro é uma freguesia situada no extremo Norte do concelho de Soure, distrito de Coimbra, a 14 quilómetros da sede de concelho (cf. anexo B). Esta ocupa uma área de 6,68 quilómetros quadrados, estendendo-se pelas povoações de Painça de Cima, Casal dos Galegos, Gabrielos, Outeiro de Gabrielos, Granja do Ulmeiro e Alagoas. Localizada na margem esquerda do rio Mondego, é limitada a nascente pela freguesia de Figueiró do Campo e a poente pela de Alfarelos. De referir, que a freguesia situa-se estrategicamente no entroncamento ferroviário de Alfarelos, onde a linha do Norte se cruza com a linha do Oeste.

Segundo António dos Santos Rocha, um dos pioneiros na investigação arqueológica em Portugal, no período romano já existiria naquele lugar um aglomerado populacional, uma vez que foram encontradas sepulturas e peças de cerâmica que remontam a esse período. Para além disso, foram verificados indícios de que por ali passava uma importante via romana, que hoje em dia é uma das estradas mais utilizadas por quem passa pela povoação da Granja do

Ulmeiro, passando em frente ao cemitério, escola primária e igreja matriz, designada toponimicamente por Estrada Larga.

No campo administrativo, obteve privilégios com o foral concedido a Montemor-o-Velho, pelo rei D. Manuel em 1516 e, ao longo do tempo, pertenceu a vários concelhos, como Santo Varão e Montemor-o-Velho, tendo passado definitivamente para o concelho de Soure em 1880 (Ferreira, 1963:6).

Relativamente à raiz do topónimo, Granja deriva do plural do baixo-latim *granium* que significa "terreno onde se cultivam cereais", sendo também sinónimo de quinta ou propriedade rústica. Tudo indica que naquele local existia uma grande herdade pertencente à Ordem de Cristo, com uma extensa área de terras, denominada por Granja, na qual a árvore mais abundante era o ulmeiro, árvore de grande porte, atingindo por vezes 30 metros de altura, também conhecida por olmeiro ou ulmo. Desta forma, aquele local ficou até hoje conhecido como Granja do Ulmeiro (Rancho Folclórico Flores da Granja do Ulmeiro, 2006:3).

### 3.1.2.2– O Contexto Demográfico e Sociocultural

Tendo por base os resultados provisórios obtidos com o recenseamento geral da população em 2011, a Granja do Ulmeiro é uma freguesia que actualmente conta com 1.866 habitantes, sendo a segunda freguesia mais povoada do concelho, logo a seguir à freguesia de Soure. As mulheres estão em relativa maioria em relação aos homens, correspondendo a 54% da população da freguesia com um total de 1.000 habitantes, e os homens a 46% com um total de 866 habitantes.

Quadro 1 - Caracterização Populacional da Granja do Ulmeiro

| População Residente |        |          | Famílias Residentes | Alojamentos Familiares | Edifícios |
|---------------------|--------|----------|---------------------|------------------------|-----------|
| Total               | Homens | Mulheres |                     |                        |           |
| 1.866               | 866    | 1.000    | 736                 | 1.055                  | 717       |

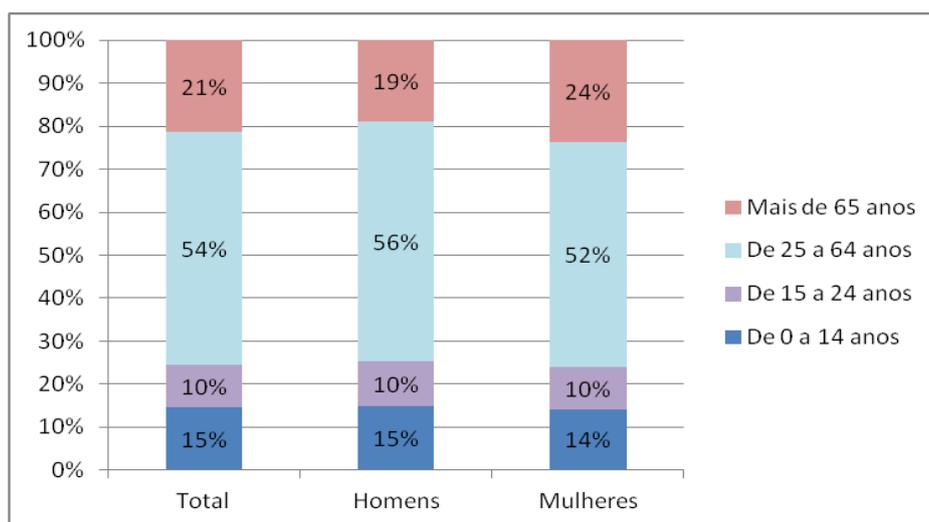
Fonte: INE (2011)

No que diz respeito ao nº de edifícios e de alojamentos, os edifícios registam o valor de 717 e os alojamentos familiares totalizam um valor de 1.055, em que 23% desses alojamentos se encontram vagos.

Em termos da divisão etária da população, e analisando a sua composição em dados percentuais através do gráfico seguinte, podemos verificar que o maior grupo populacional situa-se na faixa etária entre os 25 e os 64 anos com 54% da população, e o segundo maior grupo populacional corresponde às pessoas com mais de 65 anos com uma percentagem de 21%.

De destacar que as mulheres representam uma maior percentagem nesta última faixa etária (24%), denotando um maior envelhecimento das mulheres relativamente à população geral.

Figura 2 - Divisão Etária da População da Granja do Ulmeiro (%)



Fonte: INE (2011)

Analisando a composição da população segundo o seu nível de escolaridade, verificamos que a grande maioria tem o Ensino Básico completo, especialmente o 1º Ciclo (429 pessoas), sendo que, apenas uma minoria completou o Ensino Secundário (325 pessoas) e o Ensino Superior (233 pessoas). É de salientar que existe uma faixa considerável da população (336 pessoas) sem nenhum nível de instrução, reflectindo, desta maneira, alguma vulnerabilidade no contexto social onde a população se insere.

Quadro 2 - População Residente Segundo o Nível de Escolaridade e Sexo

| Nível de escolaridade |          | Total        | Mulheres     | Homens     |
|-----------------------|----------|--------------|--------------|------------|
| Nenhum                |          | 336          | 207          | 129        |
| Básico                | 1ª Ciclo | 429          | 246          | 183        |
|                       | 2º Ciclo | 190          | 74           | 116        |
|                       | 3º Ciclo | 326          | 149          | 177        |
| Secundário            |          | 325          | 168          | 157        |
| Pós-secundário        |          | 27           | 13           | 14         |
| Superior              |          | 233          | 143          | 90         |
| <b>Total</b>          |          | <b>1.866</b> | <b>1.000</b> | <b>866</b> |

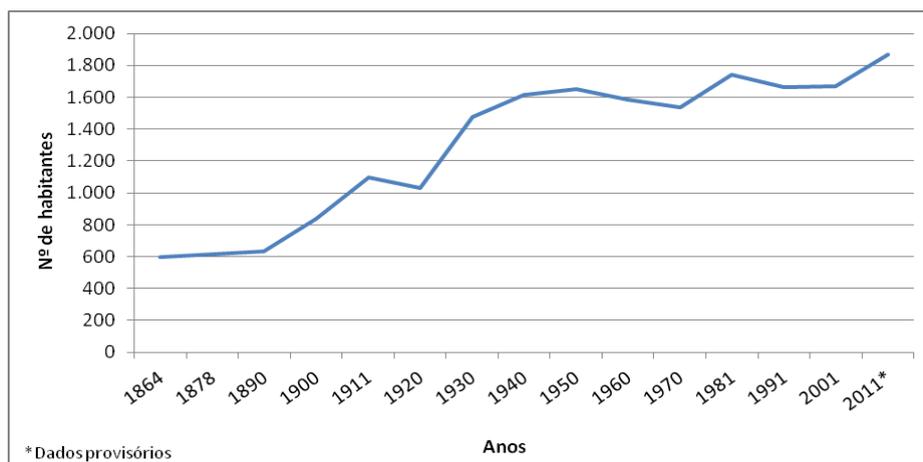
Fonte: INE (2011)

Por outro lado, se compararmos o nível de escolaridade dos homens com o das mulheres, podemos verificar que as mulheres têm uma ligeira vantagem, com destaque para aquelas que completaram o 1º Ciclo do Ensino Básico (246 mulheres para 183 homens) e o Ensino Superior (143 mulheres para 90 homens).

Se considerarmos dados mais antigos, vemos que o censo demográfico mais antigo de que há registo remonta ao ano de 1527, com 19 fogos para 57 habitantes.

Tendo em conta o gráfico seguinte, podemos observar que a população da freguesia da Granja do Ulmeiro experienciou uma grande expansão populacional na primeira metade do século XX, em grande parte devido ao aparecimento na povoação do importante nó ferroviário de Alfarelos, que acabou por retirar à agricultura muitos dos seus habitantes. No entanto, veio contribuir para a fixação de populações vindas de outros pontos do país.

Figura 3 - Evolução do N° de Habitantes na Freguesia da Granja do Ulmeiro



Fonte: INE (1964 a 2011)

Desta forma, este grande crescimento populacional, fez com que surgissem diversas associações na freguesia com o intuito de promover a integração sociocultural dessas populações. Desde sempre, os habitantes desta freguesia demonstraram um forte espírito associativo nas mais variadas áreas, como a cultura ou o desporto.

Como principal associação, existe hoje em dia a Associação da Granja do Ulmeiro - Cultura, Desporto e Recreio, que engloba, entre outras instituições, o Grupo Folclórico e Etnográfico da Granja do Ulmeiro, a Escola de Música, e a Secção de Futebol de Salão com diversas equipas. Outros exemplos de associações são o Grupo Desportivo e Columbófilo, o Clube de Caça e Pesca e o Centro Cultural, Recreativo e Desportivo de Painça.

De referir que a freguesia tem um grande potencial turístico, nomeadamente no que diz respeito ao seu património, como é o exemplo da Igreja Matriz de São Gabriel, a Capela de Nossa Senhora da Boa Vida e diversos fontanários que, outrora, foram considerados verdadeiros símbolos da economia rural da região (Rancho Folclórico Flores da Granja do Ulmeiro, 2006:4).

A grande expressividade religiosa do povo da Granja do Ulmeiro, também se manifesta em várias festas e romarias que se realizam regularmente, sendo a festa em honra da Nossa Senhora da Vida, aquela que assume maior relevância e envolve maiores festejos, com procissões, filarmónicas, bailes nocturnos, feiras e fogo de artifício (Rancho Folclórico Flores da Granja do Ulmeiro, 2006:5).

Ainda neste campo, a personalidade que mais se destaca no desenvolvimento da freguesia, é o Reverendo Euclides de Moraes, que em 1959 incitou a construção de um centro paroquial, o qual hoje em dia, é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), designada por Centro de Assistência Paroquial da Granja do Ulmeiro. Este centro engloba actualmente as valências de Creche, Jardim de Infância, centro de ATL (Actividades de Tempos Livres) e Apoio Domiciliário.

Para além desta instituição, existem outras infraestruturas que sustentam o crescimento da freguesia, como é o caso do Jardim de Infância, a Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, o Instituto Pedro Hispano, que assegura o 2º e 3º Ciclos e o Ensino Secundário, uma secção dos Bombeiros Voluntários de Soure e um Posto Médico com atendimento diário.

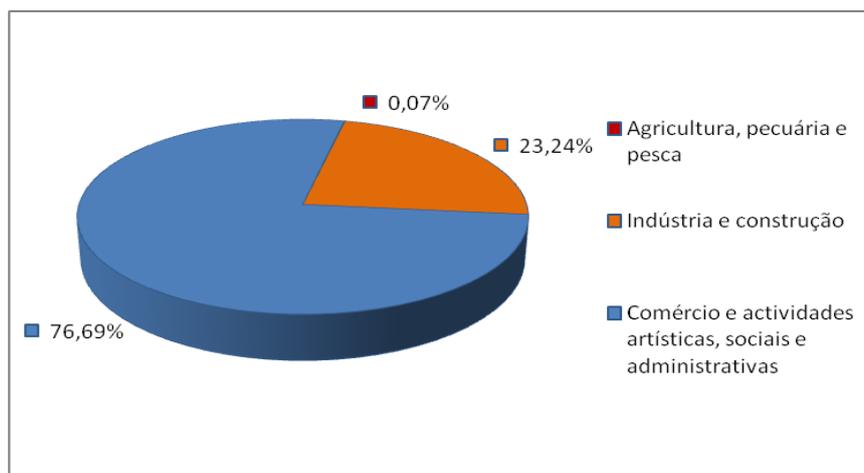
### *3.1.2.3– Caracterização Socioeconómica*

Desde sempre, a freguesia da Granja do Ulmeiro foi dominada pela agricultura tradicional da qual, ainda hoje existem vestígios. Quem cultivava a terra recorria ao trabalho manual e aos animais para fomentar a sua produção. Essencialmente, a subsistência desta localidade traduzia-se principalmente pelas culturas do milho, do arroz e da criação de gado.

No início do século XX, aquando da construção da linha férrea, o desenvolvimento da freguesia sentiu um grande impulso, pois foi nesta altura que surgiram diversas profissões tradicionais, quer ligadas ao caminho-de-ferro, quer ligadas ao funcionamento da estação. Esta situação fez com que várias centenas de famílias se fixassem na povoação, registando-se a partir desta altura, uma expansão do complexo habitacional e um forte crescimento económico (Ferreira, 1963:9).

Ao longo do tempo, actividades ligadas ao comércio e serviços foram surgindo, não só na freguesia da Granja do Ulmeiro, como também por todo o concelho de Soure, atraindo um número considerável de pessoas para actividades relacionadas com o comércio e serviços. Assim, tendo por base dados referentes ao concelho de Soure para o ano de 2010, podemos verificar que a maioria da população acabou por se fixar no sector terciário, com 76,69% da população activa, enquanto que o sector secundário regista apenas 23,24%. O sector primário tem uma expressão muito reduzida, contando apenas com 0,07% da população activa.

Figura 4 - Distribuição da População Activa por Sectores de Actividade no concelho de Soure



Fonte: INE (2011)

Outro facto importante, decorrente da localização da povoação no entroncamento ferroviário de Alfarelos, é a circunstância de que, a maior parte da população activa se desloca diariamente a outras cidades, como Pombal, Figueira da Foz ou Coimbra, para exercer a sua actividade profissional, regressando apenas à noite às suas habitações, dando origem à denominação de "dormitório" à localidade, por parte da população.

Hoje em dia, o panorama socioeconómico da Granja do Ulmeiro está condicionado à crise económica que atravessa o país. De facto, o desemprego apresenta números galopantes, causando inúmeros desequilíbrios sociais. Segundo o Instituto de Segurança Social (ISS) do distrito de Coimbra, a freguesia sente a progressão preocupante deste flagelo social, a qual se demonstra no quadro seguinte.

Quadro 3 - Dados Socioeconómicos referentes à Freguesia da Granja do Ulmeiro

| Prestações Sociais                                    | 2010     |        |       | 2011     |        |       |
|---|----------|--------|-------|----------|--------|-------|
|   | Mulheres | Homens | Total | Mulheres | Homens | Total |
| <b>Beneficiários de Subsídio de Desemprego</b>        | 15       | 20     | 35    | 14       | 24     | 38    |
| <b>Beneficiários do Rendimento Social de Inserção</b> | 12       | 4      | 16    | 20       | 11     | 31    |

Fonte: ISS (2012)

Assim, demonstra-se que existe um número considerável de beneficiários do subsídio de desemprego da Segurança Social, com valores ligeiramente superiores relativamente aos homens. Pelo contrário, quem beneficia do Rendimento Social de Inserção (RSI) são na sua maioria as mulheres. No final de 2011, eram já 31 pessoas, as beneficiárias do RSI, revelando um aumento da vulnerabilidade social dentro desta freguesia.

### **3.1.2– A Associação “Acção para a Justiça e Paz” e as Trocas de Produtos e Serviços Endógenos**

#### *3.1.2.1– Origens e Caracterização da Associação*

A Acção para a Justiça e Paz (AJP) é uma associação com origens em 1973, tendo sido registada formalmente em 1986.

De início, surge associada ao movimento "Youth Action for Peace", movimento esse, originário em 1923 após o tenente francês Étienne Bach ter instaurado a ideologia da paz e da reconciliação na região alemã da Renânia, desmilitarizada apenas em 1919, após a Primeira Guerra Mundial. A ideia por trás do movimento, era estabelecer a paz na sociedade, baseada nos princípios do Cristianismo, fazendo com que o nome mudasse durante a Segunda Guerra Mundial para "Christian Movement for Peace". Desde então, tem desenvolvido várias actividades de voluntariado e campos de trabalho como incentivo à promoção e à manutenção da paz, até que em 1994, muda o seu nome definitivamente para "Youth Action for Peace", com o propósito de instituir o pluralismo e a aceitação dentro do movimento (YAP, s.a.).

Os fundadores da AJP, inspirados por estes campos de trabalho, criaram a associação com o objectivo de construir uma cultura de paz, baseando-se no respeito pelos direitos das pessoas, na justiça social e numa democracia paritária, inclusiva e participativa. Para isso, resolveram centrar as suas actividades em diversas áreas que vão desde a Educação para o Desenvolvimento até à Igualdade de Género, passando pelos Direitos Humanos, não deixando de dar especial relevo à Animação Comunitária.

A partir do ano 2000, a AJP sedia-se na Granja do Ulmeiro<sup>5</sup>, com o intuito de criar raízes ao nível comunitário, articulando a sua actividade em três grandes áreas: a Cooperação para o Desenvolvimento e os Direitos Humanos; o Desenvolvimento Local; e a Juventude e Mobilidade. A partir de 2001, é reconhecida como ONGD (Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento), consolidando-se como um mecanismo de internacionalização e solidariedade (Azevedo, 2010:10).

Como objectivos, a AJP possui a vontade de contribuir para uma subsistência digna de todas as pessoas, reflectindo sobre alternativas económicas e solidárias, ao mesmo tempo que propõe reinventar os papéis e as relações sociais, de modo a que a igualdade coexista com o direito à diferença. Para além disso, tem como objectivo lutar contra a legitimação da violência dentro de certas lógicas patriarcais, bem como solidificar a intensidade da democracia em todas as suas formas e conteúdos (AJPaz, s.a., cit por Azevedo, 2010:10).

Relativamente aos projectos que a AJP levou a cabo ao longo do tempo, estes traduzem-se essencialmente em três projectos principais.

Um deles era o "Elas no Norte e no Sul - Mulheres no Desenvolvimento", actuando na área da Educação para o Desenvolvimento e dirigindo-se às mulheres do concelho de Soure. O intuito deste projecto era promover a criação de espaços para a participação das mulheres no desenvolvimento local, em colaboração com mulheres de Angola, Brasil, Guiné-Bissau e Moçambique, criando assim, redes de intercâmbio de conhecimentos entre as diversas comunidades dos vários países.

Outro projecto implementado era o "Lés a Lés - Solidariedade Glocal", que visava mobilizar e sensibilizar os agentes locais de desenvolvimento, como autarcas e autoridades locais, para o consumo responsável e sustentável. As suas actividades consistiam em acções de sensibilização e seminários e tinham como propósito, reforçar os modelos sustentáveis de desenvolvimento socioeconómico, através dos valores da justiça e da solidariedade.

O terceiro projecto de vulto posto em prática pela associação, foi o projecto "Líder@: Dinâmicas de Sustentabilidade Local Lideradas por Mulheres", que pretendia reforçar práticas locais no âmbito da igualdade de género e da democracia participativa. Para isso, a associação desenvolveu diversas iniciativas, como por exemplo, assembleias comunitárias e mercados

---

<sup>5</sup> Hoje em dia, a sede da associação denominada Centro Internacional da Granja do Ulmeiro encontra-se encerrada, desde 30 de Junho de 2011. Contudo, a AJP continua a exercer a sua actividade.

solidários, com o objectivo de instituir novos espaços de protagonismo social e público para as mulheres, assim como sensibilizar as mulheres para a sustentabilidade dos territórios, ao mesmo tempo que encoraja a promoção de novas relações entre mulheres e homens, baseadas no respeito e na não-violência (AJPaz, 2009, cit por Azevedo, 2010:12).

Ainda existiu um projecto importante denominado "Mercearia Solidária", que surgiu na sequência da implementação dos mercados solidários na AJP. Esse projecto será abordado no ponto seguinte.

De referir, que ao longo dos anos a AJP realizou inúmeras actividades. Entre elas, destacam-se os campos de trabalho internacionais que consistiam no intercâmbio de jovens de vários países, sendo que muitos jovens estrangeiros passaram alguns períodos de tempo na sede da AJP, o que permitiu diversos intercâmbios de conhecimentos, saberes e experiências com a população da Granja do Ulmeiro, especialmente durante as iniciativas de mercados solidários, as quais são descritas de seguida.

### *3.1.2.2– As Iniciativas de Trocas de Produtos e Serviços Endógenos e o Projecto "Mercearia Solidária"*

A situação de crise socioeconómica que se vem arrastando por diversos anos afecta principalmente as comunidades mais vulneráveis que se encontram em situações de pobreza, desemprego e exclusão social. Este cenário foi enfrentado pela AJP, na zona onde realizou a sua intervenção, fazendo com que esta procurasse soluções para colmatar estes problemas. Uma das propostas apresentadas foi a realização de um mercado solidário na freguesia da Granja do Ulmeiro.

Através do contacto com outras realidades a nível internacional, a associação começou a perceber que os mercados solidários poderiam ser uma ferramenta poderosa para combater certas fragilidades que a freguesia da Granja do Ulmeiro patenteava, como nos conta uma das técnicas da associação: "(...) foi no Brasil que conhecemos essa realidade, a realidade das economias solidárias, vimos como se processava, e a partir daí tentámos adaptar o modelo na Granja do Ulmeiro. (...) Claro que, aliada ao facto de nós termos conhecimento que na população da Granja do Ulmeiro, existia um grande conjunto de excedentes de produção e que muitas vezes as pessoas não sabiam o que fazer com os excedentes (...). E nós

começámos a perceber que havia talvez uma potencialidade ali que nós poderíamos canalizar para outras famílias que não tivessem a porção de terra e que não tivessem como plantar (...)." (Entrevista nº 2).

A partir de 2005, a associação começou a delinear a forma como os mercados iriam ser implementados. O primeiro mercado solidário foi posto em prática por um grupo restrito de participantes e foi de carácter experimental, visto que esta era uma metodologia recente e era necessário que fossem formados novos agentes (Frade, 2008:111). Posteriormente, foi implementado o segundo mercado solidário, realizado em Abril de 2006, no qual foi adoptada uma moeda social denominada de "Granjas". Esta denominação fazia todo o sentido, na medida em que era alusiva à localidade e os participantes identificavam-se com ela, favorecendo o espírito de união entre os participantes e promovendo o sentimento de pertença à comunidade.

A partir daqui, os mercados começaram a ser mais regulares, embora tenham surgido algumas dificuldades no início. Uma delas foi a sensibilização que foi preciso ser efectuada junto da população, para que os produtos levados para o mercado, fossem cultivados ou confeccionados pelas próprias pessoas, exactamente para desenvolver a interdependência dentro da comunidade e a vinculação com o local. Outra dificuldade manifestou-se através da atribuição de um valor aos produtos transaccionados, pois não era apenas o valor intrínseco do objecto que estava em causa, mas também o trabalho e a criatividade subjacentes ao fabrico do mesmo. Para além disso, muitas pessoas revelavam que o conceito dos mercados solidários e os princípios das economias solidárias, ainda não estava apropriado na maioria da população, obrigando a que a equipa da AJP levasse a cabo diversas sessões de sensibilização que contribuisse para a sua participação (Frade, 2008:112).

Estas acções de sensibilização denominavam-se "Assembleias de Granjeiras/os" e efectuavam-se sempre antes dos mercados com o objectivo de dialogar sobre diversos aspectos do funcionamento de cada mercado solidário, e construir a metodologia de trabalho para o próximo mercado. Da primeira assembleia surgiu um grupo de pessoas voluntárias que se ofereceu para organizar o mercado seguinte, dando azo a que a população assumisse o controlo e a sustentabilidade dos mercados.

Com a preocupação de promover a democracia participativa, a cidadania activa da população e o acesso à cultura, a AJP sempre articulou o mercado com dois outros elementos que se revelaram essenciais na dinamização destas iniciativas.

Assim, de seguida é descrito como eram postos em prática estes eventos. Segundo Frade (2008:121), estes eram compostos essencialmente por três fases:

- **Assembleia Comunitária** - A Assembleia era um momento que precedia o mercado e era um espaço privilegiado de debate e reflexão sobre assuntos actuais e relevantes para a população. Nele, debatiam-se muitas vezes temas que eram transversais à comunidade, como por exemplo, a violência doméstica, mas também, servia como uma ferramenta para avaliar se as iniciativas promovidas estariam a resultar e propor alternativas de melhoria para os mercados posteriores. O incentivo ao voluntariado e à participação cívica ao nível local, também eram uma constante nas Assembleias, fomentando o espírito comunitário.
- **Mercado Solidário** - Após a Assembleia, é tempo de organizar o mercado. Este tinha a duração de aproximadamente duas horas e meia, e começava sempre pela inscrição no mercado. Este registo era sempre feito na banca, onde as pessoas apresentavam sempre o que tinham para trocar, e onde as pessoas que participavam pela primeira vez recebiam moeda social, que funcionava como um fundo de maneio, até estas se familiarizarem com a dinâmica das trocas efectuadas no mercado. No final do mercado, as pessoas ficavam com a moeda social para utilizar no mercado posterior. O problema da definição do valor dos produtos e serviços transaccionados foi ultrapassado através da fixação de um valor de referência, que neste caso obteve-se através da equiparação de uma dúzia de ovos a 100 "granjas", dado que a dúzia de ovos era um produto comum que qualquer pessoa correspondia facilmente a um preço. Por outro lado, era fundamental que todos os produtos fossem feitos pelas próprias pessoas e que fossem ao encontro das necessidades da população, pois só assim as riquezas endógenas eram valorizadas, de modo a garantir a criação de novos rendimentos que favorecessem os grupos populacionais mais desfavorecidos.<sup>6</sup>
- **Momento Cultural** - O Momento Cultural finalizava o evento desse dia e tinha como objectivo promover o convívio e a integração social dos participantes. O potencial deste espaço era enorme, pois fomentava a participação e a coesão social, havendo lugar para a troca de saberes e de experiências entre todos. Neste espaço, eram apresentadas diversas actuações que iam desde a apresentação de ranchos folclóricos, até sessões de ilusionismo ou de fados. Este momento proporcionava o aumento do

---

<sup>6</sup> Lista de produtos e serviços trocados (cf. anexo H).

bem-estar dos participantes, que no fundo, era um meio para satisfazer as necessidades fundamentais desta comunidade.

Estas iniciativas também requeriam outro procedimento posterior que passava pela avaliação e monitorização. A avaliação foi crucial para detectar os erros e para propor alternativas para os corrigir, pois só assim se garante a continuidade destes eventos. Os instrumentos utilizados na avaliação eram sempre os inquéritos aos participantes e uma reunião, reunião essa composta pela equipa técnica e pelo grupo de pessoas voluntárias que se apresentou logo de início. Deste modo, tornou-se possível controlar o nível de produtos e serviços transaccionados e se estes se adequavam à comunidade, bem como o número de participantes e a sua satisfação em relação ao mercado (Frade, 2008:128).

Ao longo do tempo, os mercados solidários conseguiram captar a atenção dos habitantes da Granja do Ulmeiro, fazendo com que muitos conhecessem novas pessoas, ao mesmo tempo que cultivavam novas apetências, como era o caso do voluntariado, o que é significativo para essas pessoas, uma vez que estas foram conquistando o seu espaço na comunidade.

Contudo, os mercados solidários, apesar de serem uma ferramenta socioeconómica importante, revelaram-se insuficientes para dar resposta a todos os problemas que afectavam localmente a comunidade da Granja do Ulmeiro, visto que os mercados não se realizavam com muita frequência. Seria preciso criar um espaço de carácter mais permanente que colmatasse mais atempadamente as necessidades das pessoas da comunidade, invertendo assim os processos de pobreza já instalados.

Foi neste contexto, que surgiu o projecto "Mercearia Solidária". Este projecto foi criado especialmente para combater a pobreza e a exclusão social de uma forma mais estruturada, criando para isso dois espaços: uma mercearia, que todos os dias providenciava produtos alimentares a toda a população, e a "Lojita da Pessoa Cidadã", que funcionava como um mecanismo de apoio às pessoas que precisassem de ajuda em determinadas áreas, como a procura de emprego e o empreendedorismo. Estes espaços eram de carácter permanente e funcionaram sempre como complemento aos mercados solidários que se realizavam de vez em quando. Deste modo, a população local teria uma melhoria na qualidade de vida, incrementando o seu acesso à informação e à formação, como também poderiam fomentar a educação para a cidadania (Azevedo, 2010:13).

Desta maneira, as iniciativas de trocas de produtos e serviços, juntamente com o projecto "Mercearia Solidária", fizeram com que a população da Granja do Ulmeiro e povoações circundantes não ficassem indiferentes a esta inovação sem precedentes na região.

### *3.1.2.3– O Perfil dos Participantes*

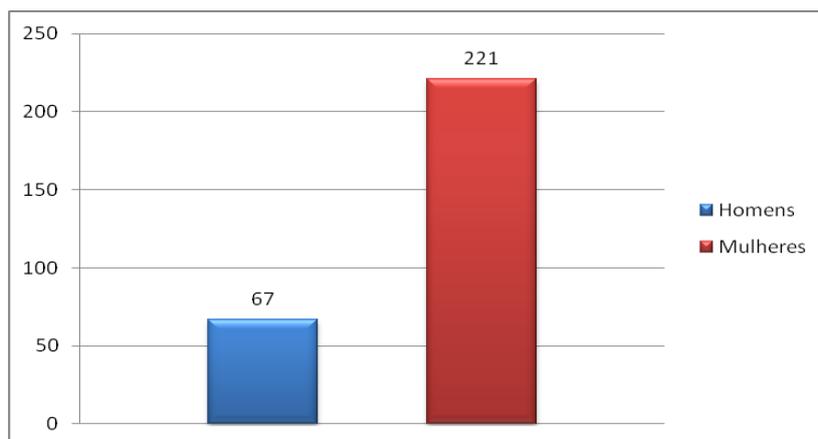
Para melhor poder entender a participação dos prosumidores nos mercados solidários, será necessário proceder a uma caracterização dos mesmos.

Relativamente à divisão etária dos prosumidores, destaca-se o facto de a maioria ter idade superior a 50 anos, conforme a descrição feita pelas colaboradoras da AJP: "Eram pessoas idosas, a maior parte delas reformadas e na sua maioria acima dos 55 anos. (...)" (Entrevista nº3); " Nós tínhamos, sem dúvida, uma população maioritariamente sénior, ou seja, acima dos 50 anos. (...)" (Entrevista nº2).

Contudo, também participavam pessoas de outros grupos etários, apesar de não serem tão expressivos, como por exemplo, os estudantes, impulsionados pela curiosidade e pelas suas famílias. De acordo com a descrição feita pelas colaboradoras da AJP, esta situação foi encorajada pela associação de maneira a haver uma maior troca de conhecimentos entre gerações: "(...) os mais novos acabavam por ir com os avós, mas não era um grupo muito expressivo. (...) Nós a determinada altura tentámos puxar alguns jovens, sobretudo das escolas. E ainda tínhamos um grupo de 5 a 10 jovens que participavam com alguma regularidade. (...)" (Entrevista nº2); por outro lado, outros jovens participavam pelo facto de "(...) de haver muitas pessoas novas, mas qualificadas, como os estagiários ou os voluntários, que de certo modo ficavam ligadas à iniciativa e depois acabavam por participar." (Entrevista nº3).

No que diz respeito à distribuição dos participantes segundo o sexo, podemos verificar que a grande maioria é constituída pelas mulheres, como era o objectivo da associação, com a promoção da igualdade de género. No total de mercados solidários realizados, participaram 288 prosumidores, segundo os registos da AJP, dos quais, 221 são mulheres e 67 são homens, como se pode verificar pelo gráfico seguinte.

Figura 5 - Distribuição do N° de Prossumidores Segundo o Sexo



Fonte: Base de Dados da AJP (s.a., cit por Azevedo, 2010:42)

Em relação ao nível de habilitações dos prossumidores, e tendo em conta uma amostra de 75 prossumidores, todos do concelho de Soure, verificamos que a maior parte possui habilitações ao nível do 4º ano ou abaixo desse nível. Deste modo, como está exposto no quadro seguinte, vemos que 41 prossumidores possuem o 4º ano ou inferior, logo a seguir com 13 prossumidores, que possuem habilitações, tanto ao nível do 3º Ciclo do Ensino Básico, como também, ao nível do Ensino Secundário. Por fim, apenas 6 têm um curso médio ou superior, e 2 não sabem ler nem escrever.

Quadro 4 - Distribuição do N° de Prossumidores por Nível de Habilitações

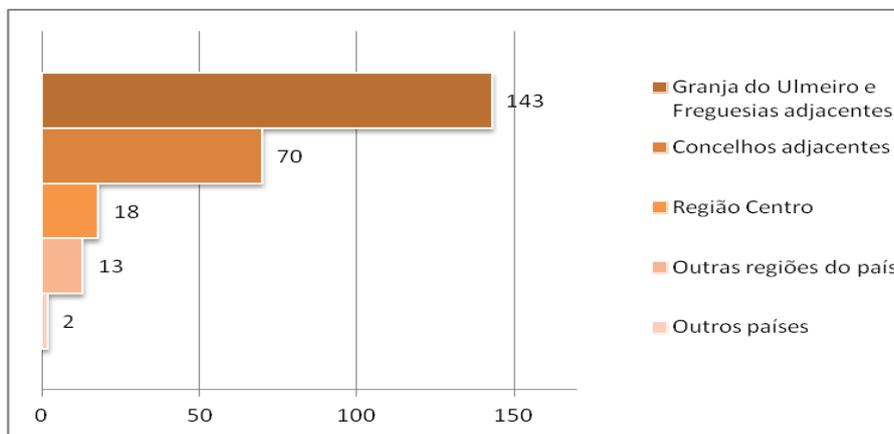
| Nível de Habilitações     | Nº Prossumidores |
|---------------------------|------------------|
| Não sabe ler nem escrever | 2                |
| 4º ano ou inferior        | 41               |
| 5º ao 9º ano              | 13               |
| 10º ao 12º ano            | 13               |
| Curso médio ou superior   | 6                |
| <b>Total</b>              | <b>75</b>        |

Fonte: Base de Dados da AJP (s.a., cit por Azevedo, 2010:46)

Se analisarmos, os prossumidores tendo em conta a sua proveniência geográfica, podemos concluir, pela análise do gráfico seguinte, que a grande maioria é proveniente da Granja do Ulmeiro e de freguesias adjacentes. Considerando uma amostra de 246 prossumidores, vemos que 143 são da Granja do Ulmeiro e de freguesias adjacentes, enquanto

que 70 são de concelhos adjacentes. Como menor expressão, temos os participantes da Região Centro com 18 pessoas, e outras regiões de país com 13 pessoas.

Figura 6 - Distribuição dos Prossumidores por Proveniência

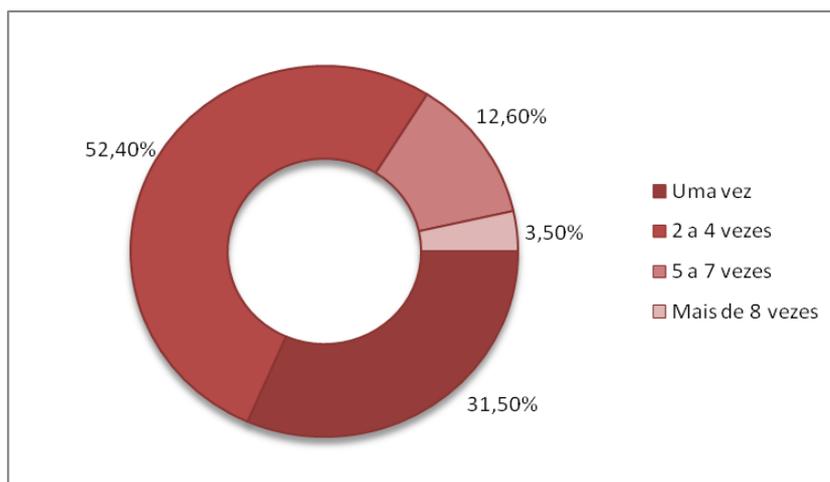


Fonte: Base de Dados da AJP (s.a., cit por Azevedo, 2010:44)

De notar, que esta situação vai de encontro ao que a associação sempre pretendeu, que passava por incluir pessoas que tivessem um vínculo ao local e à comunidade da Granja do Ulmeiro, como refere a Presidente da AJP: "(...) As pessoas de fora também podiam aparecer. Mas como dávamos ênfase à comunidade local, não fazia muito sentido aparecerem pessoas de fora. (...)" (Entrevista nº1).

Olhando mais atentamente para a participação dos prossumidores nos mercados solidários ao longo do tempo, verifica-se que não existe uma frequência muito acentuada por parte dos participantes. De facto, se analisarmos o gráfico seguinte, notamos que a grande maioria dos prossumidores (52,4%), participou apenas 2 ou 4 vezes, ao passo que 31,5% participou um única vez. As restantes pessoas (apenas 16,1%) participaram mais de 5 vezes. Este facto revela que não houve um alto grau de comprometimento por parte dos participantes, tendo em conta o número de mercados solidários realizados ao longo do tempo (cf. figura 8), ficando este indicador aquém das expectativas.

Figura 7 - Frequência da Participação dos Prossumidores (%)



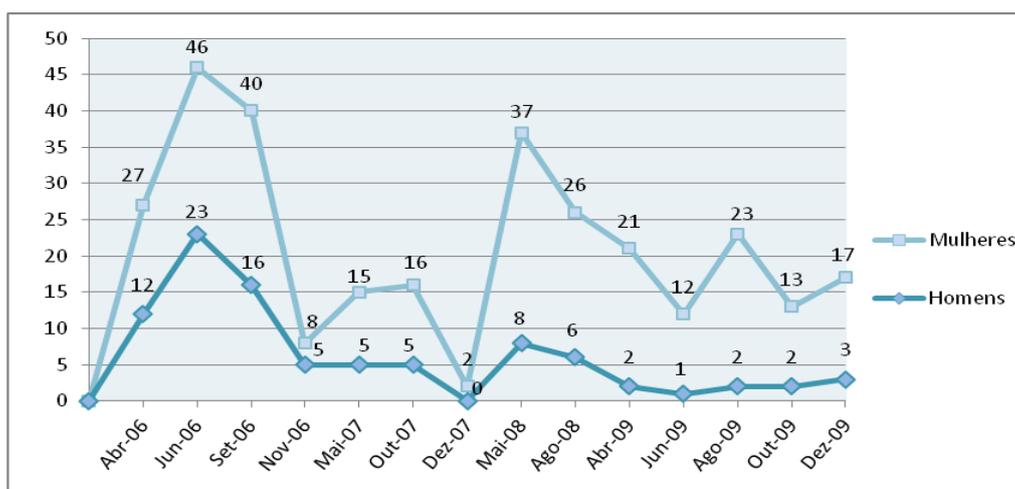
Fonte: Base de Dados da AJP (s.a., cit por Azevedo, 2010:51)

Por outro lado, se considerarmos a evolução do nº de prossumidores por cada mercado solidário realizado, patente no gráfico seguinte<sup>7</sup>, podemos observar que há uma grande afluência de prossumidores nos primeiros três mercados, entrando logo em queda a partir do 4º mercado. Há uma pequena recuperação durante o ano de 2008, mas o número de participantes acaba por estabilizar nos mercados posteriores a uma média de 19 participantes por mercado. De referir, que esta amostra contempla apenas prossumidores provenientes do concelho de Soure, maioritariamente da Granja do Ulmeiro.

A queda do número de participantes nos últimos meses de realização dos mercados solidários, vem confirmar a falta de comprometimento referida relativamente à frequência de participação dos prossumidores, e até vem corroborar muitas das afirmações de alguns habitantes da Granja do Ulmeiro que foram entrevistados: "(...) isto nunca foi muito abrangente. Era só aquele núcleo de pessoas que participava nos mercados. Eram sempre os mesmos." (Entrevista nº 5); " Quem aparecia era um grupo de pessoas que eram praticamente efectivas, não havia mais pessoas. (...) Era quase como dizer que a população da Granja era só aquelas pessoas." (Entrevista nº 8).

<sup>7</sup> Não estão representados no gráfico, o 1º mercado que aconteceu em 2005, de carácter experimental e não aberto à comunidade, e o 7º mercado que se realizou em Agosto de 2007, para o qual não existem dados.

Figura 8 - Evolução do N° de Prossumidores por Mercado



Fonte: Base de Dados da AJP (s.a., cit por Azevedo, 2010:49)

Também é interessante observar qual o maior número de contribuições em termos de produtos e serviços fornecidos pelos prossumidores. Como se pode ver pelo quadro seguinte, os produtos provenientes da agricultura, como os vegetais e a fruta, encontram-se dentro dos mais transaccionados nos mercados solidários. Logo a seguir, verifica-se que o artesanato é um tipo de produto também muito popular nos mercados, com 75 pessoas a contribuírem com este produto. De destacar, que a prestação de serviços não conta com a contribuição de muitos prossumidores (apenas 16), fazendo com que a sua oferta seja relativamente escassa.

Quadro 5 - N° de Prossumidores Consoante a sua Contribuição

| Tipo de Produto/Serviço | N° de Prossumidores |
|-------------------------|---------------------|
| Vegetais                | 132                 |
| Artesanato              | 75                  |
| Fruta                   | 44                  |
| Doçaria                 | 35                  |
| Ovos                    | 30                  |
| Vestuário               | 25                  |
| Prestação de Serviços   | 16                  |

Fonte: Base de Dados da AJP (s.a., cit por Azevedo, 2010:51)

Deste modo, a partir do perfil e das características das pessoas que participaram nos mercados solidários, poderemos retirar conclusões mais aprofundadas e fidedignas relativamente à informação empírica recolhida.

### **3.2– Análise e Discussão da Informação Empírica**

De seguida, irá ser elaborada a análise da informação recolhida a partir das entrevistas semi-directivas, tendo por base a categorização apresentada na matriz de análise e na grelha de análise de entrevistas (cf. Anexo A e D). Para isso, ir-se-á destacar as afirmações mais ilustrativas de todas as pessoas entrevistadas de modo a proceder à análise qualitativa deste estudo empírico.

#### **3.2.1– O Contributo das Iniciativas para o Desenvolvimento Local**

No que diz respeito à presença dos princípios do desenvolvimento local no projecto levado a cabo pela AJP, ir-se-á proceder à análise de sete dimensões de análise.

##### *- Satisfação das necessidades fundamentais*

Com a realização dos mercados solidários, a AJP pretendia colmatar certas necessidades existentes na comunidade da Granja do Ulmeiro e melhorar a qualidade de vida e de bem-estar das pessoas dessa comunidade.

Podemos constatar que, de entre todas as necessidades satisfeitas, a que mais sobressai é a necessidade do convívio social: "(...) o convívio, o ambiente comunitário, as relações interpessoais, tudo isso os mercados solidários acabam por ajudar porque tinham sempre no final um momento cultural (...)." (Entrevista nº2); "(...) sentia-me bem porque aquilo era tudo um grande convívio. Faz de conta que era uma festa (...)." (Entrevista nº4); "Em termos do convívio social foi muito importante porque nós interagíamos muito bem umas com as outras. (...)" (Entrevista nº5); "(...) As trocas que faziam uns com os outros, era mais pelo convívio (...)" (Entrevista nº 8).

Por outro lado, as necessidades ligadas à alimentação também eram referidas, embora com menor relevância: "(...) os mercados davam muito jeito, por exemplo, para a alimentação. Eu tenho o meu quintal, mas há aí muita gente que não tem. (...)" (Entrevista nº4); "(...) Pessoas que até inclusivamente tinham algumas dificuldades sociais, em termos de desemprego, com filhos menores, etc., e aproveitavam aquele espaço e aqueles momentos para ir buscar alimentação. (...)" (Entrevista nº10). De notar, que este tipo de necessidade também foi referenciada como não sendo satisfeita em certos aspectos: "(...) as pessoas não precisam só dos legumes e da fruta da época. Procuram também o leite, os iogurtes, as papas. No início conseguiram ter alguns desses produtos, mas depois deixaram de ter. Daí, não conseguiram corresponder às necessidades da população. (...)" (Entrevista nº11).

Para além disso, quando consideramos o grau de satisfação das pessoas que participaram nos mercados solidários, estas revelam sempre um elevado índice de satisfação: "(...) Era muito rico, pelo convívio e pela troca dos produtos. (...)" (Entrevista nº6); "Nas vezes que participei gostei muito e até deu para conhecer outras pessoas que não conhecia." (Entrevista nº7). No entanto, no que se refere aos últimos mercados, notava-se uma perda de entusiasmo: "(...) aquilo acabava por ser sempre o mesmo. Os últimos mercados demoravam meia-hora e estavam feitos." (Entrevista nº5).

Em termos de ganhos na qualidade de vida e de bem-estar dos participantes, especialmente no que toca à redução da pobreza, as opiniões são diversas: "(...) houve uma série de iniciativas que teve sempre em vista o combate à pobreza de uma maneira estrutural, e de todo, assistencialista. (...)" (Entrevista nº1); "(...) pessoas que tinham dificuldades e estavam desempregadas podiam ir lá, porque havia sempre qualquer coisa para elas. Mas reduzir a pobreza, não reduziu. (...)" (Entrevista nº4); "(...) reduzir a pobreza, não. De maneira alguma. Foi mais o contacto social. (...) se reduziu a pobreza e facilitou a vida das pessoas, isso não. (...)" (Entrevista nº5); "Ajudou bastante as pessoas porque muitas não tinham meios de subsistência, e sempre levavam alguns produtos de alimentação. (...)" (Entrevista nº7); "Em termos de redução da pobreza foi zero. Quem era pobre, continua pobre e não acrescentou mais nada." (Entrevista nº10).

De certa maneira, não se pode dizer que houve uma redução efectiva da pobreza em si, mas a qualidade de vida e de bem-estar de quem participou, terá melhorado, não só em termos materiais, mas também sociais, particularmente por intermédio dos contactos sociais que se efectivaram e que se perpetuaram: "(...) Eu acho que algumas pessoas necessitadas

começaram a contar mais com o resto da comunidade para poderem sobreviver. E o que os mercados trouxeram, quanto mais não seja, foi este contacto e esta proximidade. (...)" (Entrevista nº2).

*- Mobilização das capacidades locais*

Relativamente à mobilização das capacidades locais, foram utilizados diversos recursos, sendo que a maior parte deles eram de carácter endógeno: "Em relação aos nossos recursos humanos, todos os recursos eram endógenos, exactamente para criar a ideia no local, de que o local tem a potencialidade e a capacidade de reagir a si próprio. (...) se considerarmos que a endogeneidade quer dizer ligação ou laço e não apenas residência, então sim, a maior parte da nossa estrutura era perfeitamente endógena." (Entrevista nº1); "Na sua maioria foram utilizados recursos endógenos. (...) quase 99%, eram recursos endógenos." (Entrevista nº2).

*- Participação*

O incentivo à participação da população era essencial para o sucesso deste projecto. Através de estratégias específicas, a AJP conseguiu captar a atenção das pessoas, fazendo com que estas participassem mais activamente nas suas actividades.

Como estratégias principais, a associação aponta as seguintes: "(...) a partir do momento em que começámos a conhecer as pessoas, começámos a fazer aquilo que nós chamamos, o "porta a porta". (...) quando tivemos voluntários internacionais na AJP, porque nós fazíamos campos de trabalho, havia aquilo que nós chamávamos de arruadas (...) Também havia alguma divulgação através dos meios de comunicação de Soure (...)." (Entrevista nº2); "Os mercados solidários eram sempre divulgados com um cartaz sempre nos cafés, as associações, sempre ali nas redondezas. Via email e via telemóvel também passou a haver a partir de certo momento (...). Depois quando encontrávamos pessoas que não conheciam os mercados, acabávamos por explicar como funcionava e sugeríamos sempre que quem conhecia, levasse um amigo ou um vizinho que não conhecesse o mercado." (Entrevista nº3).

Para a equipa da AJP, o incentivo à participação da população estava, de certa forma, facilitado, pois a sua presença na comunidade por diversos anos proporcionava um contacto mais próximo com os seus habitantes: "(...) temos uma equipa permanente no local que

trabalha no desenvolvimento local e na animação comunitária, logo, a nossa relação com a comunidade já era natural. (...) (Entrevista nº1).

Esta situação veio propiciar um certo nível de adesão por parte da população da Granja do Ulmeiro que, por vezes, demonstrava ter algumas irregularidades: "Às vezes o nível de adesão era baixo porque muitas vezes, o que acontecia, era haver uma excursão, uma missa, uma feira do concelho. (...)" (Entrevista nº3); "(...) aquelas pessoas que ainda mantinham o emprego e umas certas expectativas, tiveram uma grande dificuldade em aderir no sentido mais profundo do termo. Ou seja, iam a alguns mercados, mas não perceberam até muito tarde que aquilo podia ser efectivamente, um recurso económico importante. Mas as pessoas mais pobres perceberam imediatamente o interesse. (...)" (Entrevista nº1). Aqui, denota-se alguma dificuldade na sensibilização das pessoas para as práticas das economias solidárias, uma vez que muitas delas sempre viveram afastadas destas práticas dentro da sociedade capitalista.

Contudo, em termos globais, a associação faz um balanço positivo: "Se foi aquilo que esperávamos e espectável, tendo em conta que a Granja tem pouco mais de mil habitantes e nós conseguimos atingir cerca de trezentos, penso que foi satisfatório. (...) (Entrevista nº2).

*- Apoio de recursos exógenos*

Na utilização de recursos exógenos, a associação destaca principalmente os voluntários: "(...) tínhamos algumas pessoas que eram voluntárias da AJP e que se aliaram à iniciativa e que vinham de fora." (Entrevista nº2). Esses voluntários colmatavam carências essencialmente a nível da prestação de serviços: "(...) Essas pessoas prestavam serviços, na sua maioria, como por exemplo, ajudar a ler cartas, dar boleias. Eram pessoas que eram voluntárias e que colaboravam com a iniciativa, portanto vinham de fora e deram alguma coisa à população. (...)" (Entrevista nº2).

*- Trabalho em rede e em parceria*

A nível da tipologia de parcerias, a associação salienta o facto de estas terem sido efectuadas localmente: "(...) eram parcerias essencialmente a nível local. Era a Junta de Freguesia, as associações locais, os bombeiros (...)" (Entrevista nº1); " A Junta de Freguesia sempre foi uma parceira. (...) por questões de logística, porque muitas vezes para a realização dos mercados era preciso fechar a estrada (...). Depois tínhamos a Associação local que muitas das vezes nos cedeu espaço e as pessoas da Associação participaram em muitas das vezes nos mercados solidários (...). E depois, também tínhamos uma parceria com a IPSS da

Granja do Ulmeiro, era o Centro de Assistência Paroquial. E o que o Centro de Assistência Paroquial fazia era divulgar junto de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção e de pessoas carenciadas. (...) (Entrevista nº2).

Houve ocasiões em que as parcerias não se focaram tanto no local, não tanto a nível dos mercados solidários, mas especialmente no âmbito de outros projectos, como a "Mercearia Solidária": "(...) também alguns empresários tanto da freguesia, como do concelho e até fora do concelho, quando mais tarde implementámos a mercearia solidária." (Entrevista nº1).

Verifica-se assim, o enfoque no local aquando da realização de parcerias, dando azo a uma melhor articulação da actividade da AJP com as entidades locais.

*- Perspectiva integrada*

No que se refere a esta dimensão de análise, a sua decomposição foi feita tendo em vista três indicadores: o tipo de áreas de intervenção, os tipos de grupos populacionais englobados nas trocas locais e as populações vizinhas integradas.

As áreas de intervenção que a associação conjugou com os eventos dos mercados solidários foram diversas, como a social, a económica e a cultural: "(...) o mercado tinha sempre três fases. Não era só o momento de trocas em si. Tínhamos a perspectiva económica com o momento de trocas. Depois, tínhamos a perspectiva social de participação e de inclusão quando fazíamos a assembleia que antecedia o momento de trocas. E a seguir ao momento de trocas havia sempre um momento cultural. E tudo isto para nós estava integrado. (...) (Entrevista nº2); "(...) também houve formação para pessoas adultas. Portanto, houve muitas articulações que surgiram dos mercados (...). Para além disso, houve um pequeno centro de procura de emprego que também foi instalado para pessoas que precisassem de alguém nessa área." (Entrevista nº1). De certa maneira, ao longo dos anos a associação foi alargando o seu leque de actividades, no seguimento das iniciativas de trocas locais, como foi o caso do apoio na procura de emprego, inserida no projecto "Mercearia Solidária".

Dos vários grupos populacionais englobados nas trocas, destacam-se principalmente dois tipos, compostos pelas mulheres, e pelas pessoas com idade superior a 50 anos: " Nós tínhamos, sem dúvida, uma população maioritariamente sénior, ou seja, acima dos 50 anos. Este era o grupo em termos etários. (...) Também eram maioritariamente mulheres, cerca de 99%. Os maridos tinham um papel de acompanhantes. (...) (Entrevista nº2). As pessoas com

menos recursos também participavam, embora com menos relevância: " (...) havia aquelas pessoas mais pobres no sentido de não ter acesso à moeda, neste caso, os euros, para comprar coisas básicas, coisas que são essenciais para a vida e para a dignidade humana." (Entrevista nº1).

Relativamente a populações de outras freguesias integradas nas iniciativas de trocas, a sua participação não teve grande expressão, ainda que, em certos eventos, estas tivessem marcado a sua presença: "(...) participaram pessoas da freguesia de Samuel. (...) Também de Vila Nova de Anços, de Figueiró do Campo que são freguesias próximas. Algumas pessoas de outras freguesias participavam com carácter regular, outras, nem por isso. (...) " (Entrevista nº2). Desta forma, o objectivo da associação passou sempre por incluir pessoas que tivessem algum vínculo à Granja do Ulmeiro, exactamente para criar uma identidade sólida e um forte espírito comunitário: "(...) Acabaram por ser só mesmo aquelas da Granja. (...) E isso até era o que era pretendido pelo próprio projecto, ou seja, era que houvesse uma grande participação da comunidade onde o projecto estava a ser implementado." (Entrevista nº3); "(...) As pessoas de fora também podiam aparecer. Mas como dávamos ênfase à comunidade local, não fazia muito sentido aparecerem pessoas de fora. Apareciam uma vez ou outra, mas depois faltava-lhes toda aquela ligação entre os mercados e as conversas que as pessoas tinham sobre como organizar as festas e os produtos." (Entrevista nº1).

#### *- Impacto tendencial em toda a comunidade*

Para compreender o efeito destas actividades a nível local, torna-se necessário avaliar o impacto tendencial das iniciativas em toda a comunidade.

Em primeiro lugar, iremos avaliar que grupos populacionais foram mais beneficiados, pois só assim poderemos verificar se a maioria da população beneficiou ou apenas uma parte. Existem dois grupos que sobressaem mais quando analisamos esta questão, constituídos pelas mulheres e pela população mais idosa: "Foram as mulheres, sem dúvida. Tanto do ponto de vista da sua dignidade, mas também do ponto de vista que conseguiram trocar. (...) " (Entrevista nº1); "A população idosa acabou por ser o grupo mais beneficiado (...) acabámos por estabelecer uma relação de proximidade muito mais forte com essas pessoas. Havia algumas pessoas em isolamento, que viviam sozinhas, e tentámos combater essas situações, porque lhes fazíamos alguma companhia. (...) acabou por ser esse grupo, o mais beneficiado. Não só economicamente, mas também socialmente. (...) " (Entrevista nº2); "Eram mais

senhoras por volta dos sessenta anos. (...) Quem aparecia era um grupo de pessoas que eram praticamente efectivas, não havia mais pessoas. (...)" (Entrevista nº8).

Contudo, existe ainda outro grupo beneficiado, ainda que seja mencionado menos vezes, que era constituído por uma faixa populacional mais desfavorecida: "Era uma faixa da população mais pobre. Eventualmente, algumas situações temporárias de desemprego, pessoas com algumas dificuldades, que através da AJP iam conseguindo alguns bens, mas eram limitados. (...)" (Entrevista nº10); "... podemos considerar que houve outros grupos, como os que eram beneficiários do Rendimento Social de Inserção. E aí, já são pessoas de várias gerações, não são só as mais velhas. Eram também os casais mais jovens que estavam endividados que acabaram por ver ali algum escape. (...)" (Entrevista nº2).

Em segundo lugar, iremos olhar para os principais efeitos dos mercados solidários na comunidade em geral. Aqui, as opiniões divergem um pouco, sendo que a maioria da população entrevistada afirma não ter notado um grande efeito no conjunto da comunidade, sendo apenas visível no grupo de participantes nos eventos de trocas: "Nas pessoas que participaram houve um efeito positivo. Mas em relação aos que não participaram, penso que no conjunto não teve grande impacto. (...)" (Entrevista nº6); "Foi só naqueles que participaram mesmo. Eu acho que se tivesse havido uma maior abertura à população e tivessem explicado mais ao pormenor os seus objectivos, se calhar aí a comunidade ficava mais esclarecida. (...) isto nunca foi muito abrangente. Era só aquele núcleo de pessoas que participava nos mercados. Eram sempre os mesmos." (Entrevista nº5).

O que é referido por vezes, é a forma como os mercados eram encarados por toda a população, essencialmente a nível do convívio estabelecido por intermédio dos mercados solidários, e da divulgação feita pela AJP: "... O que foi mais notório a nível da comunidade, foi a questão da participação e do convívio. Foi isso que foi mais percebido pela população." (Entrevista nº3); "... toda a gente falava nisso aí na Granja. Até se isto continuasse, as pessoas que estão aí e são de fora, eram capazes de vir e participar. Mas como isto acabou, não houve essa oportunidade." (Entrevista nº4); "Toda a comunidade conhecia e falava do assunto. No que toca à notícia em si e ouvir falar dos mercados, isso criou algum impacto. Toda a gente ficou a conhecer esses eventos. E nesse aspecto a AJP fez uma boa divulgação. (...)" (Entrevista nº11).

Por outro lado, é ainda mencionado por uma das colaboradoras da AJP que, de certa maneira, estas iniciativas criaram algum efeito, não só a nível familiar, como também a nível

do mediatismo, o que fez com que a Granja do Ulmeiro ficasse mais conhecida: "(...) há todo o seio familiar que depois acaba por se envolver, visto que quem participa, vai para casa e conta como foi, e acaba por envolver o resto da família. E aí acaba por haver o efeito bola de neve. (...) Por outro lado, é óbvio que a Granja do Ulmeiro acabou por ficar conhecida um bocadinho mais do que aquilo que era, e acabaram por aparecer agora, depois disso, pessoas na Granja do Ulmeiro que antigamente não apareceriam. E isso acabou por trazer algum benefício ao comércio local (...)." (Entrevista nº2).

Podemos constatar que o impacto tendencial na comunidade percebido pela maioria das pessoas foi muito limitado, tendo apenas um impacto significativo em quem participou. Apesar da Granja do Ulmeiro ter ficado mais conhecida, e a comunidade em geral falar com frequência destes eventos, a maioria da população não beneficiou e até optou por não participar, devido à forma como muitos encaravam estes eventos: "(...) algumas pessoas até acredito que tinham vergonha de lá ir, porque aquilo era tudo uma brincadeira. (...)" (Entrevista nº8).

Porém, para melhor compreender os efeitos globais a nível comunitário será necessário analisar outras dimensões relacionadas com a economia solidária.

### **3.2.2– As Trocas Locais como Fomento da Economia Solidária**

Por definição, os sistemas de trocas locais constituem uma das componentes periféricas da economia solidária (cf. ponto 2.3). A próxima análise terá como propósito conferir se esse facto se verifica na prática. Serão analisadas cinco dimensões que reflectem os vectores principais da economia solidária.

#### *- Cooperação*

A cooperação sempre esteve presente nos mercados solidários, nomeadamente no que se refere à entajuda e o respeito mútuo entre os participantes: "(...) havia muito respeito em todos os aspectos. Tanto da parte da associação, como da nossa parte quando íamos lá. Mesmo entre novos e velhos, respeitavam-se sempre. (...)" (Entrevista nº4); "(...) no essencial, havia sempre muita harmonia, as pessoas respeitavam-se. Nunca houve aborrecimentos com ninguém por causa disto ou daquilo. (...) e o convívio era sempre muito saudável." (Entrevista nº5).

No entanto, existem referências a um facto denominado "reserva de produtos", que consistia na reserva de um produto por parte de quem estivesse interessado nele, o que poderia originar pequenos atritos entre os participantes: "Muitas pessoas diziam que não devia haver a reserva de produtos, pois algumas pessoas quando chegavam aos mercados no início reservavam um determinado produtos que lhe interessasse mais. (...)" (Entrevista nº3); "(...) Se estivesse lá um produto em que a pessoa estivesse interessada, ela tentava consegui-lo, e como as pessoas se conhecem, tentavam guardar os produtos para elas. (...)" (Entrevista nº 6).

Para colmatar estas falhas, a associação tentou sempre resolver esta situação através de acções de sensibilização: "(...) nós tentámos combater um bocadinho isso, fazer umas acções de sensibilização no que diz respeito à entreajuda. (...) claro que, uma vez ou outra as coisas não corriam tão bem. No entanto, havia sempre ali um jogo de cooperação e de tentativa de resolução de conflitos que nós tentámos sempre fazer. (...)" (Entrevista nº2).

#### *- Confiança*

A confiança é uma dimensão essencial quando se participa em iniciativas de trocas locais, pois só assim se criarão laços efectivos entre os prosumidores. Deste modo, procedeu-se à análise de duas variáveis essenciais: o sentimento de pertença à comunidade e o estabelecimento de relações de confiança.

Relativamente ao sentimento de pertença e à forma como os participantes se sentiram integrados na comunidade, este é referido pela maioria dos entrevistados como um factor que foi melhorado após a introdução dos mercados solidários na comunidade: "(...) as pessoas começaram a conhecer-se mais e eu fiquei a conhecer mais pessoas. (...)" (Entrevista nº4); "(...) convivíamos com pessoas que se calhar nunca teríamos convivido se não fossem essas iniciativas. Nesse aspecto, foi muito bom. Deu-nos a conhecer outras pessoas." (Entrevista nº5); "(...) acabei por conhecer pessoas que tinham algumas dificuldades e agora quando me cruzo com elas na Granja já digo bom dia ou boa tarde ou já lhes dou uma palavrinha. Nesse aspecto, os mercados eram interessantes, a nível humano." (Entrevista nº7).

Contudo, é interessante verificar que a opinião de quem não participou é divergente em relação à opinião dos participantes, uma vez que estes têm uma percepção diferente destas iniciativas: "(...) Penso que não seria nos mercados que eu ou qualquer pessoa se sentisse mais integrado, porque as pessoas nunca discriminaram ninguém e sempre andaram inseridas no meio da sociedade (...)" (Entrevista nº9). Aqui, mais uma vez, nota-se uma desvalorização da importância dos mercados solidários por parte de quem não participou.

Se formos analisar o estabelecimento de relações de confiança, tendo em conta o grau de ligação entre os participantes, transparece desde logo a confiança que se instalou entre as pessoas, depois de participarem nos mercados: "A partir de certo ponto, comecei a considerar aquelas pessoas como uma família." (Entrevista nº4); "(...) conheci muitas pessoas que não conhecia e que passaram a ser minhas amigas. (...)" (Entrevista nº5). A ligação que se criou entre os participantes tornou-se relevante, pois, a partir daí, muitas pessoas passaram a contar com o apoio de vizinhos e amigos, que doutra maneira não teriam: "(...) nós tentámos fazer com que as pessoas percebessem que podem ir ao vizinho do lado ir buscar algumas coisas que precisem, e que o vizinho do lado está lá presente e pode apoiá-los e ajudá-los. Nessa vertente, nós tentámos ajudar também através dos mercados solidários." (Entrevista nº2).

É nesta ordem de ideias que se impõe a análise da promoção das redes sociais a partir das iniciativas de trocas locais. Aqui encontramos, uma vez mais, uma certa disparidade nas opiniões dos entrevistados.

Por um lado, existe uma opinião muito positiva por parte de algumas pessoas que participaram e de colaboradoras da AJP, em como estes eventos promoveram as redes sociais locais: "(...) favorece uma maior participação das pessoas nas relações entre elas, porque dificilmente ficamos indiferentes a uma pessoa que tenha problemas, e então quando a conhecemos, ainda mais. E o facto de irmos ali, era uma oportunidade para nos encontrarmos e de constatar que aquela pessoa está com problemas. (...)" (Entrevista nº6); "(...) em termos de produtores e consumidores, acho que se criou uma rede social local de trocas. Havia uma rede, até porque eram as próprias pessoas da comunidade que sustentavam a mercearia (...)" (Entrevista nº3); "(...) As pessoas punham-me sempre à vontade. Se precisasse de ir a um médico ou a uma consulta, ou se precisasse de ir a Soure e não tivesse transporte, elas diziam que podia ia ter com elas e que estava à vontade. Estavam sempre dispostas a ajudar." (Entrevista nº4).

Por outro lado, há algumas pessoas que pensam de maneira diferente, visto que apontam a pouca duração destes eventos como a causa da não existência de uma rede social sólida na Granja do Ulmeiro: "Eu acho que como isto não durou o tempo suficiente, não se chegou a sentir esse apoio. Se os mercados tivessem continuado, e chegássemos a conhecer mais pessoas que tivessem mais necessidades, acho que com o tempo, chegávamos lá." (Entrevista nº7). Para além disso, quem não participou tem a noção de que estas iniciativas não promoveriam a união das pessoas na comunidade: "(...) Não significa que a AJP que foi

implantada cá na Granja do Ulmeiro, tenha vindo dar mais união cá na população, não foi o caso (...)" (Entrevista nº8); "(...) Em termos sociais, penso que não ajudou, até porque há outras instituições especializadas para o efeito. (...) nestas iniciativas, nomeadamente em termos dos mercados, partilhavam só os bens, mas não mais do que isso. (...)" (Entrevista nº10).

Deste modo, a nível do grupo de participantes, verifica-se o estabelecimento de relações de confiança e de amizade que perduram até hoje, sendo que algumas pessoas percebem um maior sentimento de pertença ao grupo. No entanto, se considerarmos a instituição de redes sociais locais que subsistissem ao longo do tempo, esse aspecto já não é tão claro, dada a pouca frequência das iniciativas de trocas, que fez com que não houvesse um grande comprometimento por parte da comunidade, e o término abrupto dos mercados solidários.

#### *- Domesticidade*

No que toca à domesticidade e à valorização da economia local, a associação AJP incentivou sempre a produção e o fabrico de produtos pelos próprios participantes. Ou seja, quem participasse nos mercados solidários, teria de produzir os seus próprios produtos ou serviços, para assim poder estimular a produção local: "As pessoas para entrarem no mercado teriam de produzir. Era essa a regra. E depois esta era uma dinâmica extremamente comunitária e era uma dinâmica que precisava de ser alimentada comunitariamente. E deste modo, a dinâmica comunitária é que ditava o tipo de produtos ou quem os produzia." (Entrevista nº1); "(...) o objectivo era valorizar os produtos locais e dar a perceber às pessoas que a comunidade por si só, com todos esses laços de proximidade e toda a comunicação e relações interpessoais, conseguiria subsistir na grande maioria dos casos, tendo em conta os bens de primeira necessidade. (...)" (Entrevista nº2).

#### *- Empowerment*

O *empowerment* é um conceito que a economia solidária promove sempre que esta é dinamizada a nível local, uma vez que as relações de confiança abordadas anteriormente, poderão dar azo a um reforço de competências por parte dos envolvidos em processos de dinamização local, como é o caso dos mercados solidários. Neste caso particular, iremos analisar as variáveis referentes à igualdade de género e à autonomia económica.

Em relação à igualdade de género, procurou-se determinar a presença do fomento da autodeterminação das mulheres, aquando da implementação das iniciativas de trocas locais. Como a igualdade de género é uma área central na qual a associação focaliza o seu trabalho, essa autodeterminação não deixou de estar presente na implementação dos mercados solidários: "O nosso objectivo foi sempre empoderar as mulheres, no sentido de lhes dar espaços de liderança, espaços de protagonismo e espaços de expressão. E assim elas foram criando o seu próprio espaço de intervenção." (Entrevista nº1); "(...) Desde o primeiro dia que implementámos os mercados, que trouxemos sempre as mulheres em primeiro lugar. (...) tanto a participação pública, como a participação no mercado, tudo isso sempre foi valorizado, tendo em conta a participação das mulheres. (...)" (Entrevista nº2); "Antes das trocas, havia sempre a assembleia qua abordava assuntos sobre a igualdade de género. E havia sempre uma preocupação acrescida em levar as mulheres a participar. E isso teve bastante impacto nesse sentido." (Entrevista nº3).

No que se refere à autonomia económica, tentou-se averiguar se estas iniciativas promovem a autonomia dos participantes. De um modo geral, todas as pessoas entrevistadas afirmaram que seria complicado promover essa autonomia apenas por intermédio dos mercados solidários: "(...) Isto pode ser um complemento ou um suplemento económico, pode ser uma forma de atender a algumas especificidades interessantes (...) mas vai ter de ser combinada com políticas mais macroeconómicas e com políticas estruturais de emprego e de redistribuição da riqueza. (...)" (Entrevista nº1); "Isso seria muito difícil. Em relação a isso, estes mecanismos poderiam ser uma ajuda, mas teriam de ser bem programados para isso acontecer." (Entrevista nº3).

Outra razão que contribuiu para que não houvesse uma promoção da autonomia dos participantes, foi o término dos mercados solidários: "(...) o tempo de duração dos mercados, não deu para que aquela comunidade percebesse que podia subsistir por si só e serem auto-suficientes. Acho que acabaram por não perceber o conceito dessa forma. Perceberam que podiam trocar produtos entre eles, mas que isso não bastava para subsistirem. (...)" (Entrevista nº2); "Isso seria muito difícil porque o mercado não continuou. (...)" (Entrevista nº7).

Desta maneira, pode-se dizer que estas iniciativas têm a potencialidade de reforçar competências a nível social, mas a nível económico, essas competências terão de ser reforçadas em articulação com outros mecanismos socioeconómicos, que não sejam apenas os mercados solidários.

*- Solidariedade*

A solidariedade é, sem dúvida, o núcleo central no qual a economia solidária se baseia e um dos seus princípios fundamentais. Irei-nos focar em três variáveis fundamentais: a reciprocidade, a prática da solidariedade em si, e a inclusão social.

Assim, a reciprocidade é o conceito mais imediato quando pensamos em trocas, sejam directas ou indirectas, formais ou informais. Neste caso particular, a reciprocidade foi analisada tendo em conta a possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes. Todas as indicações das pessoas entrevistadas foram positivas em relação a este aspecto, ou seja, observou-se sempre uma interacção muito saudável entre as várias gerações ao longo da realização dos mercados: "(...) havia muita naturalidade nas trocas entre todos. Até no convívio, desde arranjar o espaço, como remontar o espaço para o momento de convívio depois do mercado, notava-se uma troca muito interessante entre gerações. Também havia troca de conhecimentos entre todos quando cada um explicava como fez o produto que levou para o mercado." (Entrevista nº1); "(...) havia uma troca de saberes, por um lado, porque os jovens que participavam queriam sempre saber como é que as coisas eram feitas e as pessoas mais velhas também acabavam por perguntar o mesmo aos jovens que lá estavam. (...)" (Entrevista nº2); "(...) Quando estavam aí os jovens que vinham de fora, de outros países, era muito bonito, porque sempre tinham outros conhecimentos das suas terras. (...)" (Entrevista nº4). De notar, que os campos de trabalho internacionais realizados no Verão, onde participavam jovens de vários países, foram muito importantes para fomentar esta troca, já de si, muito rica, e que eles vieram cultivar ainda mais.

Relativamente à prática da solidariedade em si, foi indagado à população e às colaboradoras da AJP, se estas iniciativas poderiam ser um estímulo à prática da solidariedade. A maioria das respostas foram positivas, entre as quais se destaca o espírito solidário demonstrado pelas pessoas ao longo da realização dos mercados solidários: "(...) Todos os participantes faziam um esforço para que toda a gente ficasse satisfeita e realizada quando o mercado acabava. E nesse sentido, havia um grande espírito solidário. Sem dúvida que houve um estímulo à solidariedade. (...)" (Entrevista nº3); "(...) colocávamos à disposição produtos que abdicávamos e que nós entendíamos que serviriam as pessoas que eram mais necessitadas do que nós. (...)" (Entrevista nº5); "(...) em termos de estimular a solidariedade,

foi muito proveitoso. No fundo, despertou a atenção das pessoas para esse efeito. (...)" (Entrevista nº10).

Porém, existem certas referências ao estímulo da solidariedade apenas dentro da população mais carenciada, e não num sentido mais em amplo, em que todas as classes sociais sejam sensibilizadas para isso: "(...) em termos da prática da solidariedade, isso sim. Eu acho que este modelo favorece certos grupos sociais pequenos em que todos têm o mesmo nível de vida. E isso poderá ter bons resultados em termos de solidariedade, mas sempre dentro desses grupos. (...)" (Entrevista nº6); (...) Houve estímulo de companheirismo entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades e trocas entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades. Quem poderia realmente dar mais qualquer coisa não ia lá. O espírito de solidariedade não foi tão explorado como isso. Quem realmente participava eram pessoas que necessitavam. (...)" (Entrevista nº11).

A última variável em análise é aquela referente à inclusão social, particularmente no que diz respeito à promoção da integração de grupos populacionais isolados. Aqui, as opiniões são diversas.

Por um lado, é referenciada a possibilidade da integração de grupos populacionais isolados, mas sempre coordenando com outros mecanismos, como era o caso de actividades como o teatro do oprimido e do projecto "Mercearia Solidária": "(...) Houve algumas pessoas em situação de exclusão e, na verdade, o mercado solidário tal qual nós o praticámos não se revelou, por si só, ser uma ferramenta muito adequada á inclusão dessas pessoas. Agora, os mercados com outras articulações sim, como por exemplo, o teatro do oprimido, que utilizámos para fazer algumas iniciativas. Podia trazer as pessoas para outras esferas de acção que ajudaria a integrá-las. (...)" (Entrevista nº1); "(...) criámos um projecto que era a Mercearia Solidária, que também tinha muito essa vertente, e acabámos por criar ali um conjunto de outros mecanismos, advindos das necessidades sentidas ao longo da realização dos mercados. (...)" (Entrevista nº2).

Por outro lado, quem participou tem a convicção de que os mercados ajudaram em algum momento, aquelas pessoas que, não estavam necessariamente em situações de exclusão social, mas que, de certa forma, viviam numa situação de solidão: "(...) há aí pessoas que são viúvas e que vivem sozinhas. Então havia sempre aquele bocadinho naquele dia. As pessoas encontravam-se e era como se fosse uma festa." (Entrevista nº4); "(...) as pessoas que vivem mais isoladas, quando vinham aos mercados, sentiam-se bem por estar ali com pessoas que

elas não viam todos os dias, porque acabam por estar muito isoladas, e os mercados favoreciam muito isso. Não tenho dúvidas disso." (Entrevista nº6).

Opinião diferente tem quem não participou, pois afirmam que os mercados, por si só, não iriam favorecer a integração dos mais isolados, e até vem corroborar a opinião manifestada inicialmente pelas colaboradoras da AJP: "(...) Não vejo as pessoas mais isoladas integrarem-se mais na comunidade por causa do mercado solidário. (...)" (Entrevista nº8).

De facto, transparece aqui um espírito solidário na população, que os mercados solidários ajudaram a impulsionar, havendo um claro estímulo à solidariedade. No entanto, se o objectivo for mais profundo, no sentido de promover a inclusão social, terá de haver um mecanismo próprio que complemente estas iniciativas, de maneira a fomentar uma comunidade mais coesa a nível social.



## **CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente investigação teve como propósito elaborar um estudo sobre os sistemas de trocas locais, sistematizando a sua relação com os conceitos de desenvolvimento local e da economia solidária.

A problemática inicial do estudo consistiu em tentar compreender se os sistemas de trocas locais e solidárias influenciam o desenvolvimento local dentro de uma comunidade e se esses sistemas reforçam os mecanismos da economia solidária. Para isso, foi definida uma questão inicial, na qual se baseou este estudo: "Um circuito no qual se efectuam trocas informais com recurso a uma moeda local, contribui para o desenvolvimento local e fomento da economia solidária?"

Esta pergunta de partida foi elaborada tendo em conta a definição dos seguintes objectivos específicos:

- Compreender se um sistema de trocas local consegue satisfazer as necessidades fundamentais das pessoas de uma dada comunidade;
- Determinar se um sistema de trocas local consegue fomentar a participação e o exercício da cidadania num dado local;
- Saber se um sistema de trocas local valoriza os recursos e as capacidades endógenas de uma região;
- Avaliar se um sistema de trocas local promove a união, a integração social e as redes sociais num determinado local;
- Aferir se trocas locais e informais constituem um estímulo à reciprocidade e à solidariedade.

Assim, para permitir o alcance de todos estes objectivos, foi feito inicialmente um enquadramento teórico, no qual se privilegiou a análise dos conceitos de desenvolvimento local e economia solidária.

O estudo do conceito de desenvolvimento local foi desenhado a partir da noção mais ampla de desenvolvimento, tendo em conta a sua evolução histórica, permitindo-nos compreender como o conceito de desenvolvimento progrediu até uma conceptualização mais

centrada nas comunidades locais, sendo que essa conceptualização se torna mais clara quando analisamos os princípios que orientam o desenvolvimento local.

Desta forma, foram apresentados vários princípios orientadores, sendo que foi dado um maior destaque aos seguintes: instituição de um processo de mudança; concentração de esforços em pequenas comunidades territoriais; satisfação de necessidades fundamentais; mobilização das capacidades endógenas; adopção de uma metodologia participativa; recurso ao apoio das capacidades exógenas; adopção de uma perspectiva integrada; trabalho em rede e em parceria; impacto tendencial em toda a comunidade; e diversidade. Esta identificação de princípios revelou-se essencial aquando da definição da estrutura de análise do estudo empírico em causa.

Por outro lado, a economia solidária foi o segundo conceito estudado no enquadramento conceptual, visto ser um conceito em torno do qual se situam as trocas locais e solidárias. Logo, tornou-se imperioso abordar este tema, procurando dar ênfase a dois dos percursos mais importantes que a evolução do conceito de economia solidária percorreu.

O primeiro percurso abordado foi o europeu, no qual se efectuou uma evolução histórica, partindo do conceito de economia social e do cooperativismo, analisando como nasce a economia solidária, a partir das preocupações com as debilidades sociais e com o fortalecimento da solidariedade a nível comunitário. Por sua vez, o segundo percurso apresentado foi o latino-americano, o qual deu origem a diversas conceptualizações por toda a América Latina, baseando-se em valores como a entreaajuda, a cooperação e a autodeterminação das comunidades. Na exposição conceptual ainda foi descrita uma terceira vertente da economia solidária centrada na região da Macaronésia, sendo aqui privilegiadas as dimensões culturais, ambientais e científicas do conceito.

Desta maneira, também houve a preocupação em apresentar alguns dos princípios fundamentais que orientam o conceito da economia solidária. Na vertente europeia, deu-se primazia à redistribuição e reciprocidade, enquanto que na vertente latino-americana, os princípios abordados foram a autogestão e a cooperação, como também o consumo sustentável e o estabelecimento de redes solidárias. Os valores e princípios essenciais apresentados, também se manifestaram cruciais na definição da metodologia da análise empírica.

Após a apresentação do conceito de economia solidária, foi essencial descrever a relação entre os dois conceitos principais deste estudo. Para isso, foi analisado o contributo

que a economia solidária poderá ter no desenvolvimento local. Desde logo, o facto da economia solidária ser de carácter endógeno e de gerar uma identidade local, faz com que esteja relacionada com processos de desenvolvimento de uma região ou comunidade. O espírito de partilha comunitária, as relações de entreaajuda e o sentimento de pertença são características presentes em várias dimensões da economia solidária que, por sua vez, potenciam o desenvolvimento local, causando assim uma interdependência entre os dois conceitos.

Ficou patenteado que a economia solidária contribui para o desenvolvimento local, sendo considerada como um efeito multiplicador do mesmo, pois faz com que este adquira novas dimensões fertilizadoras como a sustentabilidade e a promoção de relações de confiança dentro das comunidades.

Estabelecida esta conjugação de conceitos, foi dado espaço à reflexão sobre o tema principal deste estudo, protagonizado pelos sistemas de trocas locais. Foi dada a conhecer a origem destas redes de troca, bem como uma breve caracterização conceptual das mesmas. Para além disso, houve a preocupação em dar uma perspectiva global destes sistemas, dado que, hoje em dia estes encontram-se disseminados por todo o mundo, nas mais diversas modalidades. Por outro lado, o desenvolvimento dos tópicos referentes à moeda social e aos mercados solidários, foi crucial para estabelecer uma base de análise do estudo empírico.

De notar, que esta reflexão iniciou-se com a apresentação da relação entre a economia solidária e as trocas locais e solidárias, visto estas encontrarem-se inseridas numa componente periférica da economia solidária, denominada de economia doméstica e de vizinhança, a qual valoriza as relações sociais e o auxílio mútuo.

Deste modo, existe um encadeamento entre os três conceitos, ou seja, os sistemas de trocas locais inserem-se em uma das componentes periféricas da economia solidária, sendo que a economia solidária contribui para o desenvolvimento local.

Assim, a partir deste estudo teórico foram enunciadas as seguintes hipóteses:

1. Os sistemas de trocas locais são um meio que promove o desenvolvimento local de uma dada região;
2. Os sistemas de trocas locais, conjugados com os princípios que regem a economia solidária, potenciam a qualidade de vida e de bem-estar de uma dada região ou

comunidade, ao mesmo tempo que valorizam os recursos e capacidades dessa mesma comunidade.

Para provar estas hipóteses, foi construída uma matriz de análise dividida nos dois conceitos de referência deste estudo, sendo que, para cada um deles foram atribuídas dimensões de análise. No caso do desenvolvimento local, resumiram-se a sete dimensões correspondentes aos princípios do desenvolvimento local mais relevantes previamente apresentados e, no caso da economia solidária, foram seleccionadas cinco dimensões de análise correspondentes a alguns dos princípios e valores apresentados na análise conceptual.

Contudo, para proceder a uma análise fidedigna do estudo de caso, foi importante elaborar uma contextualização, tanto da região em análise, como da associação que levou a cabo a implementação das trocas locais e solidárias.

Deste modo, foi efectuada uma caracterização da freguesia da Granja do Ulmeiro, onde foi possível verificar as suas características em termos populacionais, culturais e socioeconómicos. Esta caracterização permitiu-nos demonstrar que a freguesia conta actualmente com alguns desequilíbrios, como é o caso da maioria da população activa estar concentrada no sector dos serviços, para além de haver muitos habitantes que não trabalham na Granja do Ulmeiro, mas sim, nas cidades circundantes, dando origem à denominação de "dormitório" à localidade por parte de alguns dos seus habitantes.

Por outro lado, a caracterização da associação AJP e dos mercados solidários implementados, deu-nos uma perspectiva geral das áreas de intervenção da AJP, bem como do funcionamento das iniciativas de trocas locais, as quais eram sempre articuladas com momentos culturais que aproximassem as pessoas e promovessem a coesão social, e com assembleias comunitárias que estabelecessem um espírito participativo na comunidade.

A contextualização do estudo não estaria completa sem uma descrição do perfil dos participantes que nos demonstrou as principais características dos mesmos. A predominância das mulheres e dos mais idosos constituiu a característica principal das pessoas que participaram nos mercados solidários, fazendo com que muitas vezes o número de participantes fosse um pouco limitado. Por outro lado, quem participava eram maioritariamente pessoas da freguesia, reforçando assim os laços sociais dentro da comunidade.

Os mercados solidários na AJP, conjugados com o projecto "Mercearia Solidária", sempre tiveram como objectivo estabelecer na comunidade certos princípios relacionados com o desenvolvimento local e a economia solidária, como a satisfação das necessidades, a participação e a solidariedade. Foi o contacto com as pessoas entrevistadas que permitiu aferir se todas as dimensões seleccionadas no modelo de análise estariam presentes na implementação dos mercados solidários, em conjunto com o projecto da "Mercearia Solidária".

Assim, de seguida é elaborado um resumo das conclusões retiradas da análise empírica, começando pelas dimensões presentes no conceito de desenvolvimento local.

- *Satisfação das necessidades fundamentais*: Esta dimensão verifica-se essencialmente a nível do convívio social, e não tanto a nível material. A maioria das pessoas refere que a convivência é a necessidade que mais vezes viu satisfeita. Por outro lado, a necessidade da alimentação é referida algumas vezes como uma das necessidades satisfeitas, não sendo tão relevante quanto a de convívio social. A necessidade de convivência aqui satisfeita, também é uma necessidade fundamental, na medida em que melhora o bem-estar das pessoas em isolamento e da comunidade em geral, no que diz respeito ao estabelecimento de laços de proximidade entre os membros dessa comunidade.

- *Mobilização das capacidades locais*: Em termos de recursos, estes eram maioritariamente endógenos, sendo notória a existência de algumas pessoas voluntárias que eram habitantes da freguesia.

- *Participação*: O incentivo à participação está presente na implementação dos mercados solidários, verificando-se no entanto, uma adesão algo irregular, sendo que, em termos globais, a adesão da população foi satisfatória.

- *Apoio de recursos exógenos*: No que se refere aos recursos exógenos, estes foram utilizados tendo em vista complementar as capacidades e os recursos locais.

- *Trabalho em rede e em parceria*: Em relação às parcerias, houve a preocupação em estabelecer relações de parcerias essencialmente a nível local, apenas com algumas excepções no projecto "Mercearia Solidária". Logo, a AJP trabalhou sempre em rede com as entidades locais, principalmente no que dizia respeito aos mercados solidários.

- *Perspectiva integrada*: A adopção de uma perspectiva integrada está presente a nível do tipo de áreas de intervenção, ou seja, tanto a área económica, como a social e a cultural

estão presentes. Relativamente aos grupos populacionais integrados, estes não apresentam muita diversidade, sendo de realçar a presença de poucos participantes de outras freguesias, o que, na verdade, pode ser considerado um aspecto positivo, visto que, deste modo há uma maior concentração nas dinâmicas a nível local.

- *Impacto tendencial em toda a comunidade*: Na Granja do Ulmeiro não se verificou um impacto tendencial em toda a comunidade a nível económico, social ou cultural, sendo apenas sentido nas pessoas que participaram nos mercados solidários. O que foi notório a nível da comunidade em geral, foi a questão do convívio que os mercados estimularam, não só nos dias em que se realizavam, mas nos dias posteriores, através dos encontros que se multiplicavam por toda a localidade. Por outro lado, houve algum mediatismo em torno destes eventos, o que tornou a Granja do Ulmeiro mais conhecida. Contudo, os efeitos desse mediatismo a nível do comércio local foram apenas residuais.

No que diz respeito à presença das dimensões da economia solidária na implementação dos mercados solidários, a avaliação da maioria das pessoas entrevistada é bastante positiva. De seguida, apresenta-se um resumo das conclusões referentes a cada uma delas.

- *Cooperação*: A cooperação encontrava-se sempre presente na realização dos mercados, nos quais todos se respeitavam, à excepção de alguns episódios de reservas de produtos que não assumiram grande relevância, dado que todos conviviam num ambiente amigável e a AJP promovia sempre o espírito de entreajuda entre todos.

- *Confiança*: Esta dimensão tão crucial na implementação das trocas locais, esteve sempre presente nos mercados solidários, quer na promoção do sentimento de pertença à comunidade, quer na promoção das redes sociais. Este estabelecimento de laços de confiança, verificou-se entre as pessoas que participaram, mas não na comunidade em geral.

- *Domesticidade*: A valorização dos produtos e serviços locais foi, sem dúvida, uma mais-valia que os mercados solidários trouxeram, encontrando-se a presença desta dimensão em todos os eventos realizados.

- *Empowerment*: Instituir o *empowerment* nos membros da comunidade foi sempre um dos objectivos subjacentes na realização dos mercados, quer através das assembleias comunitárias, fomentando a autodeterminação das mulheres, quer através dos laços sociais que se perpetuaram após as trocas. No entanto, em termos de autonomia económica, não

houve essa promoção, uma vez que os mercados solidários, por si só, não são suficientes para a promover.

- *Solidariedade*: A prática da solidariedade foi favorecida ao longo dos anos, através das iniciativas de trocas, nomeadamente, perante a reciprocidade que se verificou entre as gerações, como também, através de um estímulo à adopção de práticas mais solidárias entre as pessoas da comunidade. No entanto, se a solidariedade passasse pela inclusão de populações mais desfavorecidas, esta teria de se apoiar em mecanismos complementares que assegurassem o sucesso dessas práticas, como foi o caso do projecto "Mercearia Solidária".

Deste modo, verificamos que as várias dimensões da economia solidária aqui estudadas, estão presentes na implementação dos mercados solidários e na sua conjugação com o projecto "Mercearia Solidária". Conclui-se que as trocas locais e solidárias são uma ferramenta importante para fomentar a economia solidária dentro de uma comunidade, especialmente se estas estiverem associadas a mecanismos socioeconómicos que potenciem os seus efeitos a nível local.

Quanto à presença das várias dimensões do desenvolvimento local, apesar de se verificar a satisfação de algumas necessidades essenciais e de haver um trabalho em rede com enfoque no local, o facto dos mercados solidários englobarem apenas alguns grupos populacionais e de não haver um impacto tendencial em toda a comunidade, permite-nos concluir que não houve um processo consistente onde se tivesse verificado o desenvolvimento local.

Assim, no que se refere à primeira hipótese formulada no início deste estudo, poder-se-á dizer que os sistemas de trocas locais, por si só, não promovem o desenvolvimento local, mas se considerarmos a segunda hipótese formulada, podemos afirmar que estes sistemas, conjugados com os princípios que regem a economia solidária, potenciam a qualidade de vida e de bem-estar de uma comunidade, ao mesmo tempo que valorizam os seus recursos e capacidades.

A investigação que agora termina poderá abarcar mais áreas de estudo, tanto do ponto de vista teórico, como empírico, logo, cabe-nos agora sugerir algumas práticas reflexivas sobre a implementação de sistemas de trocas locais.

Muito haveria por explorar para além do desenvolvimento local e da sua conjugação com as trocas locais. Desde logo, a questão da sustentabilidade local é um conceito que

poderá ser explorado, dada a notória valorização dos recursos locais e a união que estes sistemas promovem entre os membros de uma comunidade. O conceito de sustentabilidade poderá ser desenvolvido do ponto de vista das comunidades sustentáveis, ou mesmo até do ponto de vista do consumo sustentável. Por outro lado, tendo em conta os princípios ligados à economia solidária, poderão ser aprofundadas as questões ligadas ao desenvolvimento das redes sociais, visto que, a exploração mais aprofundada do conceito de rede social, poderá ser útil para perceber a capacidade que os sistemas de trocas locais possuem quando pretendemos promover uma rede social numa determinada comunidade.

O relacionamento do tema dos mercados solidários com conceito de capital social poderá também ser uma mais-valia, dada a riqueza que este conceito poderá trazer. Para além disso, as finanças solidárias ainda é um tópico que está por desenvolver e por estudar de um modo mais detalhado.

Em termos mais práticos, ainda existem muitas metodologias que poderão ser adoptadas.

O alargamento destas iniciativas a outros grupos populacionais seria incentivada se houvesse uma maior diversidade de vertentes de eventos de trocas, como é o caso de adopção de dias específicos dedicados às crianças. As crianças funcionam como agregadoras das comunidades, por intermédio das suas famílias, influenciando a participação de um maior número de pessoas.

Além disso, a implementação de outros mecanismos complementares também poderia ser valorizada, como é o caso do banco do tempo. Neste caso, a prestação de serviços era estimulada entre os membros da comunidade, favorecendo particularmente os segmentos da população mais desfavorecidos e em situações de exclusão social.

A transformação local terá de ser encarada como um processo de longo prazo, onde haja a preocupação de implementar uma perspectiva integrada, na qual, diversas áreas como a economia, a cultura, a educação e o ambiente, sejam articuladas com os sistemas de trocas locais. Como já foi mencionado, os mercados solidários não originam, por si só, o desenvolvimento de uma região, mas poderão ser impulsionadores de estratégias governamentais locais que o estimulem. No caso da Granja do Ulmeiro, esse facto ainda é mais premente, uma vez que a maior parte da sua população trabalha fora da localidade. Para isso, o trabalho em parceria com as instituições locais deverá ser posto em evidência, de modo a implementar mecanismos socioeconómicos e políticos que identifiquem os desequilíbrios

estruturais da região, propondo soluções para os resolver e, assim, haja um efeito tendencial em toda a comunidade.

Outro aspecto importante a ter em conta é implementação de acções de sensibilização, que são de extrema relevância para garantir os processos de participação comunitária. A participação é fundamental quando se põem em prática os sistemas de trocas, visto que, se esta não estiver assegurada, estas iniciativas não serão bem-sucedidas. Garantir uma participação consistente com uma maior diversidade de participantes, passa por instituir uma maior frequência de eventos de trocas, mas também pela adopção de metodologias participativas nas quais estejam presentes a capacitação e a responsabilização colectiva. Este facto é decisivo para fomentar a autonomia e a auto-determinação da população, dando azo a que a comunidade local seja, também ela, a disseminadora da mensagem.

Assim, para assegurar a sustentabilidade do projecto, os técnicos de intervenção comunitária deverão trabalhar em conjunto com a população, de modo a instituir processos de distribuição de poderes. Verifica-se que existem muitas pessoas com vontade de implementar projectos de desenvolvimento alternativos nas suas comunidades, mas muitas vezes surge o sentimento de acomodação e a mudança acaba por não ocorrer. Na nossa sociedade, o medo de arriscar ainda é predominante, o que dificulta a adopção de processos de mudança por parte da população. Deverá ser elaborado um trabalho de assessoria técnica em conjunto com os membros da comunidade, interlocutores locais e instituições de poder regional, de modo a que este seja um processo contínuo e sustentável. Desta maneira, poder-se-á alcançar um patamar onde a comunidade se sinta confortável em assumir plenos poderes na execução do projecto.

Na verdade, ainda existe um longo caminho a percorrer. Em Portugal, estas iniciativas ainda são relativamente recentes, o que causa à partida alguma desconfiança por parte das pessoas quando lhes é apresentada a ideia. O trabalho de sensibilização é crucial para o sucesso de qualquer projecto, sendo este, um desses casos.

Como foi referido anteriormente, estas iniciativas são encaradas como uma actividade lúdica e sem grande relevância para a sociedade. O distanciamento de certas pessoas em relação a práticas solidárias poderá provocar uma ideia errada daquilo que as trocas solidárias representam. Nem toda a comunidade se encontra receptiva a estas iniciativas, sendo que muitas pessoas recusam à partida os benefícios que as trocas poderão ter no bem-estar da comunidade. Esta situação manifesta-se principalmente no seio de sociedades dominadas

pelos princípios do capitalismo, onde a competição se sobrepõe à cooperação e onde muito poucas pessoas se encontram sensibilizadas para a prática da solidariedade.

Existem, hoje em dia, muitas pessoas em situações de vulnerabilidade social e económica, para as quais, a noção de solidariedade limita-se apenas ao assistencialismo e ao paternalismo. A ideia de que a solidariedade passa apenas por receber algo tangível está profundamente enraizada na nossa sociedade. Será preciso passar a mensagem de que toda a gente tem algo a receber, mas também para oferecer, e isso não se limita apenas a bens materiais, mas principalmente a aspectos imateriais. Por exemplo, ouvir um conto ou uma história, poderá valer tanto ou mais, do que um quilo de laranjas. Essa é a mais-valia que estes sistemas de trocas locais vieram trazer às nossas sociedades: a ideia de que a reciprocidade poderá gerar riqueza, não só do ponto de vista material, mas essencialmente, do ponto de vista social e humano.

O trabalho de sensibilização deverá começar nas comunidades, mas em parceria com as instituições governamentais locais, de maneira a iniciar um processo de mudança nas acções comunitárias e nas práticas reflexivas da sociedade em geral. Este trabalho de investigação pretende ser um impulsionador dessas práticas reflexivas, esperando, desta maneira, abrir novos caminhos no estudo desta temática.

## BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Rogério Roque (coord.) et al (1992), *Iniciativas de Desenvolvimento Local - Caracterização de Alguns Exemplos*, Lisboa, ISCTE/IEFP.
- Amaro, Rogério Roque (2004), "Desenvolvimento - Um Conceito Ultrapassado ou em Renovação? Da Teoria à Prática e da Prática à Teoria", *Cadernos de Estudos Africanos*, IV (4), pp. 35-70.
- Amaro, Rogério Roque (2009a), "Desenvolvimento Local", em Antonio David Cattani et al (coords.), *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Coimbra, Edições Almedina.
- Amaro, Rogério Roque (2009b), "Economia Solidária da Macaronésia - Um Novo Conceito", *Revista de Economia Solidária*, 0, pp. 8-19.
- Arkel, Henk Van et al (2002) (orgs.), *Onde Está o Dinheiro? Pistas para a Construção do Movimento Monetário Mosaico*, Porto Alegre, Dacasa Editora.
- Azevedo, Raquel (2010), *O Papel das Redes Locais nas Economias Solidárias - O Caso dos Mercados Solidários da Granja do Ulmeiro*, Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Banco Mundial (2002), *What is Social Capital?* Consultado em 18 de Julho de 2011 através de <http://go.worldbank.org/K4LUMW43B0>
- Banco Palmas (2007), *Moeda Social*. Consultado em 25 de Agosto de 2011 através de <http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/secao/23739>
- Benko, Georges (2001), *Lexique de Géographie Économique*, Paris, Armand Colin.
- Blakely, Edward e Nancey Leigh (2009), *Planning Local Economic Development: Theory and Practice*, California, SAGE Publications.
- Brito, Brígida Rocha (2010), "Tecendo Considerações sobre o Desenvolvimento Local", em Brígida Rocha Brito (coord.), *Abrindo Trilhos - Tecendo Redes: Reflexões e Experiências de Desenvolvimento Local em Contexto Lusófono*, Lisboa, Gerpress.
- Brusco, Giovani (2007), *Empreendimentos Solidários e Redes de Trocas, Alternativas Pós-Capitalistas de Produção e Comercialização?*, Dissertação de Bacharelato em Ciências Económicas, Curitiba, Universidade Federal do Paraná - UFPR. Consultado em 25 de Julho de 2011 através de <http://www.nits.ufpr.br/artigos/MonografiaGiovaniBrusco.pdf>
- Búrigo, Fábio Luiz (2001), *Moeda Social e a Circulação das Riquezas na Economia Solidária*. Consultado em 22 de Agosto de 2011 através de <http://www.milenio.com.br/ifil/rcs/biblioteca/burigo.htm>
- Candeias, Cezar (2005), "Economia Solidária, Desenvolvimento Local e Capital Social: A Construção de Círculos Virtuosos", em Cezar Candeias et al (orgs.), *Economia Solidária e Autogestão: Ponderações Teóricas e Achados Empíricos*, Alagoas, EdUFAL.

- Colin, Adélaïde (2005), *Japão: Os Herdeiros do Yui e do Ko - O Reino dos Escambos e dos Mini-Empréstimos*. Consultado em 25 de Agosto de 2011 através de [http://www.casadacidania.org.br/article.php3?id\\_article=36](http://www.casadacidania.org.br/article.php3?id_article=36)
- Dacheux, Éric e Daniel Goujon (2002), "L'Économie Solidaire: Une Alternative au Libéralisme?", em Marielle Tremblay et al (orgs.), *Développement Local, Économie Sociale et Démocratie*, Québec, Presses de l'Université du Québec.
- Dawe, Shirley e John Bryden (2000), "Competitive Advantage in the Rural Periphery: Redefining the Global-Local Nexus", em Harvey Lithwick e Yehuda Gradus (orgs.), *Developing Frontier Cities: Global Perspectives - Regional Contexts*, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers.
- Demoustier, Danièle (2006), *A Economia Social e Solidária: Um Novo Modo de Empreendimento Associativo*, São Paulo, Edições Loyola.
- Drevon, Dorothée (2005), *Itália: O Tempo Também é Contado - O Reino dos Escambos e dos Mini-Empréstimos*. Consultado em 25 de Agosto de 2011 através de [http://www.casadacidania.org.br/article.php3?id\\_article=36](http://www.casadacidania.org.br/article.php3?id_article=36)
- Ferrarini, Adriane (s.a.), *Clube de Trocas com Moeda Social: Uma Alternativa para Construir Relações Solidárias e Estimular o Fluxo Económico Local em Comunidades de Baixa Renda*. Consultado em 28 de Julho de 2011 através de <http://www.ecosol.org.br/txt/ADRIANE%20CLUBE%20DE%20TROCAS.pdf>
- Ferreira, Anselmo dos Santos (1963), *Granja do Ulmeiro Antiga e Moderna*, Gráfica Montemorense.
- Filho, Genauto e Jean-Louis Laville (2004), *Economia Solidária: Uma Abordagem Internacional*, Porto Alegre, UFRGS Editora.
- Frade, Sandra (2008), "E se em Vez do Capitalismo Tivéssemos Redes de Solidariedade? Uma Reflexão sobre os Mercados Solidários", em Teresa Cunha e Celina Santos (orgs.), *Artigo Feminino: Das Raízes da Participação*, Granja do Ulmeiro, AJP.
- Fragoso, António (2005), "Contributos para o Debate Teórico sobre o Desenvolvimento Local: Um Ensaio Baseado em Experiências Investigativas", *Revista Lusófona de Educação*, 5, pp. 63-83.
- Friedmann, John (1992); *Empowerment: The Politics of Alternative Development*, Cambridge, Blackwell Publishers.
- Gaiger, Luiz Inácio (2009), "Antecedentes e Expressões Atuais da Economia Solidária", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 84, pp. 81-99.
- Guerra, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*, Estoril, Príncípia Editora.
- Henriques, José Manuel (1990), *Municípios e Desenvolvimento: Caminhos Possíveis*, Lisboa, Escher.

- INCUBES (2005), *Economia Solidária - Princípios*. Consultado em 20 de Julho de 2011 através de <http://www.prac.ufpb.br/copac/incubes/galeria/artigos/Textos%20e%20Fragmentos/ECONOMIA%20SOLIDARIA%20-%20PRINCIPIOS.doc>
- INE (1964), *Censos - Tomo I: Prédios e Fogos; População - Dados Retrospectivos - 1960*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (1975), *Censos - População e Alojamentos por Lugares - 1970*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (1983), *Censos - Resultados Definitivos. Coimbra - 1981*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (1993), *Censos - Resultados Definitivos. Região Centro - 1991*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2002), *Censos - Resultados Definitivos. Região Centro - 2001*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2011), *Censos 2011 - Resultados Provisórios*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2011), *Anuário Estatístico da Região Centro - 2010*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- ISS (2012), *Base de Dados Estatísticos Oficiais*, Coimbra, Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Coimbra, Instituto da Segurança Social.
- Jané, Jordi Garcia (2010), "La Economía Solidaria: Sustento y Esperanza", *Revista de Economía Solidária*, 2, pp. 25-55.
- Laville, Jean-Louis (1998), "Pour une Économie Plurielle", *Alternatives Economiques*, (Online), 159. Disponível em: <http://www.creslr.org/fr/imgdyn/Pour%20une%20economie%20plurielle.pdf>
- Laville, Jean-Louis (2009a), "L'Économie Solidaire dans le Débat Théorique", *Revista de Economía Solidária*, 0, pp. 21-45.
- Laville, Jean-Louis (2009b), "A Economia Solidária: Um Movimento Internacional", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 84, pp. 7-47.
- Laville, Jean-Louis e Luiz Inácio Gaiger (2009), "Economia Solidária", em Antonio David Cattani et al (coords.), *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Coimbra, Edições Almedina.
- Leão, Ana Ponce e Maria Luísa Carvalho (2008), *ESECidadã*, Relatório Final de Estágio em Animação Socioeducativa, Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra.
- Leborgne, Danièle e Alain Lipietz (1994), "Flexibilidade Ofensiva e Flexibilidade Defensiva: Duas Estratégias Sociais na Produção dos Novos Espaços Económicos" em Georges Benko e Alain Lipietz (orgs.), *As Regiões Ganhadoras - Distritos e Redes: Os Novos Paradigmas da Geografia Económica*, Oeiras, Celta Editora.

- Lisboa, Armando de Melo (2004), *Economia Solidária, Economia Barroca - A Emergência da Socioeconomia Solidária na América Ibérica*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia Económica e das Organizações, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão.
- Mance, Euclides (2000), *A Revolução das Redes: A Colaboração Solidária como uma Alternativa Pós-Capitalista à Globalização Actual*, Petrópolis, Vozes.
- Mance, Euclides (2002), "Redes de Trocas e Cadeias Produtivas - Limites e Alternativas", *Bahia Análise & Dados*, (Online), 12 (1). Disponível em:  
<http://www.socioeco.org/bdf/docs/redesdetrocaecadeiasprodutivas.pdf>
- Mengin, Jaqueline (1989), *Guide du Développement Local et du Développement Social*, Paris, Éditions L'Harmattan.
- Montez, Mário (2010), "Trocas por Cá - Mercados Solidários pela Voz de um Prossumidor", *Revista de Economia Solidária*, 2, pp. 115-131.
- Murteira, Mário (1995), *Economia Mundial: a Emergência de uma Nova Ordem Global*, Lisboa, Difusão Cultural.
- Prado, Flávio Augusto (2004), *Tributação das Cooperativas à Luz do Direito Cooperativo*. Curitiba, Juruá Editora.
- Primavera, Heloisa (2002), *Clubes de Troca: O que há de novo?* Consultado em 26 de Julho de 2011 através de  
[http://redlases.files.wordpress.com/2008/02/pt2003\\_livrobancopalmas\\_clubes-detroca\\_hp.pdf](http://redlases.files.wordpress.com/2008/02/pt2003_livrobancopalmas_clubes-detroca_hp.pdf)
- Primavera, Heloisa (2007), *Trocar de Vida com Economias Solidárias*. Consultado em 24 de Julho de 2011 através de  
[http://redlases.files.wordpress.com/2008/02/pt2007\\_trocardevida\\_con\\_ecosol\\_hp.pdf](http://redlases.files.wordpress.com/2008/02/pt2007_trocardevida_con_ecosol_hp.pdf)
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Rancho Folclórico Flores da Granja do Ulmeiro (2006), *Dossier - Baixo Mondego*, Granja do Ulmeiro, s.n.
- Redlases (Red LatinoAmericana de SocioEconomía Solidaria) (2005), *Mercado de Trocas Solidárias/Ecobanco/Moeda Social*. Consultado em 27 de Julho de 2011 através de  
[http://redlases.files.wordpress.com/2008/02/pt2005\\_folderstamaria\\_mts\\_hp.pdf](http://redlases.files.wordpress.com/2008/02/pt2005_folderstamaria_mts_hp.pdf)
- Sanchez-Costa, Dídac (2002), *Como Criar uma Rede de Trocas em sua Comunidade*, Itajaí, Mímeo.
- Santos, Boaventura de Sousa (2001), "Os Processos da Globalização", em Boaventura de Sousa Santos (org.), *Globalização: Fatalidade ou Utopia*, Porto, Edições Afrontamento.

- Seyfang, Gill (2002), "Tackling Social Exclusion with Community Currencies: Learning from LETS to Time Banks", *International Journal of Community Currency Research*, (Online), 6 (3). Disponível em: <http://ijccr.group.shef.ac.uk/>
- Silva, Manuel Carlos e António Cardoso (2005), "O Local Face ao Global: Por Revisitação Crítica dos Modelos de Desenvolvimento", em Manuel Carlos Silva et al (coords.), *Desenvolvimento e Assimetrias Sócio-Espaciais: Perspectivas Teóricas e Estudos de Caso*, Braga, Núcleo de Estudos em Sociologia/Universidade do Minho e Inovação à Leitura.
- Singer, Paul (2004), "A Recente Ressurreição da Economia Solidária no Brasil" em Boaventura de Sousa Santos (org.), *Produzir para Viver: Os Caminhos da Produção Não Capitalista*, Porto, Edições Afrontamento.
- Singer, Paul (2005), "A Economia Solidária como Ato Pedagógico", em Sonia Portella Kruppa (coord.), *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*, Brasília, INEP.
- Soares, Maria Priscila (2007), *Animação Cidadã para a Acção Solidária*, São Brás do Alportel, Associação In Loco.
- Soares, Maria Priscila (2008), *Uma Experiência de Economia Solidária - Aprendizagens e Desafios*. Consultado em 27 de Agosto de 2011 através de <http://www.solidariedadecidada.org/documentos/documento6.pdf>
- Soares, Maria Priscila (2011), "O Mercado Solidário: Um Caminho a Percorrer", em Teresa Cunha (org.), *Ensaios pela Democracia, Justiça, Dignidade e Bem-Viver*, Porto, Edições Afrontamento.
- Stöhr, Walter (1990), *Global Challenge and Local Response: Initiatives for Economic Regeneration in Contemporary Europe*, Londres, Mansell Publishing Limited.
- Stöhr, Walter (2001), *New Regional Development Paradigms: Decentralization, Governance, and the New Planning for Local-Level Development*, Westport, Greenwood Publishing Group.
- YAP (s.a.), *Youth Action for Peace (YAP)*. Consultado em 27 de Abril de 2012 através de [http://youthforum.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=242%3A-youth-action-for-peace-&catid=58%3Amember-organisations&Itemid=58&lang=en](http://youthforum.org/index.php?option=com_content&view=article&id=242%3A-youth-action-for-peace-&catid=58%3Amember-organisations&Itemid=58&lang=en)
- Yin, Robert (2011), *Applications of Case Study Research*, California, Sage Publications.

# **ANEXOS**

## **ANEXOS**

### **Anexo A - Matriz de Análise**

### **Anexo B - Localização da Freguesia da Granja do Ulmeiro**

### **Anexo C - Guião das Entrevistas**

C1 - Guião das Entrevistas às Colaboradoras da AJP

C2 - Guião das Entrevistas à População Participante

C3 - Guião das Entrevistas à População Não Participante

### **Anexo D - Grelhas de Análise de Entrevistas**

D1 - Grelhas de Análise de Entrevistas às Colaboradoras da AJP

D2 - Grelhas de Análise de Entrevistas à População Participante

D3 - Grelhas de Análise de Entrevistas à População Não Participante

D4 - Grelhas de Análise de Entrevistas - Síntese

### **Anexo E - Entrevistas Transcritas**

### **Anexo F – Exemplos de Moedas Sociais**

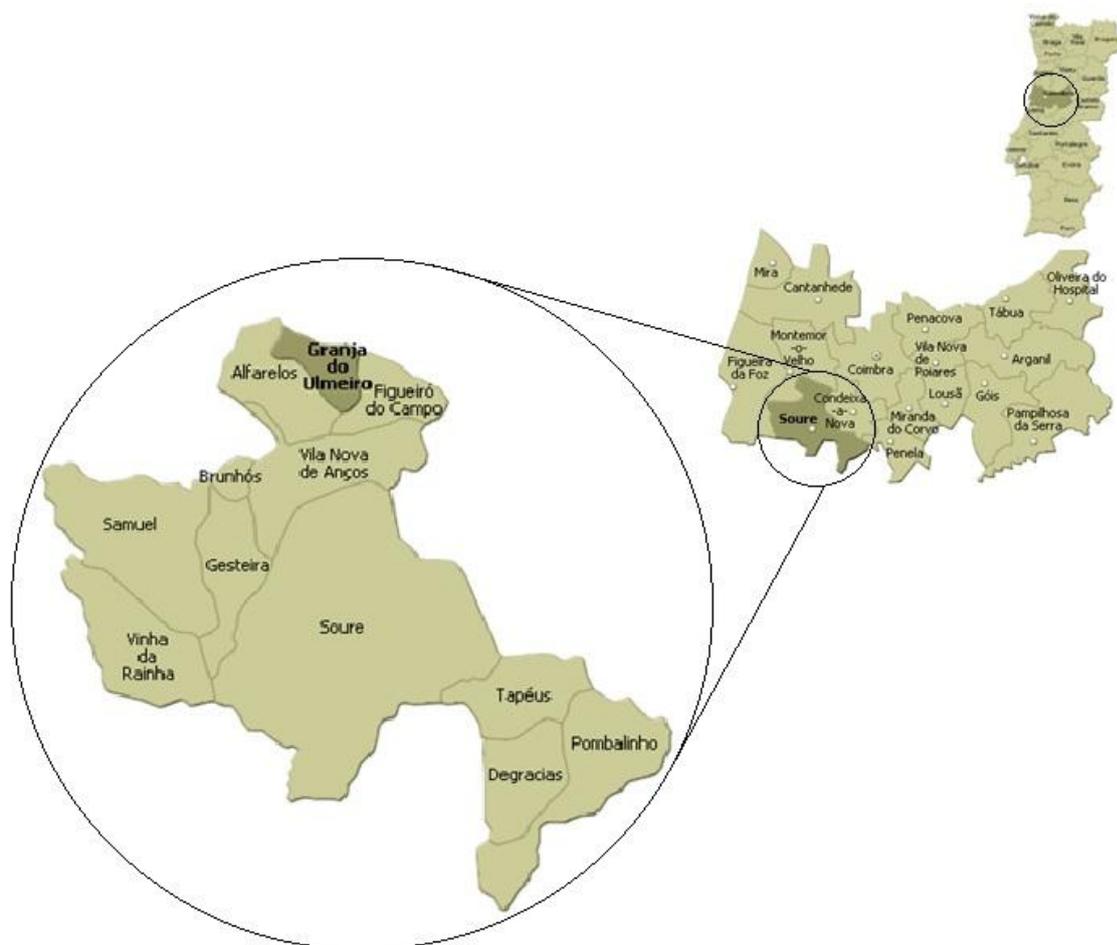
### **Anexo G – Moeda Social Utilizada no Mercado Solidário da Granja do Ulmeiro**

### **Anexo H – Lista de Produtos e Serviços Trocados**

## Anexo A - Matriz de Análise

| Questões de partida   | Conceitos de referência                                   | Dimensões de Análise                                    | Variáveis   | Indicadores  | Fontes de recolha da informação          |
|---|---|---|---|--|--|
| Um circuito no qual se efectuam trocas informais com recurso a uma moeda local, contribui para o desenvolvimento local e fomento da economia solidária? | Desenvolvimento Local                                     | Satisfação das necessidades fundamentais                | Necessidades satisfeitas pelas trocas   | Tipo de necessidades satisfeitas                             | População/Colaboradores AJP              |
|   |   |   |   | Grau de satisfação dos participantes                         | População Participante                   |
|   |   |   | Redução da pobreza  | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes  | População/Colaboradores AJP              |
|   |   | Mobilização das capacidades locais                      | Recursos endógenos  | Recursos endógenos afectos a iniciativas de trocas locais    | Colaboradores AJP                        |
|   |   | Participação  | Adesão da população   | Nível de adesão da população local                           | Colaboradores AJP                        |
|   |   |   | Incentivo à participação da população   | Estratégias de incentivo à participação                      | Colaboradores AJP                        |
|   |   | Apoio de recursos exógenos                              | Recursos exógenos   | Tipo de recursos exógenos utilizados                         | Colaboradores AJP                        |
|   |   |   |   | Carências colmatadas pelos recursos exógenos                 | Colaboradores AJP                        |
|   |   | Trabalho em rede e em parceria                          | Realização de parcerias   | Tipologia de parcerias                                       | Colaboradores AJP                        |
|   |   | Perspectiva integrada                                   | Lógica da arquitectura de intervenção   | Tipo de áreas de intervenção                                 | Colaboradores AJP                        |
|   | Tipo de grupos populacionais englobados nas trocas locais |   |   | Colaboradores AJP  |  |
|   | Populações vizinhas integradas                            |   |   | Colaboradores AJP  |  |
|   | Impacto tendencial em toda a comunidade                   | Consequências sentidas na comunidade                    | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas  | População/Colaboradores AJP                                  |  |
|   |   |   | Principais efeitos na comunidade em geral   | População/Colaboradores AJP                                  |  |
|   | Economia Solidária  | Cooperação  | Fomento das relações sociais  | Promoção da entajuda e respeito mútuo entre os participantes | População Participante/Colaboradores AJP |
|   |   | Confiança   | Sentimento de pertença à comunidade   | Nível de integração dos participantes na comunidade          | População/Colaboradores AJP              |
|   |   |   |   | Estabelecimento de relações de confiança                     | Grau de ligação entre os participantes   |
|   |   |   | Promoção das redes sociais  |  | População/Colaboradores AJP              |
|   |   | Domesticidade   | Valorização da economia local   | Recurso a produtos e serviços locais                         | População Participante/Colaboradores AJP |
|   |   | Empowerment   | Igualdade de género   | Fomento da autodeterminação das mulheres                     | Colaboradores AJP                        |
|   |   |   | Autonomia económica   | Promoção da autonomia nos participantes                      | População Participante/Colaboradores AJP |
| Solidariedade   |   | Reciprocidade   | Possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | População Participante/Colaboradores AJP                     |  |
|   |   | Prática da solidariedade                                | Estímulo à prática da solidariedade   | População/Colaboradores AJP                                  |  |
|   | Inclusão social   | Promoção da integração de grupos populacionais isolados | População/Colaboradores AJP   |  |  |

## Anexo B - Localização da Freguesia da Granja do Ulmeiro



## **Anexo C - Guião das Entrevistas**

### **Anexo C1 - Guião das Entrevistas às Colaboradoras da AJP**

| <b>Identificação</b>             |
|----------------------------------|
| Nome                             |
| Função que ocupou na AJP         |
| Período de tempo vinculado à AJP |

1. Como surgiu a ideia da realização dos mercados solidários?/ Porque é que foi relevante trabalhar neste projecto em concreto?
2. Que tipo de necessidades sentiu que precisavam de ser colmatadas pela realização destes eventos dentro desta comunidade?
3. Relativamente à realização dos mercados solidários, que tipo de recursos endógenos foram afectos? Para além disso, houve alguma necessidade que obrigou os dinamizadores a recorrer a recursos exógenos?
4. Como foi feita a divulgação dos eventos?
5. Houve acções de sensibilização à participação da população ou alguma estratégia específica de incentivo à participação?
6. Qual o nível de adesão da população local?
7. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que foram trocados eram locais?
8. Para implementar estes mercados, foi necessário a realização de parcerias? Que tipo de parcerias? A nível local, regional ou nacional?
9. Foram articuladas diferentes áreas de intervenção, como por exemplo, a iniciativa económica, a cultura e o desenvolvimento rural?
10. Que grupos populacionais foram englobados nas trocas, em termos de grupos etários e classes sociais?
11. As populações de outras freguesias também participaram nos mercados?

12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?
13. Nos mercados havia a possibilidade de interação entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?
14. Houve a preocupação de incluir nestes eventos pessoas em situação de exclusão social, fomentando o seu acesso à informação e à formação de competências?
15. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entajuda entre todos?
16. Acha que as pessoas se sentem mais integradas na comunidade por terem participado nos mercados, fazendo com que estas tenham um maior sentimento de pertença?
17. Estes eventos proporcionam uma maior proximidade entre os participantes, fazendo com que haja uma maior promoção das redes sociais?
18. Acha que quem participa fica mais auto-suficiente e, conseqüentemente, obtém uma maior autonomia económica?
19. E em relação às mulheres, houve a preocupação de lhes conceder ferramentas que lhes conferissem uma maior auto-determinação?
20. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?
21. Qual o balanço que faz da realização dos mercados solidários? Considera uma experiência positiva ou negativa?
22. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local, colmatando as necessidades identificadas inicialmente, como também um estímulo à prática da solidariedade?

## Anexo C2 - Guião das Entrevistas à População Participante

| <b>Identificação</b>  |
|-----------------------|
| Nome                  |
| Idade                 |
| Profissão             |
| Freguesia onde reside |

1. Alguma vez participou nos mercados solidários realizados pela AJP? Se sim, quantas vezes?
2. Como teve conhecimento da realização dos mercados?
3. Sentiu que valeu a pena participar nos mercados? Qual o seu grau de satisfação após a realização dos mercados solidários?
4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?
5. No seu caso particular, quais as necessidades principais que foram satisfeitas pelas trocas?
6. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que trocou eram locais?
7. Nos mercados havia a possibilidade de interação entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?
8. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreajuda entre todos?
9. Sente-se mais integrado/a na comunidade por ter participado nos mercados?
10. Estes eventos proporcionaram-lhe uma maior proximidade com os outros participantes, fazendo com que tivesse um maior apoio na resolução dos seus problemas?
11. Sente que ficou mais auto-suficiente após a sua participação nos mercados? A que nível?
12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?

13. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?

14. Acha que a sua qualidade de vida e bem-estar melhorou depois de participar nos mercados?

15. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?

### Anexo C3 - Guião das Entrevistas à População Não Participante

| <b>Identificação</b>  |
|-----------------------|
| Nome                  |
| Idade                 |
| Profissão             |
| Freguesia onde reside |

1. Teve conhecimento da realização dos mercados solidários promovidos pela AJP?
2. Alguma vez participou nesses mercados?
3. Por que razão não participou?
4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?
5. Acha que poderia sentir-se mais integrado/a na comunidade se tivesse participado nos mercados?
6. Pensa que estes eventos são um bom mecanismo para que certos grupos populacionais tenham um maior apoio na resolução dos seus problemas?
7. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?
8. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?
9. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?

## Anexo D - Grelhas de Análise de Entrevistas

### D1 - Grelhas de Análise de Entrevistas às Colaboradoras da AJP

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº1   |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|--|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "Houve uma necessidade que foi colmatada, que foi fundamental. Era uma necessidade bastante imaterial. Era a ideia das pessoas se juntarem num espaço e mostrarem as suas competências, visto que as pessoas nos mercados solidários eram prossumidoras (...). As pessoas sentiam não só, a valorização de competências, mas também muita satisfação porque aquilo era muito convivial e as pessoas gostavam de ali estar porque se encontravam, porque se riam, porque conversavam umas com as outras. Tanto assim foi, que as assembleias comunitárias decidiram que, em todos os mercados sem excepção, quando o momento de trocas acabasse, deveria haver um momento de convívio (...)." |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "(...) havia todo um conjunto de benefícios, por exemplo, aqueles que produziam um determinado tipo de legumes que os outros não produziam, elas depois trocavam não só o produto final, como também as sementes e as tecnologias de cultivo dos produtos. E isso são benefícios que acontecem durante o tempo de duração do ciclo de vida dos produtos alimentares. (...) houve uma série de iniciativas que teve sempre em vista o combate à pobreza de uma maneira estrutural, e de todo, assistencialista. (...)"  |

| Conceitos | Dimensões de Análise               | Variáveis           | Indicadores   | Entrevista nº1  |
|-----------|------------------------------------|---------------------|---|---|
|           | Mobilização das capacidades locais | Recursos endógenos  | Recursos endógenos afectos a iniciativas de trocas locais | "Em relação aos nossos recursos humanos, todos os recursos eram endógenos, exactamente para criar a ideia no local, de que o local tem a potencialidade e a capacidade de reagir a si próprio. Os únicos recursos que não eram de lá, era a nossa equipa permanente. Chegámos a ter uma equipa de oito pessoas a trabalhar em permanência na freguesia. Depois havia todos os voluntários da associação, quer as pessoas que residiam na freguesia, quer aqueles que residiam fora. Mas se considerarmos que a endogeneidade quer dizer ligação ou laço e não apenas residência, então sim, a maior parte da nossa estrutura era perfeitamente endógena." |
|           | Participação                       | Adesão da população | Nível de adesão da população local                        | "Foi muito bom. Visto que o nosso público-alvo eram mulheres rurais e isoladas, essas mulheres não tiveram dúvida nenhuma. Compreenderam imediatamente tudo. (...) E aquelas pessoas que ainda mantinham o emprego e umas certas expectativas, tiveram uma grande dificuldade em aderir no sentido mais profundo do termo. Ou seja, iam a alguns mercados, mas não perceberam até muito tarde que aquilo podia ser efectivamente, um recurso económico importante. Mas as pessoas mais pobres perceberam imediatamente o interesse. (...)"  |

| Conceitos | Dimensões de Análise           | Variáveis                             | Indicadores                             | Entrevista nº1  |
|-----------|--------------------------------|---------------------------------------|---|---|
|           |                                | Incentivo à participação da população | Estratégias de incentivo à participação | <p>"(...) temos uma equipa permanente no local que trabalha no desenvolvimento local e na animação comunitária, logo, a nossa relação com a comunidade já era natural. (...) A única coisa que fizemos na freguesia foi pôr uns pequenos cartazes nos cafés, só para lembrar as pessoas. (...)"</p> <p>"Nós não precisámos de ter nenhum dispositivo de sensibilização especial. É claro que depois fazíamos uma divulgação mais institucional, divulgando isso na nossa página. Depois quando fomos a outras freguesias do concelho, aí houve um trabalho de divulgação junto de grupos que já estavam organizados nas respectivas freguesias, fossem associações ou outros grupos organizados, e aí o processo de divulgação foi sempre a partir dessa base. E portanto, existiam boletins na Junta de Freguesia, o padre falava na missa, o rádio local divulgava, etc."</p> |
|           | Trabalho em rede e em parceria | Realização de parcerias               | Tipologia de parcerias                  | "(...) eram parcerias essencialmente a nível local. Era a Junta de Freguesia, as associações locais, os bombeiros, pois estamos a falar de uma freguesia pequenina e que não tem muitos recursos. Mas também alguns empresários tanto da freguesia, como do concelho e até fora do concelho, quando mais tarde implementámos a mercearia solidária."  |
|           | Perspectiva integrada          | Lógica da arquitectura de intervenção | Tipo de áreas de intervenção            | "(...) havia sempre um momento cultural após os mercados, e aí dinamizávamos a cultura popular. Também foi criado um grupo de mulheres que faziam os seus próprios artesanatos. E também houve formação para pessoas adultas. Portanto, houve muitas articulações que surgiram dos mercados, mas que nós também suscitámos a partir dos mercados e isso foi sendo feito ao longo dos anos. Para além disso, houve um pequeno centro de procura de emprego que também foi instalado para   |

| Conceitos | Dimensões de Análise                | Variáveis                                   | Indicadores  | Entrevista nº1   |
|-----------|-------------------------------------|---|--|--|
|           |                                     |   |  | <p>peessoas que precisassem de alguém nessa área."</p>   |
|           |                                     |   | <p>Tipo de grupos populacionais englobados nas trocas locais</p> | <p>"Havia sobretudo duas faixas etárias que intervinham mais. Os mais idosos que estavam em situações de grande vulnerabilidade, porque tinham reformas muito pequeninas e viviam do que conseguiam produzir na sua agricultura familiar nos seus quintais, e portanto não têm moeda para comprar determinadas coisas, como os bens de primeira necessidade, sejam eles alimentação, sejam eles cuidados primários de saúde, sejam eles companhia ou pequenos serviços que as pessoas precisam. Por outro lado, os jovens que estavam a estudar, muito jovens ainda, pois ainda andavam no secundário, que também pelas famílias não terem recursos, não tinham acesso à moeda para poder comprar algumas pequenas coisas, como livros, cd's, etc. Depois havia aquelas pessoas mais pobres no sentido de não ter acesso à moeda, neste caso, os euros, para comprar coisas básicas, coisas que são essenciais para a vida e para a dignidade humana."</p> |
|           |                                     |   | <p>Populações vizinhas integradas</p>                            | <p>"(...) Às vezes havia algumas pessoas que vinham de fora, mas muito poucas. (...) não havia nenhuma limitação. As pessoas de fora também podiam aparecer. Mas como dávamos ênfase à comunidade local, não fazia muito sentido aparecerem pessoas de fora. Apareciam uma vez ou outra, mas depois faltava-lhes toda aquela ligação entre os mercados e as conversas que as pessoas tinham sobre como organizar as festas e os produtos."</p>   |
|           | <p>Impacto tendencial em toda a</p> | <p>Consequências sentidas na comunidade</p> | <p>Grupos populacionais beneficiados</p>                         | <p>"Foram as mulheres, sem dúvida. Tanto do ponto de vista da sua dignidade, mas também do ponto de vista que conseguiram trocar. Elas efectivavam trocas que eram muito úteis para elas entre si."</p>  |

| Conceitos          | Dimensões de Análise                     | Variáveis                    | Indicadores  | Entrevista nº1  |
|--------------------|--|------------------------------|--|---|
|                    | comunidade                               |                              | <p>pelos trocas</p> <p>Principais efeitos na comunidade em geral</p> | <p>"(...) Aquilo que se pode dizer é que, quando se falava nestes eventos, era uma coisa muito bem-vinda na comunidade, não era problemático e não era conflituoso. Nunca foi percebida qual era a irradiação da coesão que se criava entre os prossumidores que frequentavam a nossa casa e os seus circuitos familiares e de amizade. O que sabemos, é que todas as pessoas que iam e as que não iam, consideravam que era uma coisa que valia a pena manter e que era interessante continuar."</p>   |
| Economia Solidária | Cooperação                               | Fomento das relações sociais | Promoção da entreatajuda e respeito mútuo entre os participantes     | <p>"Isso sim. Mas não tenho a certeza se isso se devia à dinâmica do mercado, ou se era o mercado que beneficiava de uma dinâmica social que também já existia. No mundo rural, as pessoas são muito mais cordiais e mais correctas no trato e mais refinadas do que as pessoas na cidade. (...) Mas eu estou convencida que era a própria comunidade que levava para o mercado esse tipo de relações de cordialidade e de brincadeira. Era um ambiente muito descontraído e havia muita alegria. Havia de vez em quando pequenos truques, que não se pode chamar de malvadez. Eram apenas pequenos truques de negociação que nós às vezes tentávamos evitar, mas não era nada penoso."</p> |
|                    |  | Confiança                    | Sentimento de pertença à comunidade                                  | Nível de integração dos participantes na comunidade   |
|                    | Estabelecimento de relações de confiança |                              | Grau de ligação entre os participantes                               | <p>"(...) Há uma convivialidade muito interessante que nos ensina muito. E isso encontrava-se no mercado. (...)"</p>  |
|                    |  |                              |  | Promoção das  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                     | Indicadores                              | Entrevista nº1   |
|-----------|----------------------|-------------------------------|--|--|
|           |                      |                               | redes sociais                            | grupo, o sentimento de coesão, o sentimento da negociação que é uma coisa muito importante no grupo, ou seja, saber negociar o seu espaço, o seu produto, a sua identidade, a sua especificidade, e ao mesmo tempo que se negoceia a sua, está-se a negociar colectivamente, o que também é muito interessante. Creio que o mercado solidário, em todos aqueles que eu conheço, se alguma coisa se ganhou, foi em termos sociais e de coesão social."  |
|           | Domesticidade        | Valorização da economia local | Recurso a produtos e serviços locais     | "As pessoas para entrarem no mercado teriam de produzir. Era essa a regra. E depois esta era uma dinâmica extremamente comunitária e era uma dinâmica que precisava de ser alimentada comunitariamente. E deste modo, a dinâmica comunitária é que ditava o tipo de produtos ou quem os produzia."   |
|           | <i>Empowerment</i>   | Igualdade de género           | Fomento da autodeterminação das mulheres | "O nosso objectivo foi sempre empoderar as mulheres, no sentido de lhes dar espaços de liderança, espaços de protagonismo e espaços de expressão. E assim elas foram criando o seu próprio espaço de intervenção."   |
|           |                      | Autonomia económica           | Promoção da autonomia nos participantes  | "(...) Não conheço nenhum caso, mesmo em escalas muito elaboradas de iniciativas do género, que tenha chegado a ser auto-sustentável por completo. Isto pode ser um complemento ou um suplemento económico, pode ser uma forma de atender a algumas especificidades interessantes, pode ser uma forma de romper com a ideia de que a pobreza se resolve só com assistencialismo, mas vai ter de ser combinada com políticas mais macroeconómicas e com políticas estruturais de emprego e de redistribuição da riqueza. (...)" |
|           | Solidariedade        | Reciprocidade                 | Possibilidade de                         | "(...) Normalmente, nos mercados participavam mais as senhoras a partir  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores  | Entrevista nº1   |
|-----------|----------------------|--------------------------|--|--|
|           |                      |                          | interacção entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | dos 60 anos, como também os jovens. Era interessante ver duas gerações bastante afastadas, os avós velhinhos já, nas trocas com pessoas até aos 20. E havia muita naturalidade nas trocas entre todos. Até no convívio, desde arranjar o espaço, como remontar o espaço para o momento de convívio depois do mercado, notava-se uma troca muito interessante entre gerações. Também havia troca de conhecimentos entre todos quando cada um explicava como fez o produto que levou para o mercado."  |
|           |                      | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade  | "(...) no período em que duraram os mercados, houve um conjunto de pessoas interessante que pôde ter acesso a bens, produtos ou serviços que não teria doutra maneira. Como também a momentos de prazer, conforto, dignidade, de bem-estar físico e psicológico, social e até espiritual, sempre com um sentimento de pertença e de coesão. (...) E de facto, as pessoas ficaram um pouco mais solidárias. (...) A nossa ideia fundamental é que todas as pessoas têm algo para contribuir na sociedade e podemos trocar essas competências e esses produtos, e ficamos assim todos melhor."   |
|           |                      | Inclusão social          | Promoção da integração de grupos populacionais isolados                          | "Isso aconteceu um pouco, mas não é muito fácil porque não é um mecanismo apropriado. Houve algumas pessoas em situação de exclusão e, na verdade, o mercado solidário tal qual nós o praticámos não se revelou, por si só, ser uma ferramenta muito adequada á inclusão dessas pessoas. Agora, os mercados com outras articulações sim, como por exemplo, o teatro do oprimido, que utilizámos para fazer algumas iniciativas. Podia trazer as pessoas para outras esferas de acção que ajudaria a integrá-las. As pessoas em situação de exclusão, não era nos mercados que se iam realizar. Como era muito comunitário e culturalmente enraizado, elas não se sentiam tão à vontade quanto aquilo que nós gostaríamos que assim fosse. Penso que a inclusão não foi |

| <b>Conceitos</b> | <b>Dimensões de Análise</b> | <b>Variáveis</b> | <b>Indicadores</b> | <b>Entrevista nº1</b>  |
|------------------|-----------------------------|------------------|--------------------|--|
|                  |                             |                  |                    | trabalhada, e o mercado não foi considerado como ferramenta de inclusão social." |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº2   |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|--|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | <p>"Isso é variável. Depende de pessoa para pessoa. Porque na grande maioria e na generalidade, a questão de alguns serviços como os serviços de saúde, como também a questão estética da beleza, ou seja, a manicure, a pedicure, o cabeleireiro, eram relevantes. Por outro lado, tínhamos a questão dos bens alimentares, ou seja, tudo o que é hortaliça, a batata, a abóbora e todos os bens alimentares. (...) Claro que depois temos também a questão da integração social. Até porque o convívio, o ambiente comunitário, as relações interpessoais, tudo isso os mercados solidários acabam por ajudar porque tinham sempre no final um momento cultural, onde todo o mercado tinha um momento de convívio. Sem falar na questão inicial que antecedia sempre os mercados que era a questão da assembleia. E aí podíamos também dar um bocadinho de voz à pessoas. (...) nós tentámos levar sempre aquilo que as pessoas nos iam dizendo no momento das assembleias nos mercados, até aos autarcas. Portanto, havia esta questão da participação pública, de dar uma voz às pessoas."</p> |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | <p>"Ter havido uma redução da pobreza, acho que isso seria um pouco presunçoso da nossa parte dizê-lo, porque efectivamente não temos como medir. (...) Quero acreditar que algumas daquelas pessoas conseguiram, de facto, ultrapassar alguns desafios que tinham para arranjar alguns produtos e começaram a contar com os vizinhos. Eu acho que algumas pessoas necessitadas começaram a contar mais com o resto da comunidade para poderem sobreviver. E o que os mercados trouxeram, quanto mais não seja, foi este contacto e esta proximidade. (...)"</p>   |

| Conceitos | Dimensões de Análise               | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº2  |
|-----------|------------------------------------|---------------------------------------|---|---|
|           | Mobilização das capacidades locais | Recursos endógenos                    | Recursos endógenos afectos a iniciativas de trocas locais | "Na sua maioria foram utilizados recursos endógenos. (...) quase 99%, eram recursos endógenos."   |
|           | Participação                       | Adesão da população                   | Nível de adesão da população local                        | "Se foi aquilo que esperávamos e espectável, tendo em conta que a Granja tem pouco mais de mil habitantes e nós conseguimos atingir cerca de trezentos, penso que foi satisfatório. Atendendo também a que isto era feito ao sábado à tarde, portanto haveria sempre outras actividades a decorrer também. Tirar as pessoas do seio familiar nem sempre é fácil. Penso que a adesão foi boa, tendo em conta as pessoas que participaram."   |
|           |                                    | Incentivo à participação da população | Estratégias de incentivo à participação                   | "A determinado ponto tornou-se uma coisa quase boca a boca. Nós começámos por elaborar alguns cartazes que espalhámos nos locais comerciais que as pessoas mais frequentavam. E depois, a partir do momento em que começámos a conhecer as pessoas, começámos a fazer aquilo que nós chamamos, o "porta a porta". Ou até enviávamos sms de divulgação, sendo que algumas pessoas nem sequer tinham telemóvel. Portanto, aquilo que fazíamos era também a pensar que havia uma parte social na divulgação, pois fazíamos companhia a algumas pessoas em alguns momentos. Mas sempre que havia um mercado, uma semana ou quinze dias antes, nós dávamos uma voltinha pela Granja do Ulmeiro e íamos bater nas portas das pessoas, pois já sabíamos onde as pessoas moravam. Nalguns momentos, quando tivemos voluntários internacionais na AJP, porque nós fazíamos campos de trabalho, havia aquilo que nós chamávamos de arruadas. E aí eram os voluntários que preparavam. Eles faziam um desfile com bombos ou outro tipo de instrumentos que eles próprios fabricassem e iam pela rua a divulgar o mercado. Mas isso era |

| Conceitos                                    | Dimensões de Análise           | Variáveis               | Indicadores   | Entrevista nº2   |
|--|--------------------------------|-------------------------|---|--|
|  |                                |                         |   | <p>esporádico, pois só acontecia nos meses de Verão. Na maioria das vezes era porta a porta e a colocação de cartazes. Também havia alguma divulgação através dos meios de comunicação de Soure, mas o jornal saía de quinze em quinze dias e nem sempre apanhávamos a edição do jornal, se bem que aí já atingíamos outro público que não a população endógena. (...)"</p> <p>"Inicialmente, levar as pessoas a participar não foi muito fácil. Inicialmente não percebiam muito bem e havia algumas dúvidas. A partir do momento em que as coisas se tornaram claras para as pessoas, a participação aumentou. (...) Depois começámos a pensar em trazer novas pessoas para o mercado, porque novas pessoas trazem outros produtos e outras questões. Mas tornou-se complicado, pois isso é um ciclo, quase. Ou seja, de início é sempre complicado cativar a população, mas a partir do momento em que as coisas estão engrenadas, digamos assim, torna-se mais fácil porque as pessoas, elas próprias, vão espalhando a mensagem."</p> |
|  | Apoio de recursos exógenos     | Recursos exógenos       | Tipo de recursos exógenos utilizados  | "(...) tínhamos algumas pessoas que eram voluntárias da AJP e que se aliaram à iniciativa e que vinham de fora."   |
| Carências colmatadas pelos recursos exógenos |                                |                         | "(...) Essas pessoas prestavam serviços, na sua maioria, como por exemplo, ajudar a ler cartas, dar boleias. Eram pessoas que eram voluntárias e que colaboravam com a iniciativa, portanto vinham de fora e deram alguma coisa à população. (...)" |  |
|  | Trabalho em rede e em parceria | Realização de parcerias | Tipologia de parcerias  | "A Junta de Freguesia sempre foi uma parceira. Por várias razões. Primeiro, por questões de logística, porque muitas vezes para a realização dos mercados era preciso fechar a estrada, etc. E sempre nos deram  |

| Conceitos | Dimensões de Análise         | Variáveis                                    | Indicadores                         | Entrevista nº2   |
|-----------|------------------------------|--|-------------------------------------|--|
|           |                              |  |                                     | <p>bastante apoio à realização dos mercados. Depois tínhamos a Associação local que muitas das vezes nos cedeu espaço e as pessoas da Associação participaram em muitas das vezes nos mercados solidários, quer através dos momentos culturais, quer através da escola de música que fazia parte da Associação que chegou a dar alguns espectáculos. E depois, também tínhamos uma parceria com a IPSS da Granja do Ulmeiro, era o Centro de Assistência Paroquial. E o que o Centro de Assistência Paroquial fazia era divulgar junto de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção e de pessoas carenciadas. E diziam-lhes como poderiam trocar os produtos e que podiam ir buscar o que precisassem. (...) Depois, relativamente aos momentos culturais, acabámos por contactar outras associações recreativas do concelho de Soure. (...) procurámos também divulgar a oferta cultural do próprio concelho (...)."</p> |
|           | <p>Perspectiva integrada</p> | <p>Lógica da arquitectura de intervenção</p> | <p>Tipo de áreas de intervenção</p> | <p>"(...) Nós dizíamos sempre que para nós, o mercado tinha sempre três fases. Não era só o momento de trocas em si. Tínhamos a perspectiva económica com o momento de trocas. Depois, tínhamos a perspectiva social de participação e de inclusão quando fazíamos a assembleia que antecedia o momento de trocas. E a seguir ao momento de trocas havia sempre um momento cultural. E tudo isto para nós estava integrado. Nunca fazíamos um mercado só com uma destas partes. Havia sempre todas estas partes incluídas. (...) Dávamos sempre esta perspectiva muito social, muito cultural, fazendo com que as pessoas interagissem porque na Granja havia pessoas muito isoladas, e havia sempre aquela preocupação com o outro e com o bem comum. Portanto, estas três perspectivas, a económica, a social e a cultural estiveram sempre de mãos dadas na nossa intervenção."</p>   |

| Conceitos | Dimensões de Análise         | Variáveis                            | Indicadores  | Entrevista nº2  |
|-----------|------------------------------|--------------------------------------|--|---|
|           |                              |                                      | Tipos de grupos populacionais englobados nas trocas locais | "Nós tínhamos, sem dúvida, uma população maioritariamente sénior, ou seja, acima dos 50 anos. Este era o grupo em termos etários. Agora, em termos de classes sociais, penso que em alguns casos havia alguma população carenciada. Mas esse também não era o nosso objectivo, saber se a população era carenciada ou não. Isto para não haver aquela questão estereotipada de que os mercados solidários são para pessoas carenciadas. Nós tentávamos integrar todo o tipo de pessoas. Agora, os mais novos acabavam por ir com os avós, mas não era um grupo muito expressivo. (...) Nós a determinada altura tentámos puxar alguns jovens, sobretudo das escolas. E ainda tínhamos um grupo de 5 a 10 jovens que participavam com alguma regularidade. Mas não era de todo um grupo relevante. Também eram maioritariamente mulheres, cerca de 99%. Os maridos tinham um papel de acompanhantes. Mas, no fundo eram elas que definiam o que queriam adquirir, o que queriam levar para trocar, e os maridos tinham um papel de observadores, quase." |
|           |                              |                                      | Populações vizinhas integradas                             | "(...) participaram pessoas da freguesia de Samuel. Aliás, Samuel chegou mesmo a implementar um mercado solidário na sua associação. Também de Vila Nova de Anços, de Figueiró do Campo que são freguesias próximas. Algumas pessoas de outras freguesias participavam com carácter regular, outras, nem por isso. Até porque os participantes dessas freguesias também eram na sua maioria mulheres acima dos 50 anos, e para elas muitas vezes não era fácil deslocarem-se por não haver uma rede de transportes."  |
|           | Impacto tendencial em toda a | Consequências sentidas na comunidade | Grupos populacionais beneficiados                          | "A população idosa acabou por ser o grupo mais beneficiado por várias razões. Primeiro, porque acabámos por estabelecer uma relação de proximidade muito mais forte com essas pessoas. Havia algumas pessoas  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores                               | Entrevista nº2   |
|-----------|----------------------|-----------|---|--|
|           | comunidade           |           | pelas trocas                              | em isolamento, que viviam sozinhas, e tentámos combater essas situações, porque lhes fazíamos alguma companhia. Portanto, começámos a conhecer as pessoas e elas já iam à AJP, não só pelo mercado, mas para estar um pouco a conversar. Portanto, acabou por ser esse grupo, o mais beneficiado. Não só economicamente, mas também socialmente. Sem dúvida. Depois, podemos considerar que houve outros grupos, como os que eram beneficiários do Rendimento Social de Inserção. E aí, já são pessoas de várias gerações, não são só as mais velhas. Eram também os casais mais jovens que estavam endividados que acabaram por ver ali algum escape. Mas sem dúvida que o mais beneficiado foi o sénior."  |
|           |                      |           | Principais efeitos na comunidade em geral | "(...) nas pessoas que participaram, o efeito foi muito positivo, ao ponto de, actualmente as pessoas sentirem a falta dos mercados e sentirem que é algo que lhes faz falta. Em relação ao resto da comunidade, acho que o facto da movimentação existente naquele dia para fazer aquela actividade, sendo que havia sempre o momento cultural, tudo isso acaba por criar algum bem-estar no resto da comunidade. E acaba por provocar alguns momentos de encontro dentro da comunidade. (...) depois, há todo o seio familiar que depois acaba por se envolver, visto que quem participa, vai para casa e conta como foi, e acaba por envolver o resto da família. E aí acaba por haver o efeito bola de neve. (...) Por outro lado, é óbvio que a Granja do Ulmeiro acabou por ficar conhecida um bocadinho mais do que aquilo que era, e acabaram por aparecer agora, depois disso, pessoas na Granja do Ulmeiro que antigamente não apareceriam. E isso acabou por trazer algum benefício ao comércio local (...)." |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores   | Entrevista nº2   |
|--------------------|----------------------|--|---|--|
| Economia Solidária | Cooperação           | Fomento das relações sociais             | Promoção da entreaajuda e respeito mútuo entre os participantes | "(...) Inicialmente, as coisas acabaram por acontecer de forma pacífica e pacata, mas depois, havia sempre alguém que queria as laranjas daquela pessoa específica ou as couves de outra pessoa específica. Isso era aquilo a que eles chamavam, a reserva de produtos. Portanto, nós tentámos combater um bocadinho isso, fazer umas acções de sensibilização no que diz respeito à entreaajuda. Os campos de trabalho também vieram trazer alguma sensibilização para aquilo que é a perspectiva internacional, e a perspectiva de que, o que fazemos aqui, afecta os outros, ou seja, insistimos em toda esta perspectiva de comunidade. Tentámos inculcar isso sempre nos mercados. Na maioria dos casos, as pessoas respeitavam-se mutuamente. Mas, claro que, uma vez ou outra as coisas não corriam tão bem. No entanto, havia sempre ali um jogo de cooperação e de tentativa de resolução de conflitos que nós tentámos sempre fazer. No fundo, nestas comunidades pequenas, há sempre conflitos que nós tentamos sempre dissuadir e resolver. (...)" |
|                    | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade      | Nível de integração dos participantes na comunidade             | "(...) Sem dúvida que os mercados criaram para muitas pessoas, como por exemplo, para as famílias recém-chegadas (...) criaram ali alguma relação e algum sentimento de pertença e algum reconhecimento também. Porque às vezes as pessoas esquecem-se que o vizinho do lado, muitas vezes, existe. (...)"   |
|                    |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Grau de ligação entre os participantes                          | "(...) nós tentámos fazer com que as pessoas percebessem que podem ir ao vizinho do lado ir buscar algumas coisas que precisem, e que o vizinho do lado está lá presente e pode apoiá-los e ajudá-los. Nessa vertente, nós tentámos ajudar também através dos mercados solidários."  |
|                    |                      |  | Promoção das  | "(...) sem dúvida nenhuma. Aliás, quando nós falamos nos mercados, sem   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                     | Indicadores                              | Entrevista nº2  |
|-----------|----------------------|-------------------------------|--|---|
|           |                      |                               | redes sociais                            | dúvida que é uma rede de trocas, mas é a uma escala local, e sobretudo, sempre numa lógica de proximidade."   |
|           | Domesticidade        | Valorização da economia local | Recurso a produtos e serviços locais     | "Eram todos de origem local, quer sejam os bens alimentares, quer sejam os serviços que eram feitos por pessoas de lá. Na sua grande maioria eram todos de origem local. Até porque o objectivo era valorizar os produtos locais e dar a perceber às pessoas que a comunidade por si só, com todos esses laços de proximidade e toda a comunicação e relações interpessoais, conseguiria subsistir na grande maioria dos casos, tendo em conta os bens de primeira necessidade. Tirando o proveito daquilo que as pessoas têm, a comunidade conseguiria subsistir por si só, sem precisar de recorrer a grandes produtos exógenos ou grandes superfícies comerciais. Aquela comunidade teria tudo para funcionar nessa lógica."   |
|           | <i>Empowerment</i>   | Igualdade de género           | Fomento da autodeterminação das mulheres | "(...) Desde o primeiro dia que implementámos os mercados, que trouxemos sempre as mulheres em primeiro lugar. Ou seja, se íamos a casa de alguém, íamos para falar com a mulher da casa. E era ela que determinava, ou não, a participação no mercado. Também era ela que dava a sua opinião sobre as regras do mercado (...) tanto a participação pública, como a participação no mercado, tudo isso sempre foi valorizado, tendo em conta a participação das mulheres. (...) muitas vezes as assembleias tinham um tema. E quando era o tema do Dia Internacional da Mulher, ou o tema da violência doméstica, isso era sempre discutido na assembleia. Era dado um relevo especial a este tipo de temas e não a outros. E também para que as mulheres se sentissem bem naquele espaço e se sentissem à vontade para participar naquele espaço, ou seja, fazer com que elas sentissem que aquele espaço, também era o espaço delas." |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores   | Entrevista nº2   |
|-----------|----------------------|--------------------------|---|--|
|           |                      | Autonomia económica      | Promoção da autonomia nos participantes   | "(...) o tempo de duração dos mercados, não deu para que aquela comunidade percebesse que podia subsistir por si só e serem auto-suficientes. Acho que acabaram por não perceber o conceito dessa forma. Perceberam que podiam trocar produtos entre eles, mas que isso não bastava para subsistirem. (...) A comunidade poderia ajustar o seu quotidiano e a sua alimentação àquela realidade. E a partir da conjugação de esforços, subsistir daquela forma. Acabaram por não perceberem que poderiam ser auto-suficientes, apesar de tudo o que tentámos, e apesar de aquela comunidade ter potencialidade para o ser." |
|           | Solidariedade        | Reciprocidade            | Possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | "(...) havia uma troca de saberes, por um lado, porque os jovens que participavam queriam sempre saber como é que as coisas eram feitas e as pessoas mais velhas também acabavam por perguntar o mesmo aos jovens que lá estavam. Depois, nas assembleias havia sempre a diferença de opiniões acerca do que era preciso fazer em prol do bem da comunidade. Normalmente, os jovens tinham as suas preocupações, e os mais velhos tinham as suas. Portanto, aí também havia uma troca intergeracional de saberes e de opiniões e partilha de ideias. Sem dúvida que sim."  |
|           |                      | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade   | "(...) houve outras actividades que nós acabámos por desenvolver, e que aí as pessoas diziam-nos mesmo, que o que disponibilizavam eram o bem para a comunidade, ou o que ofereciam era por solidariedade. Portanto, acabou por se gerar ali a determinado momento, uma onda de solidariedade. Nós inclusivé, angariámos roupa para algumas causas humanitárias, não só para a comunidade, mas também para fora. Portanto, quanto à solidariedade acho que se criaram vários laços de solidariedade ali. (...)"  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis       | Indicadores   | Entrevista nº2  |
|-----------|----------------------|-----------------|---|---|
|           |                      | Inclusão social | Promoção da integração de grupos populacionais isolados | <p>"(...) As pessoas acabaram por se deslocar à AJP noutros momentos, que não para o mercado, para obter informações. Nós fazemos parte da rede social, o que significava que tínhamos acesso a alguma informação de instituições particulares ou de IPSS da zona. E acabámos por encaminhar algumas pessoas para essas IPSS. Quer seja para obter informação, quer seja para obter informação sobre apoios ou rendimentos, como por exemplo, como escrever uma carta para a Segurança Social. Depois criámos um projecto que era a Mercearia Solidária, que também tinha muito essa vertente, e acabámos por criar ali um conjunto de outros mecanismos, advindos das necessidades sentidas ao longo da realização dos mercados. E então criámos outro conjunto de serviços que pudesse permitir a essas pessoas ter algumas respostas que podíamos não ser nós, AJP, a dar, mas encaminhar para outras instituições, e isso acabou por acontecer em alguns momentos."</p> |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº3   |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|--|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "Estes eventos à partida não estavam a abranger a população desempregada, logo aí, havia um desfasamento. Algumas dessas pessoas desempregadas estavam a receber Rendimento Social de Inserção e podiam ter algumas dificuldades de acesso à alimentação e poderiam aproveitar os produtos dos agricultores. Por outro lado, os mercados conseguiam colmatar necessidades básicas como o convívio entre os participantes, as mulheres colmatavam a necessidade de participação social, e quando havia momentos culturais, as pessoas desfrutavam um pouco da cultura e conheciam novas pessoas." |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "Um dos grandes objectivos do projecto, era combater a pobreza a curto prazo, e isso não estava a acontecer. No fundo, eram pessoas reformadas, muitas delas com agricultura de subsistência, mas que recorriam aos mercados mais pela questão do convívio, para estar com os vizinhos num espaço diferente, e nem tanto pela necessidade de superar questões de pobreza. (...)"   |
|                       | Mobilização das capacidades locais       | Recursos endógenos                    | Recursos endógenos afectos a iniciativas de trocas locais   | "(...) no último ano tentaram dialogar com um grupo de mulheres da Granja que estavam mais ligadas aos mercados e eram presença frequente na AJP. Tentaram falar com elas sobre o que estava bem e o que estava mal, e isso foi importante para haver um <i>feedback</i> da população. (...)"  |
|                       | Participação                             | Adesão da população                   | Nível de adesão da população local                          | "Às vezes o nível de adesão era baixo porque muitas vezes, o que acontecia, era haver uma excursão, uma missa, uma feira do concelho. (...)"   |

| Conceitos | Dimensões de Análise           | Variáveis                             | Indicadores                                  | Entrevista nº3  |
|-----------|--------------------------------|---------------------------------------|--|---|
|           |                                | Incentivo à participação da população | Estratégias de incentivo à participação      | <p>"Os mercados solidários eram sempre divulgados com um cartaz sempre nos cafés, as associações, sempre ali nas redondezas. Via email e via telemóvel também passou a haver a partir de certo momento (...). Depois também fazíamos porta a porta, um ou dois dias antes, lembrando às pessoas que haveria a mercado em tal dia. (...)"</p> <p>"Às vezes íamos falar com as pessoas que já conhecíamos e que gostavam de participar, até porque as pessoas destas comunidades gostam de se sentir acarinhadas e gostam de se sentir úteis. Também em cada mercado marcávamos sempre qual a data do mercado seguinte e as pessoas ficavam logo a saber. Depois quando encontrávamos pessoas que não conheciam os mercados, acabávamos por explicar como funcionava e sugeríamos sempre que quem conhecia, levasse um amigo ou um vizinho que não conhecesse o mercado."</p> |
|           | Apoio de recursos exógenos     | Recursos exógenos                     | Tipo de recursos exógenos utilizados         | "(...) no fundo eram sempre os técnicos, os quais também recorriam à base de voluntários, visto que estavam presentes sempre dois ou três voluntários."   |
|           |                                |                                       | Carências colmatadas pelos recursos exógenos | "Os mercados eram preparados pela equipa técnica. (...)"  |
|           | Trabalho em rede e em parceria | Realização de parcerias               | Tipologia de parcerias                       | "A Junta de Freguesia sempre teve conhecimento dos mercados, porque pedíamos sempre para fechar a estrada na altura do mercado. Depois, a Associação Recreativa também tinham conhecimento, pois participou em alguns momentos culturais."  |
|           | Perspectiva                    | Lógica da                             | Tipo de áreas de                             | "(...) Os mercados eram sempre constituídos pela banca, pela troca dos  |

| Conceitos | Dimensões de Análise                    | Variáveis                            | Indicadores  | Entrevista nº3  |
|-----------|---|--------------------------------------|--|---|
|           | integrada                               | arquitectura de intervenção          | intervenção  | produtos, pela assembleia e pelo momento cultural no final. Na assembleia falava-se de problemas da comunidade e era importante para tentar perceber as necessidades a população e o que os inquietava, que iam desde o saneamento até à violência doméstica, ou mesmo até à educação financeira. E depois, no momento cultural, havia sempre uma peça de teatro, uma orquestra, dinâmicas, etc." |
|           |   |                                      | Tipos de grupos populacionais englobados nas trocas locais | "Eram pessoas idosas, a maior parte delas reformadas e na sua maioria acima dos 55 anos. Apesar de haver muitas pessoas novas, mas qualificadas, como os estagiários ou os voluntários, que de certo modo ficavam ligadas à iniciativa e depois acabavam por participar."   |
|           |   |                                      | Populações vizinhas integradas                             | "Não foram muitas. Acabaram por ser só mesmo aquelas da Granja. Havia algumas de Montemor-o-Velho, algumas de Coimbra, mas a maioria eram da Granja. E isso até era o que era pretendido pelo próprio projecto, ou seja, era que houvesse uma grande participação da comunidade onde o projecto estava a ser implementado."   |
|           | Impacto tendencial em toda a comunidade | Consequências sentidas na comunidade | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas             | "Se estivermos a falar de questões como o convívio, foi a população a partir dos 55 ou 60 anos que beneficiou mais. E também porque procuravam aquele mercado para sair de casa, considerando as questões de género e de participação, pois foram as mulheres que participaram mais."   |
|           |   |                                      | Principais efeitos na comunidade em geral                  | "(...) só teve impacto naquelas pessoas que participaram. O que foi mais notório a nível da comunidade, foi a questão da participação e do convívio. Foi isso que foi mais percebido pela população."   |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores  | Entrevista nº3  |
|--------------------|----------------------|--|--|---|
| Economia Solidária | Cooperação           | Fomento das relações sociais             | Promoção da entreatajuda e respeito mútuo entre os participantes | "Muitas pessoas diziam que não devia haver a reserva de produtos, pois algumas pessoas quando chegavam aos mercados no início reservavam um determinado produtos que lhe interessasse mais. Mas no fundo, havia sempre espírito de entreatajuda no sentido de ajudar a preparar as coisas para o mercado, de ajudar a colocar as bancas, de ajudar na atribuição dos valores. E aí as pessoas ajudavam bastante. (...)" |
|                    | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade      | Nível de integração dos participantes na comunidade              | "(...) Isso sentia-se. (...) Este tipo de iniciativas ajuda muito as pessoas que estão mais isoladas."  |
|                    |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Grau de ligação entre os participantes                           | "(...) As pessoas sentiam-se bem por estar ali. (...)"  |
|                    |                      |  | Promoção das redes sociais                                       | "(...) em termos de produtores e consumidores, acho que se criou uma rede social local de trocas. Havia uma rede, até porque eram as próprias pessoas da comunidade que sustentavam a mercearia, para além dos produtos dos supermercados. Mas se houvesse outro tipo de envolvimento das próprias instituições ou de outros organismos da comunidade, poderia haver uma rede mais sólida."                             |
|                    | Domesticidade        | Valorização da economia local            | Recurso a produtos e serviços locais                             | "(...) Na AJP, os produtos ou serviços trocados tinham que ser criados ou transformados pela própria pessoa. Por exemplo, se uma pessoa chegasse lá com um pacote de arroz, não podia participar. (...) A maior parte, eram produtos da terra e os produtos artesanais. (...)"  |
|                    | <i>Empowerment</i>   | Igualdade de género                      | Fomento da autodeterminação                                      | "Antes das trocas, havia sempre a assembleia qua abordava assuntos sobre a igualdade de género. E havia sempre uma preocupação acrescida em   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores   | Entrevista nº3  |
|-----------|----------------------|--------------------------|---|---|
|           |                      |                          | das mulheres  | levar as mulheres a participar. E isso teve bastante impacto nesse sentido."  |
|           |                      | Autonomia económica      | Promoção da autonomia nos participantes   | "Isso seria muito difícil. Em relação a isso, estes mecanismos poderiam ser uma ajuda, mas teriam de ser bem programados para isso acontecer."  |
|           | Solidariedade        | Reciprocidade            | Possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | "Sim, claro. Até se os mercados fossem mais regulares as pessoas podiam adquirir mais conhecimentos. Conhecimentos como por exemplo, bordar ou fazer um bolo tradicional, que as pessoas mais velhas sabiam fazer, e dessa maneira, ensinar os mais jovens. Mas duma maneira geral, houve sempre muito convívio entre várias gerações."   |
|           |                      | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade   | "(...) Todos os participantes faziam um esforço para que toda a gente ficasse satisfeita e realizada quando o mercado acabava. E nesse sentido, havia um grande espírito solidário. Sem dúvida que houve um estímulo à solidariedade. (...)"  |
|           |                      | Inclusão social          | Promoção da integração de grupos populacionais isolados   | "Acho que poderia ter algumas potencialidades, em colmatar algumas questões que afectavam a população que estivesse em exclusão social. Mas isso acontecia mais fora do mercado, na mercearia solidária. Aconteceu na Lojita da Pessoa Cidadã, haver um apoio a pessoas que precisassem de elaborar um currículo, procurar emprego, preencher uma declaração. Mas não era um mercado que iria colmatar essas situações. Daí, acho que se houvesse um mecanismo mais regular, não só a mercearia solidária, mas uma estrutura que funcionasse ao nível da troca com moeda social, faria todo o sentido em se adaptar a estas situações." |
|           |                      |                          |   |   |

D2 - Grelhas de Análise de Entrevistas à População Participante

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores                      | Entrevista nº4   |   |
|-----------------------|--|---------------------------------------|----------------------------------|--|---|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas | "(...) os mercados davam muito jeito, por exemplo, para a alimentação. Eu tenho o meu quintal, mas há aí muita gente que não tem. É o caso das pessoas que são de fora. (...)"<br><br>"Se houvesse alguma coisa lá que me desse jeito, e eu gostasse, como os paninhos e os trabalhos manuais, eu trazia. (...) Mas também sentia-me bem porque aquilo era tudo um grande convívio. Faz de conta que era uma festa (...)." |   |
|                       |  |                                       | Grau de satisfação               | "Valeu pois. Foi pena ter durado pouco tempo. Mas valeu sempre a pena. E fiquei sempre satisfeita."  |   |
|                       | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade  | Redução da pobreza               | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes  | "Foi assim-assim. Talvez mais através do convívio."<br><br>"(...) Havia roupas de criança para pessoas que tinham crianças. Ou até pessoas que tinham dificuldades e estavam desempregadas podiam ir lá, porque havia sempre qualquer coisa para elas. Mas reduzir a pobreza, não reduziu. (...)" |
|                       |  |                                       | Principais                       | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas   | "Eram mais as mulheres. Os homens também iam, mas era mais pela curiosidade. Depois aqueles que tinham mais dificuldades também apareciam. Ajudou-os bastante."<br><br>"Foi mais naqueles que participaram, mas toda a gente falava nisso aí na   |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores  | Entrevista nº4  |
|--------------------|----------------------|--|--|---|
|                    |                      |  | efeitos na comunidade em geral                                   | Granja. Até se isto continuasse, as pessoas que estão aí e são de fora, eram capazes de vir e participar. Mas como isto acabou, não houve essa oportunidade."   |
| Economia Solidária | Cooperação           | Fomento das relações sociais             | Promoção da entreatajuda e respeito mútuo entre os participantes | "Sim, havia muito respeito em todos os aspectos. Tanto da parte da associação, como da nossa parte quando íamos lá. Mesmo entre novos e velhos, respeitavam-se sempre. Ajudavam-se sempre porque era um grande convívio."                                   |
|                    | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade      | Nível de integração dos participantes na comunidade              | "Eu já conheço muita gente daqui, mas de uma maneira geral, as pessoas começaram a conhecer-se mais e eu fiquei a conhecer mais pessoas. E as pessoas começavam a levar outras pessoas e como elas começavam a gostar, continuavam a ir."                   |
|                    |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Grau de ligação entre os participantes                           | "A partir de certo ponto, comecei a considerar aquelas pessoas como uma família."   |
|                    |                      |  | Promoção das redes sociais                                       | "Sim, sim. As pessoas punham-me sempre à vontade. Se precisasse de ir a um médico ou a uma consulta, ou se precisasse de ir a Soure e não tivesse transporte, elas diziam que podia ir com elas e que estava à vontade. Estavam sempre dispostas a ajudar." |
|                    | Domesticidade        | Valorização da economia local            | Recurso a produtos e serviços locais                             | "Sim, sim. Todos os produtos eram aqui da Granja. E os serviços também."  |
|                    | <i>Empowerment</i>   | Autonomia                                | Promoção da  | "Sim, ajudava um bocadinho. Mas não era muito."   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores   | Entrevista nº4   |
|-----------|----------------------|--------------------------|---|--|
|           |                      | económica                | autonomia nos participantes   |  |
|           | Solidariedade        | Reciprocidade            | Possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | "Sim, também iam pessoas de outras idades. Havia essa possibilidade, sim. (...) Quando estavam aí os jovens que vinham de fora, de outros países, era muito bonito, porque sempre tinham outros conhecimentos das suas terras. Cada qual fazia o seu cozinhado, faziam os seus pratinhos à maneira da terra deles e depois no final do mercado punham os pratos nas mesas. E eles aprendiam connosco a nossa agricultura, como plantar o feijão e as batatas. Viam os patos e as galinhas. Era muito bonito o convívio entre todos." |
|           |                      | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade   | "(...) as pessoas ficaram mais solidárias (...)"   |
|           |                      | Inclusão social          | Promoção da integração de grupos populacionais isolados   | "(...) há aí pessoas que são viúvas e que vivem sozinhas. Então havia sempre aquele bocadinho naquele dia. As pessoas encontravam-se e era como se fosse uma festa."   |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº5  |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|---|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "Em termos do convívio social foi muito importante porque nós interagíamos muito bem umas com as outras. O contacto social era mais importante do que propriamente a troca de produtos. Por exemplo, quando alguém participava e estivesse um bocadinho em baixo, saíam de lá com outro espírito. Porque também tinham aquele momento de carinho e de atenção. E isso, nesse aspecto era muito bom."<br><br>"Essencialmente, o convívio. (...) Era mais para estar com as pessoas." |
|                       |  |                                       | Grau de satisfação  | "(...) achei muito interessante, mesmo pelo convívio que havia entre as pessoas, e acabávamos por nos divertir. Mas no fundo aquilo acabava por ser sempre o mesmo. Os últimos mercados demoravam meia-hora e estavam feitos."  |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "(...) reduzir a pobreza, não. De maneira alguma. Foi mais o contacto social. Estimulou o contacto social com as pessoas e toda essa dinâmica. Agora se reduziu a pobreza e facilitou a vida das pessoas, isso não. (...)"  |
|                       | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade  | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas              | "Os mais velhos é que participavam mais e eram os mais beneficiados mesmo a nível de trocas. O mais novos, nem tanto. Depois havia sempre aqueles mais carenciados. (...)"  |
|                       |  |                                       | Principais efeitos na comunidade em geral                   | "Foi só naqueles que participaram mesmo. Eu acho que se tivesse havido uma maior abertura à população e tivessem explicado mais ao pormenor os seus objectivos, se calhar aí a comunidade ficava mais esclarecida. (...) isto nunca foi muito abrangente. Era só aquele núcleo de pessoas que   |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores  | Entrevista nº5   |
|--------------------|----------------------|--|--|--|
|                    |                      |  |  | participava nos mercados. Eram sempre os mesmos."  |
| Economia Solidária | Cooperação           | Fomento das relações sociais             | Promoção da entreatajuda e respeito mútuo entre os participantes | "(...) no essencial, havia sempre muita harmonia, as pessoas respeitavam-se. Nunca houve aborrecimentos com ninguém por causa disto ou daquilo. (...) Conflitos, nunca houve nada. E até conhecíamos pessoas com quem eu normalmente não iria interagir, pessoas mais velhas, mais novas, e o convívio era sempre muito saudável." |
|                    |                      |  | Sentimento de pertença à comunidade                              | Nível de integração dos participantes na comunidade  |
|                    | Confiança            | Estabelecimento de relações de confiança | Grau de ligação entre os participantes                           | "(...) conheci muitas pessoas que não conhecia e que passaram a ser minhas amigas. (...)"  |
|                    |                      |  | Promoção das redes sociais                                       | "Se estas iniciativas tivessem durado mais tempo, poderíamos chegar a outro patamar. Acho que estávamos a caminhar devagarinho nesse sentido. Nós pretendíamos fazer mais iniciativas em termos de voluntariado, mesmo para melhorar as relações humanas. Aqui tentou-se chegar aí, mas ficou muito aquém do que era pretendido."  |
|                    | Domesticidade        | Valorização da economia local            | Recurso a produtos e serviços locais                             | "Sim, porque havia muitas pessoas que cultivavam os seus produtos. (...) era fácil, porque aqui muita gente tem o seu quintalinho com as suas coisas. E as pessoas que não cultivavam, levavam os seus trabalhos manuais. (...) Mas regra geral, eram sempre produtos locais. (...)"   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores   | Entrevista nº5   |
|-----------|----------------------|--------------------------|---|--|
|           |                      |                          |   |  |
|           | <i>Empowerment</i>   | Autonomia económica      | Promoção da autonomia nos participantes   | "Não, de maneira alguma. Nós podemos fornecer os produtos, mas isso não me faria mais autónoma. Mas por exemplo, se em vez de darmos os produtos, ajudássemos as pessoas a cultivar, aí sim. Aí, a pessoa se calhar, tornava-se mais autónoma. Se os mercados tivessem durado mais tempo, talvez conseguíssemos ficar mais auto-suficientes."                  |
|           | Solidariedade        | Reciprocidade            | Possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | "Eu acho que nesse caso, não foi nem tanto nos mercados. Eu acho que era mais nos momentos culturais e até em alguns passeios que se realizaram. E até nas diversas iniciativas que se fizeram, nós aprendemos bastantes coisas. Não foi propriamente integrado nos mercados solidários, mas dentro de outros projectos em que convivemos bastante. Isso sim." |
|           |                      | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade   | "(...) colocávamos à disposição produtos que abdicávamos e que nós entendíamos que serviriam as pessoas que eram mais necessitadas do que nós. E assim tinham esse apoio. Estávamos sempre a tentar canalizar esses produtos para aquelas pessoas."  |
|           |                      | Inclusão social          | Promoção da integração de grupos populacionais isolados   | "(...) convivíamos com pessoas que se calhar nunca teríamos convivido se não fossem essas iniciativas. Nesse aspecto, foi muito bom. Deu-nos a conhecer outras pessoas."   |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis   | Indicadores  | Entrevista nº6  |
|-----------------------|--|---|--|---|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas                       | Tipo de necessidades satisfeitas   | <p>"Aquilo acabava por ter uma dinâmica muito interessante. Havia sempre uma reunião com um tema, com o objectivo de alertar e consciencializar a população sobre várias coisas. Eram temas sobre a cidadania, como é o caso da violência doméstica. E depois havia também sempre uma parte de animação. (...) Aquilo tinha assim algum impacto. (...)"</p> <p>"No meu caso, acabei por satisfazer duas necessidades. Uma vez que não gosto de cultivar e também não tinha tempo para cultivar, trazia de lá produtos frescos, e depois por intermédio da mercearia solidária, também trazia produtos de mercearia. E como eu gosto muito de fazer trabalhos manuais e trabalhos de artesanato, acabava por levá-los para lá, e assim satisfazia-me nos dois sentidos: por aquilo que podia levar e por aquilo que trazia de lá."</p> |
|                       |  |   | Grau de satisfação   | "Por mim valeu. Era muito rico, pelo convívio e pela troca dos produtos. (...)"   |
|                       | Redução da pobreza                       | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | <p>"No conjunto da população, penso que a qualidade de vida não melhorou. Acho que algumas pessoas foram aderindo (...). E nesse grupo, eu incluída, o bem-estar melhorou, mas no conjunto da população, não. Porque também a população é muito diversa. Há até pessoas que até vivem um bocado mal, mas por outro lado, há pessoas que vivem muito bem."</p> <p>"Eu acho que lá não havia muita pobreza. Se houvesse alguns casos de pobreza, as pessoas poderiam ficar favorecidas mais com a mercearia. Mas eu parto do princípio que não havia pobreza. (...)"</p> |   |

| Conceitos          | Dimensões de Análise                     | Variáveis                              | Indicadores  | Entrevista nº6  |
|--------------------|--|--|--|---|
|                    | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade   | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas                   | "No meu parecer, foram aqueles que se despiram de preconceitos, e foram. (...) o que me parece é que algumas pessoas não iam porque achavam que os outros iam lá por interesse, e então não pertenciam a esse grupo."   |
|                    |  |  | Principais efeitos na comunidade em geral                        | "Nas pessoas que participaram houve um efeito positivo. Mas em relação aos que não participaram, penso que no conjunto não teve grande impacto. (...)"  |
| Economia Solidária | Cooperação                               | Fomento das relações sociais           | Promoção da entreatajuda e respeito mútuo entre os participantes | "No conjunto, as pessoas respeitavam-se. Mas havia sempre aquela pessoa que queria sempre aquele produto, até porque isto não envolvia dinheiro. Envolvia granjas. (...) Se estivesse lá um produto em que a pessoa estivesse interessada, ela tentava consegui-lo, e como as pessoas se conhecem, tentavam guardar os produtos para elas. Mas em relação a faltas de respeito e conflitos, não. De maneira nenhuma." |
|                    |  |  | Confiança  | Sentimento de pertença à comunidade   |
|                    | Estabelecimento de relações de confiança | Grau de ligação entre os participantes |  | "(...) Nós, entre nós conhecíamos-nos, mas éramos capazes de ficar muito tempo sem nos vermos e sem conviver. Às vezes posso passar semanas ou meses sem ver as pessoas que normalmente iam aos mercados. (...)"  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                     | Indicadores  | Entrevista nº6   |
|-----------|----------------------|-------------------------------|--|--|
|           |                      |                               | Promoção das redes sociais   | "Sim, favorece uma maior participação das pessoas nas relações entre elas, porque dificilmente ficamos indiferentes a uma pessoa que tenha problemas, e então quando a conhecemos, ainda mais. E o facto de irmos ali, era uma oportunidade para nos encontrarmos e de constatar que aquela pessoa está com problemas. (...)"  |
|           | Domesticidade        | Valorização da economia local | Recurso a produtos e serviços locais   | "Eles faziam questão que os produtos fossem feitos por nós. Quer fosse de agricultura ou de outra área, os produtos eram sempre nossos."   |
|           | <i>Empowerment</i>   | Autonomia económica           | Promoção da autonomia nos participantes  | "Durante o tempo que eles estiveram aqui, penso que isso não aconteceu. Isso não me parece que tivesse acontecido. Talvez articulado com a mercearia solidária, talvez isso acontecesse."  |
|           | Solidariedade        | Reciprocidade                 | Possibilidade de interação entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | "(...) Costumava-se chamar a atenção das pessoas mais novas, por exemplo, com as ervas e os chás. Essencialmente as mulheres mais velhas faziam isso, porque hoje em dia, a maior parte das pessoas não conhece as ervas e as suas propriedades. E nessa área acabava-se por se trocar conhecimentos. Essas mulheres que iam lá, algumas mais velhas que eu, acabavam por alertá-los para isso." |
|           |                      | Prática da solidariedade      | Estímulo à prática da solidariedade  | "(...) em termos da prática da solidariedade, isso sim. Eu acho que este modelo favorece certos grupos sociais pequenos em que todos têm o mesmo nível de vida. E isso poderá ter bons resultados em termos de solidariedade, mas sempre dentro desses grupos. (...)"  |
|           |                      | Inclusão social               | Promoção da integração de  | "(...) as pessoas que vivem mais isoladas, quando vinham aos mercados, sentiam-se bem por estar ali com pessoas que elas não viam todos os dias,   |

| <b>Conceitos</b> | <b>Dimensões de Análise</b> | <b>Variáveis</b> | <b>Indicadores</b>            | <b>Entrevista nº6</b>  |
|------------------|-----------------------------|------------------|-------------------------------|--|
|                  |                             |                  | grupos populacionais isolados | porque acabam por estar muito isoladas, e os mercados favoreciam muito isso. Não tenho dúvidas disso." |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº7   |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|--|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "Eu acho que foi em termos da animação e do convívio. Mas acho que aqui na Granja, o que fazia mais falta era a prestação de serviços. Havia alguns serviços nos mercados mas não era contínuo. Os serviços como medir a tensão arterial, e até, cabeleireiro e manicure. (...) Acho que, em relação às pessoas de idade, o que eu senti, era que também era dada muita atenção às pessoas de idade. Eu sentia que quando essas pessoas se iam embora, elas sentiam-se melhor consigo próprias. Na AJP, sabiam o nome de todas as pessoas de idade aqui da terra, e isso, para as pessoas de idade, era muito importante."<br><br>"A interacção social foi muito boa, até porque havia um momento cultural que era muito agradável." |
|                       |  |                                       | Grau de satisfação  | "Nas vezes que participei gostei muito e até deu para conhecer outras pessoas que não conhecia."   |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "Ajudou bastante as pessoas porque muitas não tinham meios de subsistência, e sempre levavam alguns produtos de alimentação. (...)"  |
|                       | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade  | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas              | "Pelo que eu vi, eram sempre aquelas senhoras de mais idade, que levavam sempre os seus produtos confeccionados por elas. Essas senhoras foram quem eu vi mais."   |
|                       |  |                                       | Principais efeitos na                                       | "Nas vezes que vim, vi sempre as mesmas pessoas. Penso que, da população em geral, só participava um grupo restrito. Penso que não teve  |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores   | Entrevista nº7  |
|--------------------|----------------------|--|---|---|
|                    |                      |  | comunidade em geral   | grande efeito na comunidade."   |
| Economia Solidária | Cooperação           | Fomento das relações sociais             | Promoção da entreatjada e respeito mútuo entre os participantes | "Havia, mas às vezes era um pouco confuso ao pé das bancas porque às vezes queríamos um produto e depois esgotava muito rapidamente sem darmos por isso. Havia pessoas que queriam levar aquele produto à força toda."  |
|                    | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade      | Nível de integração dos participantes na comunidade             | "(...) como não sou daqui, acabei por conhecer pessoas que tinham algumas dificuldades e agora quando me cruzo com elas na Granja já digo bom dia ou boa tarde ou já lhes dou uma palavrinha. Nesse aspecto, os mercados eram interessantes, a nível humano." |
|                    |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Grau de ligação entre os participantes                          | "E como sou duma povoação aqui ao lado não conhecia muitas pessoas aqui da Granja e agora sou amiga delas. (...)"   |
|                    |                      |  | Promoção das redes sociais                                      | "Eu acho que como isto não durou o tempo suficiente, não se chegou a sentir esse apoio. Se os mercados tivessem continuado, e chegássemos a conhecer mais pessoas que tivessem mais necessidades, acho que com o tempo, chegávamos lá."                       |
|                    | Domesticidade        | Valorização da economia local            | Recurso a produtos e serviços locais                            | "Eu trouxe tartes feitas por mim, e todos os outros produtos pareceram-me locais."  |
|                    | <i>Empowerment</i>   | Autonomia económica                      | Promoção da autonomia nos participantes                         | "Isso seria muito difícil porque o mercado não continuou. (...)"  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores  | Entrevista nº7  |
|-----------|----------------------|--------------------------|--|---|
|           | Solidariedade        | Reciprocidade            | Possibilidade de interação entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | "Nas trocas de saberes e experiências, não presenciei a isso, mas vi que havia muita solidariedade entre gerações. Como disse, dava-se muita atenção aos idosos, e isso era muito bom."   |
|           |                      | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade  | "(...) ajudava as pessoas que não tinham ocupação e estavam desempregadas, porque sempre estavam ali e ocupavam o seu tempo. Era melhor do que estar em casa. E assim sentiam-se úteis."  |
|           |                      | Inclusão social          | Promoção da integração de grupos populacionais isolados  | "(...) como não sou daqui, acabei por conhecer pessoas que tinham algumas dificuldades e agora quando me cruzo com elas na Granja já digo bom dia ou boa tarde ou já lhes dou uma palavrinha. Nesse aspecto, os mercados eram interessantes, a nível humano." |

D3 - Grelhas de Análise de Entrevistas à População Não Participante

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº8   |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|--|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "(...) As trocas que faziam uns com os outros, era mais pelo convívio, porque no fundo, as pessoas aqui da Granja, aquelas que têm mais dificuldades financeiras, essas nem apareciam. (...)"  |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "No meu ponto de vista o objectivo foi estimular a solidariedade, mas não reduzir a pobreza. (...) foi importante, foi bom para a comunidade, especificamente para o número de pessoas que participou (...)."  |
|                       | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade  | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas              | "Eram mais senhoras por volta dos sessenta anos. (...) penso que participaram muito poucos jovens. Quando os jovens apareciam era mais pelo convívio, um bailarico, por exemplo. (...) Quem aparecia era um grupo de pessoas que eram praticamente efectivas, não havia mais pessoas. (...)" |
|                       |  |                                       | Principais efeitos na comunidade em geral                   | "(...) o efeito foi só no grupo que participou, e não na comunidade. Isso sem sombra de dúvida."   |
| Economia Solidária    | Confiança                                | Sentimento de pertença à comunidade   | Nível de integração dos participantes na comunidade         | "(...) aquelas pessoas com alguma dificuldade não apareciam. Apareciam mais as pessoas que tinham melhores condições de saúde e os mais vulneráveis não apareciam. (...) Acho que não eram os mercados que faziam as pessoas se sentirem mais integradas."                                   |
|                       |  | Estabelecimento                       | Promoção das  | "Não vi nada disso. (...) as pessoas aqui na Granja, dão-se bem umas com   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores   | Entrevista n°8  |
|-----------|----------------------|--------------------------|---|---|
|           |                      | de relações de confiança | redes sociais   | as outras, são muito comunicativas e convivem umas com as outras. Não significa que a AJP que foi implantada cá na Granja do Ulmeiro, tenha vindo dar mais união cá na população, não foi o caso (...) não vejo que fosse uma parte chave para melhorar a comunicação das pessoas mais isoladas. Era mais o convívio só naquela altura. A Granja do Ulmeiro é uma área relativamente pequena, onde as pessoas se conhecem relativamente bem. (...) na maioria dos casos todas as pessoas se conhecem umas às outras, têm uma boa relação umas com as outras. Portanto, eu entendo que a AJP foi uma novidade para a população, mas em termos de união local com as pessoas isoladas, sinceramente não vi ali grande sucesso." |
|           | Solidariedade        | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade                     | "No meu ponto de vista o objectivo foi estimular a solidariedade (...)."  |
|           |                      | Inclusão social          | Promoção da integração de grupos populacionais isolados | "(...) Não vejo as pessoas mais isoladas integrarem-se mais na comunidade por causa do mercado solidário. Não vejo que isso fizesse algum sentido."   |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº9  |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|---|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "A Granja neste momento tem um défice de actividades, onde as pessoas se encontrem (...). Portanto as necessidades suprimidas seriam mesmo só o convívio uns com os outros."  |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "(...) penso que as pessoas que participaram no mercado solidário, foram mais com o intuito de participar em mais uma iniciativa, mas não me parece que houvesse muita gente que fosse ao mercado solidário com necessidade. (...)"   |
|                       | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade  | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas              | "Tenho a noção que era a população mais idosa (...). A ideia que eu tenho é que aquilo era essencialmente uma actividade que as pessoas de idade procuravam (...). Eu penso que iam lá mais as pessoas com faixa etária entre os 45 e os 65 anos, e essencialmente, as senhoras, porque acho que os senhores procuram jogar cartas, procuram coisas diferentes. (...) Poderá aparecer uma ou outra pessoa doutra faixa etária, mas a maior parte do bolo, são pessoas da faixa etária que mencionei, porque são actividades que têm mais aceitação nessa faixa etária." |
|                       |  |                                       | Principais efeitos na comunidade em geral                   | "Penso que foi só naqueles que participaram. (...) Nunca houve um disparo no número de participantes que possa dizer que tenha tido um grande impacto na comunidade. Não teve. Apesar de ir crescendo, era sempre dentro daquela faixa etária e nunca transbordou para outros grupos sociais."  |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores   | Entrevista nº9  |
|--------------------|----------------------|--|---|---|
| Economia Solidária | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade      | Nível de integração dos participantes na comunidade     | "(...) Penso que não seria nos mercados que eu ou qualquer pessoa se sentisse mais integrado, porque as pessoas nunca discriminaram ninguém e sempre andaram inseridas no meio da sociedade, e as pessoas não se fechavam na AJP, vinham até ao centro, frequentavam os cafés e estavam facilmente integrados." |
|                    |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Promoção das redes sociais                              | "(...) a esse nível a Granja não tinha necessidade de ter um mercado solidário. Existe o Centro de Assistência Paroquial, que as pessoas que têm dificuldades procuram. Não seriam esses eventos que iriam ajudar essas pessoas."   |
|                    | Solidariedade        | Prática da solidariedade                 | Estímulo à prática da solidariedade                     | "(...) A minha visão é que envolveram as pessoas e sensibilizaram-nas para serem solidárias, mas não passou disso."   |
|                    |                      | Inclusão social                          | Promoção da integração de grupos populacionais isolados | "Aqui, a população da Granja, a população em si, é uma população muito acolhedora. Não tenho conhecimento de alguma situação de exclusão. E nas pequenas actividades que vão surgindo na Granja, as pessoas têm alguma preocupação em não excluir ninguém. (...)"   |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº10  |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|--|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "Foram necessidades básicas, nomeadamente aquelas ligadas à alimentação. Pessoas que até inclusivamente tinham algumas dificuldades sociais, em termos de desemprego, com filhos menores, etc., e aproveitavam aquele espaço e aqueles momentos para ir buscar alimentação. Mas não era nem peixe, nem carne, eram praticamente farinhas, massas, batatas, assim este género de alimentos que podiam aguentar algum tempo. Havia também alguma partilha de pessoas mais idosas que tinham bens de agricultura que quando iam lá, trocavam por outros bens. Em termos de roupa e de outros bens, era mais escasso." |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "Em termos de redução da pobreza foi zero. Quem era pobre, continua pobre e não acrescentou mais nada. Foi uma situação temporária, direccionada para um determinado objectivo, ou seja, deu-se mais o peixe do que se ensinou a pescar. Eles não ajudaram as pessoas a encontrar um outro tipo de vida, nem a reabilitarem-se em termos económicos e não tiveram outra intervenção que se calhar poderiam ter tido. (...)"  |
|                       | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade  | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas              | "Era uma faixa da população mais pobre. Eventualmente, algumas situações temporárias de desemprego, pessoas com algumas dificuldades, que através da AJP iam conseguindo alguns bens, mas eram limitados. (...)"   |
|                       |  |                                       | Principais efeitos na comunidade em geral                   | "Não, não foi na comunidade em geral. Se eu for perguntar àquela pessoa que utilizou e participou, e se calhar aproveitou bem, e teve proveito do facto, a pessoa diz-me que aquilo foi excepcional e foi uma pena ter acabado. Mas se eu perguntar aí, a quem não participou, aquilo passou   |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores   | Entrevista nº10   |
|--------------------|----------------------|--|---|---|
|                    |                      |  |   | despercebido."  |
| Economia Solidária | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade      | Nível de integração dos participantes na comunidade | "Não, não necessariamente. Felizmente, aqui todos sentem-se integrados e todos partilham a mesma comunidade. (...) havia aqui um grupo populacional mais frágil e mais sensível, que face à sua situação económica e etária, eram mais acessíveis. A AJP chegava com mais facilidade a essas pessoas porque lhes proporcionava alguns convívios, alguns eventos onde eles permaneciam (...)."   |
|                    |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Promoção das redes sociais                          | "Penso que não. Esta iniciativa foi uma iniciativa útil, e desde que seja uma iniciativa activa e motivadora da sociedade, poderá dar resposta às necessidades da sociedade. Quando eu digo, "dar resposta", é numa dimensão mais abrangente do que aquela que foi no fundo, a sua actuação, porque foi extremamente limitado. (...) Em termos sociais, penso que não ajudou, até porque há outras instituições especializadas para o efeito. (...) nestas iniciativas, nomeadamente em termos dos mercados, partilhavam só os bens, mas não mais do que isso. (...)" |
|                    | Solidariedade        | Prática da solidariedade                 | Estímulo à prática da solidariedade                 | "(...) em termos de estimular a solidariedade, foi muito proveitoso. No fundo, despertou a atenção das pessoas para esse efeito. Sendo certo que, mesmo aqui na freguesia, a nível pessoal e das famílias, isso já é uma prática habitual. Quem tem muito dá um bocadinho, por exemplo, quem tem um bom ano de produção agrícola, em vez de estragar, partilha com o vizinho. Mas isso já está interiorizado aqui no espírito da população."  |
|                    |                      | Inclusão social                          | Promoção da integração de grupos                    | "(...) eles também não partilhavam a integração das pessoas, ou seja, não partilharam, por exemplo, actividades que no dia-a-dia pudessem   |

| <b>Conceitos</b> | <b>Dimensões de Análise</b> | <b>Variáveis</b> | <b>Indicadores</b>     | <b>Entrevista n°10</b>       |
|------------------|-----------------------------|------------------|------------------------|------------------------------|
|                  |                             |                  | populacionais isolados | congregar as pessoas. (...)" |

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores   | Entrevista nº11   |
|-----------------------|--|---------------------------------------|---|---|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas                            | "Essencialmente necessidades a nível da alimentação. Os produtos da terra era o que tinha mais oferta. Mas as pessoas não precisam só dos legumes e da fruta da época. Procuram também o leite, os iogurtes, as papas. No início conseguiram ter alguns desses produtos, mas depois deixaram de ter. Daí, não conseguiram corresponder às necessidades da população. Eu cheguei a receber aqui pessoas de atendimento da acção social e que as indicava para lá, e de lá diziam que desses produtos, não tinham nada. Portanto, não havia stock e não havia quem lá fosse entregar esses produtos. Portanto, os produtos como a carne e o peixe, isso não existia. Havia o problema do acondicionamento dos produtos que eles não tinham forma de o fazer. Roupa também tinham, mas as pessoas não precisam diariamente de roupa. A grande falha aqui foi por não haver um sortido de produtos e mais variedade. Se estamos na altura das laranjas e todos levam laranjas, isso não resulta." |
|                       |  | Redução da pobreza                    | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "(...) em relação à redução da pobreza, mesmo aqueles que iam entregar, também precisavam. Portanto, acho que havia solidariedade entre pobres. Porque eu nunca ouvi nenhum comentário de alguém que não precisasse e tivesse ido lá. (...)"  |
|                       | Impacto tendencial em toda a comunidade  | Consequências sentidas na comunidade  | Grupos populacionais beneficiados pelas trocas              | "A população idosa afluíu muito a esse evento porque muitos deles têm hortas e pomares e também a necessidade de conviver, o que a levou a ir ali, bem como a sua disponibilidade. Com a população mais nova, isso já não se passava. Porque aquilo era mais pelo convívio e não tanto pelos produtos. (...)"   |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores   | Entrevista nº11  |
|--------------------|----------------------|--|---|--|
|                    |                      |  | Principais efeitos na comunidade em geral           | "Toda a comunidade conhecia e falava do assunto. No que toca à notícia em si e ouvir falar dos mercados, isso criou algum impacto. Toda a gente ficou a conhecer esses eventos. E nesse aspecto a AJP fez uma boa divulgação. No que toca aos benefícios das trocas, o efeito foi só mesmo naqueles que participaram."   |
| Economia Solidária | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade      | Nível de integração dos participantes na comunidade | "Pelo menos as pessoas iam-se conhecendo (...). No fundo, era também uma forma de interagirem e de se conhecerem. E nesse campo, se calhar foi uma mais-valia. No entanto, sendo um dormitório, há pouco relacionamento interpessoal, porque as pessoas só chegam à noite e vão logo para casa. (...)"   |
|                    |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Promoção das redes sociais                          | "Na altura em que nós estamos, toda a gente procura receber, e não procura dar. É muito complicado. Em zonas como esta, funciona mais uma loja social, do que um mercado solidário. As pessoas não têm para dar no âmbito de um mercado solidário. Se todas têm para dar mesmo e receber o mesmo, então isso não resulta. Funcionava melhor existir uma bolsa de pessoas que precisasse dos produtos e fazer a entrega directa, e aí funcionava melhor. (...)" |
|                    | Solidariedade        | Prática da solidariedade                 | Estímulo à prática da solidariedade                 | "(...) Sem dúvida que houve um estímulo à solidariedade. (...) Houve estímulo de companheirismo entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades e trocas entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades. Quem poderia realmente dar mais qualquer coisa não ia lá. O espírito de solidariedade não foi tão explorado como isso. Quem realmente participava eram pessoas que necessitavam. (...)"  |
|                    |                      | Inclusão social                          | Promoção da integração de                           | "(...) É muito difícil haver relações de vizinhança e integrarem-se na sociedade. Agora começam-se a integrarem-se mais através dos filhos, do   |

| <b>Conceitos</b> | <b>Dimensões de Análise</b> | <b>Variáveis</b> | <b>Indicadores</b>            | <b>Entrevista n°11</b>   |
|------------------|-----------------------------|------------------|-------------------------------|--|
|                  |                             |                  | grupos populacionais isolados | que propriamente através desses mercados. Porque aos fins-de-semana estão sempre ocupados. É através das actividades dos filhos que os pais conhecem pais de outras crianças." |

D4 - Grelhas de Análise de Entrevistas - Síntese

| Conceitos             | Dimensões de Análise                     | Variáveis                             | Indicadores                      | Síntese  |
|-----------------------|--|---------------------------------------|----------------------------------|--|
| Desenvolvimento Local | Satisfação das necessidades fundamentais | Necessidades satisfeitas pelas trocas | Tipo de necessidades satisfeitas | <p>"Houve uma necessidade que foi colmatada, que foi fundamental. Era uma necessidade bastante imaterial. Era a ideia das pessoas se juntarem num espaço e mostrarem as suas competências, visto que as pessoas nos mercados solidários eram prossumidoras (...). As pessoas sentiam não só, a valorização de competências, mas também muita satisfação porque aquilo era muito convivial e as pessoas gostavam de ali estar porque se encontravam, porque se riam, porque conversavam umas com as outras. (...)." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) a questão de alguns serviços como os serviços de saúde, como também a questão estética da beleza, ou seja, a manicure, a pedicure, o cabeleireiro, eram relevantes. Por outro lado, tínhamos a questão dos bens alimentares, ou seja, tudo o que é hortaliça, a batata, a abóbora e todos os bens alimentares. (...) Claro que depois temos também a questão da integração social. Até porque o convívio, o ambiente comunitário, as relações interpessoais, tudo isso os mercados solidários acabam por ajudar porque tinham sempre no final um momento cultural (...). Sem falar na questão inicial que antecedia sempre os mercados que era a questão da assembleia. E aí podíamos também dar um bocadinho de voz à pessoas. (...) Portanto, havia esta questão da participação pública, de dar uma voz às pessoas." (Entrevista nº2);</p> <p>"Estes eventos à partida não estavam a abranger a população desempregada, logo aí, havia um desfasamento. Algumas dessas pessoas (...) poderiam aproveitar os produtos dos agricultores. Por outro lado, os mercados conseguiam colmatar necessidades básicas como o convívio entre os participantes, as mulheres colmatavam a necessidade de participação social, e quando havia momentos culturais, as pessoas desfrutavam um pouco da cultura e conheciam novas</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese   |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|---|
|           |                      |           |             | <p>peessoas." (Entrevista nº3);</p> <p>"(...) os mercados davam muito jeito, por exemplo, para a alimentação. Eu tenho o meu quintal, mas há aí muita gente que não tem. É o caso das pessoas que são de fora. (...)" "Se houvesse alguma coisa lá que me desse jeito, e eu gostasse, como os paninhos e os trabalhos manuais, eu trazia. (...) Mas também sentia-me bem porque aquilo era tudo um grande convívio. Faz de conta que era uma festa (...)." (Entrevista nº4);</p> <p>"Em termos do convívio social foi muito importante porque nós interagíamos muito bem umas com as outras. O contacto social era mais importante do que propriamente a troca de produtos. Por exemplo, quando alguém participava e estivesse um bocadinho em baixo, saíam de lá com outro espírito. Porque também tinham aquele momento de carinho e de atenção. E isso, nesse aspecto era muito bom." "Essencialmente, o convívio. (...) Era mais para estar com as pessoas." (Entrevista nº5);</p> <p>"(...) Havia sempre uma reunião com um tema, com o objectivo de alertar e consciencializar a população sobre várias coisas. Eram temas sobre a cidadania, como é o caso da violência doméstica. E depois havia também sempre uma parte de animação. (...) Aquilo tinha assim algum impacto. (...)" "No meu caso, acabei por satisfazer duas necessidades. Uma vez que não gosto de cultivar e também não tinha tempo para cultivar, trazia de lá produtos frescos, e depois por intermédio da mercearia solidária, também trazia produtos de mercearia. E como eu gosto muito de fazer trabalhos manuais e trabalhos de artesanato, acabava por levá-los para lá, e assim satisfazia-me nos dois sentidos: por aquilo que podia levar e por aquilo que trazia de lá." (Entrevista nº6);</p> <p>"Eu acho que foi em termos da animação e do convívio. (...) Havia alguns serviços nos mercados mas não era contínuo. Os serviços como medir a tensão arterial, e</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|--|
|           |                      |           |             | <p>até, cabeleireiro e manicure. (...) o que eu senti, era que também era dada muita atenção às pessoas de idade. Eu sentia que quando essas pessoas se iam embora, elas sentiam-se melhor consigo próprias. Na AJP, sabiam o nome de todas as pessoas de idade aqui da terra, e isso, para as pessoas de idade, era muito importante." "A interação social foi muito boa, até porque havia um momento cultural que era muito agradável." (Entrevista nº7);</p> <p>"(...) As trocas que faziam uns com os outros, era mais pelo convívio, porque no fundo, as pessoas aqui da Granja, aquelas que têm mais dificuldades financeiras, essas nem apreciavam. (...)" (Entrevista nº8);</p> <p>"A Granja neste momento tem um déficit de actividades, onde as pessoas se encontrem (...). Portanto as necessidades suprimidas seriam mesmo só o convívio uns com os outros." (Entrevista nº9);</p> <p>"Foram necessidades básicas, nomeadamente aquelas ligadas à alimentação. Pessoas que até inclusivamente tinham algumas dificuldades sociais, em termos de desemprego, com filhos menores, etc., e aproveitavam aquele espaço e aqueles momentos para ir buscar alimentação. (...) Em termos de roupa e de outros bens, era mais escasso." (Entrevista nº10);</p> <p>"Essencialmente necessidades a nível da alimentação. Os produtos da terra era o que tinha mais oferta. Mas as pessoas não precisam só dos legumes e da fruta da época. Procuram também o leite, os iogurtes, as papas. No início conseguiram ter alguns desses produtos, mas depois deixaram de ter. Daí, não conseguiram corresponder às necessidades da população. (...) não havia stock e não havia quem lá fosse entregar esses produtos. Portanto, os produtos como a carne e o peixe, isso não existia. Havia o problema do acondicionamento dos produtos que eles não tinham forma de o fazer. Roupa também tinham, mas as pessoas não precisam diariamente de roupa. A grande falha aqui foi por não haver um sortido de</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis          | Indicadores   | Síntese   |
|-----------|----------------------|--------------------|---|---|
|           |                      |                    |   | produtos e mais variedade. (...)" (Entrevista nº11).  |
|           |                      |                    | Grau de satisfação dos participantes                        | "Valeu pois. Foi pena ter durado pouco tempo. Mas valeu sempre a pena. E fiquei sempre satisfeita." (Entrevista nº4);<br>"(...) achei muito interessante, mesmo pelo convívio que havia entre as pessoas, e acabávamos por nos divertir. Mas no fundo aquilo acabava por ser sempre o mesmo. Os últimos mercados demoravam meia-hora e estavam feitos." (Entrevista nº5);<br>"Por mim valeu. Era muito rico, pelo convívio e pela troca dos produtos. (...)" (Entrevista nº6);<br>"Nas vezes que participei gostei muito e até deu para conhecer outras pessoas que não conhecia." (Entrevista nº7).  |
|           |                      | Redução da pobreza | Nível de qualidade de vida e de bem-estar dos participantes | "(...) havia todo um conjunto de benefícios, por exemplo, aqueles que produziam um determinado tipo de legumes que os outros não produziam, elas depois trocavam não só o produto final, como também as sementes e as tecnologias de cultivo dos produtos. E isso são benefícios que acontecem durante o tempo de duração do ciclo de vida dos produtos alimentares. (...) houve uma série de iniciativas que teve sempre em vista o combate à pobreza de uma maneira estrutural, e de todo, assistencialista. (...)" (Entrevista nº1);<br>"(...) Quero acreditar que algumas daquelas pessoas conseguiram, de facto, ultrapassar alguns desafios que tinham para arranjar alguns produtos e começaram a contar com os vizinhos. Eu acho que algumas pessoas necessitadas começaram a |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|--|
|           |                      |           |             | <p>contar mais com o resto da comunidade para poderem sobreviver. E o que os mercados trouxeram, quanto mais não seja, foi este contacto e esta proximidade. (...)" (Entrevista nº2);</p> <p>"Um dos grandes objectivos do projecto, era combater a pobreza a curto prazo, e isso não estava a acontecer. No fundo, eram pessoas reformadas, muitas delas com agricultura de subsistência, mas que recorriam aos mercados mais pela questão do convívio, para estar com os vizinhos num espaço diferente, e nem tanto pela necessidade de superar questões de pobreza. (...)" (Entrevista nº3);</p> <p>"Foi assim-assim. Talvez mais através do convívio." "(...) Havia roupas de criança para pessoas que tinham crianças. Ou até pessoas que tinham dificuldades e estavam desempregadas podiam ir lá, porque havia sempre qualquer coisa para elas. Mas reduzir a pobreza, não reduziu. (...)" (Entrevista nº4);</p> <p>"(...) reduzir a pobreza, não. De maneira alguma. Foi mais o contacto social. Estimulou o contacto social com as pessoas e toda essa dinâmica. Agora se reduziu a pobreza e facilitou a vida das pessoas, isso não. (...)" (Entrevista nº5);</p> <p>"No conjunto da população, penso que a qualidade de vida não melhorou. Acho que algumas pessoas foram aderindo (...). E nesse grupo, eu incluída, o bem-estar melhorou, mas no conjunto da população, não. Porque também a população é muito diversa. Há até pessoas que até vivem um bocado mal, mas por outro lado, há pessoas que vivem muito bem." "Eu acho que lá não havia muita pobreza. Se houvesse alguns casos de pobreza, as pessoas poderiam ficar favorecidas mais com a mercearia. Mas eu parto do princípio que não havia pobreza. (...)" (Entrevista nº6);</p> <p>"Ajudou bastante as pessoas porque muitas não tinham meios de subsistência, e sempre levavam alguns produtos de alimentação. (...)" (Entrevista nº7);</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise               | Variáveis          | Indicadores   | Síntese  |
|-----------|------------------------------------|--------------------|---|--|
|           |                                    |                    |   | <p>"No meu ponto de vista o objectivo foi estimular a solidariedade, mas não reduzir a pobreza. (...) foi importante, foi bom para a comunidade, especificamente para o número de pessoas que participou (...)." (Entrevista nº8);</p> <p>"(...) penso que as pessoas que participaram no mercado solidário, foram mais com o intuito de participar em mais uma iniciativa, mas não me parece que houvesse muita gente que fosse ao mercado solidário com necessidade. (...)" (Entrevista nº9);</p> <p>"Em termos de redução da pobreza foi zero. Quem era pobre, continua pobre e não acrescentou mais nada. Foi uma situação temporária, direccionada para um determinado objectivo, ou seja, deu-se mais o peixe do que se ensinou a pescar. Eles não ajudaram as pessoas a encontrar um outro tipo de vida, nem a reabilitarem-se em termos económicos e não tiveram outra intervenção que se calhar poderiam ter tido. (...)" (Entrevista nº10);</p> <p>"(...) em relação à redução da pobreza, mesmo aqueles que iam entregar, também precisavam. Portanto, acho que havia solidariedade entre pobres. Porque eu nunca ouvi nenhum comentário de alguém que não precisasse e tivesse ido lá. (...)" (Entrevista nº11).</p> |
|           | Mobilização das capacidades locais | Recursos engógenos | Recursos endógenos afectos a iniciativas de trocas locais | <p>"Em relação aos nossos recursos humanos, todos os recursos eram endógenos, exactamente para criar a ideia no local, de que o local tem a potencialidade e a capacidade de reagir a si próprio. Os únicos recursos que não eram de lá, era a nossa equipa permanente. Chegámos a ter uma equipa de oito pessoas a trabalhar em permanência na freguesia. Depois havia todos os voluntários da associação, quer as pessoas que residiam na freguesia, quer aqueles que residiam fora. Mas se considerarmos que a endogeneidade quer dizer ligação ou laço e não apenas</p>  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis           | Indicadores                        | Síntese   |
|-----------|----------------------|---------------------|------------------------------------|---|
|           |                      |                     |                                    | <p>residência, então sim, a maior parte da nossa estrutura era perfeitamente endógena." (Entrevista nº1);</p> <p>"Na sua maioria foram utilizados recursos endógenos. (...) quase 99%, eram recursos endógenos." (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) no último ano tentaram dialogar com um grupo de mulheres da Granja que estavam mais ligadas aos mercados e eram presença frequente na AJP. Tentaram falar como elas sobre o que estava bem e o que estava mal, e isso foi importante para haver um <i>feedback</i> da população. (...)" (Entrevista nº3).</p>  |
|           | Participação         | Adesão da população | Nível de adesão da população local | <p>"Foi muito bom. Visto que o nosso público-alvo eram mulheres rurais e isoladas, essas mulheres não tiveram dúvida nenhuma. Compreenderam imediatamente tudo. (...) aquelas pessoas que ainda mantinham o emprego e umas certas expectativas, tiveram uma grande dificuldade em aderir no sentido mais profundo do termo. Ou seja, iam a alguns mercados, mas não perceberam até muito tarde que aquilo podia ser efectivamente, um recurso económico importante. Mas as pessoas mais pobres perceberam imediatamente o interesse. (...)" (Entrevista nº1);</p> <p>"Se foi aquilo que esperávamos e espectável, tendo em conta que a Granja tem pouco mais de mil habitantes e nós conseguimos atingir cerca de trezentos, penso que foi satisfatório. (...) Penso que a adesão foi boa, tendo em conta as pessoas que participaram." (Entrevista nº2);</p> <p>"Às vezes o nível de adesão era baixo porque muitas vezes, o que acontecia, era haver uma excursão, uma missa, uma feira do concelho. (...)" (Entrevista nº3).</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                                    | Indicadores                                    | Síntese   |
|-----------|----------------------|--|--|---|
|           |                      | <p>Incentivo à participação da população</p> | <p>Estratégias de incentivo à participação</p> | <p>"(...) temos uma equipa permanente no local que trabalha no desenvolvimento local e na animação comunitária, logo, a nossa relação com a comunidade já era natural. (...) A única coisa que fizemos na freguesia foi pôr uns pequenos cartazes nos cafés, só para lembrar as pessoas. (...) "Nós não precisámos de ter nenhum dispositivo de sensibilização especial. É claro que depois fazíamos uma divulgação mais institucional, divulgando isso na nossa página. Depois quando fomos a outras freguesias do concelho, aí houve um trabalho de divulgação junto de grupos que já estavam organizados nas respectivas freguesias, fossem associações ou outros grupos organizados, e aí o processo de divulgação foi sempre a partir dessa base. E portanto, existiam boletins na Junta de Freguesia, o padre falava na missa, o rádio local divulgava, etc." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) Nós começámos por elaborar alguns cartazes que espalhámos nos locais comerciais que as pessoas mais frequentavam. E depois, a partir do momento em que começámos a conhecer as pessoas, começámos a fazer aquilo que nós chamamos, o "porta a porta". Ou até enviávamos sms de divulgação, sendo que algumas pessoas nem sequer tinham telemóvel. Portanto, aquilo que fazíamos era também a pensar que havia uma parte social na divulgação, pois fazíamos companhia a algumas pessoas em alguns momentos. (...) Nalguns momentos, quando tivemos voluntários internacionais na AJP, porque nós fazíamos campos de trabalho, havia aquilo que nós chamávamos de arruadas. E aí eram os voluntários que preparavam. (...) Mas isso era esporádico, pois só acontecia nos meses de Verão. (...) Também havia alguma divulgação através dos meios de comunicação de Soure (...)." "Inicialmente, levar as pessoas a participar não foi muito fácil. Inicialmente não percebiam muito bem e havia algumas dúvidas. A partir do momento em que as coisas se tornaram claras para as pessoas, a participação aumentou. (...) Depois começámos a pensar em trazer novas pessoas para o mercado, porque novas pessoas trazem outros produtos e outras questões. Mas tornou-se complicado, pois isso é um ciclo, quase. Ou seja, de início é sempre</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise              | Variáveis                | Indicadores                                 | Síntese   |
|-----------|-----------------------------------|--------------------------|---|---|
|           |                                   |                          |   | <p>complicado cativar a população, mas a partir do momento em que as coisas estão engrenadas, digamos assim, torna-se mais fácil porque as pessoas, elas próprias, vão espalhando a mensagem." (Entrevista nº2);</p> <p>"Os mercados solidários eram sempre divulgados com um cartaz sempre nos cafés, as associações, sempre ali nas redondezas. Via email e via telemóvel também passou a haver a partir de certo momento (...). Depois também fazíamos porta a porta, um ou dois dias antes, lembrando às pessoas que haveria a mercado em tal dia. (...)" "Às vezes íamos falar com as pessoas que já conhecíamos e que gostavam de participar, até porque as pessoas destas comunidades gostam de se sentir acarinhadas e gostam de se sentir úteis. Também em cada mercado marcávamos sempre qual a data do mercado seguinte e as pessoas ficavam logo a saber. Depois quando encontrávamos pessoas que não conheciam os mercados, acabávamos por explicar como funcionava e sugeríamos sempre que quem conhecia, levasse um amigo ou um vizinho que não conhecesse o mercado." (Entrevista nº3).</p> |
|           | <p>Apoio de recursos exógenos</p> | <p>Recursos exógenos</p> | <p>Tipo de recursos exógenos utilizados</p> | <p>"(...) Os únicos recursos que não eram de lá, era a nossa equipa permanente. Chegámos a ter uma equipa de oito pessoas a trabalhar em permanência na freguesia. Depois havia todos os voluntários da associação, quer as pessoas que residiam na freguesia, quer aqueles que residiam fora. (...)" (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) tínhamos algumas pessoas que eram voluntárias da AJP e que se aliaram à iniciativa e que vinham de fora." (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) no fundo eram sempre os técnicos, os quais também recorriam à base de voluntários, visto que estavam presentes sempre dois ou três voluntários." (Entrevista nº3).</p>  |

| Conceitos | Dimensões de Análise           | Variáveis               | Indicadores                                  | Síntese  |
|-----------|--------------------------------|-------------------------|--|--|
|           |                                |                         | Carências colmatadas pelos recursos exógenos | <p>"(...) Essas pessoas prestavam serviços, na sua maioria, como por exemplo, ajudar a ler cartas, dar boleias. Eram pessoas que eram voluntárias e que colaboravam com a iniciativa, portanto vinham de fora e deram alguma coisa à população. (...)" (Entrevista nº2);</p> <p>"Os mercados eram preparados pela equipa técnica. (...)" (Entrevista nº3).</p>   |
|           | Trabalho em rede e em parceria | Realização de parcerias | Tipologia de parcerias                       | <p>"(...) eram parcerias essencialmente a nível local. Era a Junta de Freguesia, as associações locais, os bombeiros, pois estamos a falar de uma freguesia pequenina e que não tem muitos recursos. Mas também alguns empresários tanto da freguesia, como do concelho e até fora do concelho, quando mais tarde implementámos a mercearia solidária." (Entrevista nº1);</p> <p>"A Junta de Freguesia sempre foi uma parceira. (...) por questões de logística, porque muitas vezes para a realização dos mercados era preciso fechar a estrada, etc. (...) Depois tínhamos a Associação local que muitas das vezes nos cedeu espaço e as pessoas da Associação participaram em muitas das vezes nos mercados solidários, quer através dos momentos culturais, quer através da escola de música que fazia parte da Associação que chegou a dar alguns espectáculos. E depois, também tínhamos uma parceria com a IPSS da Granja do Ulmeiro, era o Centro de Assistência Paroquial. E o que o Centro de Assistência Paroquial fazia era divulgar junto de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção e de pessoas carenciadas. E diziam-lhes como poderiam trocar os produtos e que podiam ir buscar o que precisassem. (...) Depois, relativamente aos momentos culturais, acabámos por contactar outras associações recreativas do concelho de Soure. (...) procurámos também divulgar a oferta cultural do próprio concelho (...)." (Entrevista nº2);</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise         | Variáveis                                    | Indicadores                         | Síntese  |
|-----------|------------------------------|--|-------------------------------------|--|
|           |                              |  |                                     | <p>"A Junta de Freguesia sempre teve conhecimento dos mercados, porque pedíamos sempre para fechar a estrada na altura do mercado. Depois, a Associação Recreativa também tinham conhecimento, pois participou em alguns momentos culturais." (Entrevista nº3).</p>  |
|           | <p>Perspectiva integrada</p> | <p>Lógica da arquitectura de intervenção</p> | <p>Tipo de áreas de intervenção</p> | <p>"(...) havia sempre um momento cultural após os mercados, e aí dinamizávamos a cultura popular. Também foi criado um grupo de mulheres que faziam os seus próprios artesanatos. E também houve formação para pessoas adultas. Portanto, houve muitas articulações que surgiram dos mercados, mas que nós também suscitámos a partir dos mercados e isso foi sendo feito ao longo dos anos. Para além disso, houve um pequeno centro de procura de emprego que também foi instalado para pessoas que precisassem de alguém nessa área." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) Nós dizíamos sempre que para nós, o mercado tinha sempre três fases. Não era só o momento de trocas em si. Tínhamos a perspectiva económica com o momento de trocas. Depois, tínhamos a perspectiva social de participação e de inclusão quando fazíamos a assembleia que antecedia o momento de trocas. E a seguir ao momento de trocas havia sempre um momento cultural. E tudo isto para nós estava integrado. Nunca fazíamos um mercado só com uma destas partes. Havia sempre todas estas partes incluídas. (...) Dávamos sempre esta perspectiva muito social, muito cultural, fazendo com que as pessoas interagissem porque na Granja havia pessoas muito isoladas, e havia sempre aquela preocupação com o outro e com o bem comum. (...)" (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) Os mercados eram sempre constituídos pela banca, pela troca dos produtos, pela assembleia e pelo momento cultural no final. Na assembleia falava-se de problemas da comunidade e era importante para tentar perceber as necessidades a população e o que os inquietava, que iam desde o saneamento até à violência doméstica, ou mesmo até à educação financeira. E depois, no momento cultural,</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores   | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|---|--|
|           |                      |           |   | <p>havia sempre uma peça de teatro, uma orquestra, dinâmicas, etc." (Entrevista nº3).</p>  |
|           |                      |           | <p>Tipos de grupos populacionais englobados nas trocas locais</p> | <p>"Havia sobretudo duas faixas etárias que intervinham mais. Os mais idosos que estavam em situações de grande vulnerabilidade, porque tinham reformas muito pequeninas e viviam do que conseguiam produzir na sua agricultura familiar nos seus quintais, e portanto não têm moeda para comprar determinadas coisas, como os bens de primeira necessidade, sejam eles alimentação, sejam eles cuidados primários de saúde, sejam eles companhia ou pequenos serviços que as pessoas precisam. Por outro lado, os jovens que estavam a estudar, muito jovens ainda, pois ainda andavam no secundário, que também pelas famílias não terem recursos, não tinham acesso à moeda para poder comprar algumas pequenas coisas, como livros, cd's, etc. Depois havia aquelas pessoas mais pobres no sentido de não ter acesso à moeda, neste caso, os euros, para comprar coisas básicas, coisas que são essenciais para a vida e para a dignidade humana." (Entrevista nº1);</p> <p>"Nós tínhamos, sem dúvida, uma população maioritariamente sénior, ou seja, acima dos 50 anos. Este era o grupo em termos etários. Agora, em termos de classes sociais, penso que em alguns casos havia alguma população carenciada. Mas esse também não era o nosso objectivo, saber se a população era carenciada ou não. Isto para não haver aquela questão estereotipada de que os mercados solidários são para pessoas carenciadas. Nós tentávamos integrar todo o tipo de pessoas. Agora, os mais novos acabavam por ir com os avós, mas não era um grupo muito expressivo. (...) Nós a determinada altura tentámos puxar alguns jovens, sobretudo das escolas. E ainda tínhamos um grupo de 5 a 10 jovens que participavam com alguma regularidade. Mas não era de todo um grupo relevante. Também eram maioritariamente mulheres, cerca de 99%. Os maridos tinham um papel de acompanhantes. (...)" (Entrevista nº2);</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise  | Variáveis                 | Indicadores                    | Síntese  |
|-----------|-----------------------|---------------------------|--------------------------------|--|
|           |                       |                           |                                | "Eram pessoas idosas, a maior parte delas reformadas e na sua maioria acima dos 55 anos. Apesar de haver muitas pessoas novas, mas qualificadas, como os estagiários ou os voluntários, que de certo modo ficavam ligadas à iniciativa e depois acabavam por participar." (Entrevista nº3).  |
|           |                       |                           | Populações vizinhas integradas | <p>"(...) Às vezes havia algumas pessoas que vinham de fora, mas muito poucas. (...) não havia nenhuma limitação. As pessoas de fora também podiam aparecer. Mas como dávamos ênfase à comunidade local, não fazia muito sentido aparecerem pessoas de fora. Apareciam uma vez ou outra, mas depois faltava-lhes toda aquela ligação entre os mercados e as conversas que as pessoas tinham sobre como organizar as festas e os produtos." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) participaram pessoas da freguesia de Samuel. (...) Também de Vila Nova de Anços, de Figueiró do Campo que são freguesias próximas. Algumas pessoas de outras freguesias participavam com carácter regular, outras, nem por isso. Até porque os participantes dessas freguesias também eram na sua maioria mulheres acima dos 50 anos, e para elas muitas vezes não era fácil deslocarem-se por não haver uma rede de transportes." (Entrevista nº2);</p> <p>"Não foram muitas. Acabaram por ser só mesmo aquelas da Granja. Havia algumas de Montemor-o-Velho, algumas de Coimbra, mas a maioria eram da Granja. E isso até era o que era pretendido pelo próprio projecto, ou seja, era que houvesse uma grande participação da comunidade onde o projecto estava a ser implementado." (Entrevista nº3).</p> |
|           | Impacto tendencial em | Consequências sentidas na | Grupos populacionais           | "Foram as mulheres, sem dúvida. Tanto do ponto de vista da sua dignidade, mas também do ponto de vista que conseguiram trocar. Elas efectivavam trocas que   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis  | Indicadores               | Síntese   |
|-----------|----------------------|------------|---------------------------|---|
|           | toda a comunidade    | comunidade | beneficiados pelas trocas | <p>eram muito úteis para elas entre si." (Entrevista nº1);</p> <p>"A população idosa acabou por ser o grupo mais beneficiado por várias razões. Primeiro, porque acabámos por estabelecer uma relação de proximidade muito mais forte com essas pessoas. Havia algumas pessoas em isolamento, que viviam sozinhas, e tentámos combater essas situações, porque lhes fazíamos alguma companhia. (...) acabou por ser esse grupo, o mais beneficiado. Não só economicamente, mas também socialmente. Sem dúvida. Depois, podemos considerar que houve outros grupos, como os que eram beneficiários do Rendimento Social de Inserção. E aí, já são pessoas de várias gerações, não são só as mais velhas. Eram também os casais mais jovens que estavam endividados que acabaram por ver ali algum escape. Mas sem dúvida que o mais beneficiado foi o sénior." (Entrevista nº2);</p> <p>"Se estivermos a falar de questões como o convívio, foi a população a partir dos 55 ou 60 anos que beneficiou mais. E também porque procuravam aquele mercado para sair de casa, considerando as questões de género e de participação, pois foram as mulheres que participaram mais." (Entrevista nº3);</p> <p>"Eram mais as mulheres. Os homens também iam, mas era mais pela curiosidade. Depois aqueles que tinham mais dificuldades também apareciam. Ajudou-os bastante." (Entrevista nº4);</p> <p>"Os mais velhos é que participavam mais e eram os mais beneficiados mesmo a nível de trocas. O mais novos, nem tanto. Depois havia sempre aqueles mais carenciados. (...)" (Entrevista nº5);</p> <p>"No meu parecer, foram aqueles que se despiram de preconceitos, e foram (...) o que me parece é que algumas pessoas não iam porque achavam que os outros iam lá por interesse, e então não pertenciam a esse grupo." (Entrevista nº6);</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores                      | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|----------------------------------|--|
|           |                      |           |                                  | <p>"Pelo que eu vi, eram sempre aquelas senhoras de mais idade, que levavam sempre os seus produtos confeccionados por elas. Essas senhoras foram quem eu vi mais." (Entrevista nº7);</p> <p>"Eram mais senhoras por volta dos sessenta anos. (...) penso que participaram muito poucos jovens. Quando os jovens apareciam era mais pelo convívio, um bailarico, por exemplo. (...) Quem aparecia era um grupo de pessoas que eram praticamente efectivas, não havia mais pessoas. (...)" (Entrevista nº8);</p> <p>"Tenho a noção que era a população mais idosa (...). A ideia que eu tenho é que aquilo era essencialmente uma actividade que as pessoas de idade procuravam (...). Eu penso que iam lá mais as pessoas com faixa etária entre os 45 e os 65 anos, e essencialmente, as senhoras, porque acho que os senhores procuram jogar cartas, procuram coisas diferentes. (...) a maior parte do bolo, são pessoas da faixa etária que mencionei, porque são actividades que têm mais aceitação nessa faixa etária." (Entrevista nº9);</p> <p>"Era uma faixa da população mais pobre. Eventualmente, algumas situações temporárias de desemprego, pessoas com algumas dificuldades, que através da AJP iam conseguindo alguns bens, mas eram limitados. (...)" (Entrevista nº10);</p> <p>"A população idosa afluíu muito a esse evento porque muitos deles têm hortas e pomares e também a necessidade de conviver, o que a levou a ir ali, bem como a sua disponibilidade. Com a população mais nova, isso já não se passava. Porque aquilo era mais pelo convívio e não tanto pelos produtos. (...)" (Entrevista nº11).</p> |
|           |                      |           | Principais efeitos na comunidade | <p>"(...) Aquilo que se pode dizer é que, quando se falava nestes eventos, era uma coisa muito bem-vinda na comunidade, não era problemático e não era conflituoso. Nunca foi percebida qual era a irradiação da coesão que se criava entre os</p>   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese   |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|---|
|           |                      |           | em geral    | <p>prossumidores que frequentavam a nossa casa e os seus circuitos familiares e de amizade. O que sabemos, é que todas as pessoas que iam e as que não iam, consideravam que era uma coisa que valia a pena manter e que era interessante continuar." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) nas pessoas que participaram, o efeito foi muito positivo, ao ponto de, actualmente as pessoas sentirem a falta dos mercados e sentirem que é algo que lhes faz falta. Em relação ao resto da comunidade, acho que o facto da movimentação existente naquele dia para fazer aquela actividade, sendo que havia sempre o momento cultural, tudo isso acaba por criar algum bem-estar no resto da comunidade. E acaba por provocar alguns momentos de encontro dentro da comunidade. (...) depois, há todo o seio familiar que depois acaba por se envolver, visto que quem participa, vai para casa e conta como foi, e acaba por envolver o resto da família. E aí acaba por haver o efeito bola de neve. (...) Por outro lado, é óbvio que a Granja do Ulmeiro acabou por ficar conhecida um bocadinho mais do que aquilo que era, e acabaram por aparecer agora, depois disso, pessoas na Granja do Ulmeiro que antigamente não apareceriam. E isso acabou por trazer algum benefício ao comércio local (...)." (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) só teve impacto naquelas pessoas que participaram. O que foi mais notório a nível da comunidade, foi a questão da participação e do convívio. Foi isso que foi mais percebido pela população." (Entrevista nº3);</p> <p>"Foi mais naqueles que participaram, mas toda a gente falava nisso aí na Granja. Até se isto continuasse, as pessoas que estão aí e são de fora, eram capazes de vir e participar. Mas como isto acabou, não houve essa oportunidade." (Entrevista nº4);</p> <p>"Foi só naqueles que participaram mesmo. Eu acho que se tivesse havido uma maior abertura à população e tivessem explicado mais ao pormenor os seus objectivos, se calhar aí a comunidade ficava mais esclarecida. (...) isto nunca foi</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|--|
|           |                      |           |             | <p>muito abrangente. Era só aquele núcleo de pessoas que participava nos mercados. Eram sempre os mesmos." (Entrevista nº5);</p> <p>"Nas pessoas que participaram houve um efeito positivo. Mas em relação aos que não participaram, penso que no conjunto não teve grande impacto. (...)" (Entrevista nº6);</p> <p>"Nas vezes que vim, vi sempre as mesmas pessoas. Penso que, da população em geral, só participava um grupo restrito. Penso que não teve grande efeito na comunidade." (Entrevista nº7);</p> <p>"(...) o efeito foi só no grupo que participou, e não na comunidade. Isso sem sombra de dúvida." (Entrevista nº8);</p> <p>"Penso que foi só naqueles que participaram. (...) Nunca houve um disparo no número de participantes que possa dizer que tenha tido um grande impacto na comunidade. Não teve. Apesar de ir crescendo, era sempre dentro daquela faixa etária e nunca transbordou para outros grupos sociais." (Entrevista nº9);</p> <p>"Não, não foi na comunidade em geral. Se eu for perguntar àquela pessoa que utilizou e participou, e se calhar aproveitou bem, e teve proveito do facto, a pessoa diz-me que aquilo foi excepcional e foi uma pena ter acabado. Mas se eu perguntar aí, a quem não participou, aquilo passou despercebido." (Entrevista nº10);</p> <p>"Toda a comunidade conhecia e falava do assunto. No que toca à notícia em si e ouvir falar dos mercados, isso criou algum impacto. Toda a gente ficou a conhecer esses eventos. E nesse aspecto a AJP fez uma boa divulgação. No que toca aos benefícios das trocas, o efeito foi só mesmo naqueles que participaram." (Entrevista nº11).</p> |

| Conceitos          | Dimensões de Análise | Variáveis                    | Indicadores   | Síntese  |
|--------------------|----------------------|------------------------------|---|--|
| Economia Solidária | Cooperação           | Fomento das relações sociais | Promoção da entreaajuda e respeito mútuo entre os participantes | <p>"Isso sim. Mas não tenho a certeza se isso se devia à dinâmica do mercado, ou se era o mercado que beneficiava de uma dinâmica social que também já existia. No mundo rural, as pessoas são muito mais cordiais e mais correctas no trato e mais refinadas do que as pessoas na cidade. (...) Mas eu estou convencida que era a própria comunidade que levava para o mercado esse tipo de relações de cordialidade e de brincadeira. Era um ambiente muito descontraído e havia muita alegria. Havia de vez em quando pequenos truques, que não se pode chamar de malvadez. Eram apenas pequenos truques de negociação que nós às vezes tentávamos evitar, mas não era nada penoso." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) Inicialmente, as coisas acabaram por acontecer de forma pacífica e pacata, mas depois, havia sempre alguém que queria as laranjas daquela pessoa específica ou as couves de outra pessoa específica. Isso era aquilo a que eles chamavam, a reserva de produtos. Portanto, nós tentámos combater um bocadinho isso, fazer umas acções de sensibilização no que diz respeito à entreaajuda. Os campos de trabalho também vieram trazer alguma sensibilização para aquilo que é a perspectiva internacional, e a perspectiva de que, o que fazemos aqui, afecta os outros, ou seja, insistimos em toda esta perspectiva de comunidade. Tentámos incutir isso sempre nos mercados. Na maioria dos casos, as pessoas respeitavam-se mutuamente. Mas, claro que, uma vez ou outra as coisas não corriam tão bem. No entanto, havia sempre ali um jogo de cooperação e de tentativa de resolução de conflitos que nós tentámos sempre fazer. No fundo, nestas comunidades pequenas, há sempre conflitos que nós tentamos sempre dissuadir e resolver. (...)" (Entrevista nº2);</p> <p>"Muitas pessoas diziam que não devia haver a reserva de produtos, pois algumas pessoas quando chegavam aos mercados no início reservavam um determinado produtos que lhe interessasse mais. Mas no fundo, havia sempre espírito de</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                           | Indicadores                              | Síntese  |
|-----------|----------------------|-------------------------------------|--|--|
|           |                      |                                     |  | <p>entrajuda no sentido de ajudar a preparar as coisas para o mercado, de ajudar a colocar as bancas, de ajudar na atribuição dos valores. E aí as pessoas ajudavam bastante. (...)" (Entrevista nº3);</p> <p>"Sim, havia muito respeito em todos os aspectos. Tanto da parte da associação, como da nossa parte quando íamos lá. Mesmo entre novos e velhos, respeitavam-se sempre. Ajudavam-se sempre porque era um grande convívio." (Entrevista nº4);</p> <p>"(...) no essencial, havia sempre muita harmonia, as pessoas respeitavam-se. Nunca houve aborrecimentos com ninguém por causa disto ou daquilo. (...) Conflitos, nunca houve nada. E até conhecíamos pessoas com quem eu normalmente não iria interagir, pessoas mais velhas, mais novas, e o convívio era sempre muito saudável." (Entrevista nº5);</p> <p>"No conjunto, as pessoas respeitavam-se. Mas havia sempre aquela pessoa que queria sempre aquele produto, até porque isto não envolvia dinheiro. Envolvia granjas. (...) Se estivesse lá um produto em que a pessoa estivesse interessada, ela tentava consegui-lo, e como as pessoas se conhecem, tentavam guardar os produtos para elas. Mas em relação a faltas de respeito e conflitos, não. De maneira nenhuma." (Entrevista nº6);</p> <p>"Havia, mas às vezes era um pouco confuso ao pé das bancas porque às vezes queríamos um produto e depois esgotava muito rapidamente sem darmos por isso. Havia pessoas que queriam levar aquele produto à força toda." (Entrevista nº7).</p> |
|           | Confiança            | Sentimento de pertença à comunidade | Nível de integração dos participantes na | <p>"Sim, sem dúvida. Isso é muito patente agora que acabou quando as pessoas lamentam tudo ter terminado. (...)" (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) Sem dúvida que os mercados criaram para muitas pessoas, como por</p>  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese   |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|---|
|           |                      |           | comunidade  | <p>exemplo, para as famílias recém-chegadas (...) criaram ali alguma religação e algum sentimento de pertença e algum reconhecimento também. Porque às vezes as pessoas esquecem-se que o vizinho do lado, muitas vezes, existe. (...)" (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) Isso sentia-se. (...) Este tipo de iniciativas ajuda muito as pessoas que estão mais isoladas." (Entrevista nº3);</p> <p>"Eu já conheço muita gente daqui, mas de uma maneira geral, as pessoas começaram a conhecer-se mais e eu fiquei a conhecer mais pessoas. E as pessoas começavam a levar outras pessoas e como elas começavam a gostar, continuavam a ir." (Entrevista nº4);</p> <p>"(...) convivíamos com pessoas que se calhar nunca teríamos convivido se não fossem essas iniciativas. Nesse aspecto, foi muito bom. Deu-nos a conhecer outras pessoas." (Entrevista nº5);</p> <p>"(...) começaram a aparecer pessoas que eu não conhecia, e essas pessoas ficavam a conhecer as pessoas da Granja. (...)" (Entrevista nº6);</p> <p>"(...) como não sou daqui, acabei por conhecer pessoas que tinham algumas dificuldades e agora quando me cruzo com elas na Granja já digo bom dia ou boa tarde ou já lhes dou uma palavrinha. Nesse aspecto, os mercados eram interessantes, a nível humano." (Entrevista nº7);</p> <p>"(...) aquelas pessoas com alguma dificuldade não apareciam. Apareciam mais as pessoas que tinham melhores condições de saúde e os mais vulneráveis não apareciam. (...) Acho que não eram os mercados que faziam as pessoas se sentirem mais integradas." (Entrevista nº8);</p> <p>"(...) Penso que não seria nos mercados que eu ou qualquer pessoa se sentisse mais</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                                | Indicadores                            | Síntese  |
|-----------|----------------------|--|--|--|
|           |                      |  |  | <p>integrado, porque as pessoas nunca discriminaram ninguém e sempre andaram inseridas no meio da sociedade, e as pessoas não se fechavam na AJP, vinham até ao centro, frequentavam os cafés e estavam facilmente integrados." (Entrevista nº9);</p> <p>"Não, não necessariamente. Felizmente, aqui todos sentem-se integrados e todos partilham a mesma comunidade. (...) havia aqui um grupo populacional mais frágil e mais sensível, que face à sua situação económica e etária, eram mais acessíveis. A AJP chegava com mais facilidade a essas pessoas porque lhes proporcionava alguns convívios, alguns eventos onde eles permaneciam (...)." (Entrevista nº10);</p> <p>"Pelo menos as pessoas iam-se conhecendo (...). No fundo, era também uma forma de interagirem e de se conhecerem. E nesse campo, se calhar foi uma mais-valia. No entanto, sendo um dormitório, há pouco relacionamento interpessoal, porque as pessoas só chegam à noite e vão logo para casa. (...)" (Entrevista nº11).</p> |
|           |                      | Estabelecimento de relações de confiança | Grau de ligação entre os participantes | <p>"(...) Há uma convivialidade muito interessante que nos ensina muito. E isso encontrava-se no mercado. (...)" (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) nós tentámos fazer com que as pessoas percebessem que podem ir ao vizinho do lado ir buscar algumas coisas que precisem, e que o vizinho do lado está lá presente e pode apoiá-los e ajudá-los. Nessa vertente, nós tentámos ajudar também através dos mercados solidários." (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) As pessoas sentiam-se bem por estar ali. (...)" (Entrevista nº3);</p> <p>"A partir de certo ponto, comecei a considerar aquelas pessoas como uma família." (Entrevista nº4);</p>   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores                       | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|-----------------------------------|--|
|           |                      |           |                                   | <p>"(...) conheci muitas pessoas que não conhecia e que passaram a ser minhas amigas. (...)" (Entrevista nº5);</p> <p>"(...) Nós, entre nós conhecíamos-nos, mas éramos capazes de ficar muito tempo sem nos vermos e sem conviver. Às vezes posso passar semanas ou meses sem ver as pessoas que normalmente iam aos mercados. (...)" (Entrevista nº6);</p> <p>"E como sou duma povoação aqui ao lado não conhecia muitas pessoas aqui da Granja e agora sou amiga delas. (...)" (Entrevista nº7).</p>  |
|           |                      |           | <p>Promoção das redes sociais</p> | <p>"(...) O que estes eventos fazem é promover o sentimento de pertença ao grupo, o sentimento de coesão, o sentimento da negociação que é uma coisa muito importante no grupo, ou seja, saber negociar o seu espaço, o seu produto, a sua identidade, a sua especificidade, e ao mesmo tempo que se negocia a sua, está-se a negociar colectivamente, o que também é muito interessante. Creio que o mercado solidário, em todos aqueles que eu conheço, se alguma coisa se ganhou, foi em termos sociais e de coesão social." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) sem dúvida nenhuma. Aliás, quando nós falamos nos mercados, sem dúvida que é uma rede de trocas, mas é a uma escala local, e sobretudo, sempre numa lógica de proximidade." (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) em termos de produtores e consumidores, acho que se criou uma rede social local de trocas. Havia uma rede, até porque eram as próprias pessoas da comunidade que sustentavam a mercearia, para além dos produtos dos supermercados. Mas se houvesse outro tipo de envolvimento das próprias instituições ou de outros organismos da comunidade, poderia haver uma rede mais sólida." (Entrevista nº3);</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|--|
|           |                      |           |             | <p>"Sim, sim. As pessoas punham-me sempre à vontade. Se precisasse de ir a um médico ou a uma consulta, ou se precisasse de ir a Soure e não tivesse transporte, elas diziam que podia ia ter com elas e que estava à vontade. Estavam sempre dispostas a ajudar." (Entrevista nº4);</p> <p>"Se estas iniciativas tivessem durado mais tempo, poderíamos chegar a outro patamar. Acho que estávamos a caminhar devagarinho nesse sentido. Nós pretendíamos fazer mais iniciativas em termos de voluntariado, mesmo para melhorar as relações humanas. Aqui tentou-se chegar aí, mas ficou muito aquém do que era pretendido." (Entrevista nº5);</p> <p>"Sim, favorece uma maior participação das pessoas nas relações entre elas, porque dificilmente ficamos indiferentes a uma pessoa que tenha problemas, e então quando a conhecemos, ainda mais. E o facto de irmos ali, era uma oportunidade para nos encontrarmos e de constatar que aquela pessoa está com problemas. (...)" (Entrevista nº6);</p> <p>"Eu acho que como isto não durou o tempo suficiente, não se chegou a sentir esse apoio. Se os mercados tivessem continuado, e chegássemos a conhecer mais pessoas que tivessem mais necessidades, acho que com o tempo, chegávamos lá." (Entrevista nº7);</p> <p>"Não vi nada disso. (...) as pessoas aqui na Granja, dão-se bem umas com as outras, são muito comunicativas e convivem umas com as outras. Não significa que a AJP que foi implantada cá na Granja do Ulmeiro, tenha vindo dar mais união cá na população, não foi o caso (...) não vejo que fosse uma parte chave para melhorar a comunicação das pessoas mais isoladas. Era mais o convívio só naquela altura. A Granja do Ulmeiro é uma área relativamente pequena, onde as pessoas se conhecem relativamente bem. (...) Portanto, eu entendo que a AJP foi uma novidade para a população, mas em termos de união local com as pessoas isoladas,</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                     | Indicadores                          | Síntese   |
|-----------|----------------------|-------------------------------|--------------------------------------|---|
|           |                      |                               |                                      | <p>sinceramente não vi ali grande sucesso." (Entrevista nº8);</p> <p>"(...) a esse nível a Granja não tinha necessidade de ter um mercado solidário. Existe o Centro de Assistência Paroquial, que as pessoas que têm dificuldades procuram. Não seriam esses eventos que iriam ajudar essas pessoas." (Entrevista nº9);</p> <p>"Penso que não. Esta iniciativa foi uma iniciativa útil, e desde que seja uma iniciativa activa e motivadora da sociedade, poderá dar resposta às necessidades da sociedade. (...) Em termos sociais, penso que não ajudou, até porque há outras instituições especializadas para o efeito. (...) nestas iniciativas, nomeadamente em termos dos mercados, partilhavam só os bens, mas não mais do que isso. (...)" (Entrevista nº10);</p> <p>"Na altura em que nós estamos, toda a gente procura receber, e não procura dar. É muito complicado. Em zonas como esta, funciona mais uma loja social, do que um mercado solidário. As pessoas não têm para dar no âmbito de um mercado solidário. Se todas têm para dar mesmo e receber o mesmo, então isso não resulta. Funcionava melhor existir uma bolsa de pessoas que precisasse dos produtos e fazer a entrega directa, e aí funcionava melhor. (...)" (Entrevista nº11).</p> |
|           | Domesticidade        | Valorização da economia local | Recurso a produtos e serviços locais | <p>"As pessoas para entrarem no mercado teriam de produzir. Era essa a regra. E depois esta era uma dinâmica extremamente comunitária e era uma dinâmica que precisava de ser alimentada comunitariamente. E deste modo, a dinâmica comunitária é que ditava o tipo de produtos ou quem os produzia." (Entrevista nº1);</p> <p>"Eram todos de origem local, quer sejam os bens alimentares, quer sejam os serviços que eram feitos por pessoas de lá. Na sua grande maioria eram todos de</p>   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis    | Indicadores | Síntese   |
|-----------|----------------------|--------------|-------------|---|
|           |                      |              |             | <p>origem local. Até porque o objectivo era valorizar os produtos locais e dar a perceber às pessoas que a comunidade por si só, com todos esses laços de proximidade e toda a comunicação e relações interpessoais, conseguiria subsistir na grande maioria dos casos, tendo em conta os bens de primeira necessidade. Tirando o proveito daquilo que as pessoas têm, a comunidade conseguiria subsistir por si só, sem precisar de recorrer a grandes produtos exógenos ou grandes superfícies comerciais. Aquela comunidade teria tudo para funcionar nessa lógica." (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) Na AJP, os produtos ou serviços trocados tinham que ser criados ou transformados pela própria pessoa. Por exemplo, se uma pessoa chegasse lá com um pacote de arroz, não podia participar. (...) A maior parte, eram produtos da terra e os produtos artesanais. (...)" (Entrevista nº3);</p> <p>"Sim, sim. Todos os produtos eram aqui da Granja. E os serviços também." (Entrevista nº4);</p> <p>"Sim, porque havia muitas pessoas que cultivavam os seus produtos. (...) era fácil, porque aqui muita gente tem o seu quintalinho com as suas coisas. E as pessoas que não cultivavam, levavam os seus trabalhos manuais. (...) Mas regra geral, eram sempre produtos locais. (...)" (Entrevista nº5);</p> <p>"Eles faziam questão que os produtos fossem feitos por nós. Quer fosse de agricultura ou de outra área, os produtos eram sempre nossos." (Entrevista nº6);</p> <p>"Eu trouxe tartes feitas por mim, e todos os outros produtos pareceram-me locais." (Entrevista nº7).</p> |
|           | <i>Empowerment</i>   | Igualdade de | Fomento da  | "O nosso objectivo foi sempre empoderar as mulheres, no sentido de lhes dar   |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis           | Indicadores                             | Síntese  |
|-----------|----------------------|---------------------|---|--|
|           |                      | género              | autodeterminação das mulheres           | <p>espaços de liderança, espaços de protagonismo e espaços de expressão. E assim elas foram criando o seu próprio espaço de intervenção." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) Desde o primeiro dia que implementámos os mercados, que trouxemos sempre as mulheres em primeiro lugar. Ou seja, se íamos a casa de alguém, íamos para falar com a mulher da casa. E era ela que determinava, ou não, a participação no mercado. Também era ela que dava a sua opinião sobre as regras do mercado (...) tanto a participação pública, como a participação no mercado, tudo isso sempre foi valorizado, tendo em conta a participação das mulheres. (...) muitas vezes as assembleias tinham um tema. E quando era o tema do Dia Internacional da Mulher, ou o tema da violência doméstica, isso era sempre discutido na assembleia. Era dado um relevo especial a este tipo de temas e não a outros. E também para que as mulheres se sentissem bem naquele espaço e se sentissem à vontade para participar naquele espaço, ou seja, fazer com que elas sentissem que aquele espaço, também era o espaço delas." (Entrevista nº2);</p> <p>"Antes das trocas, havia sempre a assembleia qua abordava assuntos sobre a igualdade de género. E havia sempre uma preocupação acrescida em levar as mulheres a participar. E isso teve bastante impacto nesse sentido." (Entrevista nº3).</p> |
|           |                      | Autonomia económica | Promoção da autonomia nos participantes | <p>"(...) Não conheço nenhum caso, mesmo em escalas muito elaboradas de iniciativas do género, que tenha chegado a ser auto-sustentável por completo. Isto pode ser um complemento ou um suplemento económico, pode ser uma forma de atender a algumas especificidades interessantes, pode ser uma forma de romper com a ideia de que a pobreza se resolve só com assistencialismo, mas vai ter de ser combinada com políticas mais macroeconómicas e com políticas estruturais de emprego e de redistribuição da riqueza. (...)" (Entrevista nº1);</p>  |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese  |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|--|
|           |                      |           |             | <p>"(...) o tempo de duração dos mercados, não deu para que aquela comunidade percebesse que podia subsistir por si só e serem auto-suficientes. Acho que acabaram por não perceber o conceito dessa forma. Perceberam que podiam trocar produtos entre eles, mas que isso não bastava para subsistirem. (...) A comunidade poderia ajustar o seu quotidiano e a sua alimentação àquela realidade. E a partir da conjugação de esforços, subsistir daquela forma. Acabaram por não perceberem que poderiam ser auto-suficientes, apesar de tudo o que tentámos, e apesar de aquela comunidade ter potencialidade para o ser." (Entrevista nº2);</p> <p>"Isso seria muito difícil. Em relação a isso, estes mecanismos poderiam ser uma ajuda, mas teriam de ser bem programados para isso acontecer." (Entrevista nº3);</p> <p>"Sim, ajudava um bocadinho. Mas não era muito." (Entrevista nº4);</p> <p>"Não, de maneira alguma. Nós podemos fornecer os produtos, mas isso não me faria mais autónoma. Mas por exemplo, se em vez de darmos os produtos, ajudássemos as pessoas a cultivar, aí sim. Aí, a pessoa se calhar, tornava-se mais autónoma. Se os mercados tivessem durado mais tempo, talvez conseguíssemos ficar mais auto-suficientes." (Entrevista nº5);</p> <p>"Durante o tempo que eles estiveram aqui, penso que isso não aconteceu. Isso não me parece que tivesse acontecido. Talvez articulado com a mercearia solidária, talvez isso acontecesse." (Entrevista nº6);</p> <p>"Isso seria muito difícil porque o mercado não continuou. (...)" (Entrevista nº7).</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis     | Indicadores  | Síntese   |
|-----------|----------------------|---------------|--|---|
|           | Solidariedade        | Reciprocidade | Possibilidade de interação entre diferentes grupos etários e de troca de conhecimentos e saberes | <p>"(...) Normalmente, nos mercados participavam mais as senhoras a partir dos 60 anos, como também os jovens. (...) E havia muita naturalidade nas trocas entre todos. Até no convívio, desde arranjar o espaço, como remontar o espaço para o momento de convívio depois do mercado, notava-se uma troca muito interessante entre gerações. Também havia troca de conhecimentos entre todos quando cada um explicava como fez o produto que levou para o mercado." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) havia uma troca de saberes, por um lado, porque os jovens que participavam queriam sempre saber como é que as coisas eram feitas e as pessoas mais velhas também acabavam por perguntar o mesmo aos jovens que lá estavam. Depois, nas assembleias havia sempre a diferença de opiniões acerca do que era preciso fazer em prol do bem da comunidade. Normalmente, os jovens tinham as suas preocupações, e os mais velhos tinham as suas. Portanto, aí também havia uma troca intergeracional de saberes e de opiniões e partilha de ideias. Sem dúvida que sim." (Entrevista nº2);</p> <p>"Sim, claro. Até se os mercados fossem mais regulares as pessoas podiam adquirir mais conhecimentos. Conhecimentos como por exemplo, bordar ou fazer um bolo tradicional, que as pessoas mais velhas sabiam fazer, e dessa maneira, ensinar os mais jovens. Mas duma maneira geral, houve sempre muito convívio entre várias gerações." (Entrevista nº3);</p> <p>"Sim, também iam pessoas de outras idades. Havia essa possibilidade, sim. (...) Quando estavam aí os jovens que vinham de fora, de outros países, era muito bonito, porque sempre tinham outros conhecimentos das suas terras. (...) E eles aprendiam connosco a nossa agricultura, como plantar o feijão e as batatas. (...) Era muito bonito o convívio entre todos." (Entrevista nº4);</p> <p>"Eu acho que nesse caso, não foi nem tanto nos mercados. Eu acho que era mais nos momentos culturais e até em alguns passeios que se realizaram. E até nas</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis                | Indicadores                         | Síntese   |
|-----------|----------------------|--------------------------|-------------------------------------|---|
|           |                      |                          |                                     | <p>diversas iniciativas que se fizeram, nós aprendemos bastantes coisas. Não foi propriamente integrado nos mercados solidários, mas dentro de outros projectos em que convivemos bastante. Isso sim." (Entrevista nº5);</p> <p>"(...) Costumava-se chamar a atenção das pessoas mais novas, por exemplo, com as ervas e os chás. Essencialmente as mulheres mais velhas faziam isso, porque hoje em dia, a maior parte das pessoas não conhece as ervas e as suas propriedades. E nessa área acabava-se por se trocar conhecimentos. Essas mulheres que iam lá, algumas mais velhas que eu, acabavam por alertá-los para isso." (Entrevista nº6);</p> <p>"Nas trocas de saberes e experiências, não presenciei a isso, mas vi que havia muita solidariedade entre gerações. Como disse, dava-se muita atenção aos idosos, e isso era muito bom." (Entrevista nº7).</p>   |
|           |                      | Prática da solidariedade | Estímulo à prática da solidariedade | <p>"(...) no período em que duraram os mercados, houve um conjunto de pessoas interessante que pôde ter acesso a bens, produtos ou serviços que não teria doutra maneira. Como também a momentos de prazer, conforto, dignidade, de bem-estar físico e psicológico, social e até espiritual, sempre com um sentimento de pertença e de coesão. (...) E de facto, as pessoas ficaram um pouco mais solidárias. (...) A nossa ideia fundamental é que todas as pessoas têm algo para contribuir na sociedade e podemos trocar essas competências e esses produtos, e ficamos assim todos melhor." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) houve outras actividades que nós acabámos por desenvolver, e que aí as pessoas diziam-nos mesmo, que o que disponibilizavam eram o bem para a comunidade, ou o que ofereciam era por solidariedade. Portanto, acabou por se gerar ali a determinado momento, uma onda de solidariedade. Nós inclusivé, angariámos roupa para algumas causas humanitárias, não só para a comunidade,</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese   |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|---|
|           |                      |           |             | <p>mas também para fora. Portanto, quanto à solidariedade acho que se criaram vários laços de solidariedade ali. (...)" (Entrevista nº2);</p> <p>"(...) Todos os participantes faziam um esforço para que toda a gente ficasse satisfeita e realizada quando o mercado acabava. E nesse sentido, havia um grande espírito solidário. Sem dúvida que houve um estímulo à solidariedade. (...)" (Entrevista nº3);</p> <p>"(...) as pessoas ficaram mais solidárias (...)" (Entrevista nº4);</p> <p>"(...) colocávamos à disposição produtos que abdicávamos e que nós entendíamos que serviriam as pessoas que eram mais necessitadas do que nós. E assim tinham esse apoio. Estávamos sempre a tentar canalizar esses produtos para aquelas pessoas." (Entrevista nº5);</p> <p>"(...) em termos da prática da solidariedade, isso sim. Eu acho que este modelo favorece certos grupos sociais pequenos em que todos têm o mesmo nível de vida. E isso poderá ter bons resultados em termos de solidariedade, mas sempre dentro desses grupos. (...)" (Entrevista nº6);</p> <p>"(...) ajudava as pessoas que não tinham ocupação e estavam desempregadas, porque sempre estavam ali e ocupavam o seu tempo. Era melhor do que estar em casa. E assim sentiam-se úteis." (Entrevista nº 7);</p> <p>"No meu ponto de vista o objectivo foi estimular a solidariedade (...)." (Entrevista nº8);</p> <p>"(...) A minha visão é que envolveram as pessoas e sensibilizaram-nas para serem solidárias, mas não passou disso." (Entrevista nº9);</p> <p>"(...) em termos de estimular a solidariedade, foi muito proveitoso. No fundo,</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis       | Indicadores   | Síntese   |
|-----------|----------------------|-----------------|---|---|
|           |                      |                 |   | <p>despertou a atenção das pessoas para esse efeito. Sendo certo que, mesmo aqui na freguesia, a nível pessoal e das famílias, isso já é uma prática habitual. (...) isso já está interiorizado aqui no espírito da população." (Entrevista nº10);</p> <p>"(...) Sem dúvida que houve um estímulo à solidariedade. (...) Houve estímulo de companheirismo entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades e trocas entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades. Quem poderia realmente dar mais qualquer coisa não ia lá. O espírito de solidariedade não foi tão explorado como isso. Quem realmente participava eram pessoas que necessitavam. (...)" (Entrevista nº11).</p>  |
|           |                      | Inclusão social | Promoção da integração de grupos populacionais isolados | <p>"Isso aconteceu um pouco, mas não é muito fácil porque não é um mecanismo apropriado. Houve algumas pessoas em situação de exclusão e, na verdade, o mercado solidário tal qual nós o praticámos não se revelou, por si só, ser uma ferramenta muito adequada á inclusão dessas pessoas. Agora, os mercados com outras articulações sim, como por exemplo, o teatro do oprimido, que utilizámos para fazer algumas iniciativas. Podia trazer as pessoas para outras esferas de acção que ajudaria a integrá-las. As pessoas em situação de exclusão, não era nos mercados que se iam realizar. Como era muito comunitário e culturalmente enraizado, elas não se sentiam tão à vontade quanto aquilo que nós gostaríamos que assim fosse. Penso que a inclusão não foi trabalhada, e o mercado não foi considerado como ferramenta de inclusão social." (Entrevista nº1);</p> <p>"(...) As pessoas acabaram por se deslocar à AJP noutros momentos, que não para o mercado, para obter informações. Nós fazemos parte da rede social, o que significava que tínhamos acesso a alguma informação de instituições particulares ou de IPSS da zona. E acabámos por encaminhar algumas pessoas para essas IPSS. Quer seja para obter informação, quer seja para obter informação sobre apoios ou</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese   |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|---|
|           |                      |           |             | <p>rendimentos, como por exemplo, como escrever uma carta para a Segurança Social. Depois criámos um projecto que era a Mercearia Solidária, que também tinha muito essa vertente, e acabámos por criar ali um conjunto de outros mecanismos, advindos das necessidades sentidas ao longo da realização dos mercados. E então criámos outro conjunto de serviços que pudesse permitir a essas pessoas ter algumas respostas que podíamos não ser nós, AJP, a dar, mas encaminhar para outras instituições, e isso acabou por acontecer em alguns momentos." (Entrevista nº2);</p> <p>"Acho que poderia ter algumas potencialidades, em colmatar algumas questões que afectavam a população que estivesse em exclusão social. Mas isso acontecia mais fora do mercado, na mercearia solidária. Aconteceu na Lojita da Pessoa Cidadã, haver um apoio a pessoas que precisassem de elaborar um currículo, procurar emprego, preencher uma declaração. Mas não era um mercado que iria colmatar essas situações. Daí, acho que se houvesse um mecanismo mais regular, não só a mercearia solidária, mas uma estrutura que funcionasse ao nível da troca com moeda social, faria todo o sentido em se adaptar a estas situações." (Entrevista nº3);</p> <p>"(...) há aí pessoas que são viúvas e que vivem sozinhas. Então havia sempre aquele bocadinho naquele dia. As pessoas encontravam-se e era como se fosse uma festa." (Entrevista nº4);</p> <p>"(...) convivíamos com pessoas que se calhar nunca teríamos convivido se não fossem essas iniciativas. Nesse aspecto, foi muito bom. Deu-nos a conhecer outras pessoas." (Entrevista nº5);</p> <p>"(...) as pessoas que vivem mais isoladas, quando vinham aos mercados, sentiam-se bem por estar ali com pessoas que elas não viam todos os dias, porque acabam por estar muito isoladas, e os mercados favoreciam muito isso. Não tenho dúvidas</p> |

| Conceitos | Dimensões de Análise | Variáveis | Indicadores | Síntese   |
|-----------|----------------------|-----------|-------------|---|
|           |                      |           |             | <p>disso." (Entrevista nº6);</p> <p>"(...) como não sou daqui, acabei por conhecer pessoas que tinham algumas dificuldades e agora quando me cruzo com elas na Granja já digo bom dia ou boa tarde ou já lhes dou uma palavrinha. Nesse aspecto, os mercados eram interessantes, a nível humano." (Entrevista nº7);</p> <p>"(...) Não vejo as pessoas mais isoladas integrarem-se mais na comunidade por causa do mercado solidário. Não vejo que isso fizesse algum sentido." (Entrevista nº8);</p> <p>"Aqui, a população da Granja, a população em si, é uma população muito acolhedora. Não tenho conhecimento de alguma situação de exclusão. E nas pequenas actividades que vão surgindo na Granja, as pessoas têm alguma preocupação em não excluir ninguém. (...)" (Entrevista nº9);</p> <p>"(...) eles também não partilhavam a integração das pessoas, ou seja, não partilharam, por exemplo, actividades que no dia-a-dia pudessem congregar as pessoas. (...)" (Entrevista nº10);</p> <p>"(...) É muito difícil haver relações de vizinhança e integrarem-se na sociedade. Agora começam a integrarem-se mais através dos filhos, do que propriamente através desses mercados. Porque aos fins-de-semana estão sempre ocupados. É através das actividades dos filhos que os pais conhecem pais de outras crianças." (Entrevista nº11).</p> |

## **Anexo E - Entrevistas Transcritas**

### **- Colaboradoras da AJP**

#### Entrevista nº 1

| <b>Identificação</b>                      |
|---|
| Nome: Teresa Cunha                        |
| Função que ocupa na AJP: Presidente       |
| Período de tempo vinculada à AJP: 28 anos |

#### **1. Como surgiu a ideia da realização dos mercados solidários?**

Já há algum tempo que lido com as questões do desenvolvimento local. Sou Professora e tive durante muitos anos a regência da cadeira de Dinâmicas do Desenvolvimento Local e tinha já estudado antes a questão das moedas sociais. Mas depois estive na Argentina e conheci essa realidade também na Argentina, logo a seguir à situação da bancarrota, digamos assim. E aí houve também um grande movimento das moedas sociais. Mas foi só em 2002 que eu contactei directamente com pessoas e com grupos no Brasil no Fórum Mundial Social, que estavam a trabalhar com as moedas sociais e portanto a organizar mercados de proximidade com recurso a moeda social. Eu aprendi com essas pessoas, não só na teoria, mas também na prática, como isso funcionava, e depois discutimos durante bastante tempo na associação, se uma das formas de nós combatermos a pobreza, visto que aquele é um concelho rural, relativamente isolado, com bastantes pessoas idosas e desempregados, e portanto há bastante pobreza, se isso seria uma forma de nós fazermos um combate à pobreza mais estrutural. Seria preciso criar uma moeda local, e depois com a moeda local, criar circuitos económicos e mercados com recurso a essa moeda. Ainda nos debatemos durante mais dois anos, até que percebemos que isso tinha pernas para andar. É um trabalho essencialmente comunitário, envolvendo pessoas, trabalhando com elas, vendo o que acham da ideia, etc. Até que conseguimos montar o primeiro mercado. E foi assim que começou a ideia dos mercados solidários com recurso a moeda local.

## **2. Que tipo de necessidades sentiu que precisavam de ser colmatadas pela realização destes eventos dentro desta comunidade?**

Houve uma necessidade que foi colmatada, que foi fundamental. Era uma necessidade bastante imaterial. Era a ideia das pessoas se juntarem num espaço e mostrarem as suas competências, visto que as pessoas nos mercados solidários eram prossumidoras, ou seja, elas só podiam consumir na medida em que produzissem e levassem um serviço ou produto da sua autoria para o mercado. E isso fez com que as pessoas vissem naquela ocasião, não apenas a troca, mas também podiam expor as suas competências, as suas capacidades, aquilo que sabiam fazer, aquilo que eram capazes de produzir. As pessoas sentiam não só, a valorização de competências, mas também muita satisfação porque aquilo era muito convivial e as pessoas gostavam de ali estar porque se encontravam, porque se riam, porque conversavam umas com as outras. Tanto assim foi, que as assembleias comunitárias decidiram que, em todos os mercados sem excepção, quando o momento de trocas acabasse, deveria haver um momento de convívio, com um contador de histórias, ou uma banda com música, ou um fadista. Qualquer coisa que completasse o ciclo de trocas do mercado, sempre com um lanchinho.

## **3. Relativamente à realização dos mercados solidários, que tipo de recursos endógenos foram afectos? Para além disso, houve alguma necessidade que obrigou os dinamizadores a recorrer a recursos exógenos?**

Em relação aos nossos recursos humanos, todos os recursos eram endógenos, exactamente para criar a ideia no local, de que o local tem a potencialidade e a capacidade de reagir a si próprio. Os únicos recursos que não eram de lá, era a nossa equipa permanente. Chegámos a ter uma equipa de oito pessoas a trabalhar em permanência na freguesia. Depois havia todos os voluntários da associação, quer as pessoas que residiam na freguesia, quer aqueles que residiam fora. Mas se considerarmos que a endogeneidade quer dizer ligação ou laço e não apenas residência, então sim, a maior parte da nossa estrutura era perfeitamente endógena.

## **4. Como foi feita a divulgação dos eventos?**

Na freguesia da Granja do Ulmeiro, nós temos um trabalho de mais de 20 anos naquela comunidade. Portanto, temos uma equipa permanente no local que trabalha no desenvolvimento local e na animação comunitária, logo, a nossa relação com a comunidade já era natural. Nós tínhamos uma assembleia comunitária onde se reuniam pessoas da

comunidade que eram voluntárias e queriam pensar aquela questão connosco, como também a nossa equipa permanente. Era essa assembleia que marcava o mercado e determinava qual a equipa que ia trabalhar. A única coisa que fizemos na freguesia foi pôr uns pequenos cartazes nos cafés, só para lembrar as pessoas.

**5. Houve acções de sensibilização à participação da população ou alguma estratégia específica de incentivo à participação?**

Nós não precisámos de ter nenhum dispositivo de sensibilização especial. É claro que depois fazíamos uma divulgação mais institucional, divulgando isso na nossa página. Depois quando fomos a outras freguesias do concelho, aí houve um trabalho de divulgação junto de grupos que já estavam organizados nas respectivas freguesias, fossem associações ou outros grupos organizados, e aí o processo de divulgação foi sempre a partir dessa base. E portanto, existiam boletins na Junta de Freguesia, o padre falava na missa, o rádio local divulgava, etc.

**6. Qual o nível de adesão da população local?**

Foi muito bom. Visto que o nosso público-alvo eram mulheres rurais e isoladas, essas mulheres não tiveram dúvida nenhuma. Compreenderam imediatamente tudo. Até porque muito antes de se ouvir falar na crise, nós já estávamos a trabalhar com a pobreza estrutural há muitos anos. E aquelas pessoas que ainda mantinham o emprego e umas certas expectativas, tiveram uma grande dificuldade em aderir no sentido mais profundo do termo. Ou seja, iam a alguns mercados, mas não perceberam até muito tarde que aquilo podia ser efectivamente, um recurso económico importante. Mas as pessoas mais pobres perceberam imediatamente o interesse. Só quando as coisas começaram a piorar muito e as pessoas começaram a perder os empregos e o acesso ao salário e o acesso à moeda, é que de repente começaram a perceber o interesse. Mas isso veio quase coincidir com o facto de nós termos ficado sem quaisquer recursos.

**7. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que foram trocados eram locais?**

Sim. As pessoas para entrarem no mercado teriam de produzir. Era essa a regra. E depois esta era uma dinâmica extremamente comunitária e era uma dinâmica que precisava de ser alimentada comunitariamente. E deste modo, a dinâmica comunitária é que ditava o tipo de produtos ou quem os produzia.

**8. Para implementar estes mercados, foi necessário a realização de parcerias? Que tipo de parcerias? A nível local, regional ou nacional?**

Sim, eram parcerias essencialmente a nível local. Era a Junta de Freguesia, as associações locais, os bombeiros, pois estamos a falar de uma freguesia pequenina e que não tem muitos recursos. Mas também alguns empresários tanto da freguesia, como do concelho e até fora do concelho, quando mais tarde implementámos a mercearia solidária.

**9. Foram articuladas diferentes áreas de intervenção, como por exemplo, a iniciativa económica, a cultura e o desenvolvimento rural?**

Sim. Como já disse, havia sempre um momento cultural após os mercados, e aí dinamizávamos a cultura popular. Também foi criado um grupo de mulheres que faziam os seus próprios artesanatos. E também houve formação para pessoas adultas. Portanto, houve muitas articulações que surgiram dos mercados, mas que nós também suscitámos a partir dos mercados e isso foi sendo feito ao longo dos anos. Para além disso, houve um pequeno centro de procura de emprego que também foi instalado para pessoas que precisassem de alguém nessa área.

**10. Que grupos populacionais foram englobados nas trocas, em termos de grupos etários e classes sociais?**

Havia sobretudo duas faixas etárias que intervinham mais. Os mais idosos que estavam em situações de grande vulnerabilidade, porque tinham reformas muito pequeninas e viviam do que conseguiam produzir na sua agricultura familiar nos seus quintais, e portanto não têm moeda para comprar determinadas coisas, como os bens de primeira necessidade, sejam eles alimentação, sejam eles cuidados primários de saúde, sejam eles companhia ou pequenos serviços que as pessoas precisam. Por outro lado, os jovens que estavam a estudar, muito jovens ainda, pois ainda andavam no secundário, que também pelas famílias não terem recursos, não tinham acesso à moeda para poder comprar algumas pequenas coisas, como livros, cd's, etc. Depois havia aquelas pessoas mais pobres no sentido de não ter acesso à moeda, neste caso, os euros, para comprar coisas básicas, coisas que são essenciais para a vida e para a dignidade humana.

**11. As populações de outras freguesias também participaram nos mercados?**

Sim. Às vezes havia algumas pessoas que vinham de fora, mas muito poucas. Por exemplo, num mercado onde participavam 50 pessoas, havia uma que tinha ouvido falar e resolveu lá ir. Mas não havia nenhuma limitação. As pessoas de fora também podiam aparecer. Mas como dávamos ênfase à comunidade local, não fazia muito sentido aparecerem pessoas de fora. Apareciam uma vez ou outra, mas depois faltava-lhes toda aquela ligação entre os mercados e as conversas que as pessoas tinham sobre como organizar as festas e os produtos.

**12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Foram as mulheres, sem dúvida. Tanto do ponto de vista da sua dignidade, mas também do ponto de vista que conseguiram trocar. Elas efectivavam trocas que eram muito úteis para elas entre si.

**13. Nos mercados havia a possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?**

Sim. Normalmente, nos mercados participavam mais as senhoras a partir dos 60 anos, como também os jovens. Era interessante ver duas gerações bastante afastadas, os avós velhinhos já, nas trocas com pessoas até aos 20. E havia muita naturalidade nas trocas entre todos. Até no convívio, desde arranjar o espaço, como remontar o espaço para o momento de convívio depois do mercado, notava-se uma troca muito interessante entre gerações. Também havia troca de conhecimentos entre todos quando cada um explicava como fez o produto que levou para o mercado.

**14. Houve a preocupação de incluir nestes eventos pessoas em situação de exclusão social, fomentando o seu acesso à informação e à formação de competências?**

Isso aconteceu um pouco, mas não é muito fácil porque não é um mecanismo apropriado. Houve algumas pessoas em situação de exclusão e, na verdade, o mercado solidário tal qual nós o praticámos não se revelou, por si só, ser uma ferramenta muito adequada á inclusão dessas pessoas. Agora, os mercados com outras articulações sim, como por exemplo, o teatro do oprimido, que utilizámos para fazer algumas iniciativas. Podia trazer as pessoas para outras esferas de acção que ajudaria a integrá-las. As pessoas em situação de exclusão, não era nos mercados que se iam realizar. Como era muito comunitário e culturalmente enraizado, elas não se sentiam tão à vontade quanto aquilo que nós gostaríamos que assim fosse. Penso

que a inclusão não foi trabalhada, e o mercado não foi considerado como ferramenta de inclusão social.

**15. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreatajuda entre todos?**

Isso sim. Mas não tenho a certeza se isso se devia à dinâmica do mercado, ou se era o mercado que beneficiava de uma dinâmica social que também já existia. No mundo rural, as pessoas são muito mais cordiais e mais correctas no trato e mais refinadas do que as pessoas na cidade. Há uma convivialidade muito interessante que nos ensina muito. E isso encontrava-se no mercado. Mas eu estou convencida que era a própria comunidade que levava para o mercado esse tipo de relações de cordialidade e de brincadeira. Era um ambiente muito descontraído e havia muita alegria. Havia de vez em quando pequenos truques, que não se pode chamar de malvez. Eram apenas pequenos truques de negociação que nós às vezes tentávamos evitar, mas não era nada penoso.

**16. Acha que as pessoas se sentem mais integradas na comunidade por terem participado nos mercados, fazendo com que estas tenham um maior sentimento de pertença?**

Sim, sem dúvida. Isso é muito patente agora que acabou quando as pessoas lamentam tudo ter terminado. Há uma certa nostalgia daqueles momentos em particular e daquela dinâmica, daquele espaço de protagonismo das senhoras onde podiam tomar as suas decisões, e esses espaços são muito importantes, e normalmente não existem muito.

**17. Estes eventos proporcionam uma maior proximidade entre os participantes, fazendo com que haja uma maior promoção das redes sociais?**

Sem dúvida. O que estes eventos fazem é promover o sentimento de pertença ao grupo, o sentimento de coesão, o sentimento da negociação que é uma coisa muito importante no grupo, ou seja, saber negociar o seu espaço, o seu produto, a sua identidade, a sua especificidade, e ao mesmo tempo que se negocia a sua, está-se a negociar colectivamente, o que também é muito interessante. Creio que o mercado solidário, em todos aqueles que eu conheço, se alguma coisa se ganhou, foi em termos sociais e de coesão social.

**18. Acha que quem participa fica mais auto-suficiente e, conseqüentemente, obtém uma maior autonomia económica?**

Não, de todo. Nós temos um sistema económico muito interdependente e não podemos ter uma razão romântica que nos diga que com os mercados solidários e com a moeda social vamos resolver esse problema. Não conheço nenhum caso, mesmo em escalas muito elaboradas de iniciativas do género, que tenha chegado a ser auto-sustentável por completo. Isto pode ser um complemento ou um suplemento económico, pode ser uma forma de atender a algumas especificidades interessantes, pode ser uma forma de romper com a ideia de que a pobreza se resolve só com assistencialismo, mas vai ter de ser combinada com políticas mais macroeconómicas e com políticas estruturais de emprego e de redistribuição da riqueza. No meu ponto de vista, estes paradigmas económicos podem conjugar ciclos de proximidade e outros. Mas este circuito de proximidade, como é conhecido até hoje não se revelou capaz de provocar a plena sustentabilidade em nenhuma das suas escalas.

**19. E em relação às mulheres, houve a preocupação de lhes conceder ferramentas que lhes conferissem uma maior auto-determinação?**

O nosso objectivo foi sempre empoderar as mulheres, no sentido de lhes dar espaços de liderança, espaços de protagonismo e espaços de expressão. E assim elas foram criando o seu próprio espaço de intervenção.

**20. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Não sou capaz de medir essa questão. Aquilo que se pode dizer é que, quando se falava nestes eventos, era uma coisa muito bem-vinda na comunidade, não era problemático e não era conflituoso. Nunca foi percebida qual era a irradiação da coesão que se criava entre os prosumidores que frequentavam a nossa casa e os seus circuitos familiares e de amizade. O que sabemos, é que todas as pessoas que iam e as que não iam, consideravam que era uma coisa que valia a pena manter e que era interessante continuar.

**21. Qual o balanço que faz da realização dos mercados solidários? Considera uma experiência positiva ou negativa?**

Na minha avaliação enquanto activista, mas também enquanto académica, é que o sucesso foi muito limitado. Isto porque a partir dum certo momento, a equipa permanente que estava no local não conseguiu dar o salto que era necessário, ou seja, passar daquelas trocas muito básicas dentro daquelas necessidades e passar para outras necessidades mais importantes.

Houve ainda a iniciativa da nossa mercearia solidária, em que aí criámos uma estrutura com recurso à mesma moeda e que estava aberta todos os dias. Era uma mercearia em que foram envolvidos empresários locais e regionais para abastecer a mercearia com vários produtos e com coisas que as pessoas chegavam a precisar. E isso durou muito mais tempo a pôr em prática do que aquilo que achava necessário, pois envolveu mais pessoas com capacidade para pôr no mercado mais produtos, para atender às necessidades de mais famílias. Na verdade, nesta freguesia que tem à volta de 1600 pessoas, ao longo dos anos estiveram envolvidas no projecto 100 ou 120 pessoas. Não é um número enorme, mas a verdade é que essas pessoas conseguiram não só, manter o mercado sempre a funcionar regularmente ao longo de seis anos, mas também passar essa ideia para muitos outros lugares. Portanto, esse tipo de sucesso foi alcançado. O que não foi alcançado no meu ponto de vista, foi a capacidade de transbordar para uma economia mais estruturada, em que as pessoas pudessem fazer trocas, eventualmente mais relevantes ainda para a sua vida. Portanto, houve uma certa estagnação a partir dum certo momento, relativamente aos produtos e serviços que estavam presentes no mercado. E quanto a mim, isso foi talvez a nossa incapacidade de mobilizar mais pessoas e mais diversidade.

**22. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local, colmatando as necessidades identificadas inicialmente, como também um estímulo à prática da solidariedade?**

O que nós podemos dizer é que, no período em que duraram os mercados, houve um conjunto de pessoas interessante que pôde ter acesso a bens, produtos ou serviços que não teria doutra maneira. Como também a momentos de prazer, conforto, dignidade, de bem-estar físico e psicológico, social e até espiritual, sempre com um sentimento de pertença e de coesão. Portanto, havia todo um conjunto de benefícios, por exemplo, aqueles que produziam um determinado tipo de legumes que os outros não produziam, elas depois trocavam não só o produto final, como também as sementes e as tecnologias de cultivo dos produtos. E isso são benefícios que acontecem durante o tempo de duração do ciclo de vida dos produtos alimentares. E de facto, as pessoas ficaram um pouco mais solidárias. Portanto, houve uma série de iniciativas que teve sempre em vista o combate à pobreza de uma maneira estrutural, e de todo, assistencialista. A nossa ideia fundamental é que todas as pessoas têm algo para contribuir na sociedade e podemos trocar essas competências e esses produtos, e ficamos assim todos melhor.

Entrevista nº 2

|  |
|--|
| <b>Identificação</b>                           |
| Nome: Joana Pombo                              |
| Função que ocupou na AJP: Técnica de Projectos |
| Período de tempo vinculada à AJP: 9 anos       |

**1. Como surgiu a ideia da realização dos mercados solidários?**

Eu quando entrei para a associação, a ideia já estava quase implementada. No entanto, eu era voluntária na altura em que as técnicas da associação participaram no Fórum Social Mundial no Brasil. E foi no Brasil que conhecemos essa realidade, a realidade das economias solidárias, vimos como se processava, e a partir daí tentámos adaptar o modelo na Granja do Ulmeiro. Portanto, a partir do conhecimento de uma actividade internacional ou das nossas redes internacionais, nós depois transportámos a ideia para a Granja do Ulmeiro. Claro que, aliada ao facto de nós termos conhecimento que na população da Granja do Ulmeiro, existia um grande conjunto de excedentes de produção e que muitas vezes as pessoas não sabiam o que fazer com os excedentes, porque para consumo familiar por si só, era bastante, era demais. Portanto, eles começavam a dar aos vizinhos, aos amigos, aos conhecidos. Alguns serviam mesmo para ração de animais quando se começavam a deteriorar. E nós começámos a perceber que havia talvez uma potencialidade ali que nós poderíamos canalizar para outras famílias que não tivessem a porção de terra e que não tivessem como plantar, e que portanto, pudessem usufruir desses excedentes de produção dos terrenos agrícolas. Tudo isto aliado ao facto de que a Granja do Ulmeiro é uma aldeia periférica às cidades de Coimbra, Montemor e Figueira da Foz, e há um conjunto de famílias que entretanto alterou a sua residência para ali. Isto porque a habitação é mais barata, têm uma mobilidade fácil, visto que o comboio é bastante acessível. Estamos a meia hora de Coimbra, portanto é muito acessível chegar a Coimbra. Portanto, tudo isso propicia a que haja um conjunto de famílias que alterou a sua residência. Portanto, esta solidariedade e esta escala de proximidade que nós criámos na altura dos mercados solidários, também veio ajudar e facilitar um bocadinho a vida destas famílias recém-chegadas.

## **2. Que tipo de necessidades sentiu que precisavam de ser colmatadas pela realização destes eventos dentro desta comunidade?**

Isso é variável. Depende de pessoa para pessoa. Porque na grande maioria e na generalidade, a questão de alguns serviços como os serviços de saúde, como também a questão estética da beleza, ou seja, a manicure, a pedicure, o cabeleireiro, eram relevantes. Por outro lado, tínhamos a questão dos bens alimentares, ou seja, tudo o que é hortaliça, a batata, a abóbora e todos os bens alimentares. Agora, havia uma falha que as pessoas muitas vezes nos apontavam e que nós não conseguimos lá chegar que era a questão dos bens não perecíveis, como o arroz, a massa, a manteiga. Aí nós estávamos em processo de chegar lá, mas não conseguimos chegar. Até porque em Montemor existem arrozais e há uma cooperativa de arroz, mas quando saímos da Granja do Ulmeiro não conseguimos colmatar essa necessidade. Mas no que diz respeito a serviços e a bens alimentares de primeira necessidade, tanto as batatas, como a verdura e a fruta, aí conseguimos chegar. Claro que depois temos também a questão da integração social. Até porque o convívio, o ambiente comunitário, as relações interpessoais, tudo isso os mercados solidários acabam por ajudar porque tinham sempre no final um momento cultural, onde todo o mercado tinha um momento de convívio. Sem falar na questão inicial que antecedia sempre os mercados que era a questão da assembleia. E aí podíamos também dar um bocadinho de voz à pessoas. Tentámos trabalhar sempre em parceria com a Junta de Freguesia e tínhamos outros projectos na AJP na altura que possibilitavam o fácil acesso e a comunicação com alguns autarcas, porque nós tentámos levar sempre aquilo que as pessoas nos iam dizendo no momento das assembleias nos mercados, até aos autarcas. Portanto, havia esta questão da participação pública, de dar uma voz às pessoas. Portanto, há aqui um conjunto de questões, que às vezes as pessoas podiam não sentir como necessidades à primeira vista, porque à primeira vista, as necessidades eram as trocas de bens alimentares em si e os serviços também. Mas depois, toda a questão cultural, toda a questão social e mesmos a questão da participação acabaram por se revelar necessidades.

## **3. Relativamente à realização dos mercados solidários, que tipo de recursos endógenos foram afectos? Para além disso, houve alguma necessidade que obrigou os dinamizadores a recorrer a recursos exógenos?**

Na sua maioria foram utilizados recursos endógenos. Depois tínhamos algumas pessoas que eram voluntárias da AJP e que se aliaram à iniciativa e que vinham de fora. Essas pessoas

prestavam serviços, na sua maioria, como por exemplo, ajudar a ler cartas, dar boleias. Eram pessoas que eram voluntárias e que colaboravam com a iniciativa, portanto vinham de fora e deram alguma coisa à população. Mas na grande maioria, quase 99%, eram recursos endógenos.

#### **4. Como foi feita a divulgação dos eventos?**

A determinado ponto tornou-se uma coisa quase boca a boca. Nós começámos por elaborar alguns cartazes que espalhámos nos locais comerciais que as pessoas mais frequentavam. E depois, a partir do momento em que começámos a conhecer as pessoas, começámos a fazer aquilo que nós chamamos, o "porta a porta". Ou até enviávamos sms de divulgação, sendo que algumas pessoas nem sequer tinham telemóvel. Portanto, aquilo que fazíamos era também a pensar que havia uma parte social na divulgação, pois fazíamos companhia a algumas pessoas em alguns momentos. Mas sempre que havia um mercado, uma semana ou quinze dias antes, nós dávamos uma voltinha pela Granja do Ulmeiro e íamos bater nas portas das pessoas, pois já sabíamos onde as pessoas moravam. Nalguns momentos, quando tivemos voluntários internacionais na AJP, porque nós fazíamos campos de trabalho, havia aquilo que nós chamávamos de arruadas. E aí eram os voluntários que preparavam. Eles faziam um desfile com bombos ou outro tipo de instrumentos que eles próprios fabricassem e iam pela rua a divulgar o mercado. Mas isso era esporádico, pois só acontecia nos meses de Verão. Na maioria das vezes era porta a porta e a colocação de cartazes. Também havia alguma divulgação através dos meios de comunicação de Soure, mas o jornal saía de quinze em quinze dias e nem sempre apanhávamos a edição do jornal, se bem que aí já atingíamos outro público que não a população endógena.

#### **5. Houve acções de sensibilização à participação da população ou alguma estratégia específica de incentivo à participação?**

Inicialmente, levar as pessoas a participar não foi muito fácil. Inicialmente não percebiam muito bem e havia algumas dúvidas. A partir do momento em que as coisas se tornaram claras para as pessoas, a participação aumentou. A partir daí, traziam a amiga, os netos, os filhos, etc. Depois houve uma altura em que estagnou, naquele grupo de pessoas que costumavam participar. Depois começámos a pensar em trazer novas pessoas para o mercado, porque novas pessoas trazem outros produtos e outras questões. Mas tornou-se complicado, pois isso é um ciclo, quase. Ou seja, de início é sempre complicado cativar a população, mas a partir do

momento em que as coisas estão engrenadas, digamos assim, torna-se mais fácil porque as pessoas, elas próprias, vão espalhando a mensagem.

#### **6. Qual o nível de adesão da população local?**

Se foi aquilo que esperávamos e espectável, tendo em conta que a Granja tem pouco mais de mil habitantes e nós conseguimos atingir cerca de trezentos, penso que foi satisfatório. Atendendo também a que isto era feito ao sábado à tarde, portanto haveria sempre outras actividades a decorrer também. Tirar as pessoas do seio familiar nem sempre é fácil. Penso que a adesão foi boa, tendo em conta as pessoas que participaram.

#### **7. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que foram trocados eram locais?**

Eram todos de origem local, quer sejam os bens alimentares, quer sejam os serviços que eram feitos por pessoas de lá. Na sua grande maioria eram todos de origem local. Até porque o objectivo era valorizar os produtos locais e dar a perceber às pessoas que a comunidade por si só, com todos esses laços de proximidade e toda a comunicação e relações interpessoais, conseguiria subsistir na grande maioria dos casos, tendo em conta os bens de primeira necessidade. Tirando o proveito daquilo que as pessoas têm, a comunidade conseguiria subsistir por si só, sem precisar de recorrer a grandes produtos exógenos ou grandes superfícies comerciais. Aquela comunidade teria tudo para funcionar nessa lógica.

#### **8. Para implementar estes mercados, foi necessário a realização de parcerias? Que tipo de parcerias? A nível local, regional ou nacional?**

A Junta de Freguesia sempre foi uma parceira. Por várias razões. Primeiro, por questões de logística, porque muitas vezes para a realização dos mercados era preciso fechar a estrada, etc. E sempre nos deram bastante apoio à realização dos mercados. Depois tínhamos a Associação local que muitas das vezes nos cedeu espaço e as pessoas da Associação participaram em muitas das vezes nos mercados solidários, quer através dos momentos culturais, quer através da escola de música que fazia parte da Associação que chegou a dar alguns espectáculos. E depois, também tínhamos uma parceria com a IPSS da Granja do Ulmeiro, era o Centro de Assistência Paroquial. E o que o Centro de Assistência Paroquial fazia era divulgar junto de pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção e de pessoas carenciadas. E diziam-lhes como poderiam trocar os produtos e que podiam ir buscar o que precisassem. Porque às vezes as pessoas diziam que não tinham nada para trocar, e o que nós tentávamos dizer é que

toda a gente tem alguma coisa com o qual pode contribuir para o bem comum. E esta divulgação também era preciso fazer na maioria dos casos. Portanto, eram essencialmente estas três instituições. Depois, relativamente aos momentos culturais, acabámos por contactar outras associações recreativas do concelho de Soure. Nós procurámos também divulgar a oferta cultural do próprio concelho, e fazer com que outras freguesias viessem aos mercados, para que estas, nas suas freguesias pudessem dinamizar algo semelhante. Portanto, a nossa ideia também era expandir um bocadinho a lógica do mercado solidário e alargar ao concelho em si.

**9. Foram articuladas diferentes áreas de intervenção, como por exemplo, a iniciativa económica, a cultura e o desenvolvimento rural?**

Sim, sempre. Nós dizíamos sempre que para nós, o mercado tinha sempre três fases. Não era só o momento de trocas em si. Tínhamos a perspectiva económica com o momento de trocas. Depois, tínhamos a perspectiva social de participação e de inclusão quando fazíamos a assembleia que antecedia o momento de trocas. E a seguir ao momento de trocas havia sempre um momento cultural. E tudo isto para nós estava integrado. Nunca fazíamos um mercado só com uma destas partes. Havia sempre todas estas partes incluídas. E as próprias pessoas acabavam por exigir quase que assim fosse. E até perguntavam qual o momento cultural que ia ser apresentado. Dávamos sempre esta perspectiva muito social, muito cultural, fazendo com que as pessoas interagissem porque na Granja havia pessoas muito isoladas, e havia sempre aquela preocupação com o outro e com o bem comum. Portanto, estas três perspectivas, a económica, a social e a cultural estiveram sempre de mãos dadas na nossa intervenção.

**10. Que grupos populacionais foram englobados nas trocas, em termos de grupos etários e classes sociais?**

Nós tínhamos, sem dúvida, uma população maioritariamente sénior, ou seja, acima dos 50 anos. Este era o grupo em termos etários. Agora, em termos de classes sociais, penso que em alguns casos havia alguma população carenciada. Mas esse também não era o nosso objectivo, saber se a população era carenciada ou não. Isto para não haver aquela questão estereotipada de que os mercados solidários são para pessoas carenciadas. Nós tentávamos integrar todo o tipo de pessoas. Agora, os mais novos acabavam por ir com os avós, mas não era um grupo muito expressivo. Acabavam por ir, e participavam, mas não tinham grande

contributo. Nós a determinada altura tentámos puxar alguns jovens, sobretudo das escolas. E ainda tínhamos um grupo de 5 a 10 jovens que participavam com alguma regularidade. Mas não era de todo um grupo relevante. Também eram maioritariamente mulheres, cerca de 99%. Os maridos tinham um papel de acompanhantes. Mas, no fundo eram elas que definiam o que queriam adquirir, o que queriam levar para trocar, e os maridos tinham um papel de observadores, quase.

### **11. As populações de outras freguesias também participaram nos mercados?**

Sim, participaram pessoas da freguesia de Samuel. Aliás, Samuel chegou mesmo a implementar um mercado solidário na sua associação. Também de Vila Nova de Anços, de Figueiró do Campo que são freguesias próximas. Algumas pessoas de outras freguesias participavam com carácter regular, outras, nem por isso. Até porque os participantes dessas freguesias também eram na sua maioria mulheres acima dos 50 anos, e para elas muitas vezes não era fácil deslocarem-se por não haver uma rede de transportes.

### **12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

A população idosa acabou por ser o grupo mais beneficiado por várias razões. Primeiro, porque acabámos por estabelecer uma relação de proximidade muito mais forte com essas pessoas. Havia algumas pessoas em isolamento, que viviam sozinhas, e tentámos combater essas situações, porque lhes fazíamos alguma companhia. Portanto, começámos a conhecer as pessoas e elas já iam à AJP, não só pelo mercado, mas para estar um pouco a conversar. Portanto, acabou por ser esse grupo, o mais beneficiado. Não só economicamente, mas também socialmente. Sem dúvida. Depois, podemos considerar que houve outros grupos, como os que eram beneficiários do Rendimento Social de Inserção. E aí, já são pessoas de várias gerações, não são só as mais velhas. Eram também os casais mais jovens que estavam endividados que acabaram por ver ali algum escape. Mas sem dúvida que o mais beneficiado foi o sénior.

### **13. Nos mercados havia a possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?**

Sim, na medida em que, por exemplo, o artesanato que existia em alguns momentos era feito por jovens, com características mais urbanas, e depois as senhoras mais velhas acabavam por

perguntar como é que se fazia. Portanto, havia uma troca de saberes, por um lado, porque os jovens que participavam queriam sempre saber como é que as coisas eram feitas e as pessoas mais velhas também acabavam por perguntar o mesmo aos jovens que lá estavam. Depois, nas assembleias havia sempre a diferença de opiniões acerca do que era preciso fazer em prol do bem da comunidade. Normalmente, os jovens tinham as suas preocupações, e os mais velhos tinham as suas. Portanto, aí também havia uma troca intergeracional de saberes e de opiniões e partilha de ideias. Sem dúvida que sim.

**14. Houve a preocupação de incluir nestes eventos pessoas em situação de exclusão social, fomentando o seu acesso à informação e à formação de competências?**

Sim. As pessoas acabaram por se deslocar à AJP noutros momentos, que não para o mercado, para obter informações. Nós fazemos parte da rede social, o que significava que tínhamos acesso a alguma informação de instituições particulares ou de IPSS da zona. E acabámos por encaminhar algumas pessoas para essas IPSS. Quer seja para obter informação, quer seja para obter informação sobre apoios ou rendimentos, como por exemplo, como escrever uma carta para a Segurança Social. Depois criámos um projecto que era a Mercearia Solidária, que também tinha muito essa vertente, e acabámos por criar ali um conjunto de outros mecanismos, advindos das necessidades sentidas ao longo da realização dos mercados. E então criámos outro conjunto de serviços que pudesse permitir a essas pessoas ter algumas respostas que podíamos não ser nós, AJP, a dar, mas encaminhar para outras instituições, e isso acabou por acontecer em alguns momentos.

**15. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreatajuda entre todos?**

Isso era causa uma batalha, porque houve várias questões ao longo da realização dos mercados. Inicialmente, as coisas acabaram por acontecer de forma pacífica e pacata, mas depois, havia sempre alguém que queria as laranjas daquela pessoa específica ou as couves de outra pessoa específica. Isso era aquilo a que eles chamavam, a reserva de produtos. Portanto, nós tentámos combater um bocadinho isso, fazer umas acções de sensibilização no que diz respeito à entreatajuda. Os campos de trabalho também vieram trazer alguma sensibilização para aquilo que é a perspectiva internacional, e a perspectiva de que, o que fazemos aqui, afecta os outros, ou seja, insistimos em toda esta perspectiva de comunidade. Tentámos inculcar isso sempre nos mercados. Na maioria dos casos, as pessoas respeitavam-se mutuamente. Mas, claro que, uma vez ou outra as coisas não corriam tão bem. No entanto,

havia sempre ali um jogo de cooperação e de tentativa de resolução de conflitos que nós tentávamos sempre fazer. No fundo, nestas comunidades pequenas, há sempre conflitos que nós tentamos sempre dissuadir e resolver. Mas acontecia algumas vezes, claro que sim.

**16. Acha que as pessoas se sentem mais integradas na comunidade por terem participado nos mercados, fazendo com que estas tenham um maior sentimento de pertença?**

Sem dúvida nenhuma. Sem dúvida que os mercados criaram para muitas pessoas, como por exemplo, para as famílias recém-chegadas, como já referi, criaram ali alguma religação e algum sentimento de pertença e algum reconhecimento também. Porque às vezes as pessoas esquecem-se que o vizinho do lado, muitas vezes, existe. E naquele caso, nós tentávamos fazer com que as pessoas percebessem que podem ir ao vizinho do lado ir buscar algumas coisas que precisem, e que o vizinho do lado está lá presente e pode apoiá-los e ajudá-los. Nessa vertente, nós tentávamos ajudar também através dos mercados solidários.

**17. Estes eventos proporcionam uma maior proximidade entre os participantes, fazendo com que haja uma maior promoção das redes sociais?**

Sim, isso sem dúvida nenhuma. Aliás, quando nós falamos nos mercados, sem dúvida que é uma rede de trocas, mas é a uma escala local, e sobretudo, sempre numa lógica de proximidade.

**18. Acha que quem participa fica mais auto-suficiente e, conseqüentemente, obtém uma maior autonomia económica?**

Eu acho que o tempo de duração dos mercados, não deu para que aquela comunidade percebesse que podia subsistir por si só e serem auto-suficientes. Acho que acabaram por não perceber o conceito dessa forma. Perceberam que podiam trocar produtos entre eles, mas que isso não bastava para subsistirem. Até porque eles precisavam de outro tipo de produtos, como o arroz e as massas, que para aquela comunidade também era importante. A comunidade poderia ajustar o seu quotidiano e a sua alimentação àquela realidade. E a partir da conjugação de esforços, subsistir daquela forma. Acabaram por não perceberem que poderiam ser auto-suficientes, apesar de tudo o que tentávamos, e apesar de aquela comunidade ter potencialidade para o ser.

**19. E em relação às mulheres, houve a preocupação de lhes conceder ferramentas que lhes conferissem uma maior auto-determinação?**

Sem dúvida. Desde o primeiro dia que implementámos os mercados, que trouxemos sempre as mulheres em primeiro lugar. Ou seja, se íamos a casa de alguém, íamos para falar com a mulher da casa. E era ela que determinava, ou não, a participação no mercado. Também era ela que dava a sua opinião sobre as regras do mercado, sobre aquilo que era melhor fazer. Portanto, tanto a participação pública, como a participação no mercado, tudo isso sempre foi valorizado, tendo em conta a participação das mulheres. Por isso, os homens acabaram por se sentir apenas como meros observadores e como meros acompanhantes no processo e nunca tomaram um papel de relevo. Depois, nas assembleias, muitas vezes as assembleias tinham um tema. E quando era o tema do Dia Internacional da Mulher, ou o tema da violência doméstica, isso era sempre discutido na assembleia. Era dado um relevo especial a este tipo de temas e não a outros. E também para que as mulheres se sentissem bem naquele espaço e se sentissem à vontade para participar naquele espaço, ou seja, fazer com que elas sentissem que aquele espaço, também era o espaço delas.

**20. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

É difícil aferir sobre o efeito na comunidade, na medida em que, quando saímos de lá, as coisas ainda estavam muito frescas. Sei que, nas pessoas que participaram, o efeito foi muito positivo, ao ponto de, actualmente as pessoas sentirem a falta dos mercados e sentirem que é algo que lhes faz falta. Em relação ao resto da comunidade, acho que o facto da movimentação existente naquele dia para fazer aquela actividade, sendo que havia sempre o momento cultural, tudo isso acaba por criar algum bem-estar no resto da comunidade. E acaba por provocar alguns momentos de encontro dentro da comunidade. Ou seja, as pessoas encontravam-se nos mercados que eram ao sábado, e na segunda-feira seguinte éramos capazes de encontrar um grupo de pessoas que esteve no sábado no mercado, a tomar um café, ou a lanchar, ou a fazer renda todas juntas, e nesses encontros acabavam por surgir ideias para outras actividades e acabava por trazer pessoas que não estavam nesses mercados, e isso acabou por se arrastar à população. É claro que depois, há todo o seio familiar que depois acaba por se envolver, visto que quem participa, vai para casa e conta como foi, e acaba por envolver o resto da família. E aí acaba por haver o efeito bola de neve. Mas, mais do que isto não tenho percepção de mais algum efeito que tenha havido na comunidade. Por

outro lado, é óbvio que a Granja do Ulmeiro acabou por ficar conhecida um bocadinho mais do que aquilo que era, e acabaram por aparecer agora, depois disso, pessoas na Granja do Ulmeiro que antigamente não apareceriam. E isso acabou por trazer algum benefício ao comércio local, quanto mais não seja, a estação de comboios continua a existir, quando já era para ter sido fechada, por ter havido uma certa afluência de pessoas ali.

**21. Qual o balanço que faz da realização dos mercados solidários? Considera uma experiência positiva ou negativa?**

Positiva, sem dúvida. Por várias razões. Primeiro porque, para quem trabalha no meio social, criar uma actividade desta dimensão, quer numa perspectiva económica, quer numa perspectiva social, quer numa perspectiva cultural, é super interessante. Foi um desafio, sem dúvida, mas ver ali um conjunto de pessoas a relacionarem-se umas com as outras e procurar fazer outras actividades depois de lá termos estado e ver o após ao mercado é muito interessante. É ver uma comunidade a evoluir e a mudar alguns dos seus hábitos. Porque também foi um pouco o que nós procurámos, que foi proporcionar uma melhoria das condições de vida e da qualidade de vida. Isso foi o que acabámos por sentir.

**22. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local, colmatando as necessidades identificadas inicialmente, como também um estímulo à prática da solidariedade?**

Ter havido uma redução da pobreza, acho que isso seria um pouco presunçoso da nossa parte dizê-lo, porque efectivamente não temos como medir. Se eu acho que houve, eu quero acreditar que sim. Quero acreditar que algumas daquelas pessoas conseguiram, de facto, ultrapassar alguns desafios que tinham para arranjar alguns produtos e começaram a contar com os vizinhos. Eu acho que algumas pessoas necessitadas começaram a contar mais com o resto da comunidade para poderem sobreviver. E o que os mercados trouxeram, quanto mais não seja, foi este contacto e esta proximidade. Em relação à solidariedade, acho que aí fomos um bocadinho mais fundo, e aí acredito piamente que sim. Até porque houve outras actividades que nós acabámos por desenvolver, e que aí as pessoas diziam-nos mesmo, que o que disponibilizavam eram o bem para a comunidade, ou o que ofereciam era por solidariedade. Portanto, acabou por se gerar ali a determinado momento, uma onda de solidariedade. Nós inclusivé, angariámos roupa para algumas causas humanitárias, não só para a comunidade, mas também para fora. Portanto, quanto à solidariedade acho que se

criaram vários laços de solidariedade ali. Quanto à redução da pobreza, já sou um bocadinho mais cautelosa ao dizê-lo, porque não tenho a percepção se chegámos a combater a pobreza efectiva.

Entrevista nº 3

| <b>Identificação</b>                     |
|--|
| Nome: Raquel Azevedo                     |
| Função que ocupou na AJP: Estagiária     |
| Período de tempo vinculada à AJP: 2 anos |

**1. Porque é que foi relevante trabalhar neste projecto em concreto?**

À partida, eu sabia que a AJP tinha muitos projectos bastante diversificados, e quando fui estagiar propuseram-me o projecto "Elas no Norte e no Sul" ou o projecto dos mercados solidários. Como naquela altura não sabia o que era essa iniciativa tão interessante, resolvi pegar logo nos mercados solidários. E achei muito interessante logo à partida. Pelo mecanismo em si, pela forma como a AJP estava a conduzir os mercados, pela própria criação da moeda e pelo próprio dinamismo nos dias do mercado. E portanto, fui um pouco levada pela curiosidade, pois era um projecto com características bastante próprias e direccionada para uma população específica, com um número considerável de desempregados, com a população envelhecida. Achei interessante tentarem articular um projecto de desenvolvimento local com as necessidades da comunidade, porque muitas vezes nesta comunidade havia muitos excedentes de produção. Portanto foi importante para tentar perceber até que ponto se podia tentar criar um rede de prossumidores com a população da Granja.

**2. Que tipo de necessidades sentiu que precisavam de ser colmatadas pela realização destes eventos dentro desta comunidade?**

Estes eventos à partida não estavam a abranger a população desempregada, logo aí, havia um desfasamento. Algumas dessas pessoas desempregadas estavam a receber Rendimento Social de Inserção e podiam ter algumas dificuldades de acesso à alimentação e poderiam aproveitar os produtos dos agricultores. Por outro lado, os mercados conseguiam colmatar necessidades básicas como o convívio entre os participantes, as mulheres colmatavam a necessidade de participação social, e quando havia momentos culturais, as pessoas desfrutavam um pouco da cultura e conheciam novas pessoas.

**3. Relativamente à realização dos mercados solidários, que tipo de recursos endógenos foram afectos? Para além disso, houve alguma necessidade que obrigou os dinamizadores a recorrer a recursos exógenos?**

Os mercados eram preparados pela equipa técnica. Depois no último ano tentaram dialogar com um grupo de mulheres da Granja que estavam mais ligadas aos mercados e eram presença frequente na AJP. Tentaram falar com elas sobre o que estava bem e o que estava mal, e isso foi importante para haver um *feedback* da população. Mas no fundo eram sempre os técnicos, os quais também recorriam à base de voluntários, visto que estavam presentes sempre dois ou três voluntários.

**4. Como foi feita a divulgação dos eventos?**

Os mercados solidários eram sempre divulgados com um cartaz sempre nos cafés, as associações, sempre ali nas redondezas. Via email e via telemóvel também passou a haver a partir de certo momento, pois começámos a completar a base de dados com os contactos das pessoas. Depois também fazíamos porta a porta, um ou dois dias antes, lembrando às pessoas que haveria a mercado em tal dia.

**5. Houve acções de sensibilização à participação da população ou alguma estratégia específica de incentivo à participação?**

Às vezes íamos falar com as pessoas que já conhecíamos e que gostavam de participar, até porque as pessoas destas comunidades gostam de se sentir acarinhadas e gostam de se sentir úteis. Também em cada mercado marcávamos sempre qual a data do mercado seguinte e as pessoas ficavam logo a saber. Depois quando encontrávamos pessoas que não conheciam os mercados, acabávamos por explicar como funcionava e sugeríamos sempre que quem conhecia, levasse um amigo ou um vizinho que não conhecesse o mercado.

**6. Qual o nível de adesão da população local?**

Às vezes o nível de adesão era baixo porque muitas vezes, o que acontecia, era haver uma excursão, uma missa, uma feira do concelho. Então algumas pessoas começaram a sugerir que os mercados comessem a ser mercados com alguma regularidade, com uma data mais fixa. Esse esforço foi feito um pouco mais para o fim.

**7. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que foram trocados eram locais?**

Sim. Na AJP, os produtos ou serviços trocados tinham que ser criados ou transformados pela própria pessoa. Por exemplo, se uma pessoa chegasse lá com um pacote de arroz, não podia participar. Era isso que explicávamos sempre às pessoas que apareciam lá. A maior parte, eram produtos da terra e os produtos artesanais. Foi uma experiência rica, nesse aspecto, e os mercados ganharam muito com isso.

**8. Para implementar estes mercados, foi necessário a realização de parcerias? Que tipo de parcerias? A nível local, regional ou nacional?**

A Junta de Freguesia sempre teve conhecimento dos mercados, porque pedíamos sempre para fechar a estrada na altura do mercado. Depois, a Associação Recreativa também tinham conhecimento, pois participou em alguns momentos culturais.

**9. Foram articuladas diferentes áreas de intervenção, como por exemplo, a iniciativa económica, a cultura e o desenvolvimento rural?**

Sim. Os mercados eram sempre constituídos pela banca, pela troca dos produtos, pela assembleia e pelo momento cultural no final. Na assembleia falava-se de problemas da comunidade e era importante para tentar perceber as necessidades a população e o que os inquietava, que iam desde o saneamento até à violência doméstica, ou mesmo até à educação financeira. E depois, no momento cultural, havia sempre uma peça de teatro, uma orquestra, dinâmicas, etc.

**10. Que grupos populacionais foram englobados nas trocas, em termos de grupos etários e classes sociais?**

Eram pessoas idosas, a maior parte delas reformadas e na sua maioria acima dos 55 anos. Apesar de haver muitas pessoas novas, mas qualificadas, como os estagiários ou os voluntários, que de certo modo ficavam ligadas à iniciativa e depois acabavam por participar.

**11. As populações de outras freguesias também participaram nos mercados?**

Não foram muitas. Acabaram por ser só mesmo aquelas da Granja. Havia algumas de Montemor-o-Velho, algumas de Coimbra, mas a maioria eram da Granja. E isso até era o que era pretendido pelo próprio projecto, ou seja, era que houvesse uma grande participação da comunidade onde o projecto estava a ser implementado.

**12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Se estivermos a falar de questões como o convívio, foi a população a partir dos 55 ou 60 anos que beneficiou mais. E também porque procuravam aquele mercado para sair de casa, considerando as questões de género e de participação, pois foram as mulheres que participaram mais.

**13. Nos mercados havia a possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?**

Sim, claro. Até se os mercados fossem mais regulares as pessoas podiam adquirir mais conhecimentos. Conhecimentos como por exemplo, bordar ou fazer um bolo tradicional, que as pessoas mais velhas sabiam fazer, e dessa maneira, ensinar os mais jovens. Mas duma maneira geral, houve sempre muito convívio entre várias gerações.

**14. Houve a preocupação de incluir nestes eventos pessoas em situação de exclusão social, fomentando o seu acesso à informação e à formação de competências?**

Acho que poderia ter algumas potencialidades, em colmatar algumas questões que afectavam a população que estivesse em exclusão social. Mas isso acontecia mais fora do mercado, na mercearia solidária. Aconteceu na Lojita da Pessoa Cidadã, haver um apoio a pessoas que precisassem de elaborar um currículo, procurar emprego, preencher uma declaração. Mas não era um mercado que iria colmatar essas situações. Daí, acho que se houvesse um mecanismo mais regular, não só a mercearia solidária, mas uma estrutura que funcionasse ao nível da troca com moeda social, faria todo o sentido em se adaptar a estas situações.

**15. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreajuda entre todos?**

Muitas pessoas diziam que não devia haver a reserva de produtos, pois algumas pessoas quando chegavam aos mercados no início reservavam um determinado produtos que lhe interessasse mais. Mas no fundo, havia sempre espírito de entreajuda no sentido de ajudar a preparar as coisas para o mercado, de ajudar a colocar as bancas, de ajudar na atribuição dos valores. E aí as pessoas ajudavam bastante. Agora, nas trocas em si havia muita reciprocidade e solidariedade. Isso sem dúvida.

**16. Acha que as pessoas se sentem mais integradas na comunidade por terem participado nos mercados, fazendo com que estas tenham um maior sentimento de pertença?**

Sim, completamente. Isso sentia-se. As pessoas sentiam-se bem por estar ali. Este tipo de iniciativas ajuda muito as pessoas que estão mais isoladas.

**17. Estes eventos proporcionam uma maior proximidade entre os participantes, fazendo com que haja uma maior promoção das redes sociais?**

Podem promover as redes sociais se, por exemplo, houver algum tipo de parcerias, como é o caso da Junta de Freguesia. Por outro lado, em termos de produtores e consumidores, acho que se criou uma rede social local de trocas. Havia uma rede, até porque eram as próprias pessoas da comunidade que sustentavam a mercearia, para além dos produtos dos supermercados. Mas se houvesse outro tipo de envolvimento das próprias instituições ou de outros organismos da comunidade, poderia haver uma rede mais sólida.

**18. Acha que quem participa fica mais auto-suficiente e, conseqüentemente, obtém uma maior autonomia económica?**

Isso seria muito difícil. Em relação a isso, estes mecanismos poderiam ser uma ajuda, mas teriam de ser bem programados para isso acontecer.

**19. E em relação às mulheres, houve a preocupação de lhes conceder ferramentas que lhes conferissem uma maior auto-determinação?**

Antes das trocas, havia sempre a assembleia que abordava assuntos sobre a igualdade de género. E havia sempre uma preocupação acrescida em levar as mulheres a participar. E isso teve bastante impacto nesse sentido.

**20. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Pelo que observei, só teve impacto naquelas pessoas que participaram. O que foi mais notório a nível da comunidade, foi a questão da participação e do convívio. Foi isso que foi mais percebido pela população.

**21. Qual o balanço que faz da realização dos mercados solidários? Considera uma experiência positiva ou negativa?**

Sem dúvida que foi uma experiência muito positiva e muito rica, mas por outro lado, fiz algumas críticas, por exemplo, em relação à capacidade de sustentabilidade do projecto, a qual se mostrou ser muito difícil. Acabaram por não dar aquele empoderamento à própria comunidade para que eles conseguissem implementar aquelas iniciativas fora do projecto. Se bem que estas comunidades funcionam sempre muito numa perspectiva de partilha. Mas nestes moldes, com recurso a uma moeda social, houve aqui alguma falha. A emancipação com este tipo de mecanismos, como a moeda social e a elaboração de tabelas de referência, é muito difícil. E geralmente quando estamos a falar de mecanismos de economias solidárias, estes têm sempre de partir da população.

**22. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local, colmatando as necessidades identificadas inicialmente, como também um estímulo à prática da solidariedade?**

Um dos grandes objectivos do projecto, era combater a pobreza a curto prazo, e isso não estava a acontecer. No fundo, eram pessoas reformadas, muitas delas com agricultura de subsistência, mas que recorriam aos mercados mais pela questão do convívio, para estar com os vizinhos num espaço diferente, e nem tanto pela necessidade de superar questões de pobreza. Em relação à solidariedade, sem dúvida. Todos os participantes faziam um esforço para que toda a gente ficasse satisfeita e realizada quando o mercado acabava. E nesse sentido, havia um grande espírito solidário. Sem dúvida que houve um estímulo à solidariedade.

**- População Participante**

Entrevista nº 4

| <b>Identificação</b>                     |
|--|
| Nome: Hermínia Leitão                    |
| Idade: 66                                |
| Profissão: Doméstica                     |
| Freguesia onde reside: Granja do Ulmeiro |

**1. Alguma vez participou nos mercados solidários realizados pela AJP? Se sim, quantas vezes?**

Eu ia sempre. Eu nunca falhava.

**2. Como teve conhecimento da realização dos mercados?**

Elas punham papelinhos por aí. Nos cafés, nas padarias. A partir daí a gente sabia e íamos lá. Era uma comunicação muito boa. Mas no meu caso, como estavam aqui ao pé da gente, elas diziam-nos sempre pessoalmente. Qualquer coisa que ali se passasse, elas vinham aqui comunicar-me. Só se estivesse doente ou não estivesse cá, é que não ia. Nesse caso, elas passavam para outro dia, e assim estávamos sempre presentes. Era assim.

**3. Sentiu que valeu a pena participar nos mercados? Qual o seu grau de satisfação após a realização dos mercados solidários?**

Valeu pois. Foi pena ter durado pouco tempo. Mas valeu sempre a pena. E fiquei sempre satisfeita.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

Eu acho que os mercados davam muito jeito, por exemplo, para a alimentação. Eu tenho o meu quintal, mas há aí muita gente que não tem. É o caso das pessoas que são de fora. Compraram um apartamento e não têm mais nada. Nesse caso, como tínhamos produtos da

agricultura, levávamos isso para os mercados. E as outras pessoas levavam outras coisas. Coisas feitas por elas ou que arranjavam pelas colegas. Era assim.

**5. No seu caso particular, quais as necessidades principais que foram satisfeitas pelas trocas?**

Pois. Eu ia lá e levava os meus produtos. Se houvesse alguma coisa lá que me desse jeito, e eu gostasse, como os paninhos e os trabalhos manuais, eu trazia. Eu gostava muito dos paninhos, então trocava. Trazia sempre aquilo que me interessava. Quando não eram os paninhos, eram os tabuleiros de cozinha. Essas coisas assim que eram feitas por elas. Ou então trazia uma plantinha para plantar. Mas também sentia-me bem porque aquilo era tudo um grande convívio. Faz de conta que era uma festa, até porque punham umas músicas. Era uma festa. Enquanto durou foi bonito.

**6. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que trocou eram locais?**

Sim, sim. Todos os produtos eram aqui da Granja. E os serviços também.

**7. Nos mercados havia a possibilidade de interação entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?**

Sim, também iam pessoas de outras idades. Havia essa possibilidade, sim. Mediam a tensão, faziam manicure. Faziam essas coisas. E depois cantavam e dançavam. Quando estavam aí os jovens que vinham de fora, de outros países, era muito bonito, porque sempre tinham outros conhecimentos das suas terras. Cada qual fazia o seu cozinhado, faziam os seus pratinhos à maneira da terra deles e depois no final do mercado punham os pratos nas mesas. E eles aprendiam connosco a nossa agricultura, como plantar o feijão e as batatas. Viam os patos e as galinhas. Era muito bonito o convívio entre todos.

**8. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreajuda entre todos?**

Sim, havia muito respeito em todos os aspectos. Tanto da parte da associação, como da nossa parte quando íamos lá. Mesmo entre novos e velhos, respeitavam-se sempre. Ajudavam-se sempre porque era um grande convívio.

**9. Sente-se mais integrada na comunidade por ter participado nos mercados?**

Eu já conheço muita gente daqui, mas de uma maneira geral, as pessoas começaram a conhecer-se mais e eu fiquei a conhecer mais pessoas. E as pessoas começavam a levar outras pessoas e como elas começavam a gostar, continuavam a ir. A partir de certo ponto, comecei a considerar aquelas pessoas como uma família.

**10. Estes eventos proporcionaram-lhe uma maior proximidade com os outros participantes, fazendo com que tivesse um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Sim, sim. As pessoas punham-me sempre à vontade. Se precisasse de ir a um médico ou a uma consulta, ou se precisasse de ir a Soure e não tivesse transporte, elas diziam que podia ir com elas e que estava à vontade. Estavam sempre dispostas a ajudar.

**11. Sente que ficou mais auto-suficiente após a sua participação nos mercados? A que nível?**

Sim, ajudava um bocadinho. Mas não era muito.

**12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Eram mais as mulheres. Os homens também iam, mas era mais pela curiosidade. Depois aqueles que tinham mais dificuldades também apareciam. Ajudou-os bastante.

**13. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Foi mais naqueles que participaram, mas toda a gente falava nisso aí na Granja. Até se isto continuasse, as pessoas que estão aí e são de fora, eram capazes de vir e participar. Mas como isto acabou, não houve essa oportunidade.

**14. Acha que a sua qualidade de vida e bem-estar melhorou depois de participar nos mercados?**

Foi assim-assim. Talvez mais através do convívio.

**15. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

Penso que sim. Havia roupas de criança para pessoas que tinham crianças. Ou até pessoas que tinham dificuldades e estavam desempregadas podiam ir lá, porque havia sempre qualquer coisa para elas. Mas reduzir a pobreza, não reduziu. Mas as pessoas ficaram mais solidárias, sim. Até porque há aí pessoas que são viúvas e que vivem sozinhas. Então havia sempre aquele bocadinho naquele dia. As pessoas encontravam-se e era como se fosse uma festa. Foi uma pena quando acabou.

Entrevista nº 5

| <b>Identificação</b>                     |
|--|
| Nome: Aurélia Castanheira                |
| Idade: 48                                |
| Profissão: Doméstica                     |
| Freguesia onde reside: Granja do Ulmeiro |

**1. Alguma vez participou nos mercados solidários realizados pela AJP? Se sim, quantas vezes?**

Particpei, mas não foi desde o início. Foi só nos últimos três anos.

**2. Como teve conhecimento da realização dos mercados?**

Tive conhecimento, porque elas no início faziam o contacto porta a porta e falavam com as pessoas. Mas mais para o fim, limitavam-se a pôr apenas uns cartazes.

**3. Sentiu que valeu a pena participar nos mercados? Qual o seu grau de satisfação após a realização dos mercados solidários?**

Sim, e até achei muito interessante, mesmo pelo convívio que havia entre as pessoas, e acabávamos por nos divertir. Mas no fundo aquilo acabava por ser sempre o mesmo. Os últimos mercados demoravam meia-hora e estavam feitos.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

Em termos do convívio social foi muito importante porque nós interagíamos muito bem umas com as outras. O contacto social era mais importante do que propriamente a troca de produtos. Por exemplo, quando alguém participava e estivesse um bocadinho em baixo, saíam de lá com outro espírito. Porque também tinham aquele momento de carinho e de atenção. E isso, nesse aspecto era muito bom.

**5. No seu caso particular, quais as necessidades principais que foram satisfeitas pelas trocas?**

Essencialmente, o convívio. Às vezes até íamos sem ter nada para troca. Era mais para estar com as pessoas.

**6. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que trocou eram locais?**

Sim, porque havia muitas pessoas que cultivavam os seus produtos. Eu cheguei a levar batatas, couves, limões, alface. E era fácil, porque aqui muita gente tem o seu quintalinho com as suas coisas. E as pessoas que não cultivavam, levavam os seus trabalhos manuais. E normalmente, trocava-se assim os produtos. Mas regra geral, eram sempre produtos locais. Também chegou a acontecer que vinham pessoas de fora, e aí foi muito interessante porque aí dinamizavam muito mais os mercados. Mas eram produtos locais sempre.

**7. Nos mercados havia a possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?**

Eu acho que nesse caso, não foi nem tanto nos mercados. Eu acho que era mais nos momentos culturais e até em alguns passeios que se realizaram. E até nas diversas iniciativas que se fizeram, nós aprendemos bastantes coisas. Não foi propriamente integrado nos mercados solidários, mas dentro de outros projectos em que convivemos bastante. Isso sim.

**8. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreaajuda entre todos?**

Sim. Às vezes fazia-se um pouco de batota. A pessoa punha o que lhe interessava de lado e pronto. Mas no essencial, havia sempre muita harmonia, as pessoas respeitavam-se. Nunca houve aborrecimentos com ninguém por causa disto ou daquilo. Se não trocássemos os produtos, levávamos para casa para oferecer. Conflitos, nunca houve nada. E até conhecíamos pessoas com quem eu normalmente não iria interagir, pessoas mais velhas, mais novas, e o convívio era sempre muito saudável.

**9. Sente-se mais integrada na comunidade por ter participado nos mercados?**

Acho que sim. Foi bom porque conheci muitas pessoas que não conhecia e que passaram a ser minhas amigas. Foi muito giro, porque às vezes íamos de autocarro, por exemplo, para Soure. E aí convivíamos com pessoas que se calhar nunca teríamos convivido se não fossem essas iniciativas. Nesse aspecto, foi muito bom. Deu-nos a conhecer outras pessoas.

**10. Estes eventos proporcionaram-lhe uma maior proximidade com os outros participantes, fazendo com que tivesse um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Se estas iniciativas tivessem durado mais tempo, poderíamos chegar a outro patamar. Acho que estávamos a caminhar devagarinho nesse sentido. Nós pretendíamos fazer mais iniciativas em termos de voluntariado, mesmo para melhorar as relações humanas. Aqui tentou-se chegar aí, mas ficou muito aquém do que era pretendido.

**11. Sente que ficou mais auto-suficiente após a sua participação nos mercados? A que nível?**

Não, de maneira alguma. Nós podemos fornecer os produtos, mas isso não me faria mais autónoma. Mas por exemplo, se em vez de darmos os produtos, ajudássemos as pessoas a cultivar, aí sim. Aí, a pessoa se calhar, tornava-se mais autónoma. Se os mercados tivessem durado mais tempo, talvez conseguíssemos ficar mais auto-suficientes.

**12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Os mais velhos é que participavam mais e eram os mais beneficiados mesmo a nível de trocas. O mais novos, nem tanto. Depois havia sempre aqueles mais carenciados. Nós até colocávamos à disposição produtos que abdicávamos e que nós entendíamos que serviriam as pessoas que eram mais necessitadas do que nós. E assim tinham esse apoio. Estávamos sempre a tentar canalizar esses produtos para aquelas pessoas.

**13. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Foi só naqueles que participaram mesmo. Eu acho que se tivesse havido uma maior abertura à população e tivessem explicado mais ao pormenor os seus objectivos, se calhar aí a comunidade ficava mais esclarecida. Eu até no início estava um bocadinho renitente em participar. Até que participei, mas foi sempre um bocadinho de pé atrás. Mas depois quando começámos a participar mais activamente, foi excepcional. No entanto, isto nunca foi muito abrangente. Era só aquele núcleo de pessoas que participava nos mercados. Eram sempre os mesmos.

**14. Acha que a sua qualidade de vida e bem-estar melhorou depois de participar nos mercados?**

Não, não teve grande impacto.

**15. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

Para reduzir a pobreza, não. De maneira alguma. Foi mais o contacto social. Estimulou o contacto social com as pessoas e toda essa dinâmica. Agora se reduziu a pobreza e facilitou a vida das pessoas, isso não. Nós até tentámos fazer outras iniciativas, como por exemplo o banco do tempo, mas não nos deram abertura para isso.

Entrevista nº 6

| <b>Identificação</b>                     |
|--|
| Nome: Licínia Roque                      |
| Idade: 63                                |
| Profissão: Parteira                      |
| Freguesia onde reside: Granja do Ulmeiro |

**1. Alguma vez participou nos mercados solidários realizados pela AJP? Se sim, quantas vezes?**

Sim, participei. Falhei um ou dois porque estava a trabalhar. Mas, de uma forma geral pode-se considerar que fui sempre. E até tinha gosto em participar porque eu fazia uns trabalhos muito giros de laves.

**2. Como teve conhecimento da realização dos mercados?**

No início contactaram a Associação da Granja do Ulmeiro, e como faço parte da Associação, um dia resolvi ir e achei interessante, e assim fui ficando e chamando outras pessoas.

**3. Sentiu que valeu a pena participar nos mercados? Qual o seu grau de satisfação após a realização dos mercados solidários?**

Por mim valeu. Era muito rico, pelo convívio e pela troca dos produtos. Eu levava os meus trabalhos e trazia produtos que precisava para consumir.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

Aquilo acabava por ter uma dinâmica muito interessante. Havia sempre uma reunião com um tema, com o objectivo de alertar e consciencializar a população sobre várias coisas. Eram temas sobre a cidadania, como é o caso da violência doméstica. E depois havia também sempre uma parte de animação. Inclusive, até uma vez o Grupo Folclórico a que pertença foi lá actuar. Dançámos mesmo na rua. Até vinha cá o Presidente da Câmara. Aquilo tinha assim algum impacto.

**5. No seu caso particular, quais as necessidades principais que foram satisfeitas pelas trocas?**

No meu caso, acabei por satisfazer duas necessidades. Uma vez que não gosto de cultivar e também não tinha tempo para cultivar, trazia de lá produtos frescos, e depois por intermédio da mercearia solidária, também trazia produtos de mercearia. E como eu gosto muito de fazer trabalhos manuais e trabalhos de artesanato, acabava por levá-los para lá, e assim satisfazia-me nos dois sentidos: por aquilo que podia levar e por aquilo que trazia de lá.

**6. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que trocou eram locais?**

Eles faziam questão que os produtos fossem feitos por nós. Quer fosse de agricultura ou de outra área, os produtos eram sempre nossos.

**7. Nos mercados havia a possibilidade de interação entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?**

Sim, sim. Costumava-se chamar a atenção das pessoas mais novas, por exemplo, com as ervas e os chás. Essencialmente as mulheres mais velhas faziam isso, porque hoje em dia, a maior parte das pessoas não conhece as ervas e as suas propriedades. E nessa área acabava-se por se trocar conhecimentos. Essas mulheres que iam lá, algumas mais velhas que eu, acabavam por alertá-los para isso.

**8. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreaajuda entre todos?**

No conjunto, as pessoas respeitavam-se. Mas havia sempre aquela pessoa que queria sempre aquele produto, até porque isto não envolvia dinheiro. Envolvia granjas. Havia pessoas que se queriam desfazer de coisas que para elas não tinham valor e iam buscar outras que tinham valor. Por exemplo, as minhas coisas vendiam-se muito bem porque não apareciam muitas pessoas e eu gostava de apresentar trabalhinhos bonitos e depois ficava com moeda para comprar outras coisas. Mas no fundo, neste nosso mundo, quer seja em granjas, quer seja em dólares, o mundo do negócio é assim mesmo. Se estivesse lá um produto em que a pessoa estivesse interessada, ela tentava consegui-lo, e como as pessoas se conhecem, tentavam guardar os produtos para elas. Mas em relação a faltas de respeito e conflitos, não. De maneira nenhuma.

**9. Sente-se mais integrada na comunidade por ter participado nos mercados?**

Eu acho que sim. Porque, por exemplo, começaram a aparecer pessoas que eu não conhecia, e essas pessoas ficavam a conhecer as pessoas da Granja. Nós, entre nós conhecíamos-nos, mas éramos capazes de ficar muito tempo sem nos vermos e sem conviver. Às vezes posso passar semanas ou meses sem ver as pessoas que normalmente iam aos mercados. Até as pessoas que vivem mais isoladas, quando vinham aos mercados, sentiam-se bem por estar ali com pessoas que elas não viam todos os dias, porque acabam por estar muito isoladas, e os mercados favoreciam muito isso. Não tenho dúvidas disso.

**10. Estes eventos proporcionaram-lhe uma maior proximidade com os outros participantes, fazendo com que tivesse um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Sim, favorece uma maior participação das pessoas nas relações entre elas, porque dificilmente ficamos indiferentes a uma pessoa que tenha problemas, e então quando a conhecemos, ainda mais. E o facto de irmos ali, era uma oportunidade para nos encontrarmos e de constatar que aquela pessoa está com problemas. Agora, não existindo esse ponto de encontro, as pessoas que costumavam frequentar, sentem a falta.

**11. Sente que ficou mais auto-suficiente após a sua participação nos mercados? A que nível?**

Durante o tempo que eles estiveram aqui, penso que isso não aconteceu. Isso não me parece que tivesse acontecido. Talvez articulado com a mercearia solidária, talvez isso acontecesse.

**12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

No meu parecer, foram aqueles que se despiram de preconceitos, e foram. Acho que quem ia lá, era porque tinha interesse em trocar os produtos e também para ficar com moeda social para depois utilizar na mercearia. Mas o que me parece é que algumas pessoas não iam porque achavam que os outros iam lá por interesse, e então não pertenciam a esse grupo.

**13. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Nas pessoas que participaram houve um efeito positivo. Mas em relação aos que não participaram, penso que no conjunto não teve grande impacto. Mas acho que isso se passa em todo o lado. Há sempre os crentes e os descrentes.

**14. Acha que a sua qualidade de vida e bem-estar melhorou depois de participar nos mercados?**

No conjunto da população, penso que a qualidade de vida não melhorou. Acho que algumas pessoas foram aderindo, e quem aderiu, continuava a ir aos mercados. E nesse grupo, eu incluída, o bem-estar melhorou, mas no conjunto da população, não. Porque também a população é muito diversa. Há até pessoas que até vivem um bocado mal, mas por outro lado, há pessoas que vivem muito bem.

**15. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

Eu acho que lá não havia muita pobreza. Se houvesse alguns casos de pobreza, as pessoas poderiam ficar favorecidas mais com a mercearia. Mas eu parto do princípio que não havia pobreza. Agora em termos da prática da solidariedade, isso sim. Eu acho que este modelo favorece certos grupos sociais pequenos em que todos têm o mesmo nível de vida. E isso poderá ter bons resultados em termos de solidariedade, mas sempre dentro desses grupos. Mas eu penso também que o objectivo era estimular as pessoas a produzir os seus próprios produtos, porque o que tínhamos de levar era só coisas produzidas por nós. O projecto era muito bom, mas acabou por não resultar. Enquanto estava no início era interessante, mas depois caiu na rotina. Não é para desmerecer a actividade, mas esta acabou por criar desinteresse.

Entrevista nº 7

| <b>Identificação</b>                     |
|--|
| Nome: Teresa Gonçalves                   |
| Idade: 44                                |
| Profissão: Doméstica                     |
| Freguesia onde reside: Granja do Ulmeiro |

**1. Alguma vez participou nos mercados solidários realizados pela AJP? Se sim, quantas vezes?**

Eu só participei uma vez ou duas.

**2. Como teve conhecimento da realização dos mercados?**

Foi através de conversas com as pessoas que já participavam há mais tempo. Fiquei curiosa e resolvi vir.

**3. Sentiu que valeu a pena participar nos mercados? Qual o seu grau de satisfação após a realização dos mercados solidários?**

Nas vezes que participei gostei muito e até deu para conhecer outras pessoas que não conhecia.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

Eu acho que foi em termos da animação e do convívio. Mas acho que aqui na Granja, o que fazia mais falta era a prestação de serviços. Havia alguns serviços nos mercados mas não era contínuo. Os serviços como medir a tensão arterial, e até, cabeleireiro e manicure. Isso poderia chamar mais população para os mercados. Acho que, em relação às pessoas de idade, o que eu senti, era que também era dada muita atenção às pessoas de idade. Eu sentia que quando essas pessoas se iam embora, elas sentiam-se melhor consigo próprias. Na AJP, sabiam o nome de todas as pessoas de idade aqui da terra, e isso, para as pessoas de idade, era muito importante.

**5. No seu caso particular, quais as necessidades principais que foram satisfeitas pelas trocas?**

A interacção social foi muito boa, até porque havia um momento cultural que era muito agradável.

**6. Nos mercados solidários, os produtos ou serviços que trocou eram locais?**

Eu trouxe tartes feitas por mim, e todos os outros produtos pareceram-me locais.

**7. Nos mercados havia a possibilidade de interacção entre diferentes grupos etários, dando azo a trocas de conhecimentos e saberes entre gerações?**

Nas trocas de saberes e experiências, não presenciei a isso, mas vi que havia muita solidariedade entre gerações. Como disse, dava-se muita atenção aos idosos, e isso era muito bom.

**8. Sentiu que nos mercados solidários havia respeito mútuo e entreajuda entre todos?**

Havia, mas às vezes era um pouco confuso ao pé das bancas porque às vezes queríamos um produto e depois esgotava muito rapidamente sem darmos por isso. Havia pessoas que queriam levar aquele produto à força toda.

**9. Sente-se mais integrada na comunidade por ter participado nos mercados?**

E como sou duma povoação aqui ao lado não conhecia muitas pessoas aqui da Granja e agora sou amiga delas. E portanto, como não sou daqui, acabei por conhecer pessoas que tinham algumas dificuldades e agora quando me cruzo com elas na Granja já digo bom dia ou boa tarde ou já lhes dou uma palavrinha. Nesse aspecto, os mercados eram interessantes, a nível humano.

**10. Estes eventos proporcionaram-lhe uma maior proximidade com os outros participantes, fazendo com que tivesse um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Eu acho que como isto não durou o tempo suficiente, não se chegou a sentir esse apoio. Se os mercados tivessem continuado, e chegássemos a conhecer mais pessoas que tivessem mais necessidades, acho que com o tempo, chegávamos lá.

**11. Sente que ficou mais auto-suficiente após a sua participação nos mercados? A que nível?**

Isso seria muito difícil porque o mercado não continuou. Os mercados podiam ter continuado, e aí podíamos tirar conclusões do género, deste mercado a este mercado, conseguimos isto. E por aí víamos se conseguíamos criar condições melhores para a população.

**12. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Pelo que eu vi, eram sempre aquelas senhoras de mais idade, que levavam sempre os seus produtos confeccionados por elas. Essas senhoras foram quem eu vi mais.

**13. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Nas vezes que vim, vi sempre as mesmas pessoas. Penso que, da população em geral, só participava um grupo restrito. Penso que não teve grande efeito na comunidade.

**14. Acha que a sua qualidade de vida e bem-estar melhorou depois de participar nos mercados?**

Isto não durou o tempo suficiente para me aperceber disso.

**15. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

Ajudou bastante as pessoas porque muitas não tinham meios de subsistência, e sempre levavam alguns produtos de alimentação. E depois ajudava as pessoas que não tinham ocupação e estavam desempregadas, porque sempre estavam ali e ocupavam o seu tempo. Era melhor do que estar em casa. E assim sentiam-se úteis.

**- População Não Participante**

Entrevista nº 8

| <b>Identificação</b>                     |
|--|
| Nome: António Monteiro                   |
| Idade: 59                                |
| Profissão: Polícia (Aposentado)          |
| Freguesia onde reside: Granja do Ulmeiro |

**1. Teve conhecimento da realização dos mercados solidários promovidos pela AJP?**

Sim, tivemos conhecimento através da responsável, a Dra. Teresa, e combinámos fazer aqui um dia, uma reunião, onde ela apresentou todas as suas questões e qual era o objectivo da associação. Nós transmitimos que estávamos presentes para dar todo o apoio e o que estava ao nosso alcance para ajudar, e foi aí que começámos a ter um contacto directo com eles. Conhecendo minimamente aquilo que iria acontecer no futuro mas fomos sempre solidários com eles, dando todo o apoio quer no sentido material, quer no sentido de acolhimento de todas as pessoas que vinham do estrangeiro, demos-lhes sempre apoio, até inclusivamente, a alimentação. E foi depois que surgiram os mercados.

**2. Alguma vez participou nesses mercados?**

Não, nunca participei.

**3. Por que razão não participou?**

Para mim, não tinha qualquer interesse participar porque as trocas dos haveres que eles faziam uns com os outros era mais à base de produtos hortícolas, ou seja produtos da terra, portanto isso para mim não fazia sentido. Havia realmente alguns produtos que eram os produtos artesanais, aquelas peças feitas manualmente, que para mim não tinha qualquer interesse. No fundo, isso era mais para as senhoras do que para os homens.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

Para mim isso não veio trazer vantagens nenhuma. As trocas que faziam uns com os outros, era mais pelo convívio, porque no fundo, as pessoas aqui da Granja, aquelas que têm mais dificuldades financeiras, essas nem apareciam. Portanto, geralmente, as pessoas que lá iam, viviam razoavelmente bem em termos monetários, e até inclusivamente, são pessoas que trabalham na terra e têm praticamente géneros para sobreviver. E era através disso que eles faziam as trocas uns com os outros. Por isso, não vejo realmente grandes vantagens.

**5. Acha que poderia sentir-se mais integrado na comunidade se tivesse participado nos mercados?**

Olhe, por exemplo, alguns idosos aqui da Granja, que eu tenha conhecimento, são pessoas que geralmente, aqueles que têm algumas dificuldades em termos familiares, essas pessoas estão nos lares. Estão acolhidas através dos lares. Aquelas pessoas que estão em casa, geralmente, pelo que eu tenho conhecimento têm as famílias ao lado deles para dar apoio. Que eu saiba, mesmo aquelas pessoas com alguma dificuldade não apareciam. Apareciam mais as pessoas que tinham melhores condições de saúde e os mais vulneráveis não apareciam. Geralmente estavam em casa com a família ou nos lares. Acho que não eram os mercados que faziam as pessoas se sentirem mais integradas. Não vejo as pessoas mais isoladas integrarem-se mais na comunidade por causa do mercado solidário. Não vejo que isso fizesse algum sentido.

**6. Pensa que estes eventos são um bom mecanismo para que certos grupos populacionais tenham um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Não vi nada disso. Até porque ali, o objectivo era a comunicação uns com os outros através das trocas. E as pessoas que lá iam, eram aquelas pessoas que tinham condições físicas para se deslocar e alguma qualidade de saúde. As pessoas aqui na Granja, das duas uma. Ou têm condições para estar com as suas famílias, ou então, estão nos lares. Por outro lado, as pessoas aqui na Granja, dão-se bem umas com as outras, são muito comunicativas e convivem umas com as outras. Não significa que a AJP que foi implantada cá na Granja do Ulmeiro, tenha vindo dar mais união cá na população, não foi o caso, porque era a troca através dos seus bens, basicamente os produtos da terra. Mas sinceramente, não vejo que fosse uma parte chave para melhorar a comunicação das pessoas mais isoladas. Era mais o convívio só naquela altura. A Granja do Ulmeiro é uma área relativamente pequena, onde as pessoas se

conhecem relativamente bem. Só algumas pessoas que são de outras localidades e freguesias que vieram para aqui recentemente é que não se conhecem efectivamente. Mas na maioria dos casos todas as pessoas se conhecem umas às outras, têm uma boa relação umas com as outras. Portanto, eu entendo que a AJP foi uma novidade para a população, mas em termos de união local com as pessoas isoladas, sinceramente não vi ali grande sucesso. Era mais ali aquele local em que se reuniam para trocar e conviver.

**7. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Eram mais senhoras por volta dos sessenta anos. Que eu me recorde, penso que participaram muito poucos jovens. Quando os jovens apareciam era mais pelo convívio, um bailarico, por exemplo. Eles faziam lá uns programas muito engraçados de ilusionismo. Enfim, coisas desse género. Era assim que alguns jovens apareciam. Quem aparecia era um grupo de pessoas que eram praticamente efectivas, não havia mais pessoas. Eram as pessoas mais assíduas. Aliás, aquilo foi um grupo que se juntou e não apareciam mais. Era quase como dizer que a população da Granja era só aquelas pessoas. Os eventos eram até bem divulgados, as pessoas eram informadas sobre aquilo que se estava a passar, mas ninguém aderiu, porque as pessoas não tinham necessidades, não é? Temos que admitir isso. As pessoas não tinham necessidades e algumas pessoas até acredito que tinham vergonha de lá ir, porque aquilo era tudo uma brincadeira. As pessoas que iam já se conheciam umas às outras e estavam ali só no convívio, não que tivessem necessidade de fazer as trocas.

**8. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Pois, o efeito foi só no grupo que participou, e não na comunidade. Isso sem sombra de dúvida.

**9. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

No meu ponto de vista o objectivo foi estimular a solidariedade, mas não reduzir a pobreza. Porque foi importante, foi bom para a comunidade, especificamente para o número de pessoas que participou, porque há um grupo de pessoas que têm o bom senso de comunicar umas com as outras, o que é pena de não ser a maioria das pessoas. Era importante que isso acontecesse.

Mas temos cá um grupo muito bom na freguesia da Granja, em que essas pessoas têm uma boa forma de estar na vida em termos de comunicação, o que é fundamental. E era nesse sentido que as pessoas se juntavam nos mercados. Houve pessoas em que para elas, era um meio de passatempo, na comunicação umas com as outras, e para elas foi muito triste tudo ter acabado.

Entrevista nº 9

| <b>Identificação</b>   |
|--|
| Nome: Marco Carvalho   |
| Idade: 32  |
| Profissão: Presidente da Associação da Granja do Ulmeiro - Cultura, Desporto e Recreio |
| Freguesia onde reside: Granja do Ulmeiro   |

**1. Teve conhecimento da realização dos mercados solidários promovidos pela AJP?**

A vinda da AJP para aqui, implicou inicialmente o arranjo de um espaço e de alguns apoios financeiros para a elaboração das instalações da AJP. E eu como Tesoureiro Municipal tive conhecimento que essa organização a partir do meu trabalho. Depois, diversas pessoas de outros países, colaboraram na construção do edifício. Os mercados solidários apareceram depois. Através da internet e dos panfletos que foram espalhados tive conhecimento dos mercados solidários. Acho que tive conhecimento de todos porque a AJP contactava a Associação da Granja via mail, e então, sempre que havia um mercado solidário, eles enviavam a comunicação do evento para a Associação. Eu, sendo participante ou não, sempre tive conhecimento que o mercado solidário ia existir e estava aberto durante aquele período.

**2. Alguma vez participou nesses mercados?**

Não. Troca directa, nunca participei. Cheguei a ir lá com o nosso Grupo Folclórico e Etnográfico, e posso dizer-lhe que nem sequer tempo deu para participar na troca directa.

**3. Por que razão não participou?**

Porque a concentração do Grupo foi feita na Associação da Granja e quando fomos fazer a actuação, já lá estava outra actuação, na altura da Semana da Gastronomia e da Cultura em Soure. E por isso, foi só actuar durante 30 minutos e tivemos de ir embora para fazer outra actuação. Portanto, troca directa, nunca tive essa possibilidade. Também nunca tive grande disponibilidade porque quando se é responsável por um conjunto de actividades, o tempo é muito pouco. Ao fim de semana tenho de passar tempo com a minha família, sendo que o sábado é um dia de trabalho como os outros.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

A Granja neste momento tem um défice de actividades, onde as pessoas se encontrem, porque ser uma freguesia urbana tem vantagens mas também tem as suas desvantagens. As pessoas que aqui moram não têm grande ligação à freguesia e as actividades daqui dão um pouco de cansaço, não pelo trabalho que dá, mas pelo desalento, porque o associativismo e o convívio com as pessoas está um pouco a morrer. Isto porque as pessoas não têm ligação à terra. São pessoas que têm aqui a sua casa, chegam aqui, dormem, e vão-se embora de manhã. É um dormitório, como as pessoas caracterizam. Posso dizer-lhe que tenho quase a certeza que as pessoas que participaram no mercado solidário, vinham anualmente ao centro da Granja assistir ao Festival de Folclore. São essas pessoas que têm alguma ligação à Granja e têm um determinado tipo de hábitos que se vão perdendo. Portanto as necessidades suprimidas seriam mesmo só o convívio uns com os outros.

**5. Acha que poderia sentir-se mais integrado na comunidade se tivesse participado nos mercados?**

Aqui, a população da Granja, a população em si, é uma população muito acolhedora. Não tenho conhecimento de alguma situação de exclusão. E nas pequenas actividades que vão surgindo na Granja, as pessoas têm alguma preocupação em não excluir ninguém. Penso que não seria nos mercados que eu ou qualquer pessoa se sentisse mais integrado, porque as pessoas nunca discriminaram ninguém e sempre andaram inseridas no meio da sociedade, e as pessoas não se fechavam na AJP, vinham até ao centro, frequentavam os cafés e estavam facilmente integrados.

**6. Pensa que estes eventos são um bom mecanismo para que certos grupos populacionais tenham um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Sinceramente, a esse nível a Granja não tinha necessidade de ter um mercado solidário. Existe o Centro de Assistência Paroquial, que as pessoas que têm dificuldades procuram. Não seriam esses eventos que iriam ajudar essas pessoas.

**7. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Tenho a noção que era a população mais idosa, porque quando lá fui observei as pessoas que lá estavam. A ideia que eu tenho é que aquilo era essencialmente uma actividade que as pessoas de idade procuravam, porque eu penso que qualquer actividade na Granja, que é uma freguesia essencialmente urbana, penso que cada actividade ocupa um grupo específico de pessoas. Posso dizer-lhe que a estratégia da Associação da Granja passa sempre por fazer actividades onde as crianças participem. Porque se a criança participa, vai a mãe, vai o pai, vai a avó. Portanto, todas as outras actividades muito específicas, muito sinceramente, o que eu acho, é que a nossa sociedade evoluiu de tal maneira que há muitas actividades que não têm procura. Eu penso que iam lá mais as pessoas com faixa etária entre os 45 e os 65 anos, e essencialmente, as senhoras, porque acho que os senhores procuram jogar cartas, procuram coisas diferentes. Em termos de mercado solidário, participam pessoas dessa faixa etária. Poderá aparecer uma ou outra pessoa doutra faixa etária, mas a maior parte do bolo, são pessoas da faixa etária que mencionei, porque são actividades que têm mais aceitação nessa faixa etária.

**8. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Penso que foi só naqueles que participaram. No 1º mercado solidário foram só algumas pessoas que depois acabaram por arrastar outras pessoas atrás. Em cada mercado, ia mais gente, mas era sempre à volta daquele núcleo. Nunca houve um disparo no número de participantes que possa dizer que tenha tido um grande impacto na comunidade. Não teve. Apesar de ir crescendo, era sempre dentro daquela faixa etária e nunca transbordou para outros grupos sociais.

**9. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

Nesta freguesia, apesar de haver pessoas com alguma dificuldade, penso que a Granja nem era a freguesia ideal para fazer essa iniciativa, porque há freguesias com um nível de carência muito superior à da Granja. Penso até que, aqui na freguesia da Granja, se fôssemos analisar mais, muito provavelmente o mercado não seria aqui. Porque pelas características das pessoas da Granja, são pessoas, essencialmente população residente, mas depois existe aquela

população que tem o seu emprego na cidade e que não gosta de morar lá. Posso dizer-lhe que à volta de 60% são pessoas que trabalham em Coimbra e vêm aqui dormir. São pessoas que até podem ter alguma dificuldade, porque acho que hoje em dia, toda a gente acaba por ter dificuldades. Mas que se diga que há um leque de famílias que justifique um mercado solidário na Granja, sinceramente, na altura pareceu-me um pouco despropositado. Eu até penso que as pessoas que participaram no mercado solidário, foram mais com o intuito de participar em mais uma iniciativa, mas não me parece que houvesse muita gente que fosse ao mercado solidário com necessidade. Penso que, quanto muito, 60% dos participantes foram mais naquela de participar. Até porque os dirigentes da AJP eram pessoas que estavam inseridos na população, andavam aí e eram pessoas simpáticas e iam conversando com as pessoas. E como era uma situação nova, as pessoas foram mais para saber o que era. A minha visão é que envolveram as pessoas e sensibilizaram-nas para serem solidárias, mas não passou disso.

Entrevista nº 10

| <b>Identificação</b>   |
|--|
| Nome: António César Gomes  |
| Idade: 61  |
| Profissão: Presidente da Junta de Freguesia da Granja do Ulmeiro |
| Freguesia onde reside: Granja do Ulmeiro                         |

**1. Teve conhecimento da realização dos mercados solidários promovidos pela AJP?**

No início, a AJP convidou-me para estar presente na inauguração, e assim tomei conhecimento dos mercados.

**2. Alguma vez participou nesses mercados?**

Não participei.

**3. Por que razão não participou?**

Não participei porque não tinha necessidade daqueles objectos que estavam disponíveis e também porque o que disponibilizaram não me servia os meus interesses. Por outro lado, não tinha nada que pudesse trocar para ir obter aquilo que eles tinham disponível. E, por exemplo, os objectos que se encontravam disponíveis eram roupas mais para miúdos, sem interesse para mim, e por outro lado, os géneros alimentícios que estavam disponíveis também eram muito limitados. Também se dirigia particularmente a uma determinada faixa da sociedade.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

Foram necessidades básicas, nomeadamente aquelas ligadas à alimentação. Pessoas que até inclusivamente tinham algumas dificuldades sociais, em termos de desemprego, com filhos menores, etc., e aproveitavam aquele espaço e aqueles momentos para ir buscar alimentação. Mas não era nem peixe, nem carne, eram praticamente farinhas, massas, batatas, assim este género de alimentos que podiam aguentar algum tempo. Havia também alguma partilha de pessoas mais idosas que tinham bens de agricultura que quando iam lá, trocavam por outros bens. Em termos de roupa e de outros bens, era mais escasso.

**5. Acha que poderia sentir-se mais integrado na comunidade se tivesse participado nos mercados?**

Não, não necessariamente. Felizmente, aqui todos sentem-se integrados e todos partilham a mesma comunidade. Agora, havia aqui um grupo populacional mais frágil e mais sensível, que face à sua situação económica e etária, eram mais acessíveis. A AJP chegava com mais facilidade a essas pessoas porque lhes proporcionava alguns convívios, alguns eventos onde eles permaneciam, e portanto essas pessoas eram mais próximas. E daí, o facto de partilharem esta iniciativa com mais liberdade e mais à-vontade. As outras pessoas não partilhavam porque não tinham essa necessidade, e portanto, também não estavam motivadas para ir lá.

**6. Pensa que estes eventos são um bom mecanismo para que certos grupos populacionais tenham um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Penso que não. Esta iniciativa foi uma iniciativa útil, e desde que seja uma iniciativa activa e motivadora da sociedade, poderá dar resposta às necessidades da sociedade. Quando eu digo, "dar resposta", é numa dimensão mais abrangente do que aquela que foi no fundo, a sua actuação, porque foi extremamente limitado. A AJP estava virada mais para iniciativas, como foi o mercado e a permuta de bens. Em termos sociais, penso que não ajudou, até porque há outras instituições especializadas para o efeito. E por outro lado, eles também não partilhavam a integração das pessoas, ou seja, não partilharam, por exemplo, actividades que no dia-a-dia pudessem congregar as pessoas. Portanto, nessa perspectiva, as outras entidades, nomeadamente o Centro Paroquial que existe cá na terra e outras associações, tinham outra responsabilidade neste plano. A AJP trabalhava com eles e tinha os seus objectivos mas, nestas iniciativas, nomeadamente em termos dos mercados, partilhavam só os bens, mas não mais do que isso. Conseguir esse apoio para as pessoas, seria difícil para a AJP. Primeiro, porque são pessoas que não são de cá, e objectivamente, não estão integrados. Só os mais próximos é que os conhecem, mas não conhecem as raízes das pessoas, portanto à partida, há sempre uma certa dúvida e cepticismo. Enquanto que, do lado da comunidade, todos nos conhecemos. Conhecemos as origens, conhecemos os nossos percursos de vida, portanto, todos nós estamos muito mais atentos a essas situações. E também como havia uma grande rotatividade dos elementos da AJP, só partilhavam apenas algumas actividades, portanto, a população não era muito receptiva.

**7. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

Era uma faixa da população mais pobre. Eventualmente, algumas situações temporárias de desemprego, pessoas com algumas dificuldades, que através da AJP iam conseguindo alguns bens, mas eram limitados. Depois havia uma outra responsabilidade, e uma outra partilha, que a AJP teve oportunidade de fazer. Havia alguns nichos da população, de pessoas que residem cá e tiveram algumas dificuldades, por questões de desemprego e com a economia familiar muito débil. E aproveitando-se da AJP, foram lá buscar produtos alimentares para o dia-a-dia. E naturalmente, quando a AJP não tinha essa disponibilidade, através do Centro Paroquial, fez uma partilha em rede. O próprio Centro cedia alguns alimentos e algumas coisas através da AJP, ou seja, partilhavam assim esta rede benéfica para as pessoas. Isto porque as pessoas tinham alguma relutância em chegar junto do Centro Paroquial, visto que tinha um cariz social, e as pessoas não gostavam de ser vistas como mendigas e que andassem a pedir. Portanto, através da AJP, esta dava às pessoas o que precisavam.

**8. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

Não, não foi na comunidade em geral. Se eu for perguntar àquela pessoa que utilizou e participou, e se calhar aproveitou bem, e teve proveito do facto, a pessoa diz-me que aquilo foi excepcional e foi uma pena ter acabado. Mas se eu perguntar aí, a quem não participou, aquilo passou despercebido.

**9. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

Em termos de redução da pobreza foi zero. Quem era pobre, continua pobre e não acrescentou mais nada. Foi uma situação temporária, direccionada para um determinado objectivo, ou seja, deu-se mais o peixe do que se ensinou a pescar. Eles não ajudaram as pessoas a encontrar um outro tipo de vida, nem a reabilitarem-se em termos económicos e não tiveram outra intervenção que se calhar poderiam ter tido. Agora, em termos de estimular a solidariedade, foi muito proveitoso. No fundo, despertou a atenção das pessoas para esse efeito. Sendo certo que, mesmo aqui na freguesia, a nível pessoal e das famílias, isso já é uma prática habitual. Quem tem muito dá um bocadinho, por exemplo, quem tem um bom ano de

produção agrícola, em vez de estragar, partilha com o vizinho. Mas isso já está interiorizado aqui no espírito da população.

Entrevista nº 11

| <b>Identificação</b>                          |
|---|
| Nome: Maria João Gonçalves                    |
| Idade: 44                                     |
| Profissão: Técnica Superior de Serviço Social |
| Freguesia onde reside: Soure                  |

**1. Teve conhecimento da realização dos mercados solidários promovidos pela AJP?**

Sim, tive quando vieram para cá.

**2. Alguma vez participou nesses mercados?**

Não, não.

**3. Por que razão não participou?**

Porque não sou aqui da Granja. Trabalho na Granja e lido com cidadãos da Granja e alguns deles, eu encaminhava para lá. De certa maneira, havia uma parceria. Inclusivamente, quando eles tinham o mercado solidário, encaminhavam para aqui situações que fossem da área da acção social, e eu encaminhava pessoas da acção social para lá. Era assim que nós trabalhávamos. Portanto, usufruir do mercado, nunca usufruí, porque nunca estava cá nesses dias.

**4. Que tipo de necessidades acha que foram suprimidas na população local por intermédio da realização das trocas?**

Essencialmente necessidades a nível da alimentação. Os produtos da terra era o que tinha mais oferta. Mas as pessoas não precisam só dos legumes e da fruta da época. Procuram também o leite, os iogurtes, as papas. No início conseguiram ter alguns desses produtos, mas depois deixaram de ter. Daí, não conseguiram corresponder às necessidades da população. Eu cheguei a receber aqui pessoas de atendimento da acção social e que as indicava para lá, e de lá diziam que desses produtos, não tinham nada. Portanto, não havia stock e não havia quem lá fosse entregar esses produtos. Portanto, os produtos como a carne e o peixe, isso não existia. Havia o problema do acondicionamento dos produtos que eles não tinham forma de o

fazer. Roupa também tinham, mas as pessoas não precisam diariamente de roupa. A grande falha aqui foi por não haver um sortido de produtos e mais variedade. Se estamos na altura das laranjas e todos levam laranjas, isso não resulta.

**5. Acha que poderia sentir-se mais integrada na comunidade se tivesse participado nos mercados?**

Pelo menos as pessoas iam-se conhecendo, porque isto é um dormitório. Existe a população idosa que se conhece toda, e depois existem aquelas caras novas que compraram apartamentos e andam a pagá-los, e que andam a passar por algumas dificuldades. No fundo, era também uma forma de interagirem e de se conhecerem. E nesse campo, se calhar foi uma mais-valia. No entanto, sendo um dormitório, há pouco relacionamento interpessoal, porque as pessoas só chegam à noite e vão logo para casa. Isto não é propriamente um meio rural. Conhecem-se de vista, dizem bom dia ou boa tarde, e já chega. Estamos perto de Coimbra, da Figueira e de Pombal, as pessoas trabalham nessas cidades e dormem aqui. É muito difícil haver relações de vizinhança e integrarem-se na sociedade. Agora começam-se a integrarem-se mais através dos filhos, do que propriamente através desses mercados. Porque aos fins-de-semana estão sempre ocupados. É através das actividades dos filhos que os pais conhecem pais de outras crianças.

**6. Pensa que estes eventos são um bom mecanismo para que certos grupos populacionais tenham um maior apoio na resolução dos seus problemas?**

Na altura em que nós estamos, toda a gente procura receber, e não procura dar. É muito complicado. Em zonas como esta, funciona mais uma loja social, do que um mercado solidário. As pessoas não têm para dar no âmbito de um mercado solidário. Se todas têm para dar mesmo e receber o mesmo, então isso não resulta. Funcionava melhor existir uma bolsa de pessoas que precisasse dos produtos e fazer a entrega directa, e aí funcionava melhor. Acho que era mais fácil a entrega de produtos excedentários. O que sobrasse, punha-se à disposição das pessoas para irem buscar. Mas tinha que haver sempre o factor acondicionamento.

**7. Acha que houve algum grupo populacional que beneficiou mais da realização dos mercados solidários do que os restantes?**

A população idosa afluiu muito a esse evento porque muitos deles têm hortas e pomares e também a necessidade de conviver, o que a levou a ir ali, bem como a sua disponibilidade. Com a população mais nova, isso já não se passava. Porque aquilo era mais pelo convívio e

não tanto pelos produtos. Aliás, com o decorrer dos tempos, a tendência é para que as feiras semanais deixem de existir. E no fundo, a feira era um local de encontro. E este mercado, se calhar, transformou-se no reviver desses encontros.

**8. Pensa que a realização destes eventos teve um efeito positivo em toda a comunidade ou apenas naqueles que participaram?**

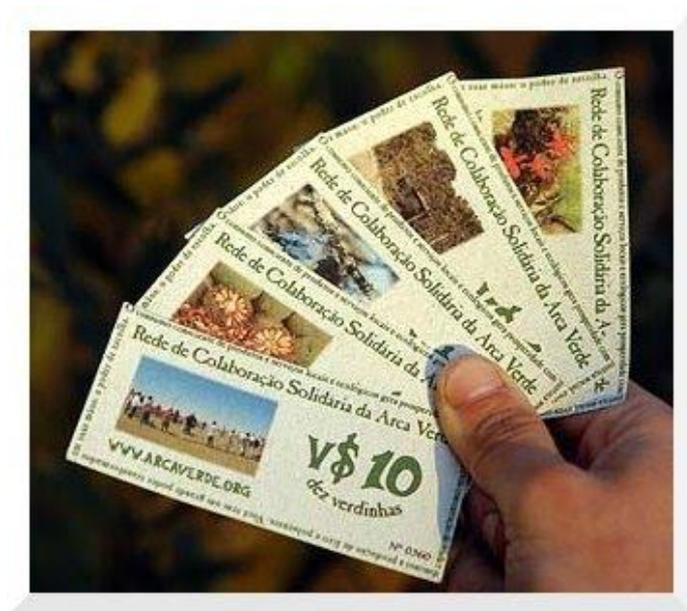
Toda a comunidade conhecia e falava do assunto. No que toca à notícia em si e ouvir falar dos mercados, isso criou algum impacto. Toda a gente ficou a conhecer esses eventos. E nesse aspecto a AJP fez uma boa divulgação. No que toca aos benefícios das trocas, o efeito foi só mesmo naqueles que participaram.

**9. Pode concluir que estes eventos foram benéficos para reduzir a pobreza da população local e um estímulo à prática da solidariedade?**

Eu acho que foi um pouco as duas coisas. Sem dúvida que houve um estímulo à solidariedade. Agora, em relação à redução da pobreza, mesmo aqueles que iam entregar, também precisavam. Portanto, acho que havia solidariedade entre pobres. Porque eu nunca ouvi nenhum comentário de alguém que não precisasse e tivesse ido lá. Houve estímulo de companheirismo entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades e trocas entre pessoas que estavam com as mesmas necessidades. Quem poderia realmente dar mais qualquer coisa não ia lá. O espírito de solidariedade não foi tão explorado como isso. Quem realmente participava eram pessoas que necessitavam. Mesmo aquele idoso que ia lá levar um quilo de laranjas para trocar, ele se calhar só tinha laranjas. Portanto, eram pessoas que precisavam de outros produtos. No que diz respeito à solidariedade, vivemos numa sociedade muito egoísta. Damos sempre o que não precisamos e o que não queremos. Nos mercados solidários as pessoas levavam o que não precisavam. Mas no fundo, penso que foi uma experiência positiva para a Granja. Não resultou por causa dos factores que já indiquei, mas que toda a gente falou dessa experiência, isso é um facto. Isso sem dúvida. Nas primeiras vezes que eles vieram para cá, as pessoas olhavam para eles um bocado de lado porque não estavam habituados a essas pessoas. Mas a dada altura, a população gostava imenso deles, principalmente as pessoas mais velhas gostavam da equipa da AJP. Acho que nesse aspecto foi muito positivo.

## Anexo F – Exemplos de Moedas Sociais







## Anexo G – Moeda Social Utilizada no Mercado Solidário da Granja do Ulmeiro



## Anexo H – Lista de Produtos e Serviços Trocados

|  |  |
|--|--|
| <b>Trabalhos Manuais</b>               | Caixas decorativas, cestos de renda, fios e pulseiras de missangas, peças pintadas à mão, quadros  |
| <b>Têxteis</b>                         | Almofadas, aventais, fantoches, naperons, panos de cozinha, panos de tabuleiro, pegas, sacos de pão, toalhas, trabalhos em croché  |
| <b>Doçaria</b>                         | Arroz doce, cavacas, compotas, pão-de-ló, salame, tortas, bolos variados   |
| <b>Ervas aromáticas</b>                | Ervas de cheiro, ervas de infusão, louro, manjericos, salsa  |
| <b>Agricultura e pecuária</b>          | Cerejas, clementinas, diospiros, laranjas, limões, mangas, nozes, amêndoas, abóboras, alfaces, alhos, batatas, castanhas, cebolas, couves, ervilhas, espinafres, feijão, feijão-verde, galinha, mel, milho-pipoca, nabiças, ovos, vinho  |
| <b>Vestuário, calçado e acessórios</b> | Blusas, bolsas, bonés, cachecóis, calças, carteiras, chinelos de praia, gorros, mochilas, sapatos, t-shirts, roupa feita à mão   |
| <b>Bijuteria</b>                       | Anéis, brincos, fios, ganchos, guarda-jóias  |
| <b>Utilitários</b>                     | Assador de chouriças, bibelots, bicicleta, brinquedos, canetas, CDs, computador, DVDs, ferramentas, lápis, livros, mealheiros, molduras de gesso, peluches, porta-CDs, porta-lápis, rádios, relógios, revistas de crochet, tolos fotográficos, talheres                          |
| <b>Serviços</b>                        | Aulas de português, aulas de guitarra, boleias, explicações, fotografias, horas de companhia, limpezas de pele, serviços de cabeleireiro, serviços de escrita e de leitura, serviços de maquilhagem, serviços de saúde (medição de tensão e de glicémia), truques de ilusionismo |

Fonte: Frade (2008:104) (adaptado)